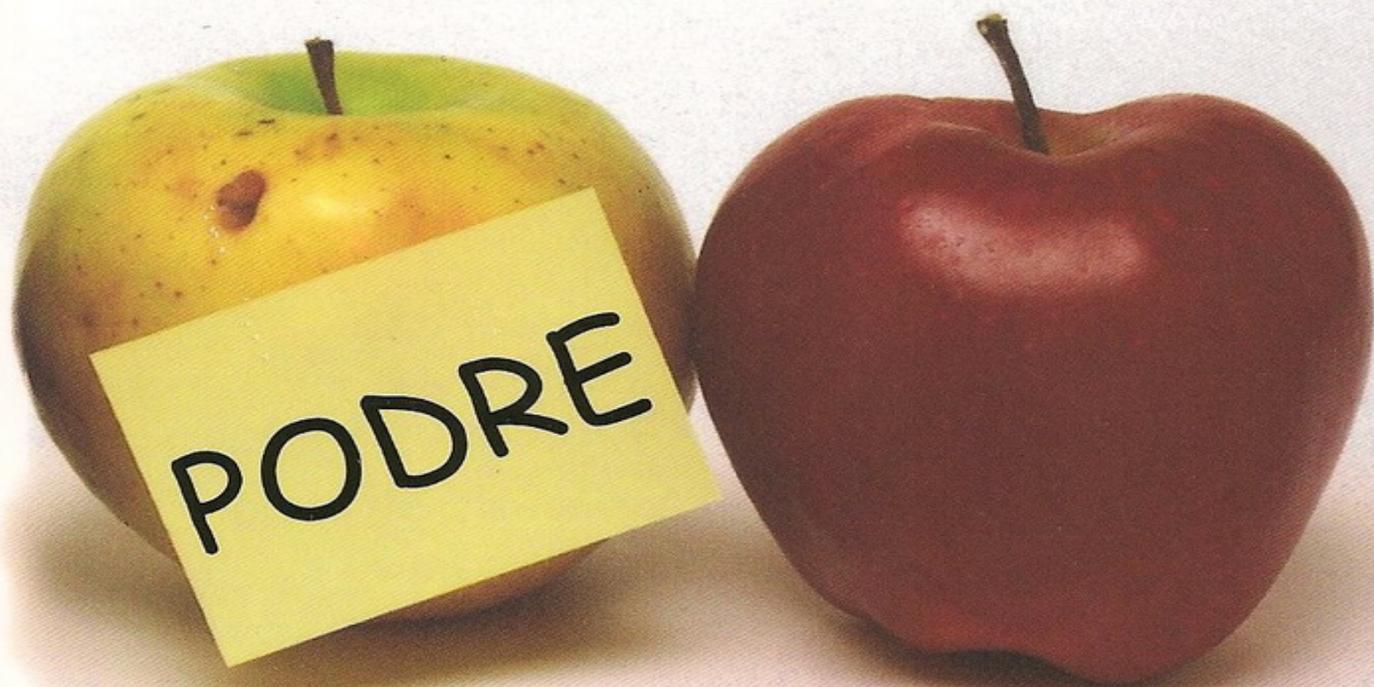




**RED
DRESS
I N K**

Wendy Markham



Antes

MAL-ACOMPANHADA

que solteira



HARLEQUIN

BOOKS™

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

**ANTES
MAL-ACOMPANHADA
QUE SOLTEIRA**

Slightly Settled

Wendy Markham

Para o meu marido e nossos dois filhos lindos.

Um agradecimento especial ao "Will", sem ele este livro não teria sido possível e eu não teria vivido feliz para sempre.

CAPÍTULO 1

Eis o que vai acontecer com a minha vida. Vou me casar com Will. Ele vai se transformar em uma grande estrela dos palcos, e eu vou abrir mão da minha carreira publicitária para ficar em casa cuidando de nossos filhos. Vamos permanecer em Nova York, não vamos nos mudar para o Sul nem para o Oeste (porque eu preciso desesperadamente ter quatro estações no ano), e algum dia vamos nos transformar naquele tipo de casal de velhinhos que a gente vê sentado no mesmo lado de um assento preferencial na lanchonete Friendly's. Nunca vi uma Friendly's em Manhattan, eu e Will também nunca sentamos do mesmo lado de qualquer assento preferencial de qualquer restaurante algum dia.

Afinal, Will precisa do espaço dele.

Em restaurantes.

De maneira geral.

E, por outro lado, eu não preciso de espaço nenhum.

E é exatamente o que digo a minha amiga Kate, enquanto tomamos *macchiatos* de caramelo com leite desnatado no Starbucks e ela diz, de maneira serena e furiosa ao mesmo tempo:

— Todo mundo precisa de espaço.

— Eu não preciso de espaço — digo a Kate, que revira as pupilas falsas cor de água-marinha na direção da testa coberta de fios loiros tingidos. Kate cresceu no interior dos Estados Unidos, onde parece que o melhor é ser loira magra de olhos azuis. Aliás, falando do ponto de vista de uma nova-iorquina morena, de olhos castanhos e bem recheada, parece que é melhor ser uma loira magra de olhos azuis em qualquer lugar.

— Você precisa de espaço sim, Trace — insiste Kate, com apenas um vestígio do sotaque sulista que ela se esforçou tanto para perder. — Pode acreditar, você não ia querer *mesmo* ver o Will na sua frente todos os segundos de todos os dias.

Tudo bem, o negócio é que...

Eu ia querer sim.

Será que eu pareço uma idiota? Pareço sim, não é mesmo? Então, pode até ser que eu não admita a verdade para Kate, que já declarou estar preocupada comigo. Ela acha que a minha relação com Will é unilateral.

— Não — minto. — Não todos os segundos de todos os dias. Mas isso não significa que eu desejo que ele desapareça durante os três meses de verão para uma temporada nos Adirondacks sem a minha companhia.

— Bom, acho que você não tem escolha. Quero dizer, até parece que dá para você ir junto.

Com essa afirmação, concentro-me na bebida, tentando misturar a espuma adocicada com o líquido mais escuro que se encontra no fundo. Mas a espuma não se mistura, porçõezinhas dela se grudam ao palitinho de mexer como se fossem os aglomerados de pulgões que se grudam às folhas da minha planta nada saudável em casa.

— Tracey — diz Kate em tom de advertência, pronta para me dar uma bronca.

— O que foi? — Toda inocente, brinco com meu isqueiro Bic amarelo, acendendo e apagando, lembrando com nostalgia os bons e velhos tempos, quando era permitido fumar onde a gente bem entendesse.

— Você *não* está pensando em ir atrás do Will no verão.

— Por que não?

— Principalmente porque... acooorda! Você não é atriz. Você já tem sua própria carreira, está lembrada?

Ah, sim. A *carreira*. Meu trabalho em nível iniciante na agência de publicidade Blaire Barnett onde, graças a um título bonito e a minha tendência de me enfiar nas coisas antes de examiná-las a fundo, só fui perceber que era assistente administrativa depois de algumas semanas

no emprego, quando meu chefe me deu uma planta de presente pelo Dia da Secretária.

Trata-se da folhagem infestada de pulgões supracitada. Assim como minha posição na agência, parecia muito promissora no primeiro dia, com as folhas brilhantes num invólucro de papel celofane e laço de fita, com um cartão no qual se lia: *Cara Traci* (observe o erro de ortografia), *Muito obrigado por tudo que você faz. Atenciosamente, Jake.* Levei o vaso para casa, acomodei-o no peitoril da janela, solitário... e, uma semana depois, a praga se instalou para efetuar a matança.

— Eu posso largar—digo a Kate, sem soltar o isqueiro.

— O cigarro?

— Claro que não. O emprego. — Jogo o isqueiro na mesa. *Lembrete mental: parar para comprar mais cigarro quando for encontrar o Will.*

— Era o que eu temia. — Kate, felizmente não fumante que não enche o saco, dá um sorriso sarcástico. Dá um gole na bebida e diz: — Então, você simplesmente vai largar o emprego depois de menos de dois meses...

— *Mais* de dois meses...

— Mais de dois meses — ela se corrige —, e para quê? Para ir atrás do Will sei lá onde? O que você vai fazer lá?

— Montar cenários? Trabalhar de garçoneiro em algum café? Não sei, Kate. Ainda não pensei nos detalhes. Só sei que não consigo suportar a ideia de passar o verão inteiro nesta cidade infernal sem o Will.

— E o Will está sabendo disso?

Não há nada de ambíguo na pergunta dela; mesmo assim, enrolo:

— O Will está sabendo o quê?

— Que você está pensando em ir com ele?

— Não — confesso.

— Quando ele vai viajar?

— Daqui a algumas semanas.

— Talvez ele mude de ideia até lá.

— Não. Ele disse que precisa dar um tempo da cidade.

Ela ergue uma sobrancelha de maneira que transmite sua desconfiança: não é só da cidade que Will quer fugir. Se ela disser, vou responder que está errada.

Mas não vou ter muita certeza.

E essa é a verdadeira razão por que quero viajar com Will no verão. Porque, desde que estamos juntos, há três anos, desde a faculdade, nosso relacionamento tem apresentado a estabilidade de um jipe Isuzu Trooper a 130 por hora em uma curva fechada. Com chuva. E vento.

Quando nos conhecemos, estávamos os dois no penúltimo ano da faculdade. Will tinha acabado de ser transferido de uma universidade famosa do Meio-Oeste para a SUNY (State University of New York) no norte do estado. Tinha enorme desdém pela mentalidade conservadora e americana demais, que infectava não apenas a instituição de ensino que abandonou, mas também a família da qual não tinha como fugir.

Eu conseguia me colocar no lugar dele. Talvez essa tenha sido a primeira coisa que me atraiu nele. A cidadezinha universitária minúscula no oeste do estado de Nova York em que eu crescera tinha semelhanças profundas com a região do Meio-Oeste da qual Will fugia.

Havia o sotaque: o *a* raso, de nariz franzido, que transforma *apple* (maçã) em uma palavra de três sílabas (ay-a-pple), esteja você na região de Chicago ou no norte do estado de Nova York.

Havia minha religião católica apostólica romana, à qual pertenciam exatamente todas as pessoas que faziam parte da minha vida, à exceção da minha amiga Tamar Goldstein, a única judia da escola de ensino médio Brookside High, que ficava em casa enquanto todos nós íamos à escola nos misteriosos dias de Rosh Hashaná, em setembro ou outubro.

Havia minha família italiana muito numerosa e espalhada, com suas tradições sufocantes de que todo mundo deveria participar: missa das nove e meia no domingo, seguida por café e *cannolis* na casa da

minha avó materna e, depois, espaguete na casa da minha avó paterna. Era assim que todos os domingos da minha vida começavam, e continuo carregando até hoje as cicatrizes disso tudo na forma de celulite.

Will é protestante (os ancestrais dele vieram da Inglaterra e da Escócia). Não tem sotaque perceptível; não tem celulite. Na casa dos pais dele, o molho do espaguete sai de um pote.

Mas ele, assim como eu, ansiou a vida toda por fugir das garras da vida na cidade pequena e morar na cidade de Nova York. A diferença era que, para ele, estar na Universidade Estadual de Nova York em Brookside era um passo enorme em direção a seu sonho. Eu não tinha coragem de dizer a ele que Brookside poderia muito bem se localizar em Iowa que não faria diferença alguma. Ele acabou descobrindo por si mesmo, e depois nem participou da formatura, para poder fugir dali o mais rápido possível.

Quando nos conhecemos naquele primeiro semestre do penúltimo ano, ele tinha uma namorada em sua cidade natal, Des Moines, no estado de Iowa, e eu morava em casa, a cinco quilômetros do *campus*, com meus pais. Nossa aproximação foi gradual, e o culpado disso é exclusivamente Will. Em retrospecto, percebo que ele estava indeciso entre trair a namorada ou dar o fora nela (e em mim também) para poder ficar com quantas quisesse.

Costumava falar sobre ela para mim sem restrições, de uma maneira despreocupada e enlouquecedora, sugerindo que não passávamos de amigos. Se eu aparecesse no apartamento dele sem avisar e ele estivesse falando com ela ao telefone, não fazia nenhuma menção de desligar e, quando finalmente terminava a conversa, dizia em tom sossegado:

"Ah, era Helene." Eu achava que, se ele nos considerasse mais do que *amigos* (nas palavras dele), que davam uns beijos sempre que bebiam demais e se cruzavam em algum bar, ele seria bem mais evasivo a respeito da namorada.

Então, o nome dela era Helene e, naturalmente, eu a imaginava esguia e exótica.

Então Will foi passar o feriado do Natal na casa dos pais e confiou a mim as chaves do apartamento, para que eu pudesse regar as plantas dele. Sim, ele tinha plantas. Não pés de maconha, que com frequência eram cultivados nas casas de fraternidade próximas ao *campus*. Também não era um cacto ou uma daquelas espadas-de-são-jorge que parecem de borracha e que você pode enfiar no armário e passar um ano sem colocar água que continuam viçosas.

Não, Will tinha plantas caseiras comuns, do tipo que precisa de sol, de água e de fertilizante.

De todo modo, o episódio de me confiar as chaves ocorreu antes de começarmos a ir para a cama, mas depois de ele já ter lutado contra o fecho do meu sutiã vezes suficientes para que eu optasse por um modelo menos firme. Normalmente, eu usava um modelo com fecho industrial, com quatro ganchos e colchetes sobre uma faixa elástica com a largura de *Silver Tape*.

Fiquei siderada com o fato de ele me confiar não apenas as plantas que tinha comprado na seção de jardinagem do Wal-Mart local em setembro, mas também o conteúdo completo do apartamento que ele dividia com outros dois alunos. Será que ele não desconfiou que eu passaria horas examinando os caixotes de plástico de leite que ele guardava no armário, lendo as cartas de Helene e procurando fotos dela?

Não sei... talvez ele desconfiasse. Talvez ele *quisesse* que eu bisbilhotasse. Não foi difícil encontrar as fotos. Estavam enfiadas na parte de dentro da capa de um daqueles cadernos em branco com capa de tecido, junto com um bilhete de Helene que dizia: *Use este caderno como diário enquanto estiver longe; assim, um dia, vamos poder ler juntos e vai parecer que eu estava lá com você.*

Fiquei em êxtase quando vi que o caderno estava em branco.

Mas senti ainda mais êxtase quando finalmente coloquei os olhos em uma foto da enigmática Helene. Eu sabia que ela era loira, fato que Will mencionara mais de uma vez. E, tudo bem, concordo que o cabelo dela era bonito: comprido, brilhante e repartido no meio. Mas, tirando isso, ela era absolutamente comum: com o rosto ainda mais

arredondado que o meu e usando bermudas xadrez que não ajudavam em nada o quadril dela, e ainda menos as coxas. Usava, ainda, uma camisa polo vermelha enfiada para dentro da bermuda.

Eu nunca na vida usei camisa enfiada para dentro, mas, se fosse fazê-lo, pode ter certeza que não seria com uma bermuda xadrez vermelha.

Parei de me preocupar com Helene quando vi foto.

Claro que, quando Will voltou do feriado e encontrou as plantas viçosas e os caixotes de leite aparentemente intocados, além do prato de *brownies* caseiros de *cream-cheese* que eu tinha deixado sobre a mesa da cozinha, ele me informou que os dois tinham terminado na véspera de Ano-novo. Eu, em meu papel de não-apeenas-amigos-mas-não-muito-mais-que-isso, não soube muito bem como reagir à notícia. Lembro-me de, no fim, ter demonstrado solidariedade para com Will, enquanto por dentro dava parabéns a mim mesma por ter vencido. Eu tinha derrotado Helene. A sombria namorada do passado tinha sido eliminada da disputa.

Mas foi uma vitória rasa e efêmera, porque logo descobri que eu ainda tinha um longo caminho a percorrer. Mesmo hoje, três anos depois, a linha de chegada continua me enganando.

Kate pergunta:

— Você não acha que devia dizer ao Will que vai largar seu emprego para ir com ele?

— Eu não disse que ia fazer isso com certeza. Eu só disse que queria fazer.

Droga. Kate está olhando para mim como se eu tivesse acabado de dizer a ela que posso ou não matar todo mundo aqui neste Starbucks com uma metralhadora de cano serrado.

— Preciso ir agora — resolvo de maneira abrupta, recolhendo meu copo de papel branco e minha bolsa tiracolo preta gigantesca.

— Eu também — diz Kate e recolhe seu copo de papel branco e sua bolsa tiracolo preta gigantesca. — Vou com você até o metrô.

Ótimo.

Mais dois quarteirões de Kate tentando me vender alguns dos muitos prós gloriosos de permanecer na cidade durante o verão. O que é risível, porque já passei dias vaporosos e fedorentos na cidade em agosto suficientes para uma vida inteira.

No comecinho de junho, vai fazer um ano que moro aqui, tendo passado os primeiros meses dividindo um apartamento sublocado no Queens com uma total desconhecida, cortesia dos anúncios classificados do *Village Voice*. O nome dela era Mercedes, e as poucas vezes que a vi de passagem parecia chapada. Acontece que ela dormia o dia todo, enquanto eu fazia serviços temporários de auxiliar de escritório, e ficava fora a noite toda para fazer só Deus sabe o quê: tentei perguntar, mas ela era muito evasiva. Nós duas nos mudamos no começo de setembro, quando o ator que tinha sublocado o apartamento para nós voltou da temporada de verão. Nunca mais voltei a vê-la, mas não ficaria surpresa se ela aparecesse algum dia em um episódio de *COPS*, aquele programa que mostra perseguições policiais, negando alguma coisa com muita veemência.

Graças ao meu verão em um lugar relativamente barato, consegui guardar dinheiro suficiente para alugar um conjugado só para mim em Manhattan, no East Village. Bem para a ponta leste da ilha. Quase tão ao leste possível sem cair na FDR Drive ou no rio. O apartamento tem atmosfera suja e deprimente. Assim como a casa dos Kramden nas reprises de *Casados com o azar que* passam de madrugada, o lugar parece continuar sempre naquele branco-e-preto granulado, por mais que eu tente colocar um pouco de cor no cenário. Mas, também, não estou me esforçando tanto assim.

Kate (que conheci em um serviço temporário no meu terceiro dia em Nova York e que mora em um andar inteiro de um prédio antigo de tijolinhos no West Village, graças aos pais ricos de Mobile, no estado do Alabama) acha que eu devo gastar com uma capa de cor bem chamativa para o meu *futon*. Digo a ela que estou dura, o que não deixa de ser verdade, mas, na realidade, não quero gastar dinheiro com a minha casa.

Eis por quê: se o lugar ficar muito aconchegante, vai ganhar um certo ar de permanência, vai passar a noção de que estou ali para ficar. E não quero ficar sozinha em um apartamento decrépito do East Village.

Quero morar com o Will.

Logo.

E para sempre.

— Mas pense só — diz Kate. — Shakespeare no parque. Dou de ombros.

— Talvez o Will interprete Shakespeare na temporada de verão.

— Você acha?

Dou de ombros. Acho que está mais para *A pequena loja dos horrores. Carrossel*, quem sabe.

— Sorveteiros que vendem sorvete italiano em carrinhos na calçada — pontifica ela.— Fins de semana nos Hamptons.

Dou uma gargalhada sarcástica ao ouvir isso.

— Vou dividir o aluguel de uma casa com outras pessoas — menciona Kate. — Você pode ser minha convidada.

Ela continua falando sobre o verão, que é difícil de visualizar nesta manhã de sábado cinzenta, fria e garoenta.

Esta parte da porção sul da Broadway está cheia de alunos da NYU cobertos de *piercings*, famílias com carrinhos de bebê, montes de adolescentes suburbanos e também os distribuidores *deflyers* de liquidações onipresentes.

Kate e eu jogamos os copos usados em uma lata de lixo transbordante na esquina da rua Oito com a Broadway. Eu a deixo admirando um par de mules cor de coral fluorescente de 200 dólares na vitrine de uma boutique e desço para as profundezas do metrô.

Na plataforma do metrô que vai em direção ao norte da cidade fico esperando o trem da linha N, parada bem longe dos trilhos, quase encostando na parede, mas sem tocar nela porque nunca se sabe que

tipo de imundície está ali, só esperando para sujar seu moletom da Old Navy Performance. Meu olho está grudado em um cara desarrumado que fica andando para cima e para baixo, bem na pontinha da plataforma. O primeiro indício de que ele está meio fora da realidade: faz menos de cinco graus e ele está sem camisa, usando *short* e chinelos de dedo de borracha rasgados. Está resmungando para si mesmo, alguma coisa sobre piolhos (ou talvez sejam olhos), e não sou só eu que olho para ele um pouco assustada.

De vez em quando, ouve-se falar de algum nova-iorquino inocente que é jogado na frente de um metrô em movimento. Aliás, meu amigo Raphael estava na plataforma quando aconteceu uma vez, mas o empurrado conseguiu rolar para longe dos trilhos no último instante. Segundo Raphael, o cara que empurrou parecia um executivo comum. Usava terno e carregava uma pasta. Mas, quando a polícia o revistou, descobriram que a pasta estava cheia de roedores vivos. O significado disso me escapa, mas serve para provar que nunca se sabe quem está ao seu lado no meio da multidão de desconhecidos da cidade, então é melhor ficar com as costas junto à parede.

E é o que eu faço.

Finalmente, o ruído prenunciativo se faz ouvir logo antes de uma luz surgir no fim do túnel. Quando o trem da linha N entra rugindo na estação, eu avanço com cuidado, posicionando-me na frente do lugar exato onde as portas vão se abrir, algo que só é possível depois de passar vários meses pegando o mesmo metrô.

O vagão está lotado e quente demais, e cheira a suor e a comida chinesa. *Hip-hop* salta dos fones do sujeito ao meu lado enquanto eu me seguro na barra coberta de germes do centro do vagão. Enquanto nos inclinamos para a frente e as luzes falham, mantenho o equilíbrio, pensando em Will, imaginando se ele estará acordado quando eu chegar ao conjugado que ele divide com Nerissa, que conheceu em uma audição no último outono. Ele gosta de dormir até depois do meio-dia aos sábados.

Se eu me sinto incomodada com o fato de ele morar com outra mulher?

Quero dizer que não, claro que não.

Mas a verdade é que eu não me importaria se Nerissa fosse empurrada na frente de um trem da linha N em movimento amanhã. Ela é flexível e bonita, trabalha como dançarina em um espetáculo *off Broadway* que estreou há alguns meses. Dorme em um *futon* atrás de um biombo dobrável alto da loja de móveis práticos Ikea, e Will usa a cama de casal dele... e os dois nunca hão de se encontrar.

Sim, eu realmente acredito nisso. Eu me forço a acreditar, porque Nerissa tem namorado, um golfista profissional escocês que se chama Broderick, e Will tem a mim. Mas eu já vi a maneira como ele olha para ela quando ela anda pelo apartamento com calças de algodão por cima do *collant* de dança, sem quadris que valham a pena mencionar e peitos altos e duros sem sutiã.

Eu sou só carne, comparada com Nerissa ou não; toda quadris, coxas e bunda. Como já disse, meus sutiãs não são coisinhas delicadas de renda, arame e alças fininhas: minhas roupas de baixo não são exatamente o que se chamaria de *lingerie*, termo que remete a universitárias esguias em um catálogo chique da Neiman Marcus. Roupas de baixo de algodão, bem reforçadas, são necessárias para que minhas partes naturalmente largas e soltas não se larguem nem se soltem ao extremo indesejado.

Will adora *lingerie* de verdade, do tipo que sem dúvida enche a gaveta de cima da cômoda alta de Nerissa da loja Pottery Barn. Isso eu sei a respeito de Will porque uma vez, durante nosso último ano de faculdade, quando já fazia alguns meses que estávamos juntos oficialmente e eu sabia que em breve nos tornaríamos amantes, ele me comprou um *collant* daqueles de usar como roupa de baixo, de abotoar. Era um negócio da Christian Dior cor de champanhe, de cetim e renda, dois números menores que o meu (o que eu não sabia se interpretava como elogio ou indireta).

Cada vez que eu usava, colocava calcinha e sutiã por baixo. O sutiã porque, com meu corpo, não usar seria obsceno; a calcinha, porque cada vez que eu me mexia, o botão dos fundilhos abria porque eu era ou muito alta ou muito larga ou, infelizmente, os dois, para o *collant*.

Finalmente, troquei o botão de pressão por um colchete. Eu tinha aprendido a costurar na aula de economia doméstica do ensino fundamental em Brookside, mas naquela época nunca imaginei que ia usar minhas habilidades para algo tão ilícito quanto a substituição do fecho dos fundilhos de uma roupa de baixo sensual presenteada por um homem com quem eu iria para a cama antes do casamento.

De todo modo, era difícil saber se Will alguma vez de fato se excitou com a visão de mim com aquele *collant* com o fecho trocado com meu sutiã grosso à vista no ombro e as minhas calças ultrapassando o comprimento do *collant* por cima das coxas bem fornidas. Gosto de achar que ele me considerava irresistível, mas, pensando melhor, não tenho muita certeza se era o caso.

Quando transamos pela primeira vez na faculdade, foi depois de beber duas garrafas de vinho tinto no apartamento que ele dividia com *dois gays* do curso de teatro que estavam fora, ensaiando a versão universitária de *Eles e elas*, para a qual Will não tinha sido escalado. Por essa falha ele culpava Geoff Jefferson, o professor de teatro heterofóbico (de acordo com Will). Bebemos o vinho, e ele ficou falando mal de Geoff Jefferson e bebemos mais vinho e então transamos na cama mais próxima, sobre a qual caímos, que pertencia ao colega dele chamado André. Foi ali que perdi minha virgindade, em cima de um lençol de algodão egípcio de 600 fios, importado da Itália, olhando para um pôster de Marilyn Monroe em cima de uma grade de metrô com o vestido voando ao redor dela, por cima do ombro suado de Will.

Falando em metrô, desço na Times Square e saio para a rua no ponto cheio de lanchonetes temáticas superdimensionadas e lojas de produtos com desconto onde no passado houve casas de espetáculos de nudez, bares de *strip-tease* e cinemas pornô. Lutando por espaço com imigrantes de vários tons de pele, turistas acima do peso com bolsas penduradas no peito e um grupo de escolares que só olham para o estúdio da MTV do outro lado da Broadway, caminho para o norte e para o oeste: dois quarteirões curtos e dois longos.

Compro um maço de Salem Lights e um exemplar do *Post* do dia na banca de jornal que conheço tão bem na esquina, onde o dono

paquistanês às vezes me cumprimenta como se eu fosse uma velha conhecida e outras vezes parece que nunca me viu. É irritante.

Hoje, ele me lança um enorme sorriso. Somos velhos amigos mais uma vez.

— Olá! — ele praticamente grita, como sempre. — Como está hoje?

Retribuo o sorriso.

— Nada mal. E você?

Ele sacode a cabeça olhando para o céu nublado.

— Este clima. Frio demais. Cinzento demais.

Faço que sim com a cabeça. Sei bater papo-furado muito bem.

— Parece que o verão nunca vai chegar. Está vendo?

— Ah, chega sim — diz ele, com a convicção de um garçom da Smith & Wollensky elogiando a costela da casa. — Daí, quando chegar, você reclama.

Fico imaginando se ele está falando de maneira generalizada ou se devo encarar como sinal de que eu vou ficar infeliz no próximo verão, não só porque esta cidade se transforma em um forno desgraçado de junho a setembro, mas porque Will não vai me fazer companhia.

CAPÍTULO 2

O conjugado de Will fica no vigésimo sexto andar de um arranha-céu com porteiro, recepção de mármore e três elevadores. É o mais próximo que minha mente estreita de menina do interior conseguia imaginar como a moradia típica de Nova York. Estou falando do prédio. O apartamento é uma decepção. Mas não é sempre assim?

Quando era criança, em Brookside, eu via TV o tempo todo. Principalmente *sitcoms*, e a ambientação da maior parte deles era em Nova York. Portanto, eu me habituei a ver o apartamento de dois quartos de Monica e Rachel com janelas enormes e saída de incêndio com cara de sacada, e o prédio de tijolinhos dos Huxtable em Brooklin Heights com um pátio de verdade e o espaçoso apartamento de um quarto de Jerry Seinfeld, completo com a vizinhança maluca.

Rá.

Você já conhece meu apartamento.

O de Will, eu descreveria como pouco mais do que um aposento quadrado mais ou menos grande, com janelas quadradas de vidro assemelhadas às de um escritório em uma ponta e, na outra, uma cozinha separada do tamanho do patamar da escada na casa dos meus pais, em estilo Queen Anne. A cama dele fica perto das janelas; o *futon* e a cômoda de Nerissa, atrás do já mencionando biombo, perto da cozinha. Entre os dois há um sofá de couro preto meio cafona que Will comprou do ocupante anterior, porque a noiva não deixou que ele levasse aquilo para o apartamento novo. O equipamento de ginástica de Will e sua estante abarrotada de CDs, roteiros, revistas *Playbill* e alguns livros, a maior parte clássicos em brochura que ele não conseguiu revender na livraria da faculdade depois de dois semestres de literatura norte-americana.

Por ter autorizado minha entrada pelo interfone, seria de se esperar que Will estivesse me aguardando com a porta aberta, ou pelo menos que estivesse perto dela. Mas precisei bater duas vezes e,

quando ele finalmente vem abrir, está todo amassado e bocejante: é óbvio que acabou de sair da cama.

Mas ele está fabuloso, mesmo assim. Pelo menos, aos meus olhos. Kate certa vez anunciou, depois de dois *bourbons* caubói no Royalton, que ela acha que Will tem um certo arzinho gay, e que ela não se sente nem um pouquinho atraída por ele. Isso me incomodou profundamente, por motivos que não sou capaz de compreender. Desde então, há momentos em que olho para Will e me vejo à procura de sinais de homossexualidade latente, meio esperando que ele desmunheque, dê saltinhos ou lance um olhar de luxúria para James, seu porteiro bem fornido e bonito demais para ser hetero. Até hoje ele nunca fez isso, e não sei o que ele tem para Kate considerá-lo afeminado. Ela nem sabe sobre as plantas que ele tinha na faculdade e que, aliás, continuam muito viçosas, tantos anos depois, no peitoril da janela dele.

Talvez seja a coisa do teatro musical: tantos atores *são gays* mesmo, e ela não consegue se livrar desse preconceito por ser do Sul, do interior. Ou será que sou só eu que atribuo todas as dificuldades psicológicas dela a esse fato?

De todo modo, até onde eu sei, Will é a masculinidade personificada. Pense em uma mistura de Noel de *Felicity* com Ben de *Felicity*, e Will é mais ou menos o resultado. Ele tem 1,86 m de altura, rosto barbeado, maxilar definido e covinha no queixo. O cabelo dele é castanho-escuro e farto, que já ficou incrivelmente bom com costeletas, descabelado abaixo das orelhas ou bem curtinho, como está agora. Os olhos não exatamente azuis, não exatamente cinzentos dele são do meu tom preferido de suéter no catálogo da J. Crew, descrito como Fume. Ele faz ginástica o tempo todo, e isso significa que é esbelto e musculoso. Com frequência, usa camisas pretas de gola alta, e sempre passa colônia.

No lugar onde eu me criei, colônia, assim como joias, é algo usado apenas por homens italianos (incluindo meu pai e meus irmãos) ou Jason Miller, o cabeleireiro local de orientação sexual ambígua. Certo, ambígua só para minha mãe, que já especulou mais de uma vez como é

estranho um homem tão gentil e bonito não ter se casado até hoje. Minha mãe também acha, sem questionamento, que Lee Harvey Oswald agiu sozinho, que O. J. Simpson está atrás dos verdadeiros assassinos da mulher e que durante toda a minha vida adulta tenho ido à missa de domingo e à confissão de sábado.

De todo modo, talvez tenha sido a coisa da colônia que abriu espaço para o comentário de Kate a respeito de Will *ser gay*.

Mesmo agora, logo cedo pela manhã (pelo menos, no que é considerado cedo pela manhã na agenda de Will, mas que pode ser a hora do *brunch* na agenda de qualquer outra pessoa), o cheiro dele é ótimo, e ele está fantástico com o visual amassado, *bem sexy*. De algum modo, ele não tem hálito de quem acabou de acordar; o cabelo dele não está amassado.

— Acordei você? — pergunto, colocando-me na ponta dos pés para lhe dar um beijo na bochecha, que mal tem barba por fazer.

— Tudo bem. — Ele boceja e vai andando com cuidado na direção da cozinha, onde enche um copo no bebedor com água Poland Spring, esmagado no canto entre o fogão e a geladeira.

— Como foi a noite passada?

— Exaustiva. Um monte de velhas largadas do East Side com seus maridos infiéis. Um bar de martínis e *carpaccio* de carne, apesar de *carpaccio* já estar ultrapassado há anos.

— E os martínis?

— Com esse pessoal, sempre fazem sucesso.

Preciso mencionar que Will trabalha para um serviço de bufê de Manhattan, o Eat Drink Or Be Married (Coma, Beba ou se Case). Ele ganha muito dinheiro trabalhando como garçom em eventos particulares como casamentos e jantares de caridade. A maior parte dos convidados é de figurões, e, às vezes, ele fica sabendo de fofocas imundas sobre as celebridades, algo que acho fascinante.

— Olhe, Trace, eu sei que a gente devia ir à festa do seu amigo hoje à noite, mas vou ter de trabalhar.

— *O quê?* — Decepção dilacerante. — Mas nós estamos planejando isso há semanas. É o aniversário de 30 anos do Raphael.

Preciso esperar até que Will tome todo o copo d'água, algo que faz oito vezes por dia, até que diga:

— Eu sei, e eu tinha pedido ao Milos para me dar a noite de hoje de folga, mas ele não tem outra saída. O Jason caiu no rinque ontem e torceu o tornozelo.

Jason, um dos outros garçons, por acaso é Jason Kenyon, ex-patinador artístico olímpico. Não sou muito de acompanhar esportes, mas até eu já ouvi falar dele (acho que ganhou uma medalha de bronze há alguns anos no Japão). Agora está tentando fazer carreira de ator aqui em Nova York, e deve estar tão duro quanto todo mundo, porque está disposto a colocar uma espécie de túnica indiana, carregar bandejas monstruosas e tirar o prato da mesa de gente rica. Não que não valha a pena. Eles ganham 20 dólares por hora, sem contar as gorjetas.

— O Milos não pode arrumar outra pessoa para cobrir o Jason? — pergunto.

— Ele não quer qualquer um. É um casamento importante de celebridades nos Hamptons, e ele só quer garçons de certa qualidade lá.

— Que bom para você, mas e eu?

Will coloca o copo na pia, se inclina e me dá um beijo na bochecha.

— Desculpe, Trace.

Faço bico, depois pergunto:

— Que celebridade?

— Não posso dizer.

— Não pode dizer? — Fico olhando boquiaberta para ele; ou melhor, para as costas dele, já que foi para o outro lado do apartamento. Vou atrás. — Nem para mim?

— Jurei confidencialidade completa — responde ele friamente, tirando a camiseta térmica de manga comprida e jogando dentro de um

cesto de roupa suja próximo.— Mas amanhã você vai saber. Vai estar em todos os jornais.

— Então, conte agora. Estou louca para saber.

— Não posso. Veja bem, eu nem sei exatamente onde o casamento vai acontecer. Não querem que ninguém ligue para a imprensa e forneça os detalhes. Tenho de dar uma senha para o motorista que for me buscar na estação de trem, daí ele vai me levar até lá. Estão mesmo fazendo muito segredo.

Louca da vida com o ridículo desse cenário todo de agente secreto, digo:

— Caramba, Will, o que você acha que eu vou fazer? Ligar para a coluna social?

Ele ri e tira a cueca samba-canção de flanela. — Amanhã você vai saber de tudo.

— Junto com o resto do mundo — resmungo, observando enquanto ele alcança o cesto de roupa suja de novo.

Diferentemente de mim, ele fica muito à vontade quando nu. Eu nunca conseguiria andar sem roupa na frente de ninguém, nem mesmo de Will. *Principalmente* de Will. Eu ficaria muito acanhada de pensar que ele está olhando as minhas coxas fazerem a dança de gelatina delas e os peitos chegando perto do umbigo. Mas, bom, mesmo que eu tivesse um corpo perfeito, acho que não seria capaz de desfilar nua.

Mas todo mundo diz que isso muda quando se tem filhos. De acordo com minha irmã Mary Beth, que teve dois, ter filhos envolve ficar em uma sala de pernas abertas com desconhecidos que vão chegando para enfiar o braço até o cotovelo dentro do seu ventre. Ela diz que, depois disso, você deixa de se importar com quem a vê nua ou não. Deve ser verdade, porque Mary Beth acabou de entrar de sócia para uma academia e vive fazendo massagem e frequentando a sauna. E estamos falando de uma garota cuja mãe teve de mandar um bilhete para a escola para que ela nunca fosse obrigada a tomar banho depois da aula de educação física na quinta série, tamanho o trauma que tinha de ficar nua em público.

Naturalmente, eu também tinha o mesmo trauma. Mas, quando cheguei à quinta série, minha mãe já havia passado pelos meus três irmãos, que eram tão indisciplinados que abaixavam as calças na minha frente e das minhas amigas, inclinavam-se para a frente e soltavam pum para se divertir. Eu tentei usar a desculpa da modéstia para me livrar do chuveiro depois da educação física, mas minha mãe não estava a fim de me mimar. "Não quer tomar banho na frente dos outros? Veja se supera!", foi mais ou menos a atitude dela em relação a mim.

— Bom, mas, de todo jeito, eu estava mesmo precisando do dinheiro — Will me informa. — Vou viajar daqui a algumas semanas, e não vou ganhar muito durante o verão.

— Achei que você ia receber.

— Vou, mas é uma fração do que eu ganho com o Milos. Vou tomar uma chuveirada. — Will se dirige para o banheiro. — Daí a gente sai para tomar o café da manhã.

— Para almoçar — corrijo, pegando um cigarro e o isqueiro.

— Tanto faz. Ei, sabe do que mais? Será que dá para não fumar aqui?

Faço uma pausa com o filtro do cigarro a meio caminho da boca.

— Porquê?

— Incomoda a Nerissa. Ela diz que as roupas dela ficam com cheiro de cigarro sempre que você vem aqui.

— Ah — devolvo o cigarro para o maço lentamente, tentando pensar em alguma resposta para isso.

Nem preciso. Ele fecha a porta atrás de si.

Não posso mais fumar na casa de Will ?

Desanimada com o rumo das coisas, arrasto-me até o sofá e sento, depois de pegar uma revista da pilha no chão. *Entertainment Weekly*. Will assina. Folheio sem prestar atenção, fervendo. Claro que Nerissa tem o direito de não querer ficar com o cheiro do cigarro dos outros. Compreendo o problema dela. Mas eu me sinto levemente inquieta e,

acho, acanhada. Como se eu tivesse um hábito sujo e nojento que está atrapalhando a vida dos outros.

O que acho até que é verdade, mas Will nunca tinha se importado de eu fumar na casa dele. Às vezes, ele até acende um cigarro para mim quando saímos e diz que, se não precisasse cantar, com toda a certeza seria fumante.

Tem uma parte de mim (obviamente, uma parte irracional) que fica imaginando por que Will não me defendeu perante a colega de apartamento dele. Poderia ter dito a Nerissa que eu podia fumar no apartamento deles se eu quisesse, e que ela simplesmente teria de conviver com isso. Afinal de contas, ele foi o primeiro a morar ali. O nome dele está no contrato de aluguel, não o dela. Quanto mais furiosa eu fico de pensar nisso, mais quero um cigarro.

Não sou daquele tipo de menina que começou a fumar atrás das arquibancadas da quadra da escola no final do ensino fundamental, nem que cresceu em uma casa de fumantes. Na minha família, só o em-breve-ex-marido da minha irmã, Vinnie, e meu avô fumam, e meu avô está com câncer de pulmão já faz quase um ano.

Dá para achar que isso me amedrontaria o suficiente para largar, mas o cara está com quase 90 anos. Acho que vou largar daqui a alguns anos, quando estiver casada e pronta para engravidar, porque não acho justo expor um feto a todos os danos potenciais do alcatrão e da nicotina. Mas, até lá, o fato de eu fumar não incomoda ninguém.

Tirando, é claro, Nerissa.

Fumei pela primeira vez no segundo ano da faculdade. Minha amiga Sofia tinha começado a fumar havia pouco tempo para emagrecer, e afirmou que tinha funcionado. Claro que no ano seguinte ela foi parar na clínica Cleveland com um sério distúrbio alimentar, então o hábito do cigarro era o menor dos problemas dela. Não foi o melhor exemplo para mim, mas eu achava que ela parecia bacana quando fumava e, como sempre, eu estava disposta a tentar qualquer coisa (tirando comer menos e fazer mais exercícios) para perder peso.

O que eu não daria para ser magra, penso, olhando para uma página dupla de estrelas de Hollywood no Festival de Cinema de Cannes. Peitão, cinturinha, quadril zero, nada de coxa. Não entendo. Quero dizer, no meu mundo, peitos grandes são básicos. Venho de uma longa linhagem de mulheres bem-dotadas nesse quesito. Se você acha que meu peito é grande, precisava ver minha avó por parte de mãe. Ela ainda usa aqueles sutiãs com bojo pontudo ao estilo anos 1940, e dá para ver quando ela vem chegando a quarteirões de distância. Ela se orgulha muito do que chama com relutância de "silhueta".

Eu, não. Poderia passar muito bem sem a minha silhueta. Eu trocaria com muito gosto tudo que se encontra entre as minhas costelas e a minha clavícula por um peito liso, se viesse junto com o corpo de garota de dez anos que eu tanto cobiço (aquele que supostamente saiu de moda com as modelos jovens demais há anos). Vai nessa. Até parece que corpos *à la* Rubens algum dia vão voltar à moda.

Ouçó Will no chuveiro. Está cantando alguma música ao estilo Rogers e Hammerstein. Na minha opinião, a voz dele é ótima. Às vezes fico desejando que ele deixe esse negócio todo de Broadway de lado e grave um disco *pop*. Mas ele não quer. Sonha em fazer sucesso no palco.

Até agora, só fez uns dois musicais *off-off Broadway* (um era um *revival* de algum espetáculo obscuro; o outro, um texto original de um cara que ele conheceu no curso de teatro). Ambos saíram de cartaz em poucas semanas.

É por isso que a temporada de verão pode mesmo ser muito boa para ele.

Só não posso deixar de querer que ele demonstre um pouco mais de remorso por me deixar para trás. Ou que peça para que eu vá com ele, em vez de ficar fazendo com que eu espere pelo momento certo para fazer a sugestão eu mesma.

Mas ainda não pensei em todos os detalhes: o que exatamente eu faria se o acompanhasse. Quero dizer, eu sei que não ia poder ficar junto com Will, que vai se hospedar na casa do elenco. Mas será que é tão difícil assim encontrar um quartinho para alugar durante o verão em alguma cidadezinha sem graça, quase uma hora ao norte de Albany?

E deve haver trabalho lá, porque o lugar recebe turistas no verão. Eu realmente não sou muito seletiva. Posso trabalhar como garçomete, ou babá.

Sei o que você está pensando, mas, veja bem: adoro a ideia de não ter de pegar o metrô para ir a um trabalho em horário comercial nesta cidade quente e fedida, no qual vou ter de passar o dia inteiro atendendo o telefone de outra pessoa e tirando fotocópias. Seria muito libertador passar um tempo fazendo outra coisa.

No que diz respeito à carreira na publicidade... Bom, sempre existe a possibilidade de achar outro emprego em outra agência no outono. Ou uma outra coisa qualquer. Afinal de contas, até parece que eu já me decidi definitivamente a ser redatora publicitária. Simplesmente me pareceu algo que eu podia fazer com meu diploma de letras.

Em vez de dar aula.

Meus pais acham que eu devia virar professora. Acham que é o emprego perfeito para uma mulher. Minha mãe era professora antes de se casar com meu pai. Minha tia Tanya até hoje é professora do ensino fundamental na minha cidade natal. Minha irmã foi professora antes, durante e depois do casamento com Vinnie, seu em-breve-ex-marido (um dia, no ano passado, ele chegou em casa e disse a Mary Beth que não a amava mais).

Ela ficou arrasada de verdade por causa disso (eles têm dois filhos, por isso eu sei que é difícil mesmo), mas, se quer saber minha opinião, ela está melhor sem ele. Ele vivia paquerando outras mulheres (principalmente depois de Mary Beth ganhar dez quilos extras permanentes depois de cada gravidez).

Talvez não tão permanentes assim. Agora ela está tentando emagrecer. Por isso a academia. Ela não dá mais aula. Ficou desempregada cerca de uma semana antes de Vinnie a largar. Ficou acabada por causa do emprego, mas isso não impediu que o velho Vinnie lhe desse o pé na bunda quando ela já estava pra baixo. Isso mostra como ele é um cara bacana.

A água do chuveiro e a cantoria cessam abruptamente e, momentos depois, Will abre a porta do banheiro. O vapor rodopia ao redor dele quando vem andando com uma toalha presa à cintura.

Fico me perguntando se ele faz isso quando Nerissa está em casa. Acho que não me surpreenderia, porque ele não liga mesmo para a nudez. Além do mais, como eu disse, ela tem namorado, e ele tem a mim, então, não tem como alguma coisa acontecer entre eles. São só colegas de apartamento, certo?

Certo?

— O que está fazendo? — pergunta ele.

— Estou lendo a *Entertainment Weekly*.

— Não, quero dizer, você estava olhando para mim de um jeito esquisito. Como se estivesse incomodada com alguma coisa.

— Estava? — Droga. Só dou de ombros. Ele faz o mesmo, e a toalha cai.

Finjo estar fascinada com o artigo que oferece informações a respeito de onde anda o pessoal que fazia parte do elenco de uma série antiga, *Pé na estrada*, da MTV.

Esta não é a hora certa de tocar no assunto da temporada de verão. Quem sabe durante o almoço?

Ou talvez eu deva esquecer a ideia toda.

Quero dizer, ir atrás de Will durante a temporada de verão? Parece desespero, não parece? Como se eu estivesse com medo de que, se ele sair de Nova York, vou perdê-lo. Como se eu tivesse de ir junto para ficar de olho nele e me assegurar de que ele não vai me trair.

Mas o negócio é que existe uma boa chance de isso ser bem verdade.

Porque talvez, lá no fundo, eu suspeite que Will já me traiu. Não é nada que ele tenha feito ou dito, é só uma sensação que tenho de vez em quando. Ela vai e vem, então pode ser apenas paranoia da minha parte. Como Raphael sempre diz, não sou exatamente a rainha da autoestima.

Observo Will vestir *jeans*, um suéter grosso azul-marinho e tênis. Penteia o cabelo para trás depois de vestir a camisa e volta-se para mim:

— Está pronta?

Faço que sim com a cabeça, jogo a revista para o lado e pego de novo meu pulôver de moletom e minha bolsa preta.

Quando estamos nos dirigindo para a porta do apartamento, tento pegar a mão de Will. Ele não é muito adepto a demonstrações de afeição (diz que a família dele é do tipo frio). Como meus pais vivem abraçando praticamente todo mundo que passa na frente, minha tendência é gostar de pegar e ser pegada, talvez um pouco mais do que deveria. Mas Will agora já se acostumou comigo, e dá um apertão rápido nos meus dedos antes de soltá-los para apertar o botão do elevador (algo que poderia ter feito com a mão livre, mas talvez eu só esteja procurando motivos para sentir repulsa).

A verdade é que eu queria que Will fosse tão louco por mim quanto eu sou por ele. E às vezes fico achando que ele de fato é (só que não sabe como demonstrar).

Por exemplo, houve um período, há alguns anos, em que ele ficou me chamando de *querida*,

Eca.

Sabe do que estou falando? Com ele era *querida*, em vez de amor, ou fofinha, ou meu bem ou qualquer um dos apelidos que os namorados geralmente usam entre si. Talvez as intenções dele tenham sido boas, mas eu só ficava incomodada porque parecia uma palavra que uma professora solteirona de idade usaria para chamar uma aluna preferida. *Sim, querida, pode ir ao banheiro, mas volte logo para não perder a prova de estudos sociais.*

Não tinha absolutamente nada de afetuoso ou romântico naquilo, e simplesmente parecia *forçado*. Eu me encolhia cada vez que ele me chamava assim, principalmente quando estávamos em público, e sentia uma vontade desesperada de pedir que parasse. Finalmente parou, por conta própria. Talvez ele tenha percebido que eu nunca o chamava de

querido em resposta, ou talvez tenha sentido que era tão artificial para ele quanto eu sentia que era.

Naturalmente, assim que ele parou, comecei a sentir falta daquilo. Pelo menos era alguma coisa.

Eu gostaria que ele inventasse alguma outra maneira de demonstrar seu apreço, mas não sei como tocar no assunto. Não posso simplesmente soltar, do nada: "Sabe o que me deixaria feliz? Se você me chamasse de fofinha ou de amorzinho."

O que, na verdade, também não me deixaria nada feliz. Na verdade, faria com que eu tivesse *ânsia de vômito*.

Mas você sabe do que estou falando. Acho que eu só quero mais do que temos. E agora, com a viagem de Will, sinto uma urgência, uma necessidade de estabelecer uma relação mais completa.

Acho que três anos juntos é algo bem firme.

Mas estou pronta para mais. E não posso fazer nada contra isso.

Quando Will precisou dividir o apartamento e colocou um anúncio no *Voice*, eu fiquei magoada. Tinha torcido para que ele aventasse a possibilidade de morarmos juntos. Na verdade, eu finalmente tinha juntado toda a coragem possível para tocar no assunto certa noite, depois de muita ajuda de Kate e Raphael, mas, antes que eu pudesse abrir a boca, ele me contou que tinha achado Nerissa.

Então, vamos dar um passo atrás e avaliar a situação.

Um ator lindo, com um corpão e fobia a compromisso que está fugindo da cidade.

Uma secretária acima do peso, insegura e obcecada por compromisso que fica para trás.

Simplesmente não estou com uma sensação boa a respeito disso tudo.

Mas isso não impede que eu peça um *cheeseburger* com *bacon* e rodelas de cebola na lanchonete da esquina do prédio de Will.

E isso não me dá coragem para perguntar se posso ir com ele.

CAPÍTULO 3

Raphael dá uma enorme festa de aniversário todos os anos.

Ele sempre organiza tudo sozinho, e sempre faz no apartamento dele, no bairro do Meatpacking District. Um corretor de imóveis de Manhattan um otimista ou um idiota cego poderia dizer que o lugar é um *loft* em um galpão reformado, mas basicamente nenhuma reforma foi feita ali. Continua com cara e jeito de galpão: é um lugar cavernoso, úmido e praticamente sem janelas que nem Martha Stewart, armada com uma pistola de cola e metros de *chintz* e rolos de tapetes persas, poderia transformar em algo remotamente aconchegante.

Mas é um apartamento grande e todos sabem que, em Manhattan, apartamentos grandes são difíceis de encontrar. Raphael usa o dele muito bem: sempre convida todo mundo que conhece para suas festas de aniversário e pede que tragam todo mundo que conhecem.

De acordo com Kate, que conhece Raphael há um ano a mais que eu e portanto já foi a uma festa de aniversário dele, o público geralmente é composto *degays* incrivelmente lindos, modernos e na moda, acompanhados por suas amigas heterossexuais incrivelmente lindas, modernas e na moda.

Este ano, por ser um aniversário importante para Raphael, deve aparecer mais gente que o normal, e também mais gente incrivelmente mais linda, moderna e na moda.

Raphael me disse que a festa sempre é temática.

No ano passado, o tema foi selva. Homens com corpos maravilhosos de tanguinha e estampas de animal.

No ano anterior, foi praia. Homens com corpos maravilhosos de sunguinha.

Este ano, o tema é festa nas ilhas dos Mares do **Sul**.

Percebeu a tendência? Os motivos de Raphael são escolhidos para que um mínimo de roupa seja usado (isso sem falar no consumo

máximo de álcool, na forma de drinques divertidos com frutas).

Este ano, ele alugou palmeiras falsas. Queria colocar tochas tribais acesas, mas eu o convenci de que não seria boa ideia. Thomas, amigo dele, que faz cenários na Broadway, criou uma cachoeira com uma lagoa azul reluzente com algum tipo de tecido escorregadio. Coquetéis do tipo *frozen* estão sendo servidos em copos de plástico em forma de coco.

Chego quase duas horas atrasada, com Kate a reboque. É por causa dela que chegamos tarde. Ela foi ao salão de beleza depilar o buço um pouco antes da hora marcada para o início da festa, e tivemos de esperar que o inchaço avermelhado desaparecesse.

Agora, quando entramos na festa lotada de Raphael, ela puxa meu braço e pergunta:

— Tem certeza que estou bem?

Na verdade, não está. Para combinar com o tema de ilhas dos Mares do Sul, ela está com o que parece ser um bigode de Ki-suco de morango por cima do lábio, apesar das tentativas em vão de cobrir o vermelhão com corretivo. A iluminação no apartamento dela é tão fraca que eu só percebi o quanto estava aparecendo quando chegamos ao metrô.

— Você está ótima — minto.

Ela coloca a mão em concha na orelha:

— O que foi que você disse?

— Você está ótima — berro, para ser ouvida acima da canção de Jimmy Buffet e das vozes abafadas. — Mas não dá para acreditar que você ficou esperando até antes da festa para depilar o buço. Por que não foi fazer isso mais cedo, ou ontem? Você sabe que sempre fica toda vermelha por causa da cera.

— Eu só percebi que meu bigode estava de volta hoje à noite — grita Kate em resposta. — Quero dizer, o que você queria que eu fizesse, aparecesse aqui com uma sombra por cima da boca? Não dá para acreditar que você não me disse nada quando a gente se encontrou hoje de manhã.

— Eu não reparei, Kate. Acho que estava preocupada demais com meus próprios traumas.

— Está muito horrível? — Ela dá alguns passos na direção do aparelho de TV e tenta examinar seu reflexo na tela escura.

— Tracey! — Raphael se materializa com um berro estridente, daiquiri de morango *frozen* com enfeite de guarda-chuvinha na mão e me dá um beijão.

É um homem bonito, com cabelo bem preto, pele café com leite e os cílios mais longos que já vi. Às vezes as pessoas o confundem com Rick Martin, e ele sempre entra na onda, dá autógrafos e fala com nostalgia da época do Menudo.

— Parabéns, fofo! — digo, dando um apertão nele.

— Você não se vestiu, Tracey!

— Não? — Finjo pavor e olho para baixo, como se esperasse me ver nua. — Não me assuste desse jeito, Raphael. Ele dá um tapa no meu braço.

— Eu quis dizer que você não se vestiu de acordo com o tema.

— O que você queria que eu colocasse ? Um biquíni? Pode acreditar, Raphael, é melhor assim — digo, fazendo um gesto para a blusa de gola alta preta por baixo do *blazer* preto, combinados com uma calça legal preta que eu consegui na French Connection. Espero que o efeito monocromático seja mais emagrecedor do que fúnebre. — Mas sua roupa está ótima.

— Gostou? — Ele dá uma voltinha do tipo modelo na ponta da passarela para exibir a camisa com estampa tropical, o *short* curto e as botas de couro italianas. — Você não acha que *está gay* demais, Tracey?

Caso você não tenha notado, Raphael gosta de ficar repetindo o nome das pessoas. Ele gosta de pensar que isso é uma marca registrada dele nas conversas.

— Desde quando você se preocupa em parecer *gay* demais, Raphael?

— Desde que eu vi o homem que o Alexander trouxe com ele, Tracey, é uma delícia, e discretíssimo. Nunca daria para adivinhar que ele é homo, como o resto de nós. — Faz um gesto por cima do ombro para um homem bem bonito, com cara de heterossexual, envolvido em uma conversa profunda com Alexander e Joseph, que esta noite usam cangas iguais, com alianças de ouro iguais.

— O resto de nós? Fale por si — digo a Raphael, e completo olhando para o suéter azul com gola careca e calça *jeans* do sujeito, que não estão de acordo com o tema. — Talvez ele não seja gay.

— Ah, faça-me o favor. Kate! — Raphael berra o nome dela quando ela se reaproxima de nós. Ele a agarra e dá um beijão nela (esse é o cumprimento padrão dele) e então dá um passo atrás, inclina a cabeça e faz uma careta, passando o polegar por cima do lábio superior. — Desculpe, deixei você toda suja com meu daiquiri.

— Ai, caramba. — Com o sotaque dela, que de repente aparece com força total, a palavra soa bem esquisita.—Isto aqui não é daiquiri, Raphael. Tracey!—Ela se vira para mim e pergunta, toda brava: — Isto aqui não está nada bom, não é mesmo? Continua bem vermelho e irritado, não é mesmo?

Eu fico na defensiva:

— Não está tão ruim assim.

— Não está tão ruim assim? O Raphael acha que é um bigode de daiquiri! — Kate sai correndo para o banheiro.

Em resposta ao olhar de questionamento de Raphael, explico:

— Ela depilou o buço.

Ele assente com a cabeça, em sinal de que compreende muito bem, e diz, com seu sotaque levemente latino:

— Coitadinha. E com a cor da pele dela... De pêssego com creme para pêssego com sangue. Tracey, depilar o buço é mortífero.

— Eu não tenho como saber. Prefiro descolorir.

— Pode acreditar. A depilação é mortífera. — Acreditar em *você*?

— Estou falando sério, Tracey. — Os olhos dele estão grandes e solenes.

Raphael tem dois estados de espírito básicos: Entusiasmo Frívolo e Preocupação Sincera. Neste momento, não está com a expressão que acompanha o Entusiasmo Frívolo.

— Você depila o buço? — pergunto, incrédula.

— Tracey, *eu* não faço isso. — Ele faz uma careta de nojo e estremece. — O Cristóforo é que faz para mim. — Cristóforo é o cabeleireiro e ex-namorado dele que anda saindo com um astro de novela supostamente heterossexual cujo nome não será citado.

— O Cristóforo depila o seu buço — repito, sem ter muita certeza se acho engraçado ou esquisito.

— E não só o buço. O rosto todo. Pode acreditar, Tracey, é melhor que fazer a barba todos os dias.

— Eu acredito, Raphael. Então, é assim que você mantém essa cara de menino?

— Você sabe como é. Vamos ali conversar com o Alexander e o Joseph. — sugere Raphael, rapidamente retornando ao modo Entusiasmo Frívolo quando me pega pelo braço.

Atravessamos a sala até o lugar onde eles estão. No trajeto, pego um daiquiri da bandeja de um garçom praticamente nu, usando só uma sunguinha fio-dental, que é praticamente só músculos e barriga de tanquinho.

— Você contratou garçons? — pergunto a Raphael, que sacode a cabeça.

— Tracey! Esse é o Jones — diz ele. — Vocês já se conhecem.

— Jones? Só Jones?

— Só Jones.

— Não me lembro dele.

— Lembra sim.

— Não, não lembro.

— Claro que lembra, Tracey. Ele é o dançarino. Aquele de Long Island? Que tem fetiche por saio de tule?

Raphael tem o hábito irritante de insistir que você conhece pessoas ou esteve em lugares, e você não faz a menor ideia do que ele está falando. Acontece o tempo todo. Eu costumava discutir com ele.

Agora só dou de ombros e entro na onda, fingindo que conheço Jones.

Repare que a turma de Raphael, assim como a indústria da música, tem muita gente que atende por um nome único. Jones e Cristóforo. Cher e Madonna.

Não sei o que fazer com essa conclusão, mas me parece importante. Quando vou comentar com Raphael, ele prossegue com a explicação.

— O Jones vai fazer parte do coro na temporada de verão de *Hello Dolly!* no Texas, como se não tivesse um lugar pior para ir, então eu disse a ele que pegasse uma bandeja e fingisse que estava ensaiando para o espetáculo. Achei que ele ia colocar um *smoking*, ou alguma coisa clássica com abas, mas, Tracey, sabe como o Jones é, tem uma necessidade infernal de exhibir o físico.

Como eu disse, *não* conheço Jones nem sua necessidade infernal de exhibir o físico, mas finjo que sei exatamente do que ele está falando e reviro os olhos, acompanhando Raphael. Mesmo assim, preciso perguntar, porque não compreendo a relação:

— Hello Dolly?

— Sim, sim, sim, você sabe, sim... Tem aquela cena no Harmonia Gardens com os garçons dançarinos.

Eu sei mesmo, mas, antes que possa dizer a Raphael, ele se apressa, partindo do princípio de que eu não tenho a menor noção do que ele está falando.

— Sabe, o concurso de dança e a escada e "como é bom ver você de volta ao seu lugar". Shh, shh, estamos quase lá — diz Raphael, impaciente, abanando a mão loucamente para mim, como se fosse eu que estivesse falando sem parar.

"Quase lá" significa que estamos quase na frente de Alexander, Joseph e o objeto da mais nova paquera de Raphael. Talvez seja só porque ele está posicionado ao lado dos dois homens mais vaporosos do lugar, mas ele me parece altamente discreto e... bom, normal. Normal demais para o gosto de Raphael.

— Aruba... Jamaica... Aah, quero ir lá com ele... Tracey, ele não é adorável? — Raphael cochicha no meu ouvido, durante os acordes iniciais da música *Kokomo*, que está tocando em volume máximo no som.

— Ele é bem fofo — concordo. — Mas não adorável. Ele fica passado.

—Tracey! Como é que você pode dizer uma coisa dessas? Ele é adorável com certeza absoluta.

Faço uma reavaliação.

O sujeito tem cabelo castanho curto (simplesmente cabelo castanho-escuro, e não um dos "estilos" de Cristóforo feitos para causar impacto, sem uma daquelas tinturas que fazem tanto sucesso com essa turma). Tem olhos castanhos e nariz bonito, boca bonita (é o tipo de sujeito que a gente vê dando aula para a sexta série, ou empurrando um carrinho de compras no supermercado com um bebê, ou aparando um gramado qualquer no subúrbio). É o tipo de sujeito que a gente espera ver em qualquer lugar, menos aqui.

Mas ali está ele, um mane qualquer, no meio de uma multidão de Josephs, Alexanders e Jones (e acredito que esta seja precisamente a razão por que Raphael se sente atraído por ele).

—Joseph! — exclama Raphael, avançando. —Adorei a canga! A sua também, Alexander! E você... seja lá quem for, adorei o suéter. Banana Republic?

— Não tenho certeza — responde o sujeito, franzindo o nariz um pouco.

Ele é bem adorável. E enxergo os olhos dele que, a distância, julguei serem castanhos mas, de fato, são esverdeados. Ele tem cara de irlandês.

Raphael fica momentaneamente encafifado com a falta de informação a respeito de marcas de roupa de seu ídolo, mas recupera-se rapidamente.

— Nós não fomos apresentados — diz, esticando a mão. — Eu sou o Raphael Santiago... é meu aniversário. E essa aqui é a minha amiga Tracey Spadolini.

— Eu sou o Buckley O'Hanlon. Prazer em conhecê-lo, Raphael. Oi, Tracey...

— Oi — respondo, reparando em uma tigela de salgadinhos em uma caixa de papelão virada com o fundo para cima ali perto, servindo de mesinha. Estou faminta. Não jantei, sentindo-me culpada por causa do enorme almoço que tinha feito na lanchonete com Will.

Dou um passo à frente e mando ver, engolindo alguns salgadinhos enquanto Raphael consegue deixar claro em poucas frases que está disponível agora que terminou com o namorado, Anthony, que ele faz ginástica pelo menos cinco manhãs por semana e que esteve recentemente em Paris, a trabalho. Até agosto do ano passado, ele trabalhava como auxiliar de escritório temporário. Agora é editor-assistente de estilo na revista *She*.

O emprego não é assim tão glamouroso quanto você está pensando. Além do mais, a viagem a Paris foi em setembro do ano passado. Mas, do jeito que Raphael fala, parece que ele acabou de chegar de lá de Concorde, em companhia da diretora da *Vogue*, Anna Wintour.

— O que você faz, Buckley? — Raphael pergunta.

— Sou redator de publicidade *freelancer*.

— Redator? Você é redator! Buckley, o que você escreve? — Textos publicitários — responde Buckley com um leve sorriso. — Pode acreditar, não é tão emocionante assim.

— O Buckley está trabalhando no nosso novo catálogo. Foi assim que a gente se conheceu — diz Alexander, e pega um maço de cigarros. Entrega um a Joseph antes de colocar outro entre os próprios lábios.

Raphael, notório filador de cigarros, pega um do maço antes de Alexander guardá-lo.

Coloco a mão no bolso do *blazer* e pego meu maço de Salem Lights. Alexander acende o isqueiro quatro vezes e todos nós ficamos lá tragando.

Buckley sacode a cabeça.

— Acho que sou o único não fumante que sobrou em Nova York.

— Ah, eu vou largar amanhã — anuncia Raphael.

— Desde quando? — Joseph pergunta.

— Desde que fiz 30 anos. Joseph, quero viver o bastante para chegar aos 40. Isso não vai ser possível se eu continuar com o hábito de fumar três maços por dia.

— Ah, faça-me o favor — diz Alexander, e ele e Joseph sacodem a cabeça e reviram os olhos. Eles conhecem Raphael tão bem quanto eu para saber que está mentindo. Mesmo assim, Raphael tenta impressionar Buckley, e acho que é nosso dever entrar na onda. Ou, pelo menos, mudar de assunto. Que é o que eu faço.

— Então, que tal o catálogo novo? — pergunto a Alexander e Joseph.

Naturalmente, eles mordem a isca no mesmo instante. Adoram falar da loja deles (uma boutique para *gourmets* na rua Bleeker, especializada em conservas orgânicas). Há pouco tempo resolveram montar um *site* para efetuar vendas *online* também.

— Se tudo andar da maneira que esperamos — diz Joseph, retorcendo as mãos de tanta ansiedade —, vamos começar a ver casas em Bucks County no outono.

— Que maravilha. — Dou uma olhada para Raphael. Ele parece cheio de inveja. Não me surpreendo. Para esse pessoal, isto é o máximo: casais de homens que estão juntos há muito tempo compram uma casa na parte rural da Pensilvânia e passam anos reformando e decorando a propriedade.

Preciso reconhecer que até eu fico com inveja de Alexander e Joseph quando os vejo trocando olhares deliciados, e fico até amedrontada de ver como são parecidos com os olhares que minha irmã Mary Beth e Vinnie trocavam quando eram recém-casados e tinham acabado de anunciar que iam ter o primeiro filho.

Eu quero ter um relacionamento assim.

Não do tipo Mary Beth-Vinnie, que termina em tristeza e divórcio. Do tipo Alexander e Joseph, em que todo mundo (talvez à exceção da dra. Laura e do reverendo Jerry Falwell) pode ver que eles foram feitos um para o outro.

De acordo com Raphael, Alexander e Joseph, que já devem ter trinta e tantos anos, moram juntos há anos em um apartamento de um quarto alugado em Chelsea, desde antes de o bairro se transformar em antro de celebridades e lojas de rede enormes. Alexander é um negro alto, com barba, que estudou em uma das melhores universidades dos Estados Unidos, nascido em uma família abastada de Westchester. Joseph tem origem italiana, é baixinho, estudou em universidade pública e nasceu em uma família proletária em Long Island; mas, atualmente, eles compartilham tantos maneirismos que às vezes fico achando que são parecidos.

Jones passa e entrega copos novinhos de daiquiri para todos. Esta fornada está ainda mais forte no rum que a anterior, mas desce fácil e já estou me sentindo meio tonta. Tonta o bastante para sentir a necessidade de fumar um cigarro atrás do outro ou devorar toda a tigela de salgadinhos.

Opto por fumar e vou acendendo um cigarro na ponta do anterior.

— Então, o que mais você escreve além de catálogos, Buckley? — pergunta Raphael, com timidez fingida.

Geralmente, ele sabe muito bem fingir timidez, mas hoje não está funcionando. Pelo menos não com esse sujeito, que não parece se interessar por Raphael. Ou talvez simplesmente não esteja percebendo nada (mas não faço a menor ideia de como ele consegue ignorar o flerte sem trégua de Raphael).

A única outra opção é se ele for heterossexual. Mas, de algum modo, duvido. Quando três *drag queens* totalmente montadas com saiote de capim e sutiã de coco passam por nós, fico me perguntando o que um sujeito heterossexual e razoavelmente adorável estaria fazendo em uma festa como esta. Ainda por cima, em Nova York.

De jeito nenhum.

— Eu escrevo orelhas de livros — responde Buckley com um dar de ombros.

— Não acredito! Buckley, mas que maravilha! — diz Raphael com voz estridente, como se Buckley tivesse acabado de dizer para ele que tinha conseguido uma ponta como extra em *Buffy, a caça-vampiros*.

— Pode acreditar, não é assim tão interessante — responde Buckley, fazendo uma cara um tanto acanhada.

— Que tipo de livros? — pergunto.

— De tudo. *Suspense*, histórias de amor, autoajuda, ficção *gay*, culinária... qualquer coisa.

— Ficção *gay*? Será que eu já li alguma coisa que você escreveu, Buckley? — pergunta Raphael, tão entusiasmado quanto uma animadora de torcida do Brookside fazendo seu *show* de erguer pernas durante o intervalo do jogo.

— Eu só escrevo a orelha da capa — observa Buckley mais uma vez, encolhendo-se com um pouco de vergonha.

— Eu sempre leio a orelha. É por isso que compro livros — diz Raphael a ele.

Kate se junta a nós, brincando com uma mecha comprida de cabelo loiro. Ela colocou a mecha por cima da boca, em uma tentativa vã de esconder o vermelhão.

Depois de Raphael apresentá-la a Buckley, ela me puxa de lado e diz que quer ir embora.

— Não é para menos. — Dou uma olhada na tira rosa escuro por cima do batom rosa aplicado com tanto cuidado, que combina com o vestidinho de verão rosa dela.— Parece que está piorando.

— Você acha? — solta ela, cheia de sarcasmo. — Parece que fui espancada. Não dá para acreditar que você me deixou sair de casa deste jeito, Tracey.

Eu também não acredito. Mas não queria chegar à festa sozinha depois de Will ter dado para trás. Eu sempre tive problemas quanto a ir sozinha a qualquer lugar. Mesmo depois de tanto tempo morando em Nova York, ainda não superei. Uma coisa é morar sozinha, andar de metrô sozinha e fazer compras sozinha, mas não acho que eu seria capaz de ir ao cinema sozinha, ou ao restaurante, ou a uma festa. A menina do interior que existe dentro de mim insiste em achar que isso é meio ridículo.

Mas que péssima amiga, hein? Não culpo Kate por estar louca da vida.

— Quer que eu vá com você? — ofereço, meio de má vontade.

— Não, obrigada — responde Kate

— Está brava comigo?

— Não. — Ela tenta sorrir, mas faz uma careta porque a parte de cima da boca dói quando ela faz isso. — Não é culpa sua eu ter herdado pele sensível. São os genes dos Delacroix. É o que minha mãe sempre diz.

— Boa sorte, Kate — digo em tom solidário, dando-lhe um abraço. — Amanhã a gente se fala.

Quando volto para o grupo, ele se dissipou. Joseph e Alexander sumiram de vista, Raphael está sendo transportado pela sala em cima dos ombros das *drag queens* e todo mundo canta "Ele é um bom companheiro", de modo que só resta Buckley lá parado.

— Foi abandonado? — pergunto a ele. Sorvo o finalzinho do gelo moído do meu daiquiri de uma vez só e minha garganta até dói por causa do gelado.

— O Raphael está... — ele aponta com a cabeça.

— E, estou vendo — digo, observando quando Raphael salta de seu poleiro elevado bem a tempo de virar uma dose flamejante que

alguém lhe entrega. Isso mesmo, flamejante. Pegando fogo. Todo mundo bate palmas ritmadas em um coro de "Vira, vira, vira, vira..."

Eu já mencionei que as festas de Raphael são uma loucura?

— E o Alexander e o Joseph foram até a cozinha dar os toques finais no bolo. Disseram que tem o formato de Porto Rico e que aparentemente aconteceu algum imprevisto com Mayaguez.

— O que é Mayaguez?

— Pelo que eu pude entender, ou é uma cidade em Porto Rico ou um empregado desastrado.

Dou risada.

Buckley dá risada.

Pena que ele *é gay*.

Mas, bom, eu tenho namorado. Will. Will, que deveria estar aqui agora.

Ele não se importa com o fato de nos restarem poucos dias juntos? Não sabe que deveríamos passar esses últimos momentos preciosos juntos, antes de ele partir para a temporada de verão sem mim?

Quero dizer, isso se eu não for com ele.

E isso é algo que eu ainda posso fazer.

Pego mais um daiquiri da bandeja que passa na mão de Jones e pergunto a Buckley:

— Já estive nos Adirondacks?

— Não. Porquê?

Então eu conto a ele por quê. Digo que estou pensando em passar o verão em uma cidade de veraneio lá e queria saber se seria difícil encontrar um emprego e um lugar para ficar.

— Não devia ter checado antes de fazer planos? — pergunta ele, e me parece uma questão bem razoável.

— Sabe, é isso que eu sempre detestei em você, Buckley — digo, cutucando-o no peito com o indicador. — Você é prático demais.

Ele parece estupefato, mas logo vê que estou brincando e dá risada.

— Desculpe. Mas eu vivo dizendo para você, Trace, que precisa enfileirar todos os seus patinhos. Não pode simplesmente mergulhar nas coisas de cabeça. Você já é uma mocinha.

— Buckley, Buckley, Buckley. — Solto um suspiro pesado de mentirinha.— O que vou fazer com você? Quando é que vai desencanar e começar a levar as coisas menos a sério?

— Você não é a primeira pessoa que me diz isso — responde ele, arrasado, e percebo que agora ele só está meio de brincadeira.

— Mesmo?

Ele sacode a cabeça.

— Acabei de terminar um relacionamento com alguém que não me achava impulsivo o bastante. Mas vou dizer uma coisa: sou impulsivo sim. Hoje à noite mesmo, quando estava me vestindo para vir aqui, quase coloquei um suéter bege. No último minuto, e estou falando do último minuto mesmo, antes de abrir a porta para sair, eu troquei para o azul-escuro.

Dou um tropeção para trás.

— Meu Deus, rapaz! Mas quanta loucura da sua parte! Nós dois nos matamos de rir. Fico impressionada como ele consegue fazer piada e ficar com o semblante sério. E ele é superfofo. Seria ótimo para Raphael, que normalmente escolhe garotos bonitinhos ensimesmados ou artistas excêntricos.

A medida que nossa conversa progride, faço questão de destacar os pontos positivos de Raphael: como ele é generoso, engraçado e conhece mais cultura *pop* que qualquer outro ser humano. Digo a Buckley que Raphael sempre ouve todos os CDs novos antes mesmo de os *singles* chegarem às rádios; que assiste a todos os *shows* da Broadway na pré-estreia; que vai a todos os filmes lançados no cinema, independentemente da opinião dos críticos.

— Ele assistiu a *Queda acidental* praticamente no mesmo segundo em que estreou, antes de todo o *bype* — digo a Buckley.

Queda accidental, claro, foi o maior sucesso dos cinemas de *shopping center* em séculos, e supostamente tem uma reviravolta ao estilo de *Sexto sentido* no fim. Foi tudo que eu precisei ouvir. Não aguento *suspense*. Por mais que eu me esforce para ser paciente, sempre acabo lendo as últimas páginas de qualquer livro de Mary Higgins Clark antes mesmo de chegar à metade do volume. Simplesmente preciso saber quem é o culpado.

— O Raphael contou qual é a pegadinha antes de você assistir? — pergunta Buckley.

— Não, ele não quis contar! E eu ainda não assisti.

— Está brincando! Achei que todo mundo tinha assistido.

— Eu não. E não sobrou ninguém para ir comigo. Como eu disse, Raphael foi sem mim, assim como Kate, que foi durante um encontro às cegas, assim como todas as minhas amigas do trabalho. Mas o negócio que me incomoda mais é que Will foi com umas pessoas que trabalham no serviço de bufê com ele, quando uma festa terminou bem mais cedo do que eles tinham imaginado. Fiquei irritadíssima com ele quando me disse que tinha visto o filme sem mim. Ele sabia que eu queria ir.

— E agora? Você vai esperar sair em vídeo? — pergunta Buckley.

— É, e pode acreditar, eu não aguento *suspense*. Estou tentando arrumar alguém para ir comigo. Mas todo mundo que convido diz que não dá para ver duas vezes, porque, depois de já saber o segredo, não adianta nada ver.

— Foi a mesma coisa que eu ouvi dizer. Fico olhando para ele boquiaberta.

— Você também não assistiu? Ele sacode a cabeça.

— Então você *tem* de ir comigo! — digo, agarrando o braço dele. — Não acredito que encontrei alguém que não assistiu. Estou passada! A gente vai, certo?

Ele dá de ombros.

— Claro. Quando?

— Amanhã — respondo, bem decidida. — Já faz quase um mês que estou esperando para descobrir qual é a grande reviravolta, e não vou mais adiar. Que maravilha!

De repente, a música de Bob Marley que estava tocando no máximo silenciou. Quando nos viramos, vemos Raphael parado ao lado do som, tremendo um pouco. Fico aqui me perguntando quantas doses flamejantes ele ingeriu.

— Atenção, todos! — Ele bate palmas. — Chegou a hora do bolo. O Alexander e o Joseph desta vez se superaram. Então, por favor, aproximem-se e preparem-se para cantar com toda a força.

— Ele está um pouquinho detonado, hein? — diz Buckley ao mesmo tempo em que nos aproximamos da mesa do bolo.

— Ele é o melhor sujeito que conheço — digo categórica, torcendo para que seja suficiente para fazer com que Buckley se apaixone loucamente por Raphael. Mas não posso deixar de notar que ele realmente não parece lá muito interessado nele.

Depois de um coro animadíssimo de "Parabéns a você" (e de três bis, puxados por Raphael), de o bolo ter sido cortado e devorado, Buckley retorna para as proximidades de Alexander e Joseph, e Raphael vem para o meu lado.

— Você está com o cabelo cheio de cobertura — digo, tirando a sujeira com um guardanapo.

— Este não é único lugar do meu corpo que já ficou cheio de calda de bolo, Tracey — ele me diz com uma piscadela. Só Raphael sabe piscar sem ficar parecendo o avô de alguém. — Então, o que tem a dizer sobre meu novo namorado? Você me elogiou bastante?

— Com certeza. Disse que você é a pessoa mais fantástica que eu conheço.

— O que descobriu sobre ele?

Dou um gole em um daiquiri novinho. A medida que a noite vai passando, os drinques vão ficando menos gelados, menos doces e mais fortes, mas, a esta altura, ninguém se importa com isso.

— Ele disse algo sobre ter acabado de sair de um relacionamento com algum cara que não o achava espontâneo.

— Tracey, eu sou espontâneo o suficiente para nós dois. — Raphael lança um olhar cheio de desejo para Buckley. — O que mais ele disse?

— Não muito mais. Mas amanhã à tarde nós vamos assistir a *Queda acidental* juntos. Daí eu tento descobrir mais.

— Você finalmente achou alguém para ir com você? Tracey, fico tão feliz! — Raphael passa o braço pelos meus ombros. — Será que o Will vai ficar com ciúme?

— Por que ele teria ciúme de um gay? Mas, bom, o Will nunca tem ciúme. Ele confia em mim — digo a ele.

Silêncio.

— O que foi? — Quero saber, e pego um olhar de dúvida no rosto de Raphael.—Ele nunca fica com ciúme. Mesmo.

— Eu acredito. E, Tracey, acho que você devia se perguntar por quê — diz Raphael, enigmático.

— O que quer dizer com isso? — pergunto, mas alguém já o está puxando para participar do trezinho.

De repente, não tenho a menor vontade de dançar.

Pego-me pensando no que Will deve estar fazendo. Dou uma olhada no relógio e chego à conclusão que ele já deve estar em casa a esta altura. Talvez eu possa tomar um táxi até o apartamento dele e passar a noite lá.

Mas, quando tento ligar para a casa dele, a secretária eletrônica atende.

Não deixo recado.

CAPÍTULO 4

Domingo de manhã.

Will está de mau humor.

Está chovendo.

Talvez Will esteja de mau humor *justamente* porque está chovendo e porque é domingo de manhã, mas, naturalmente, eu sendo eu, não posso deixar de ficar achando que deve ser culpa minha. Desde que nos encontramos para tomar café da manhã em uma cafeteira a alguns quarteirões do apartamento dele, há meia hora, estou me esforçando ao máximo para puxar papo, enquanto ele só fica amuado.

O negócio é que ele é mal-humorado mesmo. Eu sempre soube disso. Parte de mim se sente atraída pelo artista temperamental que existe dentro dele. Parte de mim só quer que ele se anime, caramba.

Quando a garçonete serve mais café na xícara dele e depois na minha, pergunto mais uma vez sobre o casamento da noite anterior. Acontece que o negócio tão confidencial era o casamento de dois atores de cinema que abandonaram o respectivo cônjuge para ficar juntos, em um enorme escândalo que tomou conta dos tabloides no ano passado.

Estou louca para saber os detalhes mas, até agora, Will não disse quase nada.

— Então, o que tinha para comer? — pergunto, pegando três daqueles potinhos de plástico com leite de uma travessa no meio da mesa e tirando a tampa para colocar o conteúdo de cada um deles no meu café. Rasgo dois pacotes de açúcar ao mesmo tempo, junto à mistura e mexo.

— Creme de camarão, salmão grelhado, filé *mignon*, lagosta, purê de batata... nada espetacular. — Will dá um golinho no café dele. Ele toma preto. Sem açúcar.

— E o bolo?

— Chocolate branco e framboesa.

— Delícia. — Engulo um pedaço de omelete borrachuda encharcado de *ketchup* e tabasco e fico desejando que fosse bolo de casamento de chocolate branco e framboesa.

Eu desejava ser uma noiva comendo o meu bolo de casamento de chocolate branco e framboesa.

Não, não desejava nada.

Com certeza eu quero me casar, mas, quando Will e eu nos casarmos (certo, *se* Will e eu nos casarmos), adoraria que a cerimônia fosse no outono, com bolo de abóbora e cobertura de *cream cheese*. Fico imaginando o que ele acharia disso, mas não pergunto.

— Então, Will, quer que eu passe na sua casa depois do cinema?

Eu já disse a ele (logo de cara) que ia ao cinema com Buckley assistir a *Queda acidental* e que queria brincar de cupido entre Buckley e Raphael.

Também fiz uma descrição minuto a minuto da festa, até a hora em que Raphael acendeu um tocha tribal que tinha escondido no armário (desprezando minha advertência) e ficou desfilando com ela pelo apartamento, até incendiar a peruca de uma *drag*. Jones tentou salvar o dia jogando o tecido azul brilhante por cima do fogo para abafar, mas acontece que o pano era ainda mais inflamável que a peruca, e também pegou fogo. Por sorte, algum espectador de reflexos rápidos pegou a mangueirinha da pia e apagou o fogo com água. Eu fui embora pouco depois disso, dizendo a Buckley que o encontraria à uma na frente do Cineplex Odeon da Oitava Avenida, a alguns quarteirões do apartamento de Will.

Estava pensando que, depois do filme, eu poderia ir até a casa de Will e pedir comida chinesa, ou algo assim.

Certo, o que eu estava pensando mesmo é que a gente podia transar. Já faz quase uma semana que não passamos a noite juntos e, da última vez (das últimas vezes), foi meio qualquer nota.

Mas Will acaba com as minhas esperanças ao sacudir a cabeça.

— Acho que não, tenho muita coisa a fazer depois da academia. Estou preparando as coisas para mandar antes para a casa do elenco,

para não ter de carregar tudo na viagem de trem.

Eu poderia ajudá-lo a empacotar. Mas talvez fosse deprimente demais.

A menos que eu fosse com ele...

Mas, até agora, não consegui juntar coragem para pedir a ele.

Tento pensar em outra coisa sobre o que conversar.

Estamos em um reservado ao lado da janela. Will usa um casaco de moletom marrom com capuz de que eu gosto muito. É da L.L. Bean, e ele o tem desde que nos conhecemos, e não está nem um pouquinho esgarçado, diferentemente da maior parte do meu guarda-roupa cheio de falsificações.

Por cima do ombro dele, através do vidro salpicado de chuva, enxergo gente apressada carregando guarda-chuvas. Percebo que a paisagem é inteiramente cinza com manchas amarelas: capas e táxis. Quero fazer essa observação a Will, mas ele não vai ter como apreciar a estética com esse humor.

Pego o saleiro e coloco um pouco de sal na minha batata antes de colocar um pedaço na boca.

— Você devia tomar cuidado com o sal, Trace — diz Will.

— Se não estiver bem salgadinho, eu não consigo comer

— digo a ele com um dar de ombros.

Não há nada pior que comida sem gosto e sem sal. Meus avós, supostamente, deviam estar fazendo dieta com pouco sal, e nunca se viu nada com gosto pior que o molho de tomate sem adição de sal que eles tentaram servir a todo mundo em um domingo há alguns anos. Todos concordamos que era horrível, e minha avó prontamente voltou a fazer o molho de sempre. O médico vive dando bronca neles por causa da pressão ou sei lá o quê, de que eles deviam estar cuidando, mas eu não os culpo por não obedecer. Eu faria a mesma coisa.

— Depois de um tempo, você acabaria se acostumando

— observa Will.

— Talvez, mas não quero. Até parece que minha saúde está correndo perigo. — Nunca me sinto à vontade conversando sobre meus hábitos alimentares com Will. Acho que tenho medo que ele mencione o meu peso. Até agora ele nunca fez isso, mas eu tenho bastante certeza de que ele pensa que eu poderia muito bem perder alguns quilinhos.

Certo, uns 15 ou 20 quilos.

Por sorte, ele nunca disse nada.

E se a minha sorte continuar, nunca vai dizer.

— Existem vícios piores do que sal — observo, ainda na defensiva.
— Como...

— Fumar?

Dou um sorriso amarelo.

— Certo, sal e cigarro. Então, eu tenho dois vícios. Olhe pelo lado positivo. Pelo menos, não sou drogada.

Ele abre um sorriso.

— Por que você não tem nenhum vício? — pergunto, observando enquanto ele dá uma mordida na torrada. Integral e sem manteiga. Sem geleia.

Eu meio que fico esperando ele dizer que tem vícios sim (não que eu consiga pensar em algum).

Mas ele não diz. Só dá de ombros, sorrindo e mastigando sua torrada tediosa, confiante, sem vício algum.

— Olhe... e se eu fosse com você, Will? Quem foi que disse isso?

Meu Deus, fui eu quem disse isso? Parece que foi, porque Will parou de mastigar e está olhando para mim, confuso.

— Se você fosse comigo para onde? Que diabo eu tinha na cabeça?

Eu não estava raciocinando. O negócio simplesmente saiu, e agora não posso mais voltar atrás.

Tento desesperadamente inventar alguma outra coisa para dizer. Alguma coisa a adicionar, algo que fizesse sentido...

E se eu fosse com você...

E se eu fosse com você...

E se eu fosse com você...

...ao banheiro na próxima em vez que você for?

Não, não tem como sair dessa.

Agora que comecei, preciso terminar.

Largo o garfo, respiro fundo e então pego o garfo de novo, percebendo que largá-lo faz com que a coisa toda pareça cerimoniosa demais, como se eu estivesse prestes a fazer um comunicado importantíssimo.

E é exatamente o que vou fazer, mas não quero que Will entenda as coisas assim.

Isso só faria com que ele recuasse antes mesmo de pensar bem sobre o assunto.

Espeto um pedaço de ovo salpicado de pimentão verde e coloco na boca. Sempre é mais fácil parecer despreocupada quando se está mastigando alguma coisa.

— E se eu fosse junto com você na temporada de verão? Quanta preocupação!

Minha voz sai como se alguém estivesse apertando minha garganta, e ele parece horrorizado.

— Ir comigo? — repete ele. — Você não pode ir comigo!

Tento engolir a porcaria do pedaço de ovo mastigado e quase vomito.

— Não estou dizendo assim, junto, junto com você — respondo rápido, para que ele se tranquilize. — Só estou dizendo que eu poderia encontrar um lugar para ficar em North Mannfield e arrumar um trabalho de garçoneiro ou algo assim durante o verão. Daí nós não precisaríamos ficar afastados durante três meses.

— Tracey, não tem como nós dois ficarmos juntos neste verão! Eu vou apresentar uma peça diferente a cada duas semanas. Não vou ter

tempo de ficar com você, mesmo que esteja a dois minutos de distância de mim.

Sinto um caroço na garganta, tentando passar pela bola molhada de pimentão e ovo que tenta descer. Não consigo falar.

Mas tudo bem, porque Will ainda não terminou. Ele largou o garfo e está sacudindo a cabeça.

— Não dá para acreditar que você me vem com essa bem agora. Quero dizer, achei que a gente tinha chegado à conclusão de que essa temporada de verão seria ótima para mim. Preciso fazer isso pela minha carreira. Você sempre soube disso, Tracey. E agora vem me dizer que acha ruim.

Finalmente consigo engolir o ovo e o caroço.

— Eu não disse que acho ruim, Will. Eu só disse que quero ir com você.

— Mas você sabe que não é possível, certo? Olhe, eu sei o que você está tentando fazer. Quer que eu me sinta culpado para mudar de ideia e ficar aqui. E eu...

— Não estou fazendo nada disso! Um silêncio desconfortável se instala.

— Você queria mesmo ir junto comigo?

— Queria! Quero dizer, não junto, mas... Eu só queria ficar perto de você.

Sinto-me ridícula, abandonada e em pânico. Sinto-me como uma menininha cujo pai está tentando deixá-la na escola primária contra a vontade dela.

— Mas, Trace... — Ele não sabe o que dizer. Pelo menos, não caça de mim. Nem parece mais estar bravo.

Ele parece... preocupado.

Percebo, com uma pontada de enjoo no estômago, que rompi os limites que sempre tomo tanto cuidado para respeitar em relação a ele.

Sufoquei Will, o Homem Que Precisa de Espaço.

— Certo, bom, só achei que devia perguntar o que você achava — digo, tentando parecer que não estou nem aí.

Pego minha xícara de café e percebo que o leite talhou todo na superfície. Eca. Devia estar azedo. Coloco a xícara de novo em cima do pires e procuro algum tipo de distração, desejando que tivesse sobrado alguma coisa no meu prato além da folhinha do morango e da casca de laranja do enfeite que eu já devorei.

Não tenho nada para comer.

Nada para fazer.

Will não diz nada.

Não faz nada.

Isso é terrível. Eu nunca deveria ter tocado no assunto.

Não desse jeito.

Deveria ter traçado um plano mais eficiente.

Deveria ter ensaiado o que queria dizer, de modo que ele não fosse pego de surpresa. De modo que eu não ficasse parecendo uma desesperada grudenta.

Mas, lá no fundo, eu sei que, independentemente de quando e como eu tocasse no assunto, ele nunca acharia boa ideia eu ir para North Mannfield.

Então, bom, pronto.

Está resolvido.

Vou passar o verão aqui em Nova York. Sem Will.

CAPÍTULO 5

— Está pronta? — pergunta Buckley, virando-se para mim.

— Espere, os créditos — digo, sem tirar os olhos da tela. — Você quer ver os créditos?

Will e eu sempre ficamos até o fim dos créditos. Mas este não é Will. E, de todo modo, estou louca para discutir o filme com Buckley, por isso digo:

— Tudo bem, não faz mal.

— A gente pode ficar se você quiser.

— Não, não é nada importante. — Eu me levanto, segurando a caixa tamanho jumbo quase vazia de chocolates confeitados Snowcaps.

— Quer mais pipoca? — pergunta Buckley quando nos dirigimos para o corredor. — Ou será que eu jogo fora?

— Não, não jogue fora — digo, ao mesmo tempo em que coloco a mão dentro do balde e pego um punhado. Adoro pipoca de cinema, principalmente com manteiga. Will nunca quer pedir manteiga, porque, segundo ele, não é manteiga de verdade (é um tipo de gordura amarela derretida, impregnada de substâncias químicas). Não que ele teria vontade de pedir manteiga mesmo que fosse manteiga, porque manteiga tem muita gordura e calorias.

Buckley pediu com manteiga extra. Nem me consultou. Talvez tenha achado que eu sou o tipo que gosta de gordura derretida extra.

Sei lá.

É um alívio estar com alguém como ele depois daquele café da manhã desastroso com Will. Quando nos separamos na frente da academia dele, foi estranho. Ele disse que me ligaria à noite, mas eu quase desejei que não ligasse. Tenho medo que ele traga à tona o fato de eu querer viajar com ele. Ou talvez tenha medo que ele não toque no assunto, e daí vai ficar para sempre aquela coisa enorme entre nós dois, de que ninguém fala.

Enquanto isso, aqui está Buckley, enfiando o balde de pipoca de novo embaixo do meu nariz, incentivando-me a comer mais.

— Então, o que você achou? — pergunta ele, pegando mais um punhado de pipoca. — A grande reviravolta foi tudo que você estava esperando?

— Não sei. — Reflito sobre o assunto. — Quero dizer, não foi assim tão chocante quanto *Sexto sentido*. Acho que se criou *suspense* demais.

— Era por isso que eu não queria tanto assim ver esse filme.

— Você não queria ver? — pergunto, e paro no meio do corredor. — Mas você veio comigo. Não era obrigado a ter vindo comigo. Ai, meu Deus, acho que meio que era sim. Olhe, eu não queria arrastar você até aqui.

— Não me arrastou.

— Ah, fala sério, Buckley. Eu praticamente ordenei que você viesse comigo. Acho que fiquei achando...

— Tudo bem — diz ele prontamente. — Eu não liguei. Todo mundo que conheço também já assistiu, então achei que era minha única chance.

— Pena que não atendeu a tanta expectativa. Quero dizer, eu fiquei surpresa com o fato de a coisa toda ser um sonho, mas você não achou meio broxante?

— Não sei. Achei meio parecido com aquele conto "Um incidente na ponte de Owl Creek". Já leu?

— Está brincando? O conto de Ambrose Bierce? Eu me formei em inglês. Devo ter lido uma dúzia de vezes para cadeiras de literatura e criação de texto.

— Eu também — diz Buckley. — Eu me lembro de realmente adorar esse conto quando li pela primeira vez, na escola. Achei que no fim a reviravolta era mesmo surpreendente, sabe como é, que era uma coisa tipo uma fuga da consciência no último instante antes de morrer. Esse filme foi algo assim também. Eu gostei.

— Mas você não adorou. Ele dá de ombros.

— E você?

— Eu queria mesmo ter adorado. Já faz um bom tempo que não assisto a nenhum filme ótimo. O último que eu adorei foi um da Gwyneth Paltrow que saiu no Natal.

Naturalmente, Will tinha detestado aquele filme. Achou que a atuação era péssima, o roteiro, piegas e nada realista.

— Ah, eu também adorei esse aí! — diz Buckley, vestindo o casaco de chuva de sarja com capuz de enfiar pela cabeça, ao pararmos logo antes da porta. — Caramba, continua chovendo.

— Que dia horrível. Nunca vou conseguir achar um táxi. — Suspiro, remexendo nos bolsos da calça *jeans* em busca de um bilhete de metrô que eu achei que tinha.

— Quer tomar uma cerveja?

— Uma cerveja? Agora? — Surpresa, ergo os olhos para ele. Então dou uma olhada no relógio (como se fizesse alguma diferença). Como se existisse um horário adequado para tomar cerveja em um domingo chuvoso em Manhattan.

— Ou... você tem algum compromisso?

— Não! — respondo rápido demais. Porque eu realmente quero tomar uma cerveja. É um milhão de vezes melhor que voltar para meu apartamento solitário enquanto fico pensando em Will na casa dele, encaixotando seus pertences.

— Ótimo. Então, vamos tomar uma cerveja.

Visto minha capa de chuva. É uma daquelas amarelonas que os turistas usam, e faz com que eu pareça tão grande quanto um ônibus escolar antigo visto de trás. Eu me preocuparia com isso se estivesse com Will (na verdade, foi exatamente o que aconteceu antes, quando saímos do restaurante), mas, naturalmente, não preciso me preocupar na companhia de Buckley. Essa é a parte boa de ter amigos *gays*. A gente tem companhia feminina sem o ângulo competitivo da TPM das mulheres e sem as complicações da atração sexual.

— Aonde a gente pode ir? — pergunta Buckley.

— Conheço um bar legal a um quarteirão daqui — digo a ele. —
Passo bastante tempo nesta região.

— Eu também.

— É mesmo?

— Na verdade, eu moro por aqui.

— Mesmo? Onde?

— Na rua 54, perto da Broadway.

— Não brinque.

— Você também mora por aqui?

— Não. Moro no East Village.

— Mesmo? Então, por que marcou de nos encontrarmos aqui, tão longe?

Não quero entrar no assunto todo de Will, então digo simplesmente:

— Eu tinha um compromisso aqui mais cedo, então achei que fazia sentido. Então, tem algum lugar aonde você quer ir? Já que este é mesmo o seu bairro...

— Não, vamos tentar o lugar que você falou. Sempre estou disposto a experimentar coisas novas. Ei, eu sou um cara espontâneo, está lembrada?

Sorrio para ele e reparo que está usando outro suéter com gola careca com *jeans*.

— Estou vendo que hoje você optou pelo bege.

— O que posso dizer? Hoje o dia está para bege. Mas parece que você não concorda. Você sempre usa preto? — pergunta ele, examinando minha roupa.

Jeans preto. Camisa meio bata de manga comprida preta que camufla minhas coxas (ou pelo menos gosto de pensar que tem esse efeito).

— Sempre — digo a ele.

— Por alguma razão especial?

— Emagrece — respondo prontamente, e ele sorri.

— E eu aqui achando que você estava tentando fazer algum tipo de afirmação política, artística ou espiritual.

— Eu? Que nada, sou só uma garota cheinha que tenta se fazer passar por uma tábua.

Nós dois nos molhamos todos ao atravessar a rua com o sinal fechado. Dois minutos depois já estamos sentados em banquetas altas no balcão do Frieda, um lugar meio legal aonde eu e Will vamos de vez em quando. Eles servem umas batatinhas com *cheddar* e *bacon* fantásticas, fato que menciono a Buckley mais ou menos no mesmo instante em que nos sentamos.

— Quer pedir uma porção? — pergunta ele.

— Depois daquela pipoca? — Já comeu demais?

— Sabe, Buckley, o problema é esse. Eu nunca comi demais. Poderia passar o dia inteiro comendo. Estou sempre a fim de batatinhas. Por isso tanta banha.

— Não seja tão severa consigo mesma, Tracey. Você não é exatamente obesa.

— Você é um amor. — Pena que *é gay*. — Então, fale sobre seu relacionamento que não deu certo.

— Preciso falar?

— Não. Se não quiser, não. Podemos falar de algo mais animado. Como... de onde você é?

— De Long Island.

— *Você é de Long Island?* Ele assente com a cabeça.

— Por que tanta surpresa?

— É que você não tem aquele sotaque arrastado do pessoal de lá.

— Você tem — diz ele, com um sorriso. — É do interior do estado, certo?

— Como é que você sabe?

— *O* a raso entrega. Percebi logo de cara. Então, de onde você é?

— Você nunca ouviu falar. Brookside.

— Ouvi falar, sim. Tem uma faculdade estadual lá, não tem?

— Tem, sim.

— Eu pensei em estudar lá.

— Está brincando. Por quê?

— Era o mais longe possível de Long Island que eu poderia ir para estudar em uma faculdade estadual. Meus pais não tinham dinheiro para me mandar para uma universidade particular, e eu não consegui uma bolsa.

— Mesmo?

— Por que está tão surpresa?

— Porque... não sei. É que você tem cara de ser estudioso. Ele sorri.

— Pode acreditar, eu não era. Com as minhas notas, mal consegui entrar em uma faculdade estadual.

Isso realmente é surpreendente, por alguma razão. Ele simplesmente parece ser o tipo de pessoa que faz qualquer coisa bem. Gostei de saber que ele foi um aluno apenas mediano, como eu. Isso não significa que ele não seja inteligente, porque sei que é.

— Então, onde foi que acabou estudando? — pergunto.

— Na SUNY, em Stony Brook. Acabei ficando na ilha e morando na casa dos meus pais.

— Porquê?

Pego um vislumbre fugidio de comoção inesperada no rosto dele. Quando ele fala, compreendo por quê, mas o semblante dele permanece cuidadosamente neutro.

— Meu pai morreu no verão, depois que terminei a escola. Eu não podia ir embora e deixar minha mãe, minha irmã e meu irmão sozinhos.

Então, fiquei em casa. — Ele diz como se não fosse nada importante, mas dá para ver que é. Ou foi.

— Sinto muito pelo seu pai, de verdade.

— Já faz muito tempo. — Ele se inclina e amarra o sapato, com o pé apoiado na ripa da banquetta. Fico pensando se o cadarço estava mesmo desamarrado ou se ele simplesmente precisou de algo para desviar a atenção.

— É — digo —, mas não é uma coisa da qual a gente pode se livrar, não é?

Ele se apruma e olha nos meus olhos.

— Não é mesmo. Às vezes, ainda é difícil se eu começo a pensar muito no assunto. E normalmente não faço isso.

— Eu não tive intenção de tocar no assunto.

— Você não sabia. E, de todo modo, não faz mal. Eu não me importo de falar sobre isso.

Não sei mais o que dizer, então pergunto:

— O que aconteceu? Com o seu pai, quero dizer.

— Ele andava com umas dores de estômago e, quando finalmente foi ao médico, descobriram que era câncer no pâncreas. Quando fizeram o diagnóstico, já era tarde demais... tinha se espalhado por todo lugar. Deram a ele seis semanas de vida. Ele morreu em cinco semanas e cinco dias.

— Meu Deus.— Vejo lágrimas nos olhos dele e sinto um caroço subindo na minha garganta. Aqui estou quase me desmanchando em lágrimas pela perda de alguém que eu nem conheci (o pai de um sujeito que eu mal conheço).

— Eu sei. Foi um horror — diz Buckley. Respira fundo, depois suspira. — Mas, como eu disse, já faz muito tempo. Minha mãe finalmente está superando. Ela até saiu com um sujeito há algumas semanas.

— Foi a primeira vez que ela saiu com alguém?

— Foi.

Tento imaginar minha mãe saindo com alguém, e é tudo que consigo fazer sem estremecer. Mas, bom, talvez a mãe de Buckley não seja uma mulher de 1,50 m de altura, acima do peso, devota em excesso, teimosa e italiana com calça fusado que não clareia o buço com a frequência que deveria.

— Você ficou incomodado? — pergunto a Buckley. — Por sua mãe sair com um sujeito?

— Que nada. Eu detesto o fato de ela estar sozinha. Minha irmã acabou de se casar, e meu irmão está no exército agora, então seria bom se ela conhecesse alguém. Eu não ia ficar tão preocupado com ela.

Que cara legal. De repente, pego-me pensando que talvez ele seja legal demais para Raphael. Não quero dizer que Raphael não é maravilhoso, mas quando se trata de romance, ele é meio instável. Ele já deixou para trás mais do que alguns corações partidos, e não posso suportar a ideia de ver Buckley, alguém tão bacana, gentil e nobre assim, de coração partido.

O que me faz lembrar do ex de Buckley. Fico imaginando o que aconteceu, mas não posso pedir detalhes porque ele já se mostrou relutante em falar sobre o assunto. Bem nessa hora o garçom aparece. Ele é todo vaporoso e efeminado, e fica praticamente babando em cima de Buckley quando pedimos cervejas e as batatinhas. O negócio é que Buckley não tem aquela beleza típica de um ator, por exemplo. Ele é bem bonitinho, mas há algo nele ainda mais atraente que o visual. Talvez seja a expressão dos olhos risonhos irlandeses dele, ou o sorriso rápido, ou a atitude, genuinamente legal. Seja o que for, o garçom assumidamente gay não deixa passar, e eu também não.

Pena que ele não é heterossexual.

Percebo que essa frase está se transformando no meu novo mantra. Se Buckley não fosse *gay*, e se eu não tivesse Will...

Mas se Buckley não fosse *gay* e eu não tivesse Will, nós provavelmente não estaríamos aqui juntos, e tenho bastante certeza de que não estaríamos pedindo batatinhas com *cheddar* e *bacon* nem

falando das minhas pelancas excessivas, que é o que faço quando estou com Raphael ou Kate.

De todo modo, duvido que eu seria o tipo de Buckley.

Por outro lado, continuo surpresa, mesmo depois de três anos, por ser o tipo de Will. Afinal, ele *tem* sim aquela beleza típica de atores de cinema, e eu não sou nenhuma deusa. Felizmente, os relacionamentos vão além do visual. Pelo menos, é o caso do nosso. A atração física teve papel importantíssimo no motivo por que eu fiquei a fim de Will, mas acho que ele ficou a fim de mim por eu ser uma das poucas pessoas que compreenderam o sonho dele de romper com a vida de cidadezinha do Meio-Oeste e vencer em Nova York. Aquela ambição incontrolável de escapar da vida mundana na qual tínhamos nascido era o que existia de comum entre nós, aquilo que acabou por nos unir.

Agora, parece que está nos afastando. Caramba, Will vai me deixar para trás. Talvez não para sempre, mas por enquanto, e isso me magoa. Magoa tanto que, assim que o garçom se afasta e Buckley olha para mim, ele pergunta:

— Qual é o problema, Tracey? Tento parecer alegre.

— Nada. Porquê?

— Você está triste por causa de alguma coisa. Dá para ver.

— Não me surpreende. Nunca consigo esconder nada de você, Buckley. Você sempre me conheceu melhor do que eu mesma me conheço — digo, fingindo seriedade.

Ele dá risada. Então, diz:

— Sabe, parece mesmo que a gente já se conhece há bastante tempo. — Percebo que ele não está fazendo piada.

Também percebo que ele tem razão. Parece que somos velhos amigos. E seria ótimo ter um amigo como Buckley. Uma mulher que mora sozinha em Manhattan jamais pode ter amigos homens demais.

— E, a gente devia fazer isto de novo — digo a Buckley, quando o garçom traz as cervejas. — Adoro ir ao cinema em uma tarde chuvosa de fim de semana.

— Eu também. Quase tanto quanto adoro cerveja com batatinha com *cheddar* e *bacon*.

— Vamos brindar a isto.

— Saúde. — Ele ergue a garrafa dele e faz um brinde na minha.

Sorrimos um para o outro. Você já está sentindo o que vem por aí? Com o diabo, eu juro que não senti. Ele se inclina para a frente e me beija. Isso mesmo.

Buckley: o rapaz bacana, gentil nobre, *gay*; Buckley se inclina na minha direção e coloca a boca dele na minha de um jeito completamente heterossexual.

Fico estupefata demais para fazer algo que não seja o natural.

Quero dizer, corresponder ao beijo.

Só dura alguns segundos, mas é em câmera lenta para o que poderia ser um beijo amigável fechando um brinde amigável transformando-se em um beijo romântico. O tipo de beijo que é carinhoso e apaixonado mas não sentimental nem molhado. O tipo de beijo que a gente sente na boca do estômago, naquele lugar palpitante onde os primeiros indícios da excitação sempre aparecem.

Sim, fico excitada com o beijo. Excitada, e estupefata, e confusa.

Buckley para de me beijar (mas não porque sente alguma coisa errada). Ele simplesmente para quando termina. Afasta-se um pouco e olha para mim, com um sorrisinho no rosto.

— Mas... — Fico olhando para ele.

O sorriso desaparece.

— Sinto muito. — Ele olha em volta.

Somos as únicas pessoas ali, tirando o *barman*, que assiste a um jogo de beisebol dos Yankees na televisão em cima do balcão, e do garçom, que se enfiou na cozinha.

— Não foi bom? — Buckley quer saber. — Porque eu fiz sem pensar. Senti vontade de fazer, então fiz. — Ele parece um pouco preocupado, mas não em pânico.

Eu estou em pânico. — Mas...

— Sinto muito — ele volta a dizer, parecendo um tantinho menos confiante. — Não era minha intenção...

— Mas você *é gay!* — digo a ele, selecionando as palavras certas dentro de um turbilhão de pensamentos. Ele parece chocado.

— Eu sou gay?

Pelo menos, eu achei que eram as palavras certas.

— É, você *é gay*, sim — digo, naquele tom estridente e agudo que se usaria para discutir com uma morena que estivesse tentando convencê-la de que é loira.

— Isso é novidade para mim — diz ele, claramente surpreso.

Lá vai ele com aquela coisa de se fingir de sério. Mas, desta vez, não é engraçado.

— Pare já com isso, Buckley — digo. — Isso é sério.

— Isso *é* sério mesmo. Porque eu sempre achei que era heterossexual. Talvez tenha sido por isso que não deu certo com a minha namorada.

Ele está brincando de novo. Pelo menos no que diz respeito à última parte. Mas talvez não a respeito do resto. Confusa, digo: — Achei que era um namorado.

— Ele era uma namorada. *Ela* era uma namorada. — Ele vira a banqueta um pouco e apoia os cotovelos no bar atrás de si. Parece relaxado. E continua definitivamente surpreso.

Preciso relaxar. E preciso de uma bebida. Dou um gole na cerveja. — Tracey, juro que não sou gay. Engulo a cerveja.

— Por que eu marcaria um encontro com você se eu fosse *gay*? — ele quer saber.

Cuspo a cerveja e um pouco do líquido escorre pelo meu queixo. Enxugo com a manga e repito:

— Um *encontro*?

— Espere, você não achou que isto fosse um encontro? — pergunta ele, de sobrancelhas franzidas. — Achei que você tinha me convidado para sair.

— Quem sou eu, aquela atirada da Sadie Hawkins? Eu convidei você para assistir a um filme comigo. Não para um encontro. Eu queria que você saísse com o Raphael.

— Quem? — Ele olha em volta e então diz: — Ah, o Raphael. O cara da festa. Você queria que eu saísse com *ele*?

— Queria! Vocês formariam um casal perfeito — digo, em um tom daqueles de fofqueira experimentada mas acho que já está um pouco tarde para isso.

— Um casal perfeito. — Buckley assente com a cabeça. — Tirando a parte de eu não *ser gay*.

— Certo.— Estou totalmente passada com essa informação, agora que tenho certeza que ele não está tirando sarro da minha cara.

Tomo mais um gole enorme de cerveja, tentando digerir a bomba.

Fisicamente, ainda estou em êxtase por causa do beijo. Quero dizer, ele beija superbem. *Superbem*. E percebo quanto tempo faz que não sou beijada desta maneira. Will e eu nunca mais nos beijamos de verdade. Nós só transamos... e, como eu disse, nem isso acontece com muita frequência ultimamente, e, quando acontece, não tem beijos e é bem meia-boca.

Ai, caramba. Will.

— Eu tenho namorado — digo a Buckley, pousando a cerveja na bolacha de papel com um baque.

— Tem? Por que não me disse?

— Porque não pensei em dizer. Não me ocorreu que você achava que nós estávamos em um encontro.

Um encontro.

É incrível a maneira como a situação toda passou despercebida para mim, bem na minha cara. Acho que fiquei tão distraída com o que está acontecendo com Will que não prestei atenção suficiente no que

estava acontecendo com Buckley. Ou melhor, no que Buckley pensou que estava acontecendo.

Eu traí Will. Totalmente por acaso, mas, mesmo assim, é traição. E logo aqui, no próprio bairro dele, em um bar aonde às vezes vamos juntos. E se alguém tivesse me visto aqui com Buckley? Beijando Buckley?

Mais uma vez, examino o bar para me assegurar de que não tem mais ninguém ali além do *barman*, que não está prestando a mínima atenção em nós. O lugar realmente está deserto.

Então, ninguém me viu traindo Will.

Will nunca vai precisar saber.

Mesmo assim, estou horrorizada.

Olho para Buckley. Ele não parece horrorizado. Parece surpreso. E talvez um tanto decepcionado.

— Então, você tem namorado? — diz ele. — Quanto tempo?

Durante um segundo, não compreendo a pergunta. Durante um segundo, fico achando que ele quer saber quanto tempo mais eu acho que vou ter namorado. Fico arrepiada, achando que ele simplesmente está partindo do princípio de que eu e Will vamos terminar depois de passar o verão separados.

Então me lembro que ele não está sabendo disso. O que ele realmente quis dizer fica claro para mim, e eu o informo:

— Estou com Will há três anos.

— Tanto tempo assim? Então, é sério. Naturalmente, comento:

— Sim. Claro que sim. *Muito* sério. Bom, e é mesmo.

— Sabe do que mais? — Desço da minha banquetta. — Acabei de lembrar que tenho um compromisso.

— Mesmo?

Não. Mas estou me sentindo humilhada demais para ficar aqui com ele mais tempo. Além do mais, o beijo dele realmente me abalou.

Basicamente, o efeito foi me deixar toda acesa, e eu não posso andar por aí ficando toda acesa por causa de outros homens. Eu devo ficar com Will, e só com Will.

Pego minha capa de chuva e remexo a bolsa em busca de dinheiro. Jogo uma nota de 20 no balcão.

— Você vai mesmo embora? Assim desse jeito?

— É que... estou com pressa. Não acredito que me esqueci disso...

Isso significava Will.

— Bom, pelo menos me dê seu telefone. Podemos fazer alguma outra coisa juntos. Ter mais uma amiga mulher sempre é bom. — Ele pega um guardanapo e tira uma caneta do bolso.

Sim, ele tem uma *caneta* no bolso. Droga. Que conveniente para ele.

— Qual é seu telefone? — pergunta ele. Falo como uma metralhadora.

— Está anotado — diz ele, rabiscando no guardanapo. Não, não está anotado coisa nenhuma. Dei a ele o telefone dos meus avós com o código de área de Manhattan.

— Fique com isto aqui — diz ele, entregando a nota de 20 para mim. — Eu pago esta. Você nem vai comer as batatinhas.

— Tudo bem. Afinal de contas, não estou com tanta fome assim.

Ele continua segurando a nota de 20 com a mão estendida, e fico olhando para ela como se fosse algum tipo de inseto.

— Pegue — diz ele.

— Não, está tudo bem. Não posso deixar você pagar.

— Por que não? De verdade, não vou ficar achando que é um encontro se eu pagar — diz ele com um sorriso.

Agora chega. Estou caindo fora.

Ele enfia a nota de 20 no meu bolso e eu me dirijo à porta, correndo para a chuva com a capa aberta e o capuz abaixado.

Fico ensopada antes de chegar à esquina.

Meu primeiro instinto é correr direto para a casa de Will.

Se estivesse com a cabeça no lugar, eu faria uma pausa, refletiria e obedeceria ao meu segundo instinto, que é fugir para casa usando o metrô, tomar um banho e me enfiar na cama (ou melhor, no *futon*).

Em vez disso, sigo meu primeiro instinto.

Na recepção do prédio de Will, chamo o apartamento dele pelo interfone.

A voz de Nerissa faz-se ouvir pelo aparelho.

— Sou eu — digo. — Tracey.

— Oi, Tracey — diz a *Miss Britânica* com seu sotaque rebuscado. — Will não está.

Não está?

Mas ele tinha de estar. Empacotando as coisas dele. Bom, talvez ela esteja mentindo. Não, isso não faz sentido.

Talvez ele tenha precisado sair para comprar mais fita adesiva ou um pincel atômico novo.

— Sabe onde ele está? — pergunto.

— Não, não sei. Acabei de voltar do ensaio. Digo a ele que você passou aqui.

Nem me convida para subir e esperar até que ele chegue, reparo. Bom, o apartamento é minúsculo, e ela provavelmente não está a fim de fazer sala para mim até Will voltar de onde quer que esteja.

Mas, mesmo assim, tenho direito de ficar lá se estiver a fim de esperá-lo. Mais direito que ela, já que o nome de Will está no contrato de aluguel, penso irracionalmente.

— A gente se vê mais tarde, Tracey — diz ela, despreocupada. O sotaque dela é fortíssimo, pronuncia meu nome como "Traici-ii".

— Tudo bem. Valeu.

Volto para a chuva inclemente.

CAPÍTULO 6

— Você vem almoçar com a gente, Tracey? — pergunta

Brenda com seu sotaque carregado de Nova Jersey, deixando aparecer o cabelo comprido, encaracolado e tão cheio de *spray* que parece um capacete por cima da divisória do meu cubículo.

— Se vocês puderem esperar dois segundos para eu mandar um fax para o cliente para o Jake, eu vou — digo a ela, sem erguer os olhos da folha de rosto de fax que estou preenchendo. — Se não, podem ir e depois eu peço alguma coisa pelo telefone.

— A gente espera você, fofa. — A voz rouca de fumante de Yvonne avisa do outro lado da minha sala, pouco antes de eu ouvir o barulho revelador do *spray* contra mau hálito Binaca sendo acionado. Ela e minha avó são as duas únicas pessoas que já vi usando essa coisa.

Se bem que as duas devem ter a mesma idade, apesar de Yvonne parecer bem mais nova. Ela é alta e supermagra, com um cabelão cor de framboesa e batom combinando, que ela retoca religiosamente depois de cada jato de Binaca pós-cigarro. A fama de Yvonne, além de ser a secretária do chefe, o diretor do grupo Adrian Smedly, deve-se ao fato de ela ter sido uma Rockette, aquelas dançarinas do Radio City Music Hall. Ela gosta de contar histórias dos velhos tempos, mencionando nomes de celebridades de que, na maioria das vezes, eu nunca ouvi falar (pessoas que eram famosas nas décadas de 50 e 60).

Ela é o que meu pai descreveria como uma mulher de personalidade, e ela tomaria o comentário como elogio.

O que deveria ser uma simples transmissão de fax se transforma em uma experiência penosa que se arrasta. A única coisa que preciso fazer é mandar o memorando de Jake para o cliente, a McMurray-White, famosa empresa de produtos de higiene e saúde que fabrica o desodorante Blossom e o laxante Abate, entre vários outros produtos indispensáveis. Mas, por alguma razão, o fax fica emitindo um bipe com um código de erro irritante.

Eu detesto equipamentos de escritório. Sempre que chego perto do fax, da máquina de fotocópia ou da impressora a *laser*, a porcaria do negócio parece simplesmente perceber que não me sinto à vontade e trava.

Este não é um bom dia. De manhã, queimei a mão com a cafeteira da copa adjacente ao departamento das secretárias. E agorinha mesmo, quando estava indo ao banheiro, escorreguei em um azulejo molhado e caí de bunda no chão com tudo. Seria de se pensar que o acolchoamento extra que existe na região serviria para amenizar a queda, mas agora estou morrendo de dor.

Jake aparece atrás de mim na hora em que estou tentando enfiar o memorando na abertura apropriada pela quinquagésima vez.

— Algum problema, Tracey?

Viro para trás e vejo que ele traz estampado no rosto um sorrisinho sarcástico. A esta altura, já sei que não é nada pessoal. Que essa é a expressão normal de Jake, a não ser que o cliente esteja por perto. Mesmo. Independentemente das circunstâncias, Jake encontra um motivo para dar um sorrisinho sarcástico. Se eu digo que a mulher dele está no telefone, ele dá um sorrisinho sarcástico. Se digo que o representante da NBC cancelou a apresentação de amanhã, ele dá um sorrisinho sarcástico. Se digo a ele que a companhia de investimento de que ele é cliente mandou entregar algum documento, ele dá um sorrisinho sarcástico.

Para ser sincera, ele é o tipo de cara que eu consideraria o maior idiota se não fosse meu chefe. Ele fica babando em cima de mulheres quando elas não estão olhando, ri sempre que alguém faz alguma besteira sem querer e (estou começando a achar) trai a mulher, Laurie. Isso realmente me deixa louca. Estão casados há pouco mais de um ano, e eu nunca cheguei a ser apresentada a ela, mas é muito simpática sempre que nos falamos ao telefone. Às vezes, quando ela liga, Jake faz uma careta, revira os olhos e manda dizer que está em reunião. Eu sempre me sinto culpada quando faço isso, porque Laurie fica muito decepcionada e parece que nem desconfia que estou mentindo.

Ao mesmo tempo, ultimamente, por mais ocupado que possa estar, ele sempre atende os telefonemas de uma mulher chamada Monique. Supostamente, é amiga dele. Se quer saber minha opinião, homens casados não deviam ter amigas chamadas Monique. E algo me diz que Laurie não sabe da existência de Monique.

— Pode falar comigo quando terminar aí? — diz Jake, enquanto o aparelho de fax começa a apitar com o código de erro de novo e prende a primeira folha do memorando com força mortífera.

— Pode ser depois do almoço? — pergunto, puxando o papel em um esforço inútil para arrancá-lo do aparelho.

— É só um segundo — responde Jake. E completa: — Uau, tome cuidado, se não vai rasgar e você vai ter de imprimir de novo. —, antes de seguir pelo corredor de volta a sua sala espaçosa. Um momento depois, ouço a pancadinha reveladora de uma pequena bola de basquete Nerf batendo na parede atrás do aro que fica acima da mesa dele. Dá para imaginá-lo sentado ali, com seus sapatos pretos bem engraxados apoiados em cima da mesa, dando lances preguiçosos.

Não me entenda mal. Ele é um cara ocupado com um trabalho importante, e é ótimo no que faz. Mas quando não está em alguma reunião com figurões nem apresentando alguma ideia ou fazendo uma exposição, Jake gosta de relaxar e de se divertir. Ele come nos melhores restaurantes da cidade. Faz encomendas dos catálogos mais caros. Adora golfe e tênis: esportes de cavalheiros. Outro dia eu o ouvi ao telefone fazendo uma encomenda de equipamento de pesca na Orvis que custou mais do que eu ganho em um mês. Ultimamente, ele anda procurando um imóvel em Westchester para uma casa de campo e diz que precisa ter um lago ou um riacho particular para pescar.

— Ei, precisa de ajuda aí? — pergunta Latisha, de trás de mim.

Viro-me, exasperada.

— Obrigada. E vocês podem ir almoçar sem mim, porque Jake precisa falar comigo quando eu terminar aqui. Disse que só vai demorar um segundo, mas...

— Tudo bem, a gente espera — diz Latisha, apertando alguns botões no aparelho. O papel desliza para fora no mesmo momento. Pouco depois, o fax já está zunindo, e meu documento é enviado sem problema algum.

— Como foi que você fez isso? — pergunto. Ela dá de ombros.

— Sou secretária há muito mais tempo que você, Tracey. Secretária. Detesto isto.

Certo, é o que eu sou. Mas não é o que eu queria ser, e não é o que planejo ser por muito tempo. Mas há uma parte de mim que está convencida de que é melhor ser secretária em Manhattan do que qualquer coisa em Brookside, e fico repetindo para mim mesma que é só uma questão de tempo até eu achar algo melhor para fazer. Mas, por enquanto, estou encalhada aqui na agência de publicidade Blaire Barnett, trabalhando para Jake.

Sorrio para Latisha.

— Obrigada pela ajuda.

— Sem problema. — Ela sacode o indicador esticado para mim, com aquele trejeito de quem está dando uma ordem. — Agora, vá até a sala de Jake e veja o que aquele pé no saco quer para poder vir almoçar com a gente. Escolhemos mexicano hoje. *Tortillas. Guacamole. Margaritas.*

Fico animada.

— *Margaritas?* No almoço?

— Caramba, hoje é sexta.

É, é sexta. Will vai viajar em menos de 48 horas. No domingo, neste horário, ele vai estar em um trem a caminho de algum lugar ao norte de Albany.

— Eu realmente estou precisando de um drinque — digo a Latisha. — Bem forte.

— Nem me diga. Caso não tenha notado, meus garotos estão totalmente em baixa.

Os garotos dela são o time de beisebol New York Yankees. Ela é fanática por eles. O cubículo dela é todo decorado com coisas do time. O ponto alto da vida dela, segundo Latisha e todo mundo que a conhece, aconteceu há alguns anos, quando a chefe dela, Rita, lhe deu dois ingressos de camarote para um jogo da World Series no último minuto. Eu conheço Rita, que é a segunda na hierarquia no nosso grupo de contas, e não tem como ela ter feito isso por bondade. De acordo com Brenda, naquela noite um tufão praticamente tinha se abatido sobre a cidade, e os assentos eram sem cobertura, e Rita estava com alguma indisposição estomacal. Se não fosse assim, Latisha jamais teria ganhado as entradas.

Mas acontece que ela ganhou, e dividiu o camarote com o prefeito e dois integrantes do Backstreet Boys. Ela pegou autógrafos deles para a filha, Keera, que na época tinha dez anos. Só pegou autógrafos dos Backstreet Boys, não do prefeito.

— Vai ao jogo hoje à noite? — pergunto a Latisha. — Quem sabe você dá sorte ao time.

— Bem que eu queria ir. Mas vão jogar em Seattle.

— Ah. — Droga! Acabei de cortar o dedo na beirada do memorando de Jake. Enfio o dedo na boca e sinto gosto de sangue. Que maravilha.

Ignorando meu mais novo ferimento causado pelo trabalho, Latisha prossegue:

— Mas eu e o Anton estaremos na arquibancada no domingo à tarde, quando o time volta a jogar em casa.

Anton é o namorado de Latisha. Só o vi uma vez e ele pareceu legal, mas, pelo que ouvi das bocas de Brenda e de Yvonne, ele tem a palavra *cafajeste* escrita na testa. Obviamente, é um relacionamento fadado a dar errado, mas Latisha parece não se importar com o fato de não chegar a lugar algum com ele. Diz que vai cair fora quando algo melhor aparecer, e, até agora, não apareceu.

— Eu sei onde vou estar no domingo à tarde — digo a ela.

— Chorando na minha cama.

— Por causa da viagem de Will? — Ela sacode a cabeça.

— Ele volta daqui a alguns meses, certo?

— E. — Ajeito as folhas do memorando que foram passadas por fax e pego o papel de confirmação que o aparelho acabou de emitir. — Mas muita coisa pode acontecer em alguns meses, Latisha.

— Se você está assim tão preocupada, garota, precisa embarcar naquele trem com ele.

Nunca contei a ela que tentei tocar exatamente nesse assunto com Will há algumas semanas, e que ele ficou tão passado que me evitou durante alguns dias depois do ocorrido. Disse simplesmente que estava ocupado empacotando as coisas para levar, mas não pode ser muito complicado jogar algumas camisetas e calções dentro de umas caixas e despachar para o interior do estado.

— Não posso ir com ele, Latisha — digo agora, como se fosse a coisa mais absurda que eu já escutei. — Quero dizer, o que você acha que devo fazer? Simplesmente largar minha vida durante todo o verão?

— É o que eu faria se algum dia Anton tentasse viajar para longe sem mim.

— E Keera?

— Eu a levaria comigo — responde Latisha. — Seria bom para ela ficar um pouco longe dos amigos da rua. Não estou gostando nada das coisas que ando ouvindo sair da boca deles. Não confio em nenhum deles, e não quero que aconteça com ela a mesma coisa que aconteceu com minha irmã Je'Naye.

Certo, meus problemas não são nada perto dos de Latisha. Ela é mãe solteira, tentando criar a filha adolescente em um bairro decadente onde a irmã adolescente foi baleada quando alguém passou atirando de dentro de um carro durante um ataque relacionado a drogas há alguns anos.

Suspiro.

— Nós duas estamos precisando de uma *margarita*, Latisha. Talvez umas duas *margaritas*. Deixe eu ir ver o que Jake quer e já me encontro

com vocês lá embaixo.

— Combinado. — Ela segue pelo corredor, sacudindo a bunda com seu jeito de andar único. Ela se veste como alguém que tem o corpo de Jennifer Lopez. Ela é mais baixa e mais pesada que eu, mas nunca usa batas pretas. Hoje, está com uma blusa vermelha de gola em V decotada enfiada em uma saia bege apertada ao redor do quadril e das coxas.

Vejo Myron, o rapaz que cuida da correspondência, ficar olhando quando ela passa.

— Hmmm-hmmm — diz ele, sacudindo a cabeça. Para de empurrar o carrinho cheio de pacotes e vira a cabeça para continuar a admirá-la. — Droga!

— Calma aí, Myron — diz ela olhando para trás, mas sei que adora.

— Moça, você está ótima.

— Hmmm-hmmm, e até parece que eu não sei — responde Latisha, toda contente.

Eu gostaria de ter a metade da autoconfiança dela. Mas, de algum modo, acho que, se eu colocasse a roupa justa que Latisha está usando, Myron daria uma olhada e sairia correndo para se esconder.

Viro no corredor que dá na sala de Jake. Obviamente, lá está ele, esparramado por cima da mesa, fazendo mira na cesta de basquete elevada. O lugar é grande o suficiente para abrigar um sofá, duas cadeiras e quatro janelas grandes que dão vista para a rua 42. Meu cubículo mal tem lugar para minha mesa, minha cadeira, meu computador e um porta-retrato com uma foto 20 x 25 do rosto de Will (daquelas que ele manda para diretores de elenco).

— E aí, Tracey? *Yes!!!!*—Jake ergue os braços todo contente quando a bola atravessa o aro.

— Você queria falar comigo antes do almoço — lembro a ele.

— Certo. Duas coisas.

— Precisa que eu anote?

— Não. — Ele se apruma na cadeira e faz um gesto para que eu me sente na frente dele.

É o que faço, olhando para a foto do casamento dele com Laurie. Se quer saber minha opinião, ela é muito mais bonita que ele. É uma morena bonita, magra e sofisticada. Ele é daquele tipo *playboy* de rosto redondo e cabelos avermelhados, e as bochechas dele ainda carregam indícios do que deve ter sido um caso bem complicado de acne há algumas décadas. Não que visual seja tudo, mas não posso deixar de ficar imaginando por que Laurie se casou com ele.

Mas, bom, ele sabe ser charmoso quando quer. E é rico. Rico de verdade. Parece que, há alguns anos, recebeu uma dica quente de investimento em ações, aplicou cada centavo que tinha e acabou valendo muitíssimo a pena. Agora ele e Laurie moram em um apartamento bem grande em um daqueles prédios bacanas com porteiro, na parte leste da cidade, nos arredores da rua 50, perto de Sutton Place e, como eu já disse, estão procurando uma casa de fim de semana para comprar em Westchester.

Fico me perguntando se ela é feliz. Laurie.

Fico me perguntando quanto tempo o casamento deles vai durar.

Meu estômago ronca, e fico pensando se vou pedir o creme azedo *light* e o *cheddar light* na minha *quesadilla*, ou se vou comer tudo com gordura mesmo.

— Primeiro, preciso que você descubra o que eu tenho de fazer para me livrar de pagar esta multa por estacionar em local proibido — diz Jake, passando o papel para mim por cima da mesa.

— Por quê ? — pergunto, dando uma olhada na multa. — Foi algum engano? Você não tinha estacionado em local proibido?

— Não, tinha sim — responde ele. — Mas não tinha nenhuma vaga nos locais permitidos. E ninguém paga essas coisas. Dê alguns telefonemas, pergunte por aí e descubra o que eu preciso fazer para alegar que sou inocente, ou sei lá o quê, e me dê retorno.

— Claro. — Acho que ele não vai ganhar nenhum troféu de Cidadão Exemplar no futuro próximo.

— A outra coisa é que...— Ele limpa a garganta, como se fosse dizer algo realmente importante.

Ai, que merda, e agora, do que é que eu vou ser cúmplice ? Daqui a pouco vou ter de ser incluída em um programa de proteção à testemunha, e Will nunca mais vai me achar.

— Como estão seus dotes criativos, Tracey?

— Dotes criativos? — Fico estudando-o com cautela, imaginando por que ele está perguntando. Será que quer que eu apresente uma maneira criativa para ele se livrar de um cadáver?

— Depende do que você quer dizer com dotes criativos — respondo.

— Bom, certo, se você estiver interessada, posso passar um projetinho divertido para você. A McMurray-White vai lançar um produto novo, e ele precisa de um nome. Até agora, nada que apresentaram funciona, e por isso querem que a nossa equipe de criação cuide do assunto. Pediram ajuda para darmos ideias. Mas, antes que eu prossiga, preciso dizer que é confidencial.

— Com certeza — respondo, a cabeça em um turbilhão. Isto é muito mais interessante do que minhas tarefas de sempre, como lutar contra equipamento de escritório que não funciona direito e marcar hora com o *personal trainer* dele. E a vantagem extra: é totalmente dentro da lei.

— Estamos falando de um desodorante *roll-on* revolucionário que dura a semana toda. — diz Jake, inclinando-se para a frente.

—A semana inteira? E funciona?

— Supostamente. Veja o que consegue inventar, certo? Mas lembre. É confidencial.

— Claro. — Isso quase compensa o negócio da multa por estacionar em local proibido. Espere só até todo mundo ficar sabendo disso na minha casa. Certo, talvez dar o nome para um desodorante novo não seja exatamente a maneira como eu sonho alcançar a fama, mas com certeza é algo mais glamouroso que qualquer coisa que se possa fazer em Brookside.

— É só isso — diz Jake, pegando a bola de basquete e fazendo mira de novo.

— Posso ir?

— A gente se fala — diz ele, e lança a bola. — *Yes!* — sibila, ao fazer mais uma cesta.

Já estou com o pé para fora da porta.

Latisha, Brenda e Yvonne estão me esperando na frente do prédio, fumando. E não são as únicas: a entrada está atulhada de fumantes de colarinho branco refugiados dos escritórios acima onde é proibido fumar. Yvonne não cansa de falar dos bons e velhos tempos; quando era permitido ter um cinzeiro na mesa e fumar o quanto quisesse, antes de a militância não fumante intervir.

— Já estava na hora — diz Brenda, jogando a ponta do cigarro e amassando com o bico impossivelmente comprido de seu *escarpin* branco impossivelmente alto.

— Desculpem. Eu estava falando com Jake. — Acendo um Salem e trago fundo enquanto caminhamos rua abaixo.

— O que ele queria? — pergunta Latisha. — Precisa que você passe na lavanderia para pegar as roupas dele de novo?

— Não, desta vez, não. — Reflito um momento se devo contar a elas a respeito da multa por estacionamento em local proibido e chego à conclusão que não.

Latisha e Yvonne vivem me dizendo que eu preciso enfrentar Jake quando ele ultrapassa os limites da relação chefe/funcionária. Brenda, que é do tipo mais pacato, geralmente não se mete na conversa.

O negócio é que, na maior parte do tempo, eu não me importo de fazer coisas pessoais para Jake.

Certo, eu me importo sim. Mas não o suficiente para confrontá-lo.

— Então, Will vai viajar neste fim de semana, hein? — pergunta Brenda de um jeito que deixa claro que as três estavam discutindo a situação antes de eu chegar.

— E, ele vai cair fora — digo em tom despreocupado, cuidando para não queimar com o cigarro uma babá que passa empurrando um carrinho e em quem eu esbarro no meio da multidão que usa a calçada.

Caramba, o lugar está lotado (pululando de turistas empapados de suor, apesar de junho mal ter começado). Penso a respeito dos longos meses à frente e resolvo que preferiria passar o verão praticamente em qualquer lugar que não fosse aqui. Nem Brookside me parece ruim a esta altura.

— Vai sair com outras pessoas enquanto vocês estiverem separados? — quer saber Latisha.

— Caramba, não!

Mas preciso confessar que o rosto de Buckley aparece na minha mente.

— O Will vai ficar com outras pessoas? — Não!

— Tem certeza?

— Tenho! Que coisa.

Latisha não diz nada, mas vejo os olhares que ela lança para as outras. Aperto os olhos para examiná-la melhor quando paramos em um sinal de pedestres fechado em uma esquina.

— Por quê, você não acha que ele vai ser fiel?

— Mostre um homem fiel para mim e eu mostro um eunuco para você — anuncia Yvonne, três vezes divorciada.

— Isso é ridículo — digo a ela. — Nem todos os homens traem. Meu pai não trai minha mãe.

— Como é que você sabe, fofa?

— Eu simplesmente sei. — E pode acreditar, sei mesmo. Meu pai continua louquinho pela minha mãe, mesmo depois de mais de 30 anos de casamento. Não me pergunte por quê. Às vezes, parece que a única coisa que ela faz é incomodá-lo. E, como já mencionei antes, ela é gorda, tem bigode e gosta de usar calça fuso, mas, apesar disso tudo, ele só a chama de Bella (que é "bonita" em italiano). O que prova que o amor é cego. O que explica muita coisa (incluindo o fato de Will ainda estar comigo).

— Ela está certa — diz Brenda. — O Paulie não trai.

Paulie é o namorado dela, e eles estão juntos desde o penúltimo ano de escola. Estão noivos desde o verão anterior ao início das aulas na mesma faculdade pública para que foram e agora, três anos depois, o grande evento está marcado para julho. Vai acontecer em um enorme salão de festas em Nova Jersey, e fomos todas convidadas, com acompanhante.

Quando recebi o convite, há algumas semanas, a primeira coisa que me veio à cabeça foi a gentileza de Brenda por me adicionar à lista de convidados, apesar de só nos conhecermos há alguns meses.

A segunda coisa que pensei (e devo dizer que foi uma idiotice completa) foi que Will poderia vir para a cidade para me acompanhar.

Naturalmente, ele disse que não poderia sair do teatro, principalmente em um fim de semana.

Vou levar Raphael no lugar dele. Eu poderia ir sozinha, mas Latisha vai com Anton e Yvonne vai com Thor, seu amigo por correspondência sueco. Eles se escrevem desde crianças, e finalmente vão se conhecer pessoalmente quando ele vier passar férias em Nova York no mês que vem.

Anton, o cafajeste local; Thor, o correspondente estrangeiro que, sabe-se, fala cinco línguas, sendo que nenhuma delas é inglês; e Raphael, a resposta homossexual às lindas de Baywatch, só que ainda mais vagabundo.

Realmente, é um trio dinâmico para se amar.

— Claro que Paulie não trai — diz Latisha a Brenda em tom quase sincero e reconfortante. — Nem todo mundo trai... Mas eu é que não ia apostar minha vida na fidelidade de Anton. Mas Yvonne tem razão... tem muito homem em que não dá para confiar. E talvez Tracey não devesse ficar sentada rodando os polegares enquanto Will está viajando.

— Eu não vou ficar rodando os polegares — reclamo.

— Não? Então o que você vai fazer? — pergunta Yvonne.

— Vou me aprimorar.

Confesso: até este segundo, não tinha pensado muito no assunto. Mas no momento em que as palavras saem da minha boca, chego à conclusão de que é a melhor ideia que eu já tive. Vou passar o verão em um regime de autoaprimoramento.

— Vai se aprimorar? — repete Yvonne. — De que jeito, fofa?

— Em todos os aspectos. Vou perder peso. Muito peso. Preciso entrar em forma. E vou guardar dinheiro... talvez arrume um emprego paralelo. Vou ter mais tempo livre sem Will aqui.

— Um emprego paralelo? Como o quê?

— Não sei... passear com cachorros. Ou cuidar de crianças. E finalmente vou me organizar, jogar fora tudo que está em excesso. E... e vou ler literatura clássica... — Não consigo mais parar. Convicção instantânea.

— Que bom para você, amiga — diz Latisha, e ergue a mão para fazer um "toca aqui" com a minha mão que não segura o cigarro.

— É, vou fazer tudo que sempre disse que precisava fazer. Menos parar de fumar — completo apressada. Se eu parar de fumar, meu peso vai dobrar na primeira semana. Mas as outras coisas...

Eu consigo fazer.

Sei que consigo.

Pela primeira vez em semanas eu me vejo quase ansiosa pelos meses seguintes. Vou me reinventar. Quando Will voltar, nem vai reconhecer a nova eu. Vou ficar mais magra que as garotas de *Friends*. Mais magra que Lara Flynn Boyle.

Certo, talvez não tão magra assim. Mas vou ficar bem. Bem demais. Vou até ter um guarda-roupa completamente novo e um corte de cabelo chique.

Will, é claro, vai ficar totalmente siderado pela nova Tracey. Antes mesmo de perceber, nós já vamos estar morando juntos. E daí vamos nos casar...

Mas não vou fazer isso só por causa de Will, lembro a mim mesma ao entrarmos no restaurante mexicano com ar-condicionado e

iluminação fraca.

Vou fazer isso por mim. Para me sentir bem comigo mesma para variar.

Se isso fizer com que eu fique irresistível para Will, observo para o meu lado obcecado por ele, é só um benefício a mais.

Afinal de contas, a gente nunca deve mudar só por causa de um cara (sei disso graças aos conselhos da coluna "Querida Abby", aos inúmeros artigos de revista que li com o passar dos anos e a Andréa Antonowski, minha melhor amiga de infância, cujas palavras eu levo ao pé da letra, já que ela nunca ficou sem namorado desde a sexta série e agora está noiva e logo vai se casar).

Em uma relação saudável, as pessoas se amam e se aceitam do jeitinho que são.

E é isso que Will e eu temos, lembro a mim mesma.

Se não, não estaríamos mais juntos. Claro que ele me aceita como eu sou. Acho que sou eu que não me aceito. Quero ser melhor em todos os aspectos.

Certo, o principal é que quero ficar *mais bonita*. Se eu conseguir guardar algum dinheiro, organizar meu armário e ler alguns clássicos no caminho, maravilha. Mas meu objetivo principal para o verão é perder peso.

Então, qual é o problema?

— Você devia tentar a dieta da sopa de repolho — diz Brenda. — Uma das minhas madrinhas vai me dar a receita, para eu conseguir perder três quilos antes do casamento.

— Preciso perder dez vezes isso — digo a ela, espremendo-me entre o balcão da recepcionista e um grupo de executivos japoneses à espera de uma mesa.

Brenda não diz nada em resposta, mas percebo que gostaria que ela falasse algo. Sabe como é, que ela (ou Latisha, ou Yvonne) dissesse algo do tipo: "Ah, não seja ridícula, você não está tão acima do peso assim."

Mesmo que não seja verdade.

Tento não me sentir magoada. Afinal de contas, será que desejo mesmo que minhas amigas mintam para que eu me sinta melhor?

Talvez.

— Você devia fazer a dieta das proteínas — diz Latisha. — Você gosta de *bacon* e de bife, certo?

— Quem não gosta?

— Essas dietas não funcionam — se intromete Yvonne, abanando as garras pintadas para deixar bem clara sua opinião. — Você precisa fazer exercício. Esse é o segredo. Começar a fazer ginástica todos os dias. Entrar em uma academia. Arrumar um *personal trainer*.

— Ou entrar para os Vigilantes do Peso — recomenda

Latisha.

— *Personal trainer*? Vigilantes do Peso? Quem sou eu, a duquesa de York? Estou dura, garotas, lembram? Não tenho como pagar para perder peso.

— O Vigilantes do Peso é barato.

— Bom, não custa nada passar fome — diz Brenda. — Até você ir parar na ala das anoréxicas de algum hospital.

Penso em Sofia, minha amiga da faculdade (aquela que me ensinou a fumar para perder peso). Obviamente, deu certo para ela, já que foi mandada para a clínica Cleveland algumas vezes. Eu, por minha vez, estou aqui, três anos depois, com um vício de um maço por dia e mais pneuzinhos que nunca.

— Não dê risada. Conheço uma pessoa que terminou assim — diz Latisha a ela. — Uma das antigas amigas da Je'Naye, de antes de ela se meter com a turma da pesada. Não dá para acreditar que eu costumava me preocupar com o fato de *ela* ser má influência para a minha irmã com tanta dieta. Aquilo não era nada, comparado com... Bom, mas da última vez que tive notícias, a Charmaine estava no hospital de novo. — Ela sacode a cabeça, mas sua expressão assume aquele olhar distante que sempre aparece quando fala da irmã morta.

Nenhuma de nós sabe o que dizer, e um longo momento de silêncio se instala.

Então, Brenda prossegue:

— Mas, bom, Tracey, repolho é barato. Vou arrumar uma cópia dessa dieta para você. Quando vai começar?

— No segundo em que o Will entrar no trem — respondo. — Quando vocês me virem na segunda, estarei no caminho de me transformar em uma nova pessoa.

— Quantos lugares? — a recepcionista interrompe, materializando-se na nossa frente, depois de acomodar o grupo de executivos.

— Quatro — dizemos em uníssono.

Quando ela nos conduz à mesa, decido que vou pedir o creme azedo e o *cheddar* com gordura. Tipo um último sopro antes de despertar a Calista Flockhart que existe dentro de mim.

Eu sei o que você está pensando.

E confesso que esta não é a primeira vez que faço grandes planos de perder peso. Mas, desta vez, vai dar certo. Eu vou conseguir, mesmo que morra para isso.

E não só com a dieta. Em relação a tudo. Uma reconfiguração total da minha vida. Começando no domingo.

A única coisa que preciso fazer de agora até lá é me preparar psicologicamente.

Ah, sim.

E me despedir de Will.

CAPÍTULO 7

Acho que vai ser mais fácil se as nossas últimas 24 horas juntos forem péssimas.

Sabe como é, se passarmos o tempo todo discutindo ou irritando um ao outro ou simplesmente entediados à morte.

Mas não é assim que acontece.

As coisas com Will estão melhores neste fim de semana do que jamais estiveram (ou, pelo menos, como há muito tempo não estão). Desde o início.

Um fato que contribui muito para isso é Nerissa estar viajando com Broderick, porque está calor e úmido e eu não tenho ar-condicionado em casa. Pudemos ficar no apartamento de Will sozinhos.

Não que tenhamos passado muito tempo por lá.

Na sexta à noite, ele me surpreendeu com entradas para ver *Rent* na Broadway. Ele já assistiu ao musical algumas vezes, mas eu nunca vi. Conheço todas as músicas porque Will tem o CD, e sempre quis ir.. provavelmente porque consigo me identificar com as letras e com os personagens principais, um monte de nova-iorquinos duros que tentam ganhar dinheiro e pagar o aluguel em apartamentos péssimos no sul de Manhattan.

Pelo menos não sou HIV positiva, como a maior parte dos personagens. Infelizmente, consigo me identificar com as mazelas deles em quase todos os outros aspectos, apesar de não estar propensa a explosões musicais cheias de raiva quando as coisas não dão muito certo.

Depois do espetáculo, Will me levou para jantar em um cabaré onde alguns amigos dele se apresentam. Nenhum conhecido dele compareceu ao microfone naquela noite, mas não fez mal. Só estávamos meio escutando a música. Passamos quase o tempo todo conversando.

Não tenho muita certeza sobre o que falamos, mas demos muita risada e bebemos muito vinho.

Então voltamos para a casa dele, onde nossa transa foi ótima pela primeira vez em meses. Talvez tenha sido todo o vinho que tomamos, ou talvez o fato de saber que não vamos ficar juntos durante várias semanas.

Hoje de manhã, quando acordamos, saímos para comer *bagels* e depois passamos o dia todo passeando pelo Soho, onde Will comprou um par de brincos legais para mim e eu comprei para ele um retrato de madeira entalhada. De brincadeira, disse que ele podia colocar uma foto minha e levar consigo no trem, mas, quando chegamos em casa, foi exatamente o que ele fez. Encontrou uma foto que não estava muito horrível (uma aprovada por mim) e colocou o retrato na bolsa de mão.

Agora, sentados aqui bebendo *pinot grigio* depois de ter pedido comida chinesa, eu me vejo imaginando por que estava tão preocupada com o fato de ele viajar. Ele de fato parece estar preferindo não viajar, e disse mais de uma vez que vai ficar com saudade de mim.

— Então, o tempo provavelmente vai voar — digo, esperançosa, recostando-me na cama dele. Estamos sentados no chão, as caixinhas de comida de papelão plastificado branco ainda espalhadas ao redor. Um CD *de jazz* toca ao fundo.

— São três meses — diz ele, e não dá para saber se ele está concordando com o que eu disse ou discordando.

— Pense sobre como três meses não são muito tempo na verdade — digo. — Quero dizer, há três meses, eu ainda estava fazendo serviços temporários. Agora, estou trabalhando na Blaire Barnett... Espere, acho que isso não serve para comprovar o que quero dizer, porque parece que eu sempre trabalhei lá.

Will sorri.

— Certo, e que tal isto ? Há três meses eu peguei aquela infecção estomacal terrível e você levou água com gás e bolacha de água e sal para mim. Não parece que faz tanto tempo assim, parece?

Na verdade, parece que foi há séculos. E eu nunca devia ter ido dar uma de voluntária benevolente, igual a Clara Barton, da época da guerra civil, porque comecei a passar mal e vomitei no metrô (experiência que não recomendo mesmo, porque ninguém me ajudou e um grupo de adolescentes até riu da minha cara).

— Tenho uma melhor — digo, afastando a lembrança desagradável. — Faz uns três meses que fez um dia de muito calor e nós dois não precisamos trabalhar e fomos ao zoológico do Central Park de impulso. Lembra?

— Faz três meses? — pergunta ele, acomodando-se de modo a encostar o ombro no meu e esticar as pernas ao lado das minhas. — Achei que tinha sido em maio.

— Não, foi em março. Lembra? — Passo uma perna por cima das pernas dele, confiante porque não tem pelo crescendo. Raspei hoje de manhã, agora que estamos de novo na época de usar *shorts*. Estou usando uma calça *jeans* preta cortada, com pernas compridas o suficiente para esconder todas as partes molengas e cobertas de celulite das minhas coxas. Minha pele é de um branco puro, e dá para ver pontinhos nas minhas canelas, onde estão os folículos, apesar de eu estar completamente raspada. Tem também algumas marcas roxas e azuladas. Uma graça.

Espero que quando Will retorne, além de ter perdido entre 15 e 20 quilos, eu esteja bronzeada (não me pergunte como). Talvez eu possa tomar sol na laje do meu prédio ou algo assim. Talvez eu até depile as pernas para que fiquem com aparência mais suave.

Will está refletindo sobre aquele dia no zoológico.

— Talvez tenha sido em abril...

— Pode confiar em mim, foi em março. Essa foi a parte mais legal: foi uma semana antes do 17 de março, Dia de São Patrício, e estava fazendo mais de 25 graus e tinha sol. E nós dois tivemos de comprar óculos escuros daquele cara que estava vendendo alguns na rua, e ele jurou que eram Ray-Bans de verdade.

— Ah, é mesmo. Os meus se desintegraram uma hora depois — diz Will, sacudindo a cabeça.

— Aquele dia foi mesmo muito divertido, Will. — Uh-hum.

A voz dele está distante, e fico imaginando se ele está se lembrando daquele dia ou pensando no futuro imediato sem mim.

Na mesma hora volto a ficar muito deprimida com a partida dele.

Porque, independentemente do ângulo que se examine, três meses é muito tempo.

É uma estação inteira.

Um quarto de ano.

Muita coisa pode acontecer em três meses... e não necessariamente só coisas boas.

— Eu queria que você não precisasse viajar — digo, olhando nos olhos dele. O rosto dele está bem pertinho do meu, e sinto o cheiro da colônia dele.

— Mas eu preciso ir mesmo. — Ele tira alguns fios de cabelo da minha bochecha.— E volto logo no começo de setembro.

— Certo. E eu vou visitar você lá.

— Certo.

Só que ele não parece assim tão entusiasmado.

Sinto um calafrio de pânico. Ir visitá-lo é algo sobre o que conversamos superficialmente, mas não fizemos nenhum plano definitivo. Agora percebo que talvez tenha sido eu que sempre toquei no assunto. Pensando melhor, acho que ele nunca me disse que está ansioso para que eu vá visitá-lo, não me lembro de nenhuma vez.

— Eu só vou depois que você já estiver ambientado — digo, imaginando se ele acha que eu vou no fim de semana que vem ou algo assim.

— Certo.

— Will, tudo bem eu ir visitar você, não é? — pergunto, observando-o. — Porque eu queria mesmo ver você se apresentar...

E preciso mesmo ir lá para me assegurar de que você ainda me ama.

— Tudo bem — diz ele. — Mas só para você saber... Quero dizer, eu recebi as regras da casa do elenco em um pacote do teatro nesta semana, e não podemos ter nenhum convidado para passar a noite lá.

— Não podem convidar ninguém para passar a noite lá? — repito, incrédula, achando que parece alguma casa de irmandade dos anos 40. — Mas achei que a casa do elenco fosse um prédio normal.

— E é. Mas também está superlotada. Não tem lugar para hóspedes. Além do mais, acho que querem que nos concentremos na atuação, e convidados para passar a noite seriam uma distração.

— Ah.

— Então, você pode ir me visitar no fim de semana, mas... Olhe, há vários lugares legais lá. Hoteizinhos e pousadas...

— Isso seria legal. — Fico alegre de pensar em Will e eu passando um fim de semana aconchegante em uma romântica pousada de interior. — Talvez, quando você tiver um tempo livre, possa procurar um lugar para a gente ficar quando eu for.

— Na verdade...

Ai, caramba, lavem aquele olhar de hesitação de novo. O que é agora?

— Tenho de ficar na casa do elenco, Tracey. Essa é outra regra. Durante a temporada, os atores não têm permissão para passar a noite fora, a menos que haja algum tipo de emergência.

— Uau. Então, alguém lê histórias de dormir para vocês e depois arruma as cobertas?

Ele abre um sorriso.

Não estou exatamente brincando.

— Parece mais um campo de concentração do que um emprego de verão, Will.

— E importante ter autodisciplina para vencer neste ramo, Tracey. Essa experiência vai me ensinar muita coisa e vai me ajudar a ter certeza de que sou capaz. Isso tudo é muito sério para mim. Sempre foi. Eu quero vencer. Quero isso mais que qualquer outra coisa que já desejei na vida.

O que ele não diz (e não precisa dizer) é que ele quer mais isso do que a mim.

Esta revelação sem palavras não devia ser surpresa para mim, mas, de algum modo, é. De algum modo, talvez eu pensasse que, se ele precisasse escolher, escolheria a mim.

O negócio é que ele não deveria precisar escolher. E ele não precisa escolher.

Mas acho que ele escolheu.

— Will, tudo bem — digo, tentando colocar de lado minha mágoa para não estragar nossa última noite juntos. — Eu vou até lá e encontro um lugar simpático para ficar. Talvez eles permitam visitas conjugais — brinco.

Ele se inclina e me beija.

— Até onde eu me lembro, não tinha nada contra isso nas regras.

É um beijo rápido e simpático. Não um beijo apaixonado. Não o tipo de beijo que tem intenção de levar a algo mais.

Não como o famoso beijo de Buckley.

Só pensar nisso já faz com que a culpa tome conta de mim. Já faz algumas semanas, mas eu continuo pensando com regularidade em como foi exatamente ganhar um beijo de maneira tão inesperada (e tão completa) de uma pessoa praticamente desconhecida.

Não contei isso a ninguém, nem a Raphael. Principalmente não a Raphael.

A única coisa que eu disse a ele, quando me ligou na noite daquele domingo com um "E aí?" cheio de expectativa, foi que nós dois estávamos errados, e que Buckley era heterossexual.

Naturalmente, Raphael não acredita. Para ele, todo cara com aparência decente, bem vestido e com algum emprego remotamente criativo em Nova York *é gay*.

— O Buckley pode até achar que é hetero — disse ele —, mas vai acordar uma manhã destas, Tracey, vai descobrir que o armário é claustrofóbico e vai resolver sair dele, finalmente. Quando isso acontecer, estarei esperando, de braços abertos.

Assim é Raphael: otimista em excesso.

Enquanto isso, sou consumida pelo pessimismo (o que, por acaso, é uma característica nítida da família Spadolini) e fico desejando que Will me jogue na cama e me faça feliz.

Ele parece se contentar apenas em colocar um braço afetuoso no meu ombro e dizer:

— Aliás, antes que eu me esqueça, eu disse ao Milos para ligar para você caso precise de ajuda extra durante o verão. Não sou o único que vai abandoná-lo durante a temporada de verão.

— Você disse? Obrigada. Eu estava mesmo pensando em arrumar algum trabalho paralelo. Preciso ganhar algum dinheiro extra.

— Você está com sorte. Ele paga bem, e as gorjetas são ótimas. E eu disse a ele que você tem experiência como garçonete.

— É, se for possível considerar uma temporada de férias de verão da escola trabalhando no Applebee's como experiência adequada para uma empresa de bufê de Manhattan que só serve os ricos e famosos.

— Não se sinta intimidada. Nem todos os clientes do Milos são ricos e famosos, Trace.

— Ah, fala sério, Will. Podem não ser famosos, mas não são exatamente da classe média. Ele cobra mais por algumas dúzias de miniquiches aperitivo do que eu costumava ganhar em um dia inteiro de trabalho temporário.

— Verdade. E é por isso que você deve ajudá-lo se ele ligar.

— Pode deixar.

Vai ser bom ganhar um pouco de dinheiro além do meu parco salário. Ainda não contei a Will sobre o plano de aprimoramento pessoal que estou lançando. Resolvi surpreendê-lo com a nova versão de mim mesma quando ele voltar em setembro.

Will boceja.

— Que horas são? Confiro o relógio.

— Quase 11.

— A gente precisa ir para a cama. Preciso acordar às cinco e meia.

Estou temendo por isto: despedir-me dele à luz fria e cruel do amanhecer. Temos menos de oito horas restantes juntos, e ele aparentemente pretende passar a maior parte delas dormindo.

— Olhe, detesto ter de fazer você acordar assim tão cedo — diz ele. — Pode ficar na cama depois que eu for embora. Quando sair, é só trancar tudo e deixar a chave sobressalente lá embaixo, com James.

Isso me pega desprevenida.

Ele quer que eu deixe a chave com o porteiro... durante todo o verão?

— Acha que é uma boa ideia? — pergunto. — Quero dizer, não acha que eu devo ficar com a chave? Parece mais seguro...

— Não, James entrega para Nerissa quando ela voltar amanhã — diz ele, desenroscando as pernas das minhas e indo para o chão.

Estou com um turbilhão dentro de mim (*Ele não vai deixar a chave sobressalente comigo?*), mas minha voz sai ilusoriamente calma.

— Mas Nerissa não precisa de duas chaves, precisa? Quero dizer, se ficar trancada do lado de fora, é só pedir para James abrir...

Will para de tirar a poeira invisível do chão em seu *short* caqui e fica olhando para mim:

— Qual é o problema, Trace?

— Nada. — Dou de ombros. — Só achei que talvez você fosse deixar sua chave comigo. Posso molhar suas plantas...

— Nerissa vai cuidar disso.

— Ah. Bom, a outra coisa é que eu não tenho ar-condicionado, e o verão na cidade é tão quente... Achei que, se eu ficasse com calor demais, poderia vir aqui para me refrescar.

Ele não estremece nem desvia o olhar, o que eu considero bom sinal, até ele dizer:

— Sabe, eu pensei sobre isso, mas não acho que seja boa ideia. Não seria justo com Nerissa se você ficasse aparecendo aqui sem avisar. Quero dizer, ela está contando em ficar com o apartamento só para ela durante o verão...

— Ah. Quero dizer, tudo bem, Will. É só que eu... Eu entendo. Tudo bem.

Mas não está tudo bem. Ele não vai me deixar com uma chave, e isso é um saco. Estou com vontade de chorar.

Preciso de alguma distração, algo para mostrar a ele que está tudo bem. Dou uma olhada ao redor e avisto o bloco de papel e a caneta que ele deixa ao lado do telefone.

Vou até lá, pego o papel e a caneta e digo:

— Antes que eu esqueça, será que pode me dar o telefone da casa do elenco? Só para o caso de eu não conseguir falar com você no celular. Vou anotar o número no meu *palmtop* quando chegar em casa, porque me esqueci de trazer...

Reparo que uma sombra cruza o rosto dele e ele fica trocando o peso do corpo de uma perna para outra.

Não é bom sinal.

— Trace, o negócio é que...

Não dá para acreditar.

— O que é? Também não é permitido falar no telefone lá?

— Não tem telefone. Quero dizer, tem um telefone público para fazer ligações...

— E ele não aceita chamadas?

— Talvez aceite. Não sei. Vou descobrir quando chegar lá, mas não tenho o número agora. O negócio é que vai ter mais duas dúzias de pessoas morando lá, com um telefone, e nós vamos passar o tempo todo ensaiando ou nos apresentando... então, acho que o que eu estou tentando dizer é que o telefone não vai ser a melhor maneira de a gente se comunicar.

— E o seu celular?

— Não sei. Quero dizer, você pode tentar, mas não sei se vai dar para deixar ligado muito tempo. Não vou querer que toque no meio do ensaio...

Certo, estou ficando puta da vida. Não tenho como evitar.

— Acho que *e-mail* também está descartado.

— Se eu tivesse um *laptop*, tudo bem... mas não tenho.

— Então, vamos escrever cartas e mandar pelo correio, como antigamente? — É a única coisa que consigo dizer para fingir que não estou nem aí e mascarar o sarcasmo que quer se infiltrar no meu tom. — Que maravilha. Vamos poder ser correspondentes, igual a Yvonne e Thor. Vai ser muito romântico.

— Quem?

— Tanto faz — digo, e me dirijo para o banheiro. — Você se importa se eu for primeiro?

— Não, tudo bem. Quero dar mais uma checada na mala para ter certeza de que não estou esquecendo nada. Vou estar apressado de manhã.

Certo. Apressado para ir embora daqui, para longe de mim...

Talvez não seja justo.

Eu sei que ele não está saindo de Nova York para fugir de mim. Mas, neste momento, que diferença faz?

Eu mal fecho a porta do banheiro e as lágrimas começam a escorrer. Ligo a água e dou descarga algumas vezes para abafar os enormes soluços que não consigo mais segurar.

Quando saio, ele está fechando o zíper da mala e parece mais animado.

— Está tudo pronto — informa.

Fico com o rosto virado para ele não ver que meus olhos estão inchados.

— Que bom. — Já volto.

Enquanto ele está no banheiro, apago as luzes e entro na cama.

Gostaria de dizer que, quando ele sai do banheiro, ele me toma nos braços e faz amor comigo de modo carinhoso... e que assim tudo fica bem entre nós.

Mas as coisas não acontecem assim.

Nós transamos, mas quem toma a iniciativa sou eu... quase por desespero, necessitando de uma prova de que tudo está bem.

Ele entra na minha. Mas é estranho, mecânico e... não sei. Talvez *frio* seja uma palavra forte demais.

Talvez não seja.

Só sei que Will cai no sono imediatamente depois que terminamos, encolhido do lado dele da cama.

E eu fico lá deitada, acordada, ouvindo a respiração ritmada dele e o zumbido do ar-condicionado e os ruídos abafados da rua lá embaixo.

CAPÍTULO 8

O despertador toca ao amanhecer.

Will sai da cama como um raio.

Eu viro para o lado, fingindo que volto a pegar no sono... como se eu de fato *tivesse* dormido.

Fingindo que não estou à beira de me desmanchar em lágrimas... ou, ainda pior, de começar a implorar que ele fique.

Através de fendas estreitas nos olhos, vejo quando ele corre de um lado para o outro sob a luz cinzenta e leitosa, ouvindo a água correr quando ele está no banheiro e quando entra na cozinha e se serve de um copo de suco de laranja e de uma tigela de cereal.

Ele acha que estou dormindo, então anda na ponta dos pés, abrindo e fechando gavetas, armários e a geladeira sem fazer barulho.

Ouçó quando mastiga o cereal, quando engole o suco.

Fecha o zíper da calça *jeans*, borrifa a colônia.

Água correndo no banheiro, escovando os dentes pela segunda vez.

Pegando a mala, balançando as chaves.

Ele se inclina por cima de mim, a colônia dele entra pelas minhas narinas, sinto o hálito dele quente na minha bochecha.

— Preciso ir agora, Trace.

— Hmm? — Finjo acordar lentamente.

— Preciso ir. Pegar o trem. A chave sobressalente está no balcão da cozinha.

Certo.

Devo entregá-la a James, o porteiro.

— Pode se servir do que quiser para o café da manhã. Só não deixe louça na pia, certo?

Estremeço ao ouvir isso.

Será que ele acha mesmo que eu sou assim tão porca para deixar louça suja na pia para Nerissa lavar quando voltar?

Abro a boca para reclamar quando ele se inclina e me dá um beijo.

Rapidamente fecho minha boca em volta dos lábios dele, ciente do hálito dele com gosto de menta e do meu bafo de dragão.

— Vou ficar com saudade de você, Trace — diz ele, e então já está caminhando na direção da porta, dizendo baixinho por cima do ombro: — Eu ligo para você assim que tiver me instalado.

Sei.

Choro no travesseiro depois que ele vai embora, até meus olhos arderem, meu cabelo estar úmido e grudento e minhas vias nasais doerem.

Então me levanto, arrumo a cama ensopada e tomo uma chuva de água bem longa.

Depois de vestida, fumo alguns cigarros e jogo as pontas na privada. Mas não me dou ao trabalho de usar o *spray* desodorizante com cheirinho *de pot-pourri* de flores que eu sei que Will guarda embaixo da pia. Por que deveria? Ele só volta em setembro!

E quem se importa se o lugar estiver fedendo a fumaça quando Nerissa voltar?

Na cozinha, preparo meio bule de café para mim, então faço dois ovos mexidos na manteiga enquanto o café passa, pensando que o café pode servir para me acordar e que os ovos vão acalmar meu estômago enjoado. Nada ajuda.

Depois de comer e beber, continuo me sentindo exausta e nauseada. Tão nauseada que faço um trabalho longe de perfeito na limpeza da cozinha. Nerissa que me processe.

Depois de juntar minhas roupas dos últimos dois dias e guardar na bolsa tiracolo (e de deixar minha escova de dentes de propósito no suporte em cima da pia onde ela sempre fica, apesar de Will não estar mais aqui), vou até a porta e a tranco atrás de mim.

James está na recepção, lindo, com seus ombros largos e o uniforme azul-marinho.

— Como vai? — ele me cumprimenta. Ele não sabe o meu nome. Isso nunca me incomodou até agora. Neste momento, eu quero, mais que tudo, pertencer a este lugar, ao prédio de Will. À vida de Will.

— Já estive melhor — respondo ao entregar-lhe a chave. — Isto aqui é para a colega de apartamento do Will.

— Nerissa — diz ele, assentindo com a cabeça. Bom, é claro que ele sabe o nome dela. Ela mora aqui. E, neste momento, eu a odeio mais que nunca.

Talvez isso não faça sentido. Ela é só colega de apartamento dele, mas eu sou a namorada.

Sair para a calçada é como entrar em uma secadora de roupas que acabou de parar de girar. Uma parede de calor me acerta de cara.

Não tem sol, apenas um céu nublado cinzento além dos prédios altíssimos. Mas o calor já está opressivo, e ainda nem são nove horas.

Ainda nem estamos em julho.

Ainda faltam semanas para julho chegar.

E, depois de todo o mês de julho, vou ter de passar por agosto inteiro, antes que Will volte para casa e minha vida retorne ao normal.

Acendo um cigarro e trago fundo.

Por alguma razão, apesar do intestino desarranjado e da cabeça que pulsa, isso faz com que eu me sinta melhor.

Ser jogada de um lado para o outro no metrô da linha N em direção ao sul da cidade não tem o mesmo efeito.

Quando saio na Broadway, no East Village, dou uma olhada no relógio e percebo que Will já está no trem dele há muito tempo. Neste momento, já deve estar a uma hora ou mais de distância de Nova York.

Imagino-o sentado lá, olhando através da janela para a paisagem que passa, e pergunto a mim mesma se está pensando em mim.

De algum modo, sinto que não.

Não, sem dúvida está pensando no que vem pela frente.

E eu devia fazer o mesmo.

Com isso, lembro-me de que este deveria ser o primeiro dia do meu caminho na direção de uma nova eu: uma nova eu mais magra.

Ovos mexidos com manteiga: que maneira de começar uma dieta.

Mas, bom...

Não é isso que se deve comer naquelas dietas de alta quantidade de proteínas?

É o que eu vou fazer, resolvo, apressando o passo quando avisto o supermercado Food Emporium na esquina seguinte. Vou fazer um estoque de proteína e começar uma dieta de baixo consumo de carboidratos.

Ao entrar no estabelecimento, pego uma cestinha.

Eis o que compro:

Salsichas.

Ovos.

Bacon.

Carne-seca com sabor *teriaki* e caipira.

Queijos *muenster* e *monterrey jack*, apesar de a única diferença entre os dois, até onde eu sei, é o negócio cor de laranja. Aliás, o que é aquele negócio cor de laranja?

Na minha busca frenética por proteína, quase pego um pacote de frango à milanesa congelado, até perceber que a farinha de rosca o torna proibitivo. Droga.

Bom, nenhuma dieta é perfeita.

Pago a comida com meu cartão Visa porque só tenho 15 dólares que precisam durar mais três dias, até eu receber.

Meu apartamento, quando chego, está abafado e adquiriu um cheiro desconhecido durante minha ausência. Na verdade, é conhecido na medida em que era o cheiro que tinha na primeira vez que entrei

nele. Uma mistura de Ajax, xixi de gato e um leve odor de *curry*. Agora também se juntou à mistura o cheiro de fumaça velha de cigarro.

Eca.

Sentindo a necessidade de ar fresco, abro a única janela, que dá para a rua. Agora consigo respirar, mas meus ouvidos são atacados pelo som de uma adolescente brigando com o namorado quatro andares abaixo. Ela não para de gritar uma acusação atrás da outra, interrompida pelas reclamações ininteligíveis dele, na maior parte entremeada por *Tá ligado*. Às vezes o *Tá ligado* é repetido, como em "Tá ligado, tá ligado, eu nunca disse isso!" e "Tá ligado, tá ligado, sai fora, cara".

Imagino que é ela que ele está chamando de cara, mas, àquela altura, olho para baixo para me assegurar de que não há outros envolvidos. Tudo de que preciso agora é uma briga embaixo da minha janela.

Finalmente, o silêncio se instala lá embaixo. Bom, não silêncio exatamente. A confusão habitual da cidade continua lá, mas a discussão parece ter chegado ao fim.

Olho para baixo e vejo o casal feliz se abraçando, mais ou menos como se estivessem transando nos degraus de entrada da casa de alguém. Que amor. E agora?

O apartamento está abarrotado de livros, revistas e jornais da semana passada, e percebo que já faz um bom tempo que não tenho oportunidade de ler nada.

Lembrando da minha promessa de ler os clássicos neste verão, faço uma lista de todos os livros em brochura que estão espalhados, à espera de serem lidos. Depois enfio o Mary Higgins Clark e o James Patterson embaixo do *futon* e coloco o último Joyce Carol Oates no meu travesseiro.

Pode não ser um clássico, mas é o que mais se assemelha a literatura na minha atual biblioteca.

Então desembalo minhas compras na cozinha minúscula, percebendo que já estou com fome. Então jogo duas salsichas (certo,

são quatro) em uma frigideira com um pouco de manteiga.

Enquanto cozinham, checo os recados na secretária eletrônica.

Há três mensagens.

Talvez Will tenha me ligado do trem, penso, quando aperto o botão e ouço a fita voltar.

Um bipe, e então a primeira mensagem:

— Oi, Tracey, sou eu — anuncia a voz de Raphael. — Kate e eu queremos levar você para almoçar no domingo. A gente sabe que Will vai viajar nesse dia. Ligue para mim para a gente combinar.

Mais um bipe, e a segunda mensagem:

— Ei, Trace, o Raphael e eu queremos levar você para almoçar no domingo para você não ficar tão deprimida com a viagem de Will. Ligue para mim.

Outro bipe. Mensagem número 3.

— Tracey, está tudo bem com você? Mamãe disse que você não liga para a casa dela há mais de uma semana. Ela está preocupada. Ligue para mim ou para ela e diga se está tudo bem. Beijos.

Suspiro.

O normal seria minha mãe pegar o telefone pessoalmente e ligar para mim, em vez de ficar esperando que Mary Beth o faça. Mas (e esta é a pura verdade, juro por Deus) ela tem um problema em fazer ligações para outras cidades. O preço pode ser parte do problema, mas prefiro pensar que ela está fazendo uma afirmação, do jeito teimoso de sempre dela, sobre o que acha de eu me mudar para tão longe. É quase como se achasse que, se ela não me ligar, eu vou perceber o quanto sinto falta dela e voltar para casa.

Geralmente ligo para casa algumas vezes por semana, só para dizer que estou viva, mas na semana passada estive muito ocupada no trabalho, e passei todos os momentos livres com Will.

Pego o telefone e disco o número da minha irmã em vez do da minha mãe. De todo jeito, vão estar na missa agora.

Mary Beth atende no segundo toque.

— Você está viva! — diz ela.

— Como sabia que era eu?

— Identificador de chamadas. Acabei de instalar. Assim eu sei quando Vinnie liga e não atendo.

— Que bom para você. — Fico surpresa. Achei que ela ainda tivesse esperança de voltar com o ex-marido, pulando toda vez que o telefone toca, torcendo para ser ele ligando para se reconciliar.

— Meu terapeuta me obrigou a fazer isso. Ele diz que eu preciso parar de falar com o Vinnie, a não ser que seja por causa das crianças, porque isso só me deixa magoada e eu fico achando que existe esperança, mas não existe.

— O quê? O Vinnie anda ligando para dizer para você que existe esperança? — Isso sim é uma reviravolta.

— Ele anda ligando sim — responde Mary Beth com pesar. — Mas fica falando das mulheres com quem anda saindo e sobre as coisas que está comprando para a casa nova, e eu fico puta da vida porque ele está sendo o maior mão-de-vaca no acordo de divórcio. Acho que ele está tentando se vingar de mim, esfregando tudo na minha cara. E o George disse...

— Quem é George?

— Meu terapeuta. Ele disse que eu preciso parar de ouvir o que ele diz e parar de falar com ele...

— O Vinnie?

— Quem mais?

— Sei lá... o George?

— Não — responde ela, desanimada. — O George diz que eu preciso parar de falar com o Vinnie senão eu fico achando que há esperança.

Como ela consegue tirar esperança para o relacionamento dela nessa situação é algo que fica além da minha compreensão. Mas o

negócio com Mary Beth é que ela provavelmente vai ser apaixonada por Vinnie para sempre, e contente com qualquer ligação que reste entre eles. Foi assim desde o momento em que começaram a ficar juntos, no fim do ensino básico.

— Ei, Mary Beth, você ainda está inscrita naquela academia? — pergunto, andando inquieta de um lado para o outro no apartamento minúsculo. Encho um copo d'água na pia e percebo que estou basicamente desidratada por causa de tanto vinho e molho de soja ontem à noite e café hoje de manhã.

— É, ainda estou inscrita, sim. Mas não tenho tido muito tempo para ir lá ultimamente. Por quê?

— Você perdeu peso? — Tomo um gole de água. Ugh, está quente. Abro a torneira de novo para deixar a água correr e esfriar, então jogo o resto do copo no vaso da folhagem, tentando lembrar quando foi a última vez que a molhei.

— Perdi um pouco de peso — diz Mary Beth. — Mas músculo pesa mais que gordura, sabe como é.

O que é uma desculpa descarada que ela está dando por não ter emagrecido nada.

E quem pode saber? Vai ver que estamos as duas fadadas ao sobrepeso devido à nossa herança genética.

Não.

Não posso aceitar que vou ser assim para sempre, resolvo, enchendo o copo mais uma vez na pia e indo até o outro lado do apartamento com ele na mão.

Paro na frente da porta do banheiro, que tem um espelho.

Eca!

Meu reflexo de corpo inteiro é detestável. Estou usando o mesmo *short jeans* preto de ontem, com uma camiseta branca meio esgarçada que vai até um pouco abaixo dos meus quadris. Apesar de o *short* cobrir a maior parte da zona flácida e cheia dos furinhos da celulite, o tecido não consegue esconder o fato de que são gordas e pelancudas.

Imagino o corpo magro de dançarina de Nerissa.

Sinto entusiasmo renovado pelo meu plano de dieta.

Vou fazer exercício também, todos os dias.

E vou beber oito copos d'água.

Dou um gole no copo que seguro. Certo, já é um bom começo.

— Então, quais são as novidades? — pergunta minha irmã.

Fico tentada a contar meu plano de autoaprimoramento, mas antes que consiga decidir se devo ou não tocar no assunto, ela diz, como se tivesse acabado de se lembrar:

— Ah, o Will vai viajar por estes dias, não vai?

— Foi hoje de manhã.

— Você deve estar arrasada.

Esse é o problema da minha irmã. Ela é igualzinha à minha mãe (quero dizer, pessimista). Preciso me policiar o tempo todo para não agir assim também.

Sabe como é, com a minha mãe e Mary Beth, o copo está sempre meio vazio.

Não que haja qualquer coisa que faça pensar que este copo específico esteja meio cheio: quero dizer, o Will está me abandonando.

Mas há vários exemplos em que minha irmã reagiu negativamente a alguma coisa que aconteceu na minha vida em vez de tentar me incentivar.

Tipo quando eu achei este apartamento e contei para Mary Beth, a reação dela não foi achar legal que eu tivesse encontrado um lugar que pudesse pagar para morar, mas sim que eu tinha concordado em pagar uma quantia de dinheiro ridícula por um lugar que nem tem quarto separado.

Seria de se pensar que eu já estivesse acostumada a esta altura, mas ela está me dando nos nervos.

— Sabe do que mais? Preciso ir agora. Vou encontrar uns amigos para almoçar.

— Que amigos?

— Kate e Raphael.—Como se fizesse alguma diferença. Ela não conhece nenhum dos meus amigos de Nova York.

— O Raphael... ele não é homossexual?

Eu mal consigo me segurar para não cair na gargalhada, não só por causa da palavra que ela usou, mas também pela maneira cheia de dedos, bem típica de Brookside, com que ela fala, e como dá ênfase às duas últimas sílabas.

Seria mais fácil dizer simplesmente *gay*.

— É isso aí — digo a Mary Beth.— É esse mesmo.

Dá para perceber que ela está se esforçando para manter a mente aberta.

—Bom, divirta-se, Tracey. Ah, e acho que você devia pensar em vir fazer uma visita no mês que vem, no aniversário de casamento de mamãe e papai. Estamos pensando em dar uma festa para eles. Vão fazer 35 anos de casados.

—Não sei... Vai ser difícil conseguir alguma folga do trabalho. — Eu ainda não tenho direito a nenhum dia de férias, e não vou receber nenhum até completar seis meses no emprego, mas a Latisha disse que às vezes é possível conseguir um dia de folga, depende só do chefe.

Espero que Jake me deixe ter um fim de semana prolongado em breve, e pretendo usar a ocasião para visitar Will, não para ir a Brookside.

— Veja o que você consegue, Tracey. Mesmo que venha só passar o fim de semana. Desde a Páscoa você não aparece por aqui. Os meninos estão com saudade...

— Vou tentar — digo, ao ser pega de surpresa por uma onda de saudade de casa. É porque ela mencionou os meninos, meus sobrinhos. O filho dela, Vince (Vincent Carmine Rizzo Júnior, mas graças a Deus ninguém nunca o chama assim), tem quatro anos. Nino está quase com três. Os dois têm cabelos pretos encaracolados, enormes olhos escuros brilhantes e corpinhos gorduchos, e eu os adoro. Ficam sempre pulando

ao meu redor, querendo que eu os pegue no colo, me enchendo de beijos e abraços.

Se eles ficassem por perto o dia todo, eu não me sentiria tão mal com o fato de Will partir.

— Veja o que você pode fazer para vir. Nós todos estamos com saudade — diz minha irmã.

— Vou tentar — digo de novo.

Mas, desta vez, estou falando com sinceridade.

Desligamos o telefone. Tomo mais um gole de água... que continua morna... e faço uma careta.

Então ligo para Raphael.

Ele e Kate já combinaram tudo. Ele me informa que vamos tomar um *brunch* em um lugar novo na rua 14 com a avenida A, não muito longe do meu apartamento. Agente se encontra lá ao meio-dia e meia.

Quando vamos desligar, ouço uma voz masculina ao fundo. Parece que Raphael não passou a noite sozinho. Quando coloco o telefone na base e vou até o fogão checar minhas salsichas, fico imaginando se ele vai levar o namorado novo ao *brunch*.

Pensar na vida afetiva de Raphael traz à minha mente a imagem de Buckley O'Hanlon.

Junto com ela vem a ideia maluca de que, se Will me largar no decorrer do verão, eu tenho a opção de sair com Buckley.

De repente fico paralisada, com a mão suspensa por cima do cabo da frigideira.

O que é que estou pensando?

Will não vai me largar!

Meu Deus, isso não é nem uma opção.

Além do mais, se algum dia Will me largar, eu não o substituiria. Eu não seria capaz de substituí-lo. Ele e eu temos toda uma história juntos...

Todo um futuro, se tudo ocorrer da maneira que eu acho que vai correr.

Sim, Buckley O'Hanlon é um cara fofo e disponível que por acaso me beijou.

Sim, eu poderia me sentir atraída por alguém assim se não fosse Will.

Mas Will está na minha vida, e vai continuar fazendo parte dela.

Meu coração dói só de pensar na alternativa.

Pego o cabo da frigideira e a sacudo um pouco, virando as salsichas para que friteem por igual na manteiga. Então as coloco em um prato, encho de *ketchup* e mostarda e engulo tudo.

Só quando estou lavando o prato e a panela, dez minutos depois, é que me ocorre que os condimentos podem ser proibidos nesta dieta. Eu, provavelmente, deveria ter conferido antes de me dar este prazer.

E, provavelmente, não devia ter comido tão pouco tempo depois do café da manhã e tão perto da hora que marquei para encontrar Raphael e Kate para almoçar.

Mas, argumento com a parte de mim que desaprova minha atitude, eu já tinha começado a preparar as salsichas, e elas ficariam ruins depois.

Além do mais, eu estava com fome. Como sempre.

Prometo a mim mesma que só vou tomar café enquanto Kate e Raphael comem.

Mas, quando dobro a esquina da avenida B para a rua 14, pouco mais de uma hora depois, percebo que estou com fome de novo. Certo, por que isso acontece? Achei que comer muita proteína deveria fazer com que você se sentisse satisfeita durante mais tempo, mas parece que não é o caso.

Talvez a dieta de proteínas não seja uma ideia tão boa assim.

Kate já está no restaurantezinho quando eu chego. Está parada bem perto da porta, lendo as críticas gastronômicas penduradas na parede.

Está usando um vestido de linho amarelo sem mangas e sapatos baixos combinando, e seu cabelo está preso com uma piranha. Está com a aparência de quem devia estar em um almoço ao ar livre no jardim de alguma casa bonita em Connecticut, e não neste buraco com iluminação fraca que apresenta a decoração excêntrica típica do East Village.

As paredes são pintadas de vermelho forte, o chão é zebrado de preto e branco com manchas roxas ocasionais. Dezenas de mobiles estão pendurados no teto, feitos de talheres retorcidos pendendo de barbantes amarelos amarrados em cabides comuns de arame. Eles giram vagarosamente com a brisa quente que sai dos ventiladores de teto baixos.

Um balcão acompanha todo o comprimento do lugar, e o resto do salão é ocupado por mesinhas plásticas com aparência robusta e cadeiras pintadas em cores psicodélicas.

O clone de Rob Lowe atrás do balcão faz um sinal para que sentemos em qualquer lugar.

Escolhemos a mesa mais próxima da porta aberta, O lugar não tem ar-condicionado e os ventiladores de teto não refrescam nem um pouco.

Duas outras mesas estão ocupadas; fora isso, o lugar está vazio.

— Então... tudo bem com você? — pergunta Kate com seu sotaque carregado do Sul no momento em que nos sentamos. O rosto dela, com maquiagem aplicada com perfeição, está preocupado.

— Por quê? Não pareço bem? — Você parece meio... triste.

Será que é assim tão óbvio? Achei que estava parecendo despreocupada e contente. Pelo menos, essa era minha intenção.

— Bom, é claro que estou *triste*. — Estico o braço e pego um cardápio da pilha de cartões plastificados entre o saleiro e o pimenteiro. — Só faz algumas horas que Will foi viajar. Mas vou me acostumar.

— Talvez seja bom para você ficar longe dele. Assim vai ter a oportunidade de... de...

Espero com muita paciência que ela diga algo, mas sei que ela quer que eu a ajude.

— Assim vai ter a oportunidade de descobrir quem é sem ele — diz ela finalmente.— Vai poder explorar o que existe no fundo do seu ser.

— Obrigada, Oprah.

— Estou tentando demonstrar meu apoio. Sabe como é, enxergar a luz no fim do túnel.

— Pelo menos foi melhor que a reação da minha irmã quando falei com ela agora há pouco. Ela disse que eu devia estar arrasada.

— E está? Claro que sim.

— Claro que não! — Fico olhando fixamente para o cardápio. — *Arrasada* é uma palavra muito forte. As pessoas ficam *arrasadas* quando o marido as troca por outra mulher. Ficam arrasadas quando perdem um filho. Ou o emprego. Ou até quando terminam um namoro. Will e eu não estamos terminando... só vamos ficar separados durante alguns meses.

Estou falando demais. Ela assente com a cabeça.

— Olhe para as mulheres de militares — digo, pegando embalo. Socorro! Preciso parar de falar.

Continuo tagarelando.

— Os maridos militares viajam durante meses a fio com regularidade. Vão para outros países e participam de missões perigosas... Quero dizer, eu estaria arrasada se Will estivesse em outro país em uma missão perigosa, mas, pelo amor de Deus, ele só está encenando peças de verão a 300 quilômetros daqui... se chegar a tanto.

Kate assente com a cabeça de novo.

Dá para ver, pela expressão dela, que ela sabe direitinho o que estou pensando. O problema é que seria a mesma coisa se a Valley Playhouse ficasse atrás das linhas inimigas.

Digo a Kate:

— Até onde eu sei, não há minas terrestres em North Mannfield.

Não, mas há atrizes.

Atrizes que dividirão a casa com atores, na maior parte homossexuais (se as estatísticas do departamento de teatro da Universidade de Brookside puderem ser aplicadas ao setor de modo geral). Mesmo que Will tenha toda a intenção de ser fiel e se abster do sexo (que eu tenho certeza que ele tem), não vai ser fácil.

Imagino Will lá, o único heterossexual da casa, rodeado por ninfetas ousadas e gostosas, em uma espécie de Ilha da Tentação particular. Então, percebo que Kate está falando comigo.

Olho para ela, estupefata:

— O quê?

— Eu disse: por que não vai comigo à praia no sábado que vem? Vai ser o primeiro fim de semana que vou passar lá.

— Talvez eu vá. E, com certeza.

Não tenho a menor intenção de fazer isso. A praia não é meu lugar preferido. A última vez em que coloquei um maio foi há três verões. Trouxe a roupa de banho comigo para Nova York porque trouxe para cá tudo que tenho, mas nunca achei que fosse usar aqui. Ou em algum outro lugar.

Nunca mais.

Kate está dizendo:

— Eu provavelmente vou tirar a sexta de folga e esticar o fim de semana, mas você pode ir para lá bem cedo no sábado. Vai ser divertido.

E estou pensando: de jeito nenhum vou à praia com uma pessoa que parece ter acabado de sair de um anúncio de férias no Caribe. Kate é aquele tipo de loira bonita e magra de biquíni que anda pela praia com os chinelos na mão. Se eu aparecer ao lado dela, a imagem deixa de ser de anúncio de férias no Caribe e fica parecendo um anúncio de perda de peso com uma foto de Antes e outra de Depois (do pescoço para baixo). Sabe como é, daquelas em que uma mulher linda e sorridente afirma que seis semanas antes era uma porca gorda e cheia

de banha. Então ela começou a tomar Nutrimagra Extraforte antes de cada refeição, e *voilà*

Raphael entra todo animado enquanto estudo o cardápio e ouço Kate falando a respeito das outras pessoas com quem está dividindo o aluguel da casa na praia.

Raphael está com óculos escuros de grife, camiseta cor de laranja sem manga para dentro de calças curtas apertadas e alpargatas. E carrega uma bolsa preta tiracolo bem parecida com a minha e a de Kate. Só ia estar com mais cara de alguém que trabalha com moda se as unhas dos pés estivessem pintadas. Na verdade, olho embaixo da mesa para me assegurar de que não estão.

Ele dá abraços em nós duas, acomoda-se na cadeira e diz, por trás da mão em concha:

— Aquele *barman* não é uma delícia?

— Existem três coisas certas nesta vida — diz Kate. — A morte, os impostos e a libido do Raphael.

— Se ficar mais quente aqui, ele vai ter de tirar a camisa — resolve Raphael, tirando uma gota de suor da testa brilhante e jogando um olhar cheio de luxúria para o *barman* desavisado.

— Se ficar mais quente aqui, eu vou ter de tirar a blusa — informo a ele.— E, pode acreditar, não vai ser nada bonito.

— Falando de bonito, tudo bem com a despedida de Will, Tracey? — pergunta Raphael.

Kate solta uma gargalhada ao ouvir isso.

Eu a ignoro e digo a Raphael que, sim, ele já foi.

— E não me pergunte se estou arrasada, certo? Porque não estou.

— Claro que não está. Você parece fabulosa.

— Existem quatro coisas certas nesta vida — anuncio. — A morte, os impostos, a libido de Raphael e as merdas que o Raphael fala.

— Tracey! Isso não é nada simpático. Eu estava fazendo um elogio, e falei de coração — diz ele, em tom que não parece nem um pouquinho

magoado. — Então, o que vamos tomar? Bloody Marys? Mimosas? Ou vamos direto para as coisas pesadas? Neste caso, fico com o *barman*.

— Eu quero um Bloody Mary — digo. — Mimosa para mim — decide Kate.

— Eu vou na sua, Tracey. Estou a fim de algo bem temperado. Tipo um Bloody Mary. Ou...

— O barman — Kate e eu dizemos em uníssono.

Pego no braço de Raphael e faço com que desvie a atenção do atual objeto de sua afeição.

— Raphael, quem era aquele homem que ouvi ao fundo quando liguei para você hoje de manhã? Achei que você ainda estava se lamentando por causa de Buckley O'Hanlon.

— Quem é Buckley O'Hanlon? — quer saber Kate.

— Lembra dele da minha festa de aniversário, Kate? Ah, já lembrei, você estava com aquele problema do bigode e teve de ir embora mais cedo.

— Eu não estava com nenhum problema de bigode! — reclama Kate, indignada, olhando por cima do ombro para se assegurar de que os dois homens na mesa ao lado não ouviram. Um está de turbante, o outro tem tatuagem, e os dois parecem profundamente envolvidos na conversa deles, que não é em inglês.

Raphael prossegue, sem nem parar para respirar:

— O Buckley era o cara fofo de suéter... que foi com o Joseph e o Alexander. Ele está redigindo o catálogo novo deles. Kate, a Tracey devia me arranjar com ele, mas, em vez disso, ela o seduziu.

— Não seduzi coisa nenhuma! — berro, histérica. Em um momento de fraqueza, há pouco tempo contei a ele o que realmente acontecera no nosso "encontro". Foi a maior burrada.

— Não, você seduziu sim, mas eu não a culpo. Você não pôde se controlar.

— Você foi para a cama com esse cara? — pergunta Kate, incrédula.

— Não! A gente só marcou um encontro, mas eu só fui perceber que era um encontro quando...

— Eles se beijaram! — Raphael está radiante.

— Até *ele me* beijar. Mas isso aconteceu enquanto eu ainda achava que ele *era gay*.

— Então, não é?

Raphael e eu respondemos "é" e "não é" simultaneamente.

— O Raphael não aceita o fato de ele ser heterossexual

— explico a Kate, lançando um olhar afiado para Raphael.

— Ele ainda está tentando superar a mulher e os filhos de John Timmerman.

John Timmerman é um dos corretores que trabalhavam em uma empresa para a qual nós três prestamos serviços temporários no último inverno.

Raphael diz:

—Você continua tocando nesse assunto? Eu já disse mais de uma vez, Tracey, meu amigo Thomas viu...

— Tanto faz — interrompo, porque não quero ouvir essa história sórdida mais uma vez. — O problema é que o Raphael acha que todo mundo é *gay* até prova em contrário. E eu, aliás, posso dar a prova em contrário do Buckley.

— Então, você beijou outro cara, Tracey? — pergunta Kate. — Uau, não acredito que vocês não contaram para mim.

— É porque não era muito importante.

— E ele beijava bem?

— Totalmente, Kate — diz Raphael. — Molhadinho na medida, sem enfiar muito a língua.

— Como é que você sabe? — quero saber. — Você me disse, Tracey.

— Raphael, eu nunca disse nada assim.

—Tem certeza? Então vai ver que eu sonhei — responde ele, como quem não quer nada, abanando o *menu* para nós. — O que a gente vai comer além do álcool? Um Bloody Mary vai subir direto para mim. Não como desde o almoço de ontem... tirando um lanchinho na madrugada.

— Então, quem era? — pergunto a Raphael porque sei, devido ao tom lascivo dele, que não está falando de leite com biscoitos.

— O nome dele era Phillip. Ele é marinheiro e está na cidade para a Semana do Marinheiro.

— A Semana do Marinheiro já acabou, Raphael — observa Kate.

— Talvez ele tenha mentido e não seja marinheiro. —

Raphael dá de ombros. — Ele tinha cara desses sujeitos que trabalham na Internet. Tanto faz. O omelete de abacate parece bom. — Ele fecha o *menu* com um estalo, junta as mãos e olha para nós.

— Vou comer a mesma coisa — diz Kate. — E você, Tracey?

— Já tomei café da manhã. — E já almocei. — Vou comer a salada de espinafre com molho *ranch light*.

Já cansei da dieta de baixos carboidratos. Já comi minha cota de ovos e carne. Está tarde demais para cancelar os ovos afogados em manteiga e as salsichas, mas uma mulher não pode viver só de proteína. O caminho certo é cortar a quantidade de gordura.

Lembrete mental: parar para fazer um estoque de petiscos sem gordura da Entenmann no caminho de casa.

A salada é deliciosa, e os dois Bloody Marys descem com facilidade. Com tanta facilidade que eu adoraria pedir mais um e me entocar daqui a pouco e afogar minhas mágoas com vodca Absolut, mas Kate e Raphael (que só tomaram um drinque cada) dizem que eu não devo ficar bêbada tão pouco tempo depois da partida de Will.

— Guarde para quando você estiver desesperada de verdade, e então mande ver na *happy hour*, Tracey — aconselha Raphael.

— Quer sair para beber hoje à noite? — pergunto, já um pouquinho alta. Qualquer coisa seria melhor que ficar no meu

apartamento sem fazer nada.

— Tenho um encontro.

— Com Phillip?

— Com Charles. Meu novo *personal trainer*. Ele vai me ajudar a melhorar meus movimentos do Pilates.

Viro-me para Kate.

— E você ? Também tem alguma coisa marcada para hoje à noite?

— Tenho aula de salsa.

Ah, é verdade. Por alguma razão, Kate chegou à conclusão de que sua vida não pode ser completa a menos que ela saiba dançar o cha-cha-cha ou a lambada, ou sei lá que dança ela aprende na Escola de Movimentos Latinos do Enrique.

— Quer vir comigo? — convida ela.

— Não, obrigada — digo apressada. Ela já tentou me convencer antes. Já gastei todo o meu repertório de danças latinas quando a *macarena* estava na moda, muito obrigada.

— E você, Raphael? — oferece ela.

— Kate, eu sou porto-riquenho, está lembrada? Eu não preciso fazer aula. Eu nasci para dançar mambo. — Ele ergue os braços e dá uma rebolada um tanto exagerada para o *barman* distraído quando nos dirigimos para a porta.

O sol saiu de trás de uma nuvem. Descubro que tanto Kate quanto Raphael têm as próximas horas livres. Resolvemos caminhar pela Broadway e dar uma olhada em algumas lojas.

No meio da tarde, Raphael já tem uma roupa nova para usar no encontro da noite e Kate passou uma hora tentando decidir se prefere um biquíni vermelho ou azul, antes de optar pelo rosa.

Lembrete mental: *Nunca ir com Kate à casa de praia dela, sob circunstância alguma.*

P. S: Jogar fora o único maio que eu tenho assim que chegarem casa, para o caso de algum dia sentir alguma mínima vontade de

experimentá-lo.

Na livraria e sebo Strand compro um exemplar usado de *As vinhas da ira*. Por algum motivo, nunca li durante o curso de letras, e sempre achei que deveria ter lido. Digo a mim mesma que vai fazer bem para mim (assim como a dieta, o orçamento e a ginástica).

Kate, Raphael e eu nos separamos depois de tomar sorvete. Ou melhor, eles tomam sorvete de massa e eu escolho um *sorbet* de framboesa. Fico achando que vou ficar babando em cima das casquinhas de chocolate deles, mas está fazendo tanto calor que não faz diferença: qualquer coisa doce e gelada parece boa.

Quando volto ao apartamento, consulto a secretária eletrônica para ver se Will ligou (não ligou), e então coloco o ventilador quadrado feioso na janela. Deito na frente dele para começar a ler *As vinhas da ira*. Joyce Carol Oates pode esperar.

No começo, fico envolvida.

Mas, aos poucos, percebo que é um tanto deprimente.

Não o livro. Claro que não é exatamente a obra de ficção mais animada que já li, e jamais gostei particularmente do estilo descritivo da escrita de Steinbeck, e os diálogos acaipirados já estão me dando nos nervos.

Mas, além da minha aversão a Steinbeck, tem algo deprimente em ficar em casa em um domingo de verão ensolarado, quatro andares acima do chão, com uma única janela, uma folhagem murcha e um livro chato como companhia.

A esta altura, Will já está em algum lugar verdejante e cheio de mato. Imagino uma casa espaçosa rodeada por árvores, quartos caiados, assoalhos de madeira e tapetes de retalhos. Talvez ele esteja desfazendo as malas agora. Talvez tenha saído para explorar North Mannfield com os colegas de elenco. Talvez as coisas sejam como a visão de pesadelo que tive anteriormente, e todos os homens *são gays*, menos Will, e as mulheres são todas voluptuosas e com o corpo igual ao de Nerissa.

Apago o cigarro, fecho o livro, me levanto e caminho inquieta até a janela.

Os prédios altos lançam meias sombras na rua, e não há nem um pedacinho de verde à vista.

De repente, sinto-me encurralada.

Sinto o coração disparar.

Tonta, dou um passo atrás e me afasto da janela.

Preciso de ar... esse é o meu problema.

Preciso de árvores. Ou de grama. Ou de água... nem que seja o East River. Só preciso sentir que esta cidade, com seus enormes prédios de concreto e hordas de estranhos e calor estagnado, não é um lugar tão estranho para se estar em uma linda tarde de verão.

Calço meus tênis, pego as chaves e me apresso porta afora.

Já me sinto melhor no momento em que chego à rua. Não sei o que aconteceu comigo lá em cima, mas meu coração desacelera um pouco enquanto caminho pela rua, e já não me sinto tonta nem perturbada.

Hesito um momento quando chego à avenida, antes de me dirigir por instinto para o sul da cidade e sair andando nessa direção.

Não tenho certeza sobre o lugar para onde quero ir, mas sei que prefiro estar em qualquer lugar que não seja o meu apartamento neste momento.

Chego ao South Street Seaport depois de quase meia hora,

O lugar está coalhado de turistas, e é aonde um nova-iorquino de verdade nunca iria em uma tarde ensolarada de verão em junho.

Por mais que eu queira me considerar uma verdadeira nova-iorquina depois de um ano na cidade, não consigo deixar de encontrar conforto na atmosfera descaradamente comercial e falsamente antiquada desta região. Parece que eu saí de Manhattan e entrei em um parque de diversões temático, sem os brinquedos.

Detesto admitir que me sinto em casa aqui, entre os montes de pessoas com câmeras e sacolas de compras nas mãos, vestidas com

roupas de cores berrantes e sapatos confortáveis: pessoas que parecem saídas de Brookside ou, digamos, de Nebraska.

Saboreio a atmosfera que quase remete à Nova Inglaterra das embarcações ancoradas e das tábuas castigadas pelo clima do deque sob meus pés.

E, para variar, não me sinto repelida pela aura de *shopping center* suburbano do pavilhão de compras fechado do Seaport, com suas lojas de rede, sua praça de alimentação e suas escadas rolantes.

Isto (tudo isto) me faz lembrar do mundo que deixei para trás, do mundo que a certa altura da vida eu achei que fosse ser meu para sempre.

Naquela época, antes de eu me cansar de Brookside e virar a mira para Manhattan, o verão significava nadar em lagos e piscinas no quintal, comer hambúrgueres direto da churrasqueira e andar de carro a esmo com as minhas amigas, ouvindo estações de rádio que só tocam aparada de sucessos. Pode até ser que eu não queira voltar a essa vida, mas de repente parece que também não me sinto totalmente confortável com a que tenho.

Qual é a graça de morar sozinha em um apartamento deprimente de um cômodo no coração de um bairro que não é lá essas coisas? E por que até agora não percebi o que está faltando nele?

Acho que minha nova vida não parecia assim tão ruim... não quando Will estava aqui. Agora que não está mais...

O cheiro pesado de fritura me atrai para um *fast-food* que vende frango frito e cebola à milanesa, entre outros alimentos ricos em gordura que estão na lista dos meus preferidos. Estou prestes a pedir a refeição com três pedaços e *milk shake* quando dou uma olhada no reflexo do meu queixo duplo na bancada cromada do balcão. — Quero... humm...

O sujeito atrás da caixa registradora demonstra aquela impaciência típica de Nova York, com uma expressão basicamente hostil no rosto enquanto espera o meu pedido. —Uma Coca Light — anuncio, triunfante. Eu vou conseguir. Vou perder peso.

Enquanto bebo minha Coca Light (sem gás e com gelo demais), saio da praça de alimentação para um pátio. Tem gente por todo lado, lambendo sorvetes e mastigando batatas fritas com cara de quem não está nem aí.

Depois de acabar o refrigerante em alguns goles sedentos e jogar o copo em uma lixeira transbordante, caminho até a amurada para olhar o rio.

A superfície da água está salpicada de barcos, e, se ignorarmos a sombra da ponte do Brooklyn e a paisagem urbana apinhada por trás, quase dá para esquecer que estamos no coração desta cidade enorme. Que diabos estou fazendo aqui? Will foi embora, tenho um trabalho sem perspectiva alguma e um apartamento péssimo. Será que era esse tipo de vida que eu queria quando me mudei para Nova York? Minha vida poderia ser melhor que isso em qualquer lugar.

Inclusive em Brookside.

Brookside, onde minha família observa cada movimento que faço, imaginando quando vou me acalmar e me casar.

Onde não existem empregos interessantes nem pessoas criativas, onde conheço todo mundo e já fiz tudo que existe para fazer pelo menos alguns milhares de vezes, e onde já vi tudo que existe para ver..

Não.

Talvez eu não esteja convencida, neste momento específico, de que quero ficar aqui, mas com toda a certeza não quero voltar para lá.

Então.

Até eu descobrir o que quero fazer da minha vida, vai ser assim.

Minha vida é aqui, em Nova York, e é melhor eu começar a aproveitá-la ao máximo.

Afasto-me da amurada e vou em direção à escada rolante com determinação renovada, apesar de minha boca salivar quando passo na frente de um lugar que vende *pizza* e exala um cheiro forte de linguiça e orégano.

Caminho com passos firmes em direção no norte, minha testa pingando de suor devido ao calor úmido.

Quando passo por um banco vazio na Thompkins Square Park e minhas pernas doloridas imploram para que eu descanse um pouco, uma bomba me atinge.

Ei, isso é fazer exercício!

Olhe para mim...

Estou fazendo ginástica por acaso.

Fico maravilhada com o fato de que essa caminhadinha que dei vale como exercício, e foi interessante e de graça (tirando a Coca Light).

Permito-me olhar algumas vitrines para descansar. Uma loja de móveis cavernosa exhibe faixas enormes de Grande Inauguração. Examino as vitrines, admirando em particular uma enorme cama de carvalho. É aquele tipo de cama em que seria possível passar o dia inteiro, que pede pilhas de travesseiros e um edredom bem fofo de pena de ganso.

Quando volto para o apartamento, examino o ambiente, tentando descobrir o que poderia fazer para deixá-lo mais suportável.

Talvez ajudasse se eu tivesse uma cama de verdade, como aquela da vitrine, em vez de apenas um *futon* feio *sem* uma colcha colorida.

Mas isto aqui é apenas temporário, lembro a mim mesma. Tudo isto. O *futon* e o apartamento. Não vou morar aqui para sempre, mesmo que fique em Nova York.

Por enquanto, vou voltar a me exercitar e a comer pouca gordura. Vou perder peso e guardar dinheiro.

E quando Will voltar, em setembro, vamos morar juntos.

Percebo que a luzinha da secretária eletrônica está piscando.

Meu coração dá um salto...

Tem um recado.

Meu coração acrobático se *espatifa* no chão.

Não é de Will.

É de Brenda, dizendo que pegou a receita da sopa de repolho e que vai levar para o trabalho amanhã.

— Ligue para mim se estiver se sentindo sozinha e a fim de conversar — diz ela, antes de desligar.

Eu *estou* me sentindo sozinha. Mas não estou a fim de conversar. Não com Brenda, que vai se casar com o homem de seus sonhos.

A única pessoa com quem quero conversar é Will, e não tenho absolutamente maneira nenhuma de entrar em contato com ele. Só de pensar nisso já entro em pânico. Ele está completamente isolado, em um mundo distante, e não há nada que eu possa fazer para trazê-lo de volta à minha vida, ainda que temporariamente.

Agora a decisão está nas mãos dele. Ele vai resolver quando nos falaremos de novo. Mas eu estou me adiantando.

Claro que não vai demorar para ele ligar. Ele prometeu que ligaria. E também deve estar com saudade de mim. É, mas não com tanta saudade quanto eu sinto dele. Faz menos de 24 horas que ele partiu, e eu já cheguei à conclusão filosófica de que é infinitamente mais difícil ser deixada para trás no lugar de sempre do que ir para um lugar novo. Isso porque o lugar de sempre está cheio de memórias (cheio de buracos que a outra pessoa costumava preencher). O lugar novo é lotado de experiências inéditas para explorar, detalhes únicos em que reparar, pessoas para conhecer.

Tento imaginar como seria se Will ficasse para trás e eu fosse viajar.

De algum modo, acho que ele não estaria na mesma posição que eu.

O negócio é que não o vejo se lamentando por minha causa aqui em Nova York.

Nem enxergo a mim mesma caminhando na direção de uma nova aventura sem olhar para trás por cima do ombro.

E essa é uma conclusão desconcertante.

Prefiro não ficar refletindo sobre o significado dessa clareza que tive. Em vez disso, pego alguns dólares e vou até o mercado comprar um pouco de repolho delicioso. Uma dieta que ainda não experimentei é o máximo de novas aventuras solitárias que posso aguentar neste momento.

CAPÍTULO 9

Já faz quase uma semana que Will partiu.

Já perdi pouco mais de dois quilos.

Não, é sério.

Dois quilos.

Depois de passar da dieta de proteínas para a dieta com poucas gorduras e para a dieta da sopa de repolho, resolvi recorrer ao método antigo: simplesmente comer porções menores, reduzir as calorias e fazer exercício.

Limito-me a cerca de mil calorias por dia. O mais estranho é que não estou passando fome. Quero dizer, às vezes eu fico com fome, mas bebo muita água. Além do mais, acho que ando ocupada demais para ficar obcecada com o que vou comer na próxima refeição, como geralmente acontece.

Esta semana, duas vezes, depois do trabalho, fui e voltei caminhando até o Seaport. Nas outras noites, precisei ficar até tarde no escritório para ajudar Jake a preparar uma nova apresentação comercial. Naquelas noites, andei os quarenta e poucos quarteirões até minha casa. Além de queimar calorias, também economizei o bilhete do metrô. Tudo bem, foram três paus.

Mesmo assim, coloquei o dinheiro em um pote vazio de molho Prego em cima da pia. Estou planejando abrir uma poupança assim que tiver dinheiro suficiente para o caixa do banco não rir da minha cara. Três dólares por semana não vai ser muito, mas espero que Milos me ligue para algum serviço de bufê algum dia desses. Se não ligar, talvez eu possa achar algum trabalho como babá, para passear com cachorros ou algo assim no fim de semana.

Agora é sábado de manhã, e estou em um ônibus para Long Island. Não é um ônibus qualquer, é o Hampton Jitney, no qual embarquei na rua 40 Leste com a avenida Lex. É um daqueles ônibus de último tipo,

bem largo e com bebidas de graça, bancos reclináveis e luzes individuais de leitura. Por tudo isso, paguei quase 50 dólares pela viagem de ida e volta.

E eu que queria abrir uma poupança! E eu que jurei nunca vestir maio! Kate passou a semana toda implorando para que eu fosse com ela à praia, e até parece que tenho algo melhor para fazer. Não estou nada ansiosa para vestir o maio antiquíssimo que desencavei do fundo da minha gaveta de meias. Mas a ideia de outro fim de semana sozinha no meu apartamento com *As vinhas da ira* e o telefone silencioso é incentivo mais do que suficiente para enfiar a porcaria do maio na minha bolsa de mão e embarcar no Jitney.

Will finalmente me ligou, na terça à noite, e deixou um recado enquanto eu fazia minha caminhada até o Seaport. Fiquei chateada quando cheguei em casa e vi que tinha perdido o telefonema dele, apesar de ele ter dito que ligaria de novo mais tarde.

Acho que não acreditei, mas ele ligou mesmo. Ligou por volta da meia-noite, quando eu estava cochilando no meu *futon*, na frente da TV que exibia *Late Night With David Letterman*.

Deixei a televisão sem som. Mas, enquanto conversávamos, pude ouvir vozes de fundo ao lado de Will. Vozes altas. Mas isso não pareceu incomodá-lo. Na verdade, ele interrompeu o que estava falando algumas vezes para conversar com alguém que estava lá (parecia ser um grupo de colegas de elenco dele).

Fiz muita força para não ficar com ciúme, principalmente quando ele cobriu o bocal a certa altura para dar continuidade a uma conversa abafada. Enquanto eu olhava para a televisão, observando enquanto David Letterman entregava em silêncio um presunto enlatado a um integrante da audiência careca e exuberante, com um casaco cortavento turquesa. Ouvi uma mulher dando risadas histéricas antes de Will retomar o assunto comigo.

— Quem era? — perguntei, tentando parecer despreocupada.

— Era Esme. Ela é a maior viagem.

Disse isso em tom de admiração.

Eu sei que parece insanidade, mas naquele momento eu quis, mais que tudo, que ele também me considerasse a maior viagem. Sem querer, me peguei imaginando o que ele tinha dito sobre mim, a namorada que ficou em casa, para os colegas de elenco. Tentei imaginá-lo dizendo: "O nome dela é Tracey, e ela é a maior viagem", mas, de algum modo, não pareceu assim tão elogioso como quando ele falou a mesma coisa a respeito da enigmática Esme.

Além do mais, eu também queria que meu nome fosse misterioso, raro, exótico: Esme. Em vez disso, sou Tracey, porque minha mãe era sabidamente grande fã da *Família Dó-Ré-Mi*, e a personagem preferida dela era a filha mais nova, Tracy (aquela que tocava pandeiro e não falava nada). Mas que inspiração, hein? Minha mãe ainda teve a ousadia de adicionar um "e" à grafia.

Bom, mas enquanto Will e eu conversávamos sobre outras coisas, percebi que eu estava criando uma imagem mental da divertidíssima Esme, sem dúvida uma morena confiante e graciosa, com senso de humor afiado e queda por pegadinhas. Queria saber mais a respeito dela, mas ele só a mencionara superficialmente, e só porque eu tinha perguntado. Eu não quis parecer um clichê: a namorada ciumenta, enxerida, a distância.

E, no entanto, eu me transformara exatamente nisso.

Will contou que o elenco do primeiro espetáculo tinha sido escolhido. Era *West Side Story*, e ele faria o papel de Shark.

Dava para ver que ele ficou decepcionado por não ter sido escolhido como protagonista, apesar de ter se apressado em dizer:

— Mas minha voz não é boa mesmo para interpretar o Tony.

— É boa sim! — protestei, cheia de lealdade.

Ele pareceu irritado comigo quando observou que a cada duas semanas fariam um novo espetáculo, e que a gerência do teatro tinha prometido que todo mundo receberia um papel de protagonista mais cedo ou mais tarde.

— Bom, quando você for o protagonista, estarei na primeira fila, Will.

De algum modo, devido ao silêncio dele, também percebi que essa não tinha sido a coisa certa a dizer.

Ele pareceu desatento, e não conversamos muito (ele disse que outras pessoas queriam usar o telefone e que tentaria me ligar de novo depois do fim de semana). A estreia é sábado à noite (hoje), e, depois, vai ter uma festa para o elenco. No domingo, tem matinê e outra apresentação à noite. Na segunda, o teatro fecha, igual à Broadway, e acredito que é quando ele vai me ligar.

Então, aqui estou, em uma manhã ensolarada de sábado, viajando em um ônibus cheio de frescura com outros moradores de Manhattan com a pele sem ver sol há muito tempo em direção à praia. Há vários tipos de Wall Street bem bonitos a bordo, e hordas de garotas do Upper East Side com vestidos de linho, e grupos de *gays* com sacolas de compras penduradas nos braços: garrafas de vinho francês, manjeriço fresco e queijo de cabra.

Comi um *grapefruit* de café da manhã antes de sair de casa, mas já estou faminta. Um chiclete sem açúcar não ajuda em nada. Um cigarro ajudaria, mas não posso fumar no ônibus, então vou ter de me contentar com um Trident até chegarmos ao nosso destino.

Trouxe comigo *As vinhas da ira*, *O grande Gatsby* e a última edição da revista *She*, uma cortesia de Raphael. Eu costumava assinar a revista, mas, agora que Raphael trabalha lá, ele me dá todas as edições de graça, então não renovei a assinatura.

Sem me dar conta, opto pela *She* e por uma entrevista com Kate Hudson em vez dos problemas da família Joad. Vou guardar a jornada deles em direção ao Oeste para quando eu fizer o mesmo, ao voltar para Manhattan amanhã à noite.

Nunca fui a Long Island, e, pelo que posso perceber pelas olhadelas que dou para a paisagem, o caminho até lá consiste em uma enorme estrada de concreto salpicada de *shopping centers* e viadutos.

Mas a vista vai ficando mais rústica gradualmente, quando atravessamos áreas desprovidas de pinheiros e fica totalmente marinha quando o ônibus encosta nos West Hamptons às dez e meia.

Kate está lá me esperando, usando *short* e uma camiseta cortada, com as alcinhas cor-de-rosa reveladoras do biquíni aparecendo sob a gola ampla. Está acompanhada de um sujeito que eu nunca vi.

Ela me dá um abraço, como se não nos víssemos há vários meses. Mas eu já conheço Kate há tempo suficiente para saber que não é afeição falsa: é só o jeito caloroso e sulista dela.

Ela me larga e faz um gesto na direção do sujeito.

— Tracey, esse aqui é o Billy. Billy, Tracey.

Parece que vamos nos tratar logo pelo primeiro nome, como se fôssemos os participantes de um daqueles *reality shows* na TV.

Billy sorri para mim e dá um oi, mas não de maneira muito simpática.

Ou talvez seja só minha insegurança. O que eu estava esperando? Outro abraço ao estilo Kate?

Fico imaginando quem ele é, mas Kate não dá explicações ao atravessarmos o estacionamento.

Acendo um cigarro e parto do princípio que Billy não fuma quando ele olha para mim como se eu estivesse injetando *crack* na veia.

Ele usa botas Timberland sem meia, *short* caqui e uma camisa de abotoar da Ralph Lauren cor-de-rosa toda amassada e com as mangas enroladas para cima e para fora. De algum modo, a cor não parece nem um pouco afeminada nele. Até o nome consegue ser masculino nele. É engraçado: "William" seria com certeza um tanto *gay*, mas Billy consegue ser meio tosco.

Ele, obviamente, faz musculação, e é forte, levando em conta a maneira como carrega no ombro minha mala lotada e pesada para o fim de semana.

O cabelo dele tem reflexos loiros de sol (sim, reflexos de sol, em Nova York, em junho) e um bronzeado com aparência saudável. Ambos parecem naturais (mas o mesmo vale para o cabelo e o bronzeado de Kate... além dos olhos azuis dela). Então, vai saber. Como eu já disse, o cabelo de Kate é tingido de loiro, e os olhos dela conseguem seu tom de

azul por meio de lentes de contato, e por acaso sei que o bronzeado cor de mel dela veio de um frasco de produto de beleza ridiculamente caro ao longo da semana passada. Ela não acha bom expor sua pele delicada de Delacroix ao sol.

Acontece que Billy levou Kate até a cidade para encontrar comigo, e que ele é uma das pessoas que dividem a casa com ela. Eles acabaram de se conhecer na noite passada, mas já parecem bem íntimos.

Fico sabendo que Billy mora no Upper East Side e trabalha em "Wall Street. Que surpresa!

Só Kate para alugar uma casa de praia com um cara com esse visual.

De novo pensando na coisa do *reality show*, olho para ele e imagino uma legenda sobreposta à imagem: *Billy, 24, negociante de ações, Nova York.*

O carro é ainda mais impressionante que ele: uma BMW preta conversível.

Quando nos aproximamos do veículo, Billy me lança um olhar por trás dos óculos Ray-Ban. Capto a indireta e me apresso em apagar o cigarro com o pé, antes que ele peça. Como se eu ousasse pensar em fumar no carro de alguém, mesmo que seja um conversível. Quero dizer, não sou assim tão desajeitada.

Alimento meu corpinho desprovido de alimento e de nicotina com mais um tablete de Trident quando Kate me oferece o banco da frente. Claro que eu recuso.

Então, aqui estou, empoleirada no meio do banco de trás, inclinando-me para a frente como uma criança de quatro anos que tenta bisbilhotar a conversa dos pais enquanto percorremos ruas exóticas, cheias de carros e ladeadas de árvores desta cidade à moda antiga metida a chique. Pegamos uma estrada e passamos por casas castigadas pelo vento, com telhados de ardósia e equilibradas sobre palafitas nas dunas cobertas de capim.

Hoje, o céu é de um azul profundo e limpo. Assim como o mar a distância. Assim como, estou disposta a apostar, os olhos de Billy por

trás daqueles óculos de ator de cinema.

O rádio toca bem alto, e Kate e Billy estão conversando sem parar no banco da frente, e o vento é tão forte que, toda vez que abro a boca para fazer um comentário, meu cabelo pega no chiclete. Fico com vontade de jogar o chiclete para fora do carro, mas de algum modo sei que Billy não ficaria contente se me visse fazendo isso.

Finalmente, viramos em uma alameda estreita e arenosa e encostamos na frente de uma casa quadrada, moderna, com telhado de ardósia e dois andares. Ou melhor, estamos encostando atrás da casa; Kate rapidamente observa que a parte da frente tem vista para o mar. Isso explica a aparência simples ao extremo das coisas por este ângulo. Como eu sei quanto ela paga para dividir esta casa, eu esperava algo bem mais extravagante.

Billy carrega minha mala escada acima com muita educação e a deixa logo depois da porta, então se vira e nos informa que nos verá mais tarde.

— Aonde ele vai? — pergunto a Kate, quando o ouço dar a partida no carro lá fora.

— Não faço a menor ideia. — Ela parece decepcionada, e percebo que está a fim dele.

Isso não devia ser novidade para mim. Ele é totalmente o tipo de Kate: branco, anglo-saxão e presbiteriano (um WASP, em resumo), rico e bonito.

Kate reconhece, sem problema algum, que mora em Manhattan não para dar início a uma carreira séria nem para se encher de cultura (apesar de ter se formado em arte na Universidade do Alabama). Ela tem esperança de arrumar um certo tipo de marido. Um marido do tipo de Billy.

É por isso que ela continua trabalhando como funcionária administrativa temporária, que é o melhor jeito de conhecer um cara de Wall Street. Ela, com certeza, não precisa do salário ínfimo, porque os pais dela pagam o aluguel e todos os gastos, e depositam uma "mesada" na conta dela toda semana.

Já vi fotos da casa deles em Mobile, e parece a de Tara, de ... *E o vento levou*. Juro por Deus, é uma daquelas enormes casas de fazenda do Sul, com pilares redondos, entrada de carros redonda e árvores enormes cobertas de musgo.

Kate tem duas irmãs mais velhas, que aparentemente moram em Mobile, em mansões de fazenda delas mesmas, com maridos ricos também naturais do Alabama.

Mas Kate diz que nunca se sentiu atraída por homens do Sul. Seu namorado da faculdade era de Nova York, e parece que ele fez com que ela experimentasse um pouco da vida da sociedade de Manhattan que ela tanto quer.

Como eu conheço Kate, acho que estava esperando mais desta casa nos Hamptons... Acho que eu queria ver porcelana, cristal e castiçais.

Olho para a enorme combinação de cozinha e sala em que estamos e fico estupefata com a falta de elegância.

Os móveis são apenas funcionais, tudo bege e retangular, como a casa em si. O lugar parece vazio, mas há evidências de seus habitantes.

Garrafas de Snapple e exemplares do *The New York Times* de hoje atulham a mesinha de centro.

Um bule de café cheiroso, cheio até a metade, está em cima do balcão da cozinha.

Vários pares de sapatos estão espalhados em um tapetinho ao lado da porta.

Um som está ligado ao fundo... tocando *hip-hop* (não é meu tipo de música preferido).

Do outro lado da sala, há portas de vidro de correr que conduzem a um deque de madeira amplo. Além dele há dunas e, presumivelmente, a praia.

— Então, o que você acha? — pergunta Kate, cheia de expectativa.

— E legal.

— Não a casa — diz ela, como se eu já devesse saber. — *O Billy*.

—Ah, o Billy. Ele é legal.

A expressão desapontada e cheia de expectativa dela diz: *Só isso?* Então eu tento arrumar outro adjetivo que não seja *arrogante*.

— Ele é bonitinho também. — Realmente, sou uma pessoa muito articulada. — Muito bonitinho.

— E, ele é bonitinho — concorda Kate prontamente.

— Qual é a história entre você e ele?

— Como é que você sabe que tem alguma coisa entre a gente?

— Porque eu sou vidente, por que mais? Ela dá uma risadinha cínica.

— Então, o que está rolando entre vocês, Kate?

— A gente saiu junto ontem à noite. Todos nós fomos a um clube e... bom, você sabe. Não que tenhamos tido alguma privacidade quando voltamos para cá. Tem três pessoas em cada quarto, e somos 12... 13, incluindo você.

Então, sabe como é, as coisas não... avançaram de verdade — diz ela, toda recatada.

— Isso quer dizer que vocês não transaram?

— Claro que não! Acabamos de nos conhecer, Tracey. — O sotaque sulista dela está mais evidente que o normal, e isso acontece sempre que ela faz tudo o que pode para mostrar que está ofendida e que é uma dama.

Acontece que eu sei que ela foi para a cama com o último caso dela (um sangue azul de Boston que estava de visita a Nova York a caminho da faculdade na Costa Oeste) na noite em que os dois se conheceram em alguma *happy hour* de um bar de vinho nos arredores da rua 40 Leste.

Mas, ei, se ela está a fim de defender sua virtude, quem sou eu para contrariar?

— Você gostou daqui? — pergunto a ela, quando me conduz escada acima e até o fundo do corredor, até o quarto que vamos dividir

com outras duas mulheres. Vou arrastando minha mala degrau a degrau. *Tump, tump, tump*. Pesa uma tonelada.

— Estou adorando. É maravilhoso — responde Kate, e para para me espiar por cima do ombro. — O que você trouxe aí? Tijolos?

— Só alguns *shorts* e um maio — digo, toda inocente. Na verdade, também trouxe várias roupas possíveis para hoje à noite, porque não sei o que as pessoas vestem para ir a clubes nos Hamptons, e espero que não seja pouca roupa. Eu não uso peças mínimas.

Além do mais (só para o caso de eu terminar *As vinhas da ira*), tem a edição em capa dura de *O grande Gatsby*. É, o livro se ambienta no litoral norte e não nos Hamptons, mas me pareceu uma escolha literária lógica para um fim de semana em Long Island.

Maquiagem, protetor solar, xampu, condicionador e um secador de cabelo.

Tênis, sandálias e dois pares de sapatos baixos pretos, um chique, outro, não.

Ah, e seis latas de Iced Tea Snapple de groselha *diet*, para o caso de não haver nada assim à mão e eu me sentir tentada a me esbaldar com algo mais calórico.

— No ano que vem, quero alugar uma casa para o verão todo — vai dizendo Kate, enquanto passamos por várias portas fechadas no corredor.—Não acredito que não posso vir todos os fins de semana. Mas estamos tentando nos organizar para que alguns de nós possam vir nos fins de semana que não são nossos, se não nos importarmos de dormir no chão da sala. —Você? Dormindo no chão?

—Eu sei que não parece muito confortável, não é? — Ela ergue uma sobancelha perfeitamente arqueada para mim. —Mas Billy pagou o aluguel completo, por isso tem cama todo fim de semana, então, vai saber, Tracey.

— Mas, Kate, vocês acabaram de se conhecer! — Faço uma imitação perfeita do jeito de falar dela.

— E, mas a gente tem o verão todo pela frente, se é que você me entende. — Ela sorri e abre a porta do nosso quarto.

As duas camas de solteiro estão desfeitas. A cama de casal está toda arrumadinha, e reconheço o edredom rosa e verde com florzinhas da Laura Ashley esticado por cima dela.

— Esta deve ser a sua, Kate — digo, indo até lá e sentando na pontinha. — Eu não achei que você ia precisar trazer sua própria roupa de cama.

— Não precisa, mas não consigo dormir sem meu edredom.

— Então, você vai carregar de um lado para o outro todo fim de semana?

— Fim de semana sim, fim de semana não — corrige ela. — Mas não, não vou. Comprei um novo para o meu apartamento.

Isso me parece frescura demais. É a cara de Kate.

— Então, o que você vai fazer com dois edredons idênticos depois do verão? — pergunto.

— Vou dar um para você — responde ela. — Tudo bem. Meu *futon* não é do tamanho de uma cama de casal.

— Até lá, talvez você já tenha uma cama de mocinha — diz ela, em tom imitando uma mãe.

— Hmm-hmm.

O que ela não sabe é que, até lá, eu terei me mudado para uma casa nova, com Will.

Certo, não é que eu esteja completamente segura disso, mas, vamos encarar, é o próximo passo lógico. Quero dizer, quanto tempo um casal comprometido, com a cabeça no lugar, pode morar cada um em um conjugado separado, eu em um bairro quase perigoso e ele com uma colega de apartamento quase perigosa (ainda que apenas no domínio da tentação).

— O banheiro fica aqui — diz Kate, fazendo um sinal com a cabeça na direção de uma porta. — Por que você não se troca e a gente vai para a praia?

O momento da verdade.

Eu sabia que estava chegando, mas, agora que chegou, sou pega tão de surpresa como se ela estivesse me dizendo que eu ia ter de dirigir o carro da fuga enquanto ela assalta um banco.

Mas o sol está brilhando e o mar fica a metros de distância, e a única coisa que posso dizer é:

— Claro, eu já volto.

Afinal de contas, perdi mais de dois quilos. Talvez não seja assim tão mau... eu de maio, quero dizer.

Kate vai se colocar na frente do espelho atrás da porta do armário, solta o rabo-de-cavalo e começa a escovar o cabelo.

Começo a arrastar minha mala cheia de pedras para o banheiro.

— Por que você simplesmente não pega seu maio aqui? — pergunta Kate, com a boca meio fechada por causa das fivelas que segura entre os dentes.

—Ah, eu preciso procurar... está no fundo. Além do mais, preciso achar minha saída de praia.

Saída de praia.

Uma canga *tie-dye* já bastaria, mas, infelizmente, eu trouxe tudo, menos isso.

A coisa mais próxima que consigo encontrar é uma camiseta largona em verde-cáqui desbotado que parecia bonita quando eu comprei na Eddie Bauer no verão passado, mas, agora (pelo menos à luz amarelada que sai da luminária de cima da pia no banheiro sem janela), faz com que eu pareça linda mais branca e sem graça do que realmente sou.

Mas pelo menos serve para esconder meu maio, um negócio preto pavoroso desenhado para "silhuetas cheias", com uma faixa roxa na barriga, supostamente uma ilusão de ótica para afinar a cintura. As pernas cavadas supostamente têm efeito parecido sobre as minhas coxas. Como isso pode acontecer eu não faço a mínima ideia, já que a lógica do bom senso dita que, se você quer esconder alguma coisa, deve mostrar menos dela, e não mais. Minhas coxas estão totalmente

expostas em toda sua glória de casca de laranja, molengas abaixo da barriga que parece desafiar os limites impostos por esse tecido com memória ou sei lá o que a vendedora disse há muito tempo, quando eu o comprei.

Não tem espelho de corpo inteiro no banheiro, o que não sei se considero uma bênção ou uma maldição. Não faço a menor ideia de como estou com esta coisa.

Na verdade, faço uma ideia, sim. Por isso a camiseta verde que parece uma barraca. Coloco um *short* para disfarçar, junto com o único par de sandálias que tenho: chinelos de dedo pretos que pareceriam mais à vontade no meio de um deserto do que nessa praia cheia de frescura.

Saio do banheiro e encontro Kate lá parada, esperando por mim em uma saidinha de praia fofa atoalhada. As pernas nuas e os pés descalços dela estão bronzeados por igual, e as unhas dos pés estão feitas com um tom de rosa que combina perfeitamente com o biquíni novo. Ela é a própria perfeição do sul da Califórnia: loira, bronzeada e bonitinha, desde o cabelo com reflexos de sol que ela prendeu para cima de maneira relaxada até a tornozeleira de ouro que ela colocou em volta de um tornozelo magro.

É a tornozeleira que me pega.

É tão distinta/sexy... fica tão bem em Kate! E Kate fica tão bem com essa roupa, neste lugar.

Meu primeiro pensamento é que eu daria tudo para ser ela.

O segundo é: *Graças a Deus que Will não está aqui*. Eu não ia querer que ele me visse desse jeito. E também não ia querer que ele visse Kate desse jeito. O engraçado é que Kate nem o acha bonito, e Deus sabe que ela nunca faria nada, mesmo que achasse.

Mas não há dúvida em minha mente que Will acharia Kate bonita com tão pouca roupa, pronta para ir à praia. Qualquer homem de sangue quente acharia. Ao lado dela, sou absolutamente inadequada.

O último resquício de orgulho que restou dos dois quilos que eu perdi se desfaz e é substituído por desespero total.

— Tudo pronto? — pergunta Kate animada, pegando uma bolsa de praia de palha que é tão adequada quanto a roupa e ela... bom, ela *em si*.

E difícil não odiá-la neste momento; é mesmo. É mais difícil ainda não me odiar. Pegamos duas cadeiras de praia dobráveis no deque. Caminhamos pela trilha de areia até a praia extensa enquanto eu lembro a mim mesma que já estou progredindo em direção ao meu objetivo. De que, nesta época, daqui a um ano, eu também vou ser uma deusa. Mas não ajuda.

Para começar, não estou convencida de que vou mesmo conseguir fazer tanta ginástica e exercício para alcançar o *status* de deusa.

E, depois, quero ficar bonita *agora...* não no ano que vem, nem no semestre que vem, nem no mês que vem.

— Todo mundo está ali — diz Kate, apontando para um grupo de pessoas logo à frente.

— Todo mundo?

— As pessoas que dividem a casa comigo. Venha, eu apresento você.

Não me resta fazer nada além de caminhar até a meia dúzia de pessoas que são exatamente tão bonitas quanto Kate. Bom, não todas. Tem um cara com aparência de fuinha, Kenny, com óculos, cabelo preto desgrenhado e corpo gorducho. Mas ele divide uma esteira com Shelby, uma ruiva linda, que é sua namorada (e acontece que Kenny é podre de rico).

Ele não está hospedado na casa de praia; está na casa dos pais, em South Hampton. E Shelby também. Mas vieram passar o dia aqui, visitando Lucy e Amélia, amigas de Shelby. Lucy mora no prédio de Kate, e foi ela que apresentou esse pessoal a Kate, aliás.

Lucy é tão bonita e magra quanto Kate e Shelby, mas fico aliviada de ver que Amélia tem cara de quem consumiu umas boas batatinhas e cerveja (coisas que ela tem nas mãos) na vida, estendida em uma cadeira de praia, sem parecer nem um pouco constrangida de exibir toda a celulite na frente dessas beldades praianas, além de Chad e Ray,

os dois gostosos que dividem a casa e que estão praticamente babando em cima de todo mundo, menos eu e Amélia.

Sento na minha cadeira de praia de frente para o mar, com os joelhos encolhidos porque a parte de cima das minhas coxas não fica parecendo tão flácida assim. Recuso-me a tirar a camiseta, dizendo a todo mundo que esqueci o protetor solar e não quero arriscar me queimar.

— Pode usar o meu — oferece Kate, gentil, jogando para mim um frasco de Clinique FPS 30.

— Na verdade, tenho alergia a este — digo a ela.

— Ninguém tem alergia a Clinique, Tracey. Oh-oh. É mesmo?

— Eu tenho — minto. — Meu protetor tem de ser especial. Meu dermatologista que prescreve. Minha pele é ultrasensível.

— A minha também — diz Kate, fazendo uma careta. — Eu nunca ouvi falar de...

— Sério, Kate, estou bem — digo, lançando um olhar para ela.

Talvez ela finalmente tenha entendido, porque fica quieta.

Durante um tempo, ficamos todos lá sentados, conversando e bebendo cerveja, e eu fico bem mais relaxada. Mas agora o sol está bem alto, e estou suando demais de camiseta.

Billy aparece com um isopor e dois outros caras, Randy e Wade. Quando ele chega, Kate praticamente me abandona. Eu ficaria irritada se não fosse Amélia, que é simpática e nada esnobe, diferentemente de Lucy e das outras.

Fico maravilhada pela maneira como ela fica lá sentada com seu maio amarelão, com uns bons 20 quilos de excesso, e não parece nem um pouquinho preocupada com sua aparência nem com o que come. Ela engole uma lata inteira de batatinhas Pringles (do tipo com gordura) e pelo menos três cervejas.

Também confessa que não sabe nadar, o que me deixa feliz, porque assim não preciso ficar aqui sozinha quando todo mundo for para a água.

— Você também não sabe nadar? — pergunta ela para mim, passando loção com cheiro de coco nos braços gorduchos e sardentos.

— Não sei muito bem — minto. — Além do mais, a água é fria demais nesta época do ano.— Tiro um fio de suor que escorre pela minha testa.

— Isso não parece ser problema para elas — diz ela, fazendo um gesto para o grupo no mar, espalhando água para todo lado. Ouço Kate dar gritinhos quando Billy tenta dar um caldo nela.

Chego à conclusão de que não gosto dele. É exibido demais.

— Ele é o maior imbecil — diz Amélia, e acho que ela está falando de Billy, até que aponta para Wade.

— Mesmo? Qual é a dele? — Dou uma olhada no sujeito de cabelo escuro e maxilar quadrado que é bonito, porém mais baixo que eu. — Ele pareceu bem quietinho quando estava sentado aqui.

— Ele é um aproveitador. Quando fica bêbado, pega qualquer coisa que se mexa. Eu fui idiota o bastante para cair nessa falsidade no verão passado, mas não vou cair de novo. Fique longe dele, Tracey. Pode acreditar em mim.

— Ah, eu tenho namorado — digo a ela.

— Mesmo?

Conto a ela sobre Will.

— Eu fiquei com um ator uma vez — diz ela. — Na verdade, ainda somos amigos.

— Há quanto tempo vocês terminaram?

— Há três anos. Estávamos na faculdade. Ele percebeu que *era gay*. Agora, ele e o namorado moram a dois quarteirões da minha casa, e nós todos andamos juntos.

— Ah. — Não sei o que dizer. Parece péssimo. Tento imaginar eu e Will separados e continuando a nos ver. De jeito nenhum. Principalmente se ele estivesse com outra pessoa... mesmo que fosse homem.

Não que exista a menor possibilidade de Will *ser gay*, independentemente das suspeitas de Kate.

— Ele sempre fica tentando arrumar namorado para mim — prossegue Amélia. — Mas eu vivo dizendo a ele que não quero sair com mais ator nenhum. Eles são todos ensimesmados demais... quero dizer, nem todos — completa ela, apressada, para não me chatear — mas os que eu conheço, são. Tenho certeza que seu namorado não é... — Não, ele não é ensimesmado — garanto a ela. Mas a verdade é que ele é, sim. Até parece que eu nunca reparei. Mas de repente eu me dou conta de que estou brava com Will, ao perceber quantas vezes tudo girou em torno dele. Como as coisas nunca giram em torno de mim.

E de quem é a culpa?, uma vozinha pergunta dentro da minha cabeça.

Sou eu que aguento o ego de Will. Sou eu que nunca peço nada para mim. Por quê?

Porque todo mundo tem seus defeitos.

E porque eu o amo.

Qual é o problema nisso?

—Tudo bem com você? — pergunta Amélia, e eu me viro e a vejo me observando. — Parece que você de repente ficou aborrecida com alguma coisa.

— E só que... é o meu namorado. Estou com saudade dele. Só isso.

— Talvez você possa fazer uma visita.

— Com certeza, está nos meus planos.

Mas de repente não me sinto assim tão ansiosa para ver Will em seu novo ambiente. Não quero ver a casa do elenco e conhecer Esme e ver como ele está se divertindo sem mim.

Só quero que ele volte para Nova York, onde é o lugar dele. Quero que tudo volte ao normal.

Só faz uma semana desde que ele partiu.

Como é que eu vou sobreviver mais 11?

CAPÍTULO 10

— Tracey, que bom ver você de novo — diz Milos na recepção do prediozinho antigo de tijolinhos onde ele mora e que também faz as vezes de escritório para o serviço de bufê dele, o Eat Drink Or Be Married.

Só o encontrei uma vez, quando dei uma passada ali com Will, que precisou pegar um pagamento. Mas Milos pega minhas mãos nas dele e aperta, como se fôssemos velhos amigos.

Ele é um homem pequenino. Basicamente, um anão do meu lado. E, no entanto, tem uma presença de comando, uma espécie de carisma e confiança que consegue me impressionar sem me intimidar.

— Sinto muito por não ter ligado logo para você. Passei o fim de semana todo em Long Island e só recebi seu recado no domingo à noite.

— Tudo bem. Fico feliz por você ter aceitado vir até aqui falar comigo — diz ele com seu sotaque eslavo. — Sei que está em horário de almoço, então vamos logo falar de negócios. O Will me disse que você tem experiência como garçoneiro.

Faço que sim com a cabeça, torcendo para não precisar entrar em detalhes.

— Já trabalhou com serviço francês? *Hã?*

— Não — digo a ele.

Pelo menos, acho que nunca trabalhei com serviço francês.

Ele ergue uma sobrancelha escura.

— Já trabalhou para algum serviço de bufê?

— Não. Na verdade... eu trabalhei em um restaurante.

— Aqui na cidade?

— Não, na minha cidade. Mas eu aprendo rápido. Tenho certeza que consigo acompanhar.

Ele parece relutante, mas assente com a cabeça.

— Estou sem pessoal. Will disse que você talvez possa me ajudar. Estou organizando um coquetel na terça à noite no Central Park South... Você está disponível?

Terça? É amanhã. Ainda estou exausta do fim de semana nos Hamptons (bebida demais, dança demais e só uma hora e meia de descanso, sem contar a cochilada no Jitney na volta para casa ontem à tarde).

Mas posso ir para a cama cedo hoje e me recuperar, e com certeza estou precisando do dinheiro, levando em conta o que gastei no fim de semana.

Pergunto a Milos:

— A que horas você precisa de mim? Eu geralmente saio do trabalho às...

— Se puder estar lá às sete para eu pedir a alguém para lhe mostrar o que precisa fazer, está ótimo. Nessa hora, estaremos fazendo os preparativos.

— Sete está ótimo.

— Que bom. A festa começa às nove.

Nove? Isso significa que vou voltar tarde para casa, e preciso acordar cedo para trabalhar na quarta de manhã.

— Basicamente, o que você vai ter de fazer nesse evento é passar bandejas de petiscos quentes e frios — explica Milos.

Ah, então era isso que ele quis dizer com serviço francês. Isso eu consigo.

— Você vai aprender o serviço francês antes que eu precise de você para uma ocasião formal, como um casamento — informa Milos.

Ocasião formal? Casamento? Obviamente, ele tem grandes planos para mim. Obviamente, serviço francês não tem nada a ver com carregar bandejas de petiscos.

— Em um futuro próximo, vou fazer com que você passe pelo nosso treinamento de três horas — promete Milos. — Mas, por enquanto, pode trabalhar como auxiliar. Não vai ser difícil. Estamos passando por uma moda incrível de ragu.

Concordo com a cabeça. — Alguma pergunta?

Sacudo a cabeça. Que diabos é "uma moda incrível de ragu"?

— Certo. Muito bem. Agora, preciso voltar para o meu *croquembouche*.

Lembrete mental: perguntara Will com urgência que porcaria é essa de que Milos fala.

Cinco minutos depois, já estou voltando para o escritório com uma túnica em estilo indiano de cor cinza-claro enfiada embaixo do braço. Trata-se da metade de cima do meu uniforme do bufê. Milos disse que eu tenho de colocar calça social preta e sapato baixo preto, para combinar. Pelo menos a parte de baixo vai ser preta, que emagrece.

A túnica não é exatamente favorável, e parece que ficou um tanto justa nos quadris quando experimentei no vestiário de Milos, mas fiquei envergonhada demais para pedir um tamanho maior. De todo modo, era Grande. Vai saber se existe um tamanho maior.

Tenho tempo suficiente para caminhar os vinte e poucos quarteirões até a agência. Não fiz exercício algum durante o fim de semana, tirando dançar no sábado à noite. O bom é que também não comi muito. Na verdade, no sábado à noite, na casa de praia, só comi um hambúrguer sem nada (nem pão) e um pouco de salada quando fizemos churrasco no deque. Eu não queria dar uma de porca na frente de todo mundo.

Sáímos para beber e dançar em um clube. Fiquei segurando o mesmo Bloody Mary o tempo todo (álcool engorda de verdade). Como Amélia previu, Wade bebeu demais e tentou me agarrar. Eu não teria me interessado nem um pouco, mesmo que ela não tivesse me avisado sobre ele. Ficou tentando pegar na minha bunda na pista de dança, e fez um comentário sobre como gosta de mulher de peitão. Acho que pensou que ia eu considerar isso um elogio. Que cafajeste. Acabou

ficando com uma moça que estava em uma casa em Quogue, e não o vimos mais durante o resto do fim de semana.

Aliás, eu também mal vi Kate. Ela e Billy ficaram juntos e foram embora do clube. Mas, primeiro, ela veio checar comigo se eu não me importaria de pegar uma carona para voltar para casa com os outros. Se não fosse Amélia, eu teria insistido para segurar vela para Kate e Billy, já que nenhum dos outros habitantes da casa tinha dado a mínima para mim. Mas Amélia era divertida, e ela e eu ficamos juntas na praia o domingo inteiro, enquanto Kate e Billy e alguns outros foram praticar esqui aquático.

No almoço, Amélia engoliu três cachorros-quentes no barzinho da praia.

Eu comi um saquinho de pipoca e tomei um Snapple Diet.

Era tarde quando voltei ao meu apartamento ontem à noite, então também não comi. Estava exausta demais. Só queria dormir.

Hoje de manhã comi meio pãozinho com gergelim e um pouco de *cream cheese* sem gordura antes de me dirigir para o metrô. Já estou de novo com fome, mas não morta de fome. Penso em parar para comer alguma coisa rápida antes de voltar para o escritório.

Talvez seja minha imaginação, mas a saia de linho preto que estou usando parece bem larguinha na cintura. Pode ser que eu tenha perdido mais meio quilo no fim de semana. Talvez um quilo.

Este é mais um dia abafado, de calor, e as calçadas estão cheias. Acendo um cigarro e vou fumando enquanto caminho, pensando sobre o fim de semana que passou e sobre o trabalho de garçoneiro que viria a seguir, e sobre Will, como sempre. Ele nunca se afasta muito da minha mente.

Quando estava indo para casa ontem à noite, depois de chegar a Nova York, convenci a mim mesma que haveria um recado dele na secretária eletrônica (apesar de ele ter dito que não ligaria). Naturalmente, fiquei decepcionada. Eu deveria ter me preparado. O único recado era de Milos.

Mas tenho certeza que Will vai ligar hoje à noite, lembro a mim mesma quando entro na *delicatessen* adjacente a recepção do prédio onde trabalho. O lugar está lotado, como sempre. Abro caminho pela multidão, passando pelo salão da frente e chegando aos enormes balcões de comida quente e fria. Talvez eu pegue uma salada, penso, dando uma olhada no bufê frio.

Ou alguns legumes no vapor.

Tem muita gente em volta dos dois bufês, então eu vou até o fundo para pegar a bebida primeiro, e meus pensamentos retornam a Will.

Ele disse que ligaria depois do fim de semana. O que significa hoje.

Não sei o que vou fazer se ele não ligar... não que...

— Ah, desculpe! — solto ao esbarrar em alguém que abre a porta do compartimento refrigerado de bebidas.

— Tracey! O sujeito se vira e eu reconheço o rosto dele e sei que o conheço, mas, durante uma fração de segundo, fico achando que é alguém do trabalho.

Isso porque nem em um milhão de anos achei que ia cruzar com ele aqui.

— Buckley?

Sim, é ele mesmo. Buckley O'Hanlon.

— O que está fazendo aqui? - pergunto, estupefata.

— Para falar a verdade, estou almoçando - responde ele e pega uma Pepsi da geladeira e volta a fechar a porta. — Estou fazendo um serviço *freelancer* para uma empresa no prédio.

— Que tipo de empresa? — pergunto, com o coração apertado, imaginando se não é a Blaire Barnett.

— A Seyville Inc.— responde ele. — É um serviço de limpeza que tem escritório no segundo andar, — Ah. — Você também trabalha por aqui?

— Trabalho mais para cima. No 33º andar. — Uso um conjunto de elevadores totalmente diferente, graças a Deus. Mas, realmente, é a

maior coincidência do mundo o fato de ele vir trabalhar no mesmo prédio que eu.

Ele afirma o óbvio:

— Que coincidência, hein?

— É, é mesmo. — Finjo estar fascinada com a fileira de refrigerantes *light* dentro da geladeira. Não faz mal que o vidro esteja quase totalmente embaçado.

— Sabe, Tracey, eu tentei ligar para você depois...

— Ah, tentou? — interrompo bem rápido, porque não quero que ele se estenda, já que nós dois sabemos do que ele está falando.

Mas ele tem de se estender.

— E, depois daquela vez que a gente saiu... aquela vez que não era um encontro de verdade porque você achou que...

— Eu sei. Sinto muito — digo, irritada com ele. Será que ele precisa mesmo falar tudo, com todas as letras? Quero dizer, até parece que a gente já se encontrou mais de uma vez.

— Cada vez que eu tentava ligar, caía em uma secretária eletrônica.

— Ah, é, eu não fico muito em casa — respondo, imaginando onde foi que ele arrumou meu telefone. Achei que eu tinha dado um número falso para ele. Talvez Joseph ou...

— Era a secretária eletrônica de uma pessoa que gravou a mensagem em árabe — informa ele.

— Mesmo? — Finjo estar confusa. — Que coisa estranha. Você deve ter discado o número errado.

— É, mas toda vez caía no mesmo lugar — diz ele, mas de um jeito bem-humorado.

Estico o braço para dentro da geladeira e pego um Iced Tea Snapple de groselha *diet*. Minha vontade é entrar ali dentro, naquele frio, e fechar a porta atrás de mim... e não só porque minha cabeça está empapada de suor por causa da longa caminhada sob o sol do meio-dia.

— Quem sabe você não me deu o número errado por engano? — pergunta Buckley quando eu removo a metade superior do meu corpo de dentro da geladeira.

—Vai ver que dei, sem querer. Desculpe.

— Tudo bem. Mas eu quis ligar para dizer que não faz mal... você ter pensando que eu era...

— Ah, que bom. Obrigada. Porque eu não tinha intenção... sabe como é....

— De me insultar? — Ele dá um sorriso. — Tudo bem. Existem coisas piores que você poderia ter pensado a meu respeito. E eu achei que você poderia ter ficado envergonhada, então eu queria dizer que não faz mal.

Reparo que os dentes dele são brancos e bonitos... ele tem aquele tipo de sorriso que, se fosse de um personagem de desenho animado, teria um brilho refletido nos dentes da frente. Está usando uma camisa social de mangas compridas com calça caqui e gravata amarela. As mangas estão dobradas para cima, e vejo que o antebraço dele está bronzeado.

— Está indo à lavanderia? — pergunta Buckley, fazendo um gesto na direção da minha túnica indiana embalada em plástico.

— Na verdade, estou chegando de um almoço, hmm, de uma reunião — digo. Agora sou eu que estou com vontade de me estender. — Eu tive de falar com uma pessoa. É um cara de um bufê para quem vou trabalhar — completo, por alguma razão sentindo necessidade de dar os detalhes da minha vida para esse estranho quase completo.

Às vezes eu faço isso. Só quando estou nervosa.

E Buckley O'Hanlon me deixa nervosa.

Se ele não tivesse me beijado, tudo estaria bem. Quero dizer, sim, seria um pouco estranho o fato de eu ter achado que ele *era gay* e a gente ter ido ao cinema de uma maneira platônica quando ele achou que era um encontro. Mas o beijo deixou as coisas muito sem jeito.

E a razão para isso é que...

Eu gostei.

Fiquei totalmente feliz de ser beijada por Buckley O'Hanlon.

Pior ainda, vê-lo novamente me faz desejar que ele me beije de novo. Aqui. Na boca. Neste corredor estreito e lotado de gente de uma *delicatessen* sujinha da Terceira Avenida.

Alguém esbarra nele por trás, e ele dá um passo para mais perto de mim para deixar a pessoa passar.

Agora o rosto dele não está longe do meu, e preciso confessar: sinto uma vontade desesperada de que ele jogue os braços em volta de mim e me beije até me deixar inconsciente.

Mas ele não faz isso.

Apenas sorri e diz:

— Estão fazendo um sanduíche para mim.

— O quê? — Fico olhando estupefata para ele, tentando decifrar as palavras, perguntando a mim mesma por que parece que ele está falando outra língua, se ele fala em inglês normal. Não faz o menor sentido. Será que eu andei bebendo?

Não. Talvez seja o fato de eu ter andado tanto no sol quente...

— Preciso ir lá pegar antes que deem para outra pessoa — completa ele, enigmático.

— O quê? — pergunto mais uma vez.

Do que é que ele está falando? Será que sou eu ou ele está simplesmente divagando?

Ou foi ele que andou bebendo ou eu perdi alguma coisa enquanto fantasiava a respeito de beijá-lo.

— Meu sanduíche — diz ele, e aponta para o balcão do outro lado do salão.

— Ah. — *Dãã*. Agora eu entendi.

— Pedi um de rosbife com queijo suíço e só vim aqui pegar um refrigerante — diz ele, fazendo um gesto com a lata. — Então, acho que eu...

— Claro, vá lá — digo, praticamente empurrando-o para longe.

Porque o negócio é o seguinte: enquanto o rosto dele estiver a centímetros do meu, não dá para ficar muito tempo me segurando para não beijá-lo.

— A gente se fala — diz Buckley, e acena para mim da fila do sanduíche ao mesmo tempo em que eu me encaminho para a fila do caixa com minha garrafa de Snapple.

Aceno em resposta, dizendo a mim mesma que não é ele. Poderia ser qualquer cara mais ou menos bonito, e eu teria reagido da mesma maneira. Nove dias de celibato me deixaram totalmente tarada e chateada. Simplesmente não tinha reparado nisso até Buckley aparecer e eu me lembrar do beijo.

Levo meu Snapple para o escritório e, só quando entro no elevador, percebo que esqueci de pegar alguma coisa para comer também. Bom, agora é tarde demais. Não posso voltar à *delicatessen*, porque sei que há a possibilidade de esbarrar em Buckley na recepção.

— Como foi? — pergunta Brenda ao colocar a cabeça para fora do cubículo dela quando eu passo.

Como foi? Como é que ela sabe?

— Ele gostou de você?

Devo estar olhando para ela com cara de quem não está entendendo nada, porque ela me ajuda:

— O Milos. —Ah!

— Do que você achou que eu estava falando? De Buckley.

— Eu sabia do que você estava falando. É só que... acho que estou com insolação — digo, colocando a garrafa fria e escorregadia de Snapple na minha testa ardente.

— Você parece acalorada — concorda Brenda. — Veio a pé nesse calorão todo?

Faço que sim com a cabeça.

— Preciso fazer exercício. Estou tentando caminhar todos os dias.

— Você é louca. Não dá para fazer isso com esse clima. Você vai desmaiar em alguma calçada por aí.

— Está tudo bem, Brenda — digo, sorrindo para a expressão preocupada dela.

— Se quiser se exercitar, compre um vídeo de aeróbica — sugere Brenda.

— Aeróbica? Eu? Sou a pessoa com menos coordenação motora do mundo, Brenda.

— Qualquer pessoa é capaz de fazer aeróbica — diz ela.

— Vou lhe trazer uma das minhas fitas de Jane Fonda amanhã. Você tem um vídeo legal, não tem?

Faço que sim com a cabeça. Ganhei um de presente de despedida da minha família em maio.

— Eu trago a fita amanhã. O que está achando do negócio da sopa de repolho?

— Maravilha — digo, porque não estou a fim de explicar a ela que é impossível viver comendo só sopa de repolho.

— Mesmo? Eu larguei no primeiro dia — diz ela. — Engordei um quilo desde a semana passada.

— Não parece — digo, e é verdade. Brenda é uma daquelas pessoas cujo peso é difícil estimar. Usa muita roupa larga e *blazer*, e é difícil saber o que existe por baixo. Mas, para mim, não parece ter engordado nada, com o vestidinho largo de verão cor de papoula. Além do mais, a enorme pilha de cabelo por cima da cabeça dela desvia a atenção do resto.

— Paulie quis que eu fizesse uma lasanha para ele ontem

— conta ela. — Ele comeu a metade. Eu comi quase todo o resto.

Minha boca começa a salivar imediatamente. Lasanha. Meu Deus, não como uma lasanha desde... Isso me faz lembrar de uma coisa.

— Brenda, você acha que Jake me deixaria sair mais cedo na sexta, antes do fim de semana estendido do feriado de 4 de Julho?

— Talvez. Porquê?

— Porque quero tomar um ônibus e ir visitar meus pais. E aniversário de casamento deles, e vamos dar uma festa.

— Você devia ir.—Ela abaixa a voz e se inclina na minha direção. — Ligue na sexta e diga que está doente.

— Acho que não devo fazer isso. E se Jake descobrir que eu não estava doente de verdade?

— Como ele descobriria?

— E se ele ligar para minha casa? Ela dá de ombros.

— Você vai estar se sentindo mal demais para atender o telefone.

— Acho que é melhor simplesmente pedir para sair mais cedo. Acho que tem um ônibus que sai às três de Port Authority.

— Não dá para ir mais tarde? Sacudo a cabeça.

— São nove horas de viagem, Brenda.

— Achei que sua família era do interior do estado!

— E é. Este é um estado grande.

— Uau. Tão grande assim?

— Nove horas de distância — digo em tom solene.

Nunca deixo de me surpreender como as pessoas ignoram o restante do estado de Nova York. Para todo mundo, o interior do estado é em Westchester, que é bem pertinho.

— Tracey? É você? — grita Jake do fundo do corredor.

— Parece que estão chamando você — diz Brenda, revirando os olhos. — Adoro como ele se recosta na cadeira e grita, em vez de vir até aqui chamar você, como qualquer ser humano normal.

— Tudo bem — digo, dirigindo-me para a sala de Jake.

Mas talvez ela tenha razão. Nunca tinha reparado como era falta de respeito até ela comentar.

Chego lá e encontro Jake jogado na cadeira, com os pés em cima de mesa, como de hábito.

— Preciso que faça uma coisa para mim — diz ele. — É aniversário da minha mãe, e eu me esqueci de mandar Laurie comprar alguma coisa para ela no fim de semana. Vá até a loja de chocolates na esquina da rua 43 e compre um pouco de trufas belgas. Tome aqui o dinheiro.

Ele coloca a mão no bolso e me entrega um punhado de notas de dez e 20. Pego o dinheiro. O que mais posso fazer? Recusar-me a atender um pedido pessoal dele?

Talvez Brenda se recusasse.

Eu sei que Latisha e Yvonne recusariam. Elas vivem me dizendo para não aturar a folga de Jake. Mas não consigo encontrar uma maneira de dizer não.

Além do mais, será que é tão mau assim? Ele só está pedindo um favor. E eu também vou poder sair do escritório um pouco.

Posso fumar um cigarro.

E fazer mais exercício...

Mas posso bem imaginar como vou me sentir tentada em uma loja de chocolates com o estômago vazio.

— Quanto devo gastar? — pergunto a ele.

— Veja se consegue gastar menos de 100. Ah, e quando passar na frente da Hallmark, na volta, compre também um cartão para ela, certo? — completa ele. — Um que diga "Feliz Aniversário, Mãe, do Filho que Tanto te Ama", ou qualquer porcaria dessas.

— Certo. — Limpo a garganta quando ele tira o telefone do gancho e se prepara para disar. — Olhe, Jake, fiz uma lista de nomes possíveis para o produto.

Ele, obviamente, não sabe do que estou falando, porque olha para mim com ar distraído do telefone e pergunta:

— O quê?

— O desodorante que dura a semana inteira? — lembro a ele.

— Ah! Certo. Ótimo. — Ele começa a disar.

— Você, hmm, quer conversar sobre eles?

— Claro. Deixe a lista comigo. — Agora?

— Não, coloque na minha caixa de entrada e eu dou uma olhada depois.

— Claro. — Não me resta nada a fazer além de voltar para a minha mesa e colocar a lista na caixa de entrada dele antes de pegar meus cigarros e meus óculos escuros.

— Aonde você vai? —Yvonne pergunta quando cruzo com ela no corredor a caminho do elevador.

— Tenho de fazer uma coisa para o Jake.

— E mesmo? — Ela revira os olhos. — Para onde é que ele vai mandar você desta vez ?

Finjo não ouvir e aperto o botão para chamar o elevador.

Por que eu me importo com o fato de as minhas amigas acharem que Jake se aproveita de mim? Ele é o meu chefe. Tenho de fazer qualquer coisa que ele me pede, certo?

Certo.

Mesmo que seja um assunto pessoal no horário do expediente?

Acho que sim.

Quando cruzo o *bali* de entrada, percebo que examino o lugar em busca de Buckley O'Hanlon. Nenhum sinal dele.

Que alívio, digo a mim mesma. A última coisa de que preciso é esbarrar nele de novo.

E é exatamente o que digo a Kate quando a encontro depois do trabalho para um drinque. Eu preferia ir direto para casa, mas ela ligou hoje à tarde e implorou para eu tomar um copo de vinho com ela em um café ao ar livre razoavelmente perto do meu apartamento. Disse que precisa de conselhos.

Mas já estamos aqui há quase 15 minutos e, até agora, ela só quis falar de mim. E foi por isso que Buckley veio à tona, para começo de conversa.

Como Kate me perguntou como foi meu dia, e depois de eu contar para ela sobre o trabalho futuro com Milos e a encomenda de compra de chocolate para o aniversário da mãe de Jake, não tive como deixar de fora a parte relativa a Buckley.

Tudo bem. Talvez pudesse ter deixado.

Talvez eu estivesse com vontade de falar sobre ele.

Sobre como eu me senti relutante ao vê-lo, e como espero não cruzar mais com ele.

— Tem certeza disso? — pergunta Kate em um tom meio sacana.

— Claro que tenho certeza. Por quê?

— Você deu um beijo nele...

— Ele é que deu um beijo em mim...

— E Raphael disse que ele é o maior gostoso.

— Raphael diz que todo mundo é o maior gostoso. Buckley não é nada de mais.

E é verdade, ele não é mesmo. Não de acordo com os padrões de Kate. Não de acordo com o padrão da maioria das pessoas. Ele simplesmente é, por acaso, um cara comum, muito legal, simpático e de classe média. Tudo nele tem aquela normalidade típica da classe média. Talvez seja isso que o torna tão atraente. Não existem muitos caras como ele em Nova York.

Mas eu saí de uma cidadezinha cheia de gente normal de classe média. Nunca quis ser uma dessas pessoas, nem sair com elas.

Não que eu queira sair com Buckley, apresso-me em lembrar a mim mesma.

— Bom, se você não tem nenhum interesse romântico por ele, não pode ser só amiga do Buckley? — pergunta Kate. — O cara trabalha no mesmo prédio que você. Isso é uma espécie de sinal.

Kate acredita muitíssimo em sinais. Ela afirma que resolveu terminar com o namorado da faculdade quando eles estavam

caminhando no parque um dia, discutindo, e um passarinho passou voando e fez cocô no ombro dele.

— Eu tenho amigos suficientes — garanto a Kate, e dou um gole no meu *merlot* antes de perguntar: — Sobre o que você queria conversar comigo?

— Minha mãe me ligou ontem à noite, quando voltei da praia. Disse que meu pai sofreu um golpe da última vez que a Bolsa caiu e eles querem que eu me mude para um lugar mais barato, ou que eu arrume alguém para dividir o apartamento.

— Nossa, é mesmo? Fico surpresa.

Para começar, tinha achado que ela queria falar comigo para pedir conselhos a respeito do caso novo com Billy.

E, depois, nunca ouvi Kate falar assim tão na cara-dura que os pais dela a sustentam. Quero dizer, não é segredo, mas ela não costuma falar assim com todas as letras.

— O que vai fazer? — pergunto.

— Não sei. Eu adoro meu apartamento. E tenho dois quartos. Achei que talvez... — A voz dela define e ela gira o copo de vinho entre as mãos.

— Talvez o quê?

— Talvez você queira vir morar comigo. Não no dia 1^a de julho — acrescenta, apressada. — Seria rápido demais. Eu sei que você precisaria dar o aviso contratual para sair do seu apartamento. Mas quem sabe no dia 1^o de agosto...

Minha mente está rodopiando. Morar com Kate?

O apartamento dela é lindo. Tem lareira e enfeites de gesso nas paredes, e uma varandinha. E fica em um dos quarteirões mais legais do Village.

Mas, e Will?

Se eu me mudar para a casa de Kate em agosto, não vou poder conversar com Will em setembro sobre a possibilidade de morarmos juntos.

— Quanto é o aluguel? — pergunto.

— Eu não cobraria a metade. Não seria justo, porque quero ficar com meu quarto, que é maior que o outro.

Ela está fazendo rodeios, dá para ver.

— Quanto é, Kate?

— Mil e quinhentos — oferece ela. Então, não preciso tomar nenhuma decisão.

— Não tenho dinheiro — digo. Caso encerrado.

— Mil e quatrocentos? — corrige ela. — Posso tirar os 100 extras dos serviços temporários que eu faço.

— Kate, não seria justo. E, na verdade, acho que você consegue mais de 1.500 pelo quarto. O apartamento é lindo.

— Eu sei, mas queria que você morasse lá comigo.

— Não dá — respondo, apesar de a oferta ser tentadora.

— Você disse que ia fazer alguns serviços de garçomete de bufê durante o verão. Você vai ganhar uma fortuna, Tracey. O suficiente para pagar a diferença do aluguel do seu apartamento para o meu.

Talvez.

Mas o problema não é o dinheiro.

É Will.

Não posso dizer a Kate que estou contando com a possibilidade de morarmos juntos quando ele voltar, no outono. Ou ela vai achar que estou fantasiando demais, ou vai dizer que não é boa ideia.

— E realmente não quero que algum desconhecido venha morar comigo — diz Kate, desolada. — Não depois do que você passou com Mercedes.

— Foi tudo bem — digo a ela.

Ela ergue uma sobrancelha para mim.

— Querida, a moça era traficante de *crack*.

— Certo, não foi tudo bem. Mas quem disse que você vai acabar com alguém como ela?

— Um desconhecido é um desconhecido, independentemente de ser igual a ela ou não.

— Olha, por que não convida o Raphael? Ele está ganhando mais, agora que trabalha na *She*. Talvez ele queira morar com você.

— Eu nunca ia conseguir morar com o Raphael — diz Kate em tom de como-é-que-você-pode-pensar-em-sugerir-uma-coisa-dessas. — O estilo de vida dele e o meu não têm como se combinar. Quero dizer, homens desconhecidos... *marinheiros*... entrando e saindo a qualquer hora... Imagine só, Tracey.

Dou um sorriso.

— Tem razão. Bom, então, talvez você devesse se mudar para um lugar menor.

— Mas eu adoro meu apartamento — choraminga ela. — O que vou fazer?

Dou de ombros.

— Pense um pouco no assunto, pode ser, Tracey? Só pense um pouco. Não diga não logo de cara. Certo?

— Mas, Kate...

— Espere um pouco para ver como o serviço no bufê vai rolar — insiste ela. — Você vai ganhar um monte de dinheiro. Por que ficar no seu apartamento se pode morar no meu? A gente ia se divertir muito.

Faço que sim com a cabeça. A gente se divertiria mesmo.

E se não der certo com o Will e meu plano de morarmos juntos...

Não que eu ache que não vá dar certo, mas, se não desse, eu não acharia ruim morar com Kate. Aliás, eu gostaria. Daí não precisaria me sentir solitária.

Mas não vou mais ficar solitária quando o Will voltar e ele e eu formos morar juntos.

Não, não posso ameaçar meu futuro com ele.

— Vai pensar no assunto, Tracey? — pergunta Kate.

Digo que sim para agradá-la, apesar de não ter a menor intenção de pensar sobre o assunto.

Pego uma comida chinesa no caminho de casa e janto assistindo a uma reprise de *Ally McBeal*.

E, que surpresa: o telefone não toca.

CAPÍTULO 11

— Você é a Tracey, certo?

Faço que sim com a cabeça para o rapaz afro-americano agradável que me recebe quando desço do elevador e me vejo na entrada de um apartamento de cobertura em Central Park South.

— Eu sou John Wilson, do Eat Drink Or Be Married — diz ele. — Milos pediu que eu fizesse seu treinamento.

O segurança que me acompanhou no elevador (depois de o meu nome ter sido conferido em uma lista na recepção e de terem avisado por telefone que eu estava subindo) volta para seu posto.

Mal me controlo para não olhar em volta de queixo caído enquanto John me conduz por uma enorme sala de estar até um lugar que ele chama de "átrio". Três paredes são de vidro, e a vista do Central Park, que se estende 20 andares abaixo, é incrível. Mas se você não olhar para baixo, quase dá para acreditar que está em algum terraço tropical. Objetos de terracota, plantas que não acabam mais, móveis de ferro fundido com cara de antiguidade, uma fonte gorgolejante. Vários homens carregam um piano de cauda da sala, passando pela porta dupla.

O apartamento inteiro está cheio de pessoas ocupadas, todas mais bonitas que eu, e todas usando túnica indiana cinza e calça social preta como a minha. Pelo menos estou podendo usar essa calça social sem graça de gabardine preta que comprei há mais de um ano para o enterro da minha tia-avó. E pelo menos ainda serve (o mesmo não seria verdade há exatamente uma semana). A cintura está apertada, o que prova que engordei pelo menos cinco quilos desde a faculdade (e que foi bom eu ter perdido aqueles pouco mais de dois quilos na semana que passou).

Dou uma volta rápida no apartamento enquanto John vai me falando do evento. Trata-se de um coquetel para comemorar o 40º aniversário de algum sujeito, organizado pela mulher dele. Dou uma

olhada em um retrato com moldura chamativa de um casal bonito em cima da lareira e calculo que devem ser o aniversariante e a esposa.

Fico imaginando o que eles devem fazer para ter dinheiro para morar em um apartamento como este. Estamos falando de uma junção de mega milionários do calibre de Trump e Vanderbilt. Tenho vontade de perguntar a John se são celebridades ou membros da realeza de algum país, mas isso é tão... Brookside. Então, tento não ficar boquiaberta quando ele me mostra o lugar, fingindo que estou totalmente acostumada a frequentar lugares de riqueza abundante.

Quadros valiosíssimos? Academia particular ao lado do quarto? *Closet* duas vezes maior que o meu apartamento?

Não é nada de mais.

Até parece.

John me mostra como carregar bandejas e oferecer petiscos aos convidados. Será que pode ser difícil? Fico imaginando até treinar com uma bandeja de prata vazia e perceber que é mais pesada do que parece.

Recomendam que eu seja educada e amável.

— Lembre-se — diz John — que os convidados não estão aqui para conversar com os serventes.

— Tem certeza? — pergunto séria. — Porque eu estava treinando umas piadinhas agora mesmo e...

Ele parece horrorizado.

— Relaxe, estou brincando! — digo, e dou risada.

— Ah! — Ele obviamente ficou aliviado. — Achei que você era...

— Algum tipo de maluca?

— Bom, já trabalhamos com alguns malucos, pode acreditar. Gente que não sabe como a coisa funciona. Muita gente que trabalha com bufê está no teatro ou algo assim. Uma vez, quando estávamos fazendo uma festa para um produtor musical, uma garçonete nova começou a cantar quando foi servir o *sorbet* dele.

— Está falando sério? Ele assente com a cabeça.

— Ela queria ser descoberta.

— Bom, eu não quero nada disso. Pode confiar em mim. E sei como a coisa funciona — digo a ele. — Will já me falou muito sobre isso. Eu sou bem discreta, certo? Eficiência silenciosa.

— Will?

— O Will McCraw. Meu namorado. Ele trabalha para o Milos.

— Ah, eu conheço o Will. Nós trabalhamos juntos o tempo todo. — Mas ele parece e soa surpreso. — Ele tem namorada?

— O quê? Espere, eu sei. Você achou que ele era gay? — Não! Não é isso...

Portanto, se ele não estava surpreso porque achou que

Will era gay...

Então ficou surpreso porque não achou que Will estivesse envolvido em um relacionamento sério.

— Então, o que é? — pergunto, bem objetiva.

— Nada! Eu só não sabia que ele tinha namorada. — John evita olhar nos meus olhos. — Venha, vamos para a copa ajudar com a comida.

Por que ele não está me olhando nos olhos?

Todos os tipos de ideias paranoicas transbordam na minha cabeça.

Todas elas incluem Will me traindo, e John ciente do fato. Talvez todo mundo aqui esteja sabendo disso. Talvez as pessoas estejam cochichando nas minhas costas, apontando para mim e dizendo: "Olha, aquela ali é a namorada do Will McCraw. Ela é uma coitada. Acha que ele é fiel."

Acabo me convencendo disso enquanto ajudo a encher as bandejas de prata com *crostini* de queijo feta e alcachofra, e tarteletes de salmão defumado com *dill* e nata.

Fico examinando as outras garçonetes, imaginando qual delas teria mais jeito para dar em cima de Will. São todas mulheres fatais em

potencial: Sheila, com o cabelo ruivo, comprido e glorioso; Kelly, com as bochechas de modelo; Zoe, com peitos ainda maiores que os meus e corpo magro em todos os outros lugares.

Elimino Sue, apesar de ela ser adorável, simpática. Para começar, ela também é novata, como eu: não só no serviço de bufê de Milos, mas em Nova York; acaba de chegar de

Pittsburgh. Além do mais, ela é supersimpática comigo, diferentemente de Sheila, Kelly e Zoe. Faz 20 minutos que nos conhecemos e ela fica dizendo que precisamos marcar para sair. Ou ela é muito solitária ou está dando em cima de mim. Talvez os dois.

Cada vez que John me apresenta a alguém, diz:

— Esta aqui é Tracey. Namorada de Will McCraw.

Todo mundo fica surpreso.

Todo mundo faz aquela cara de *O Will tem namorada?*, mesmo quando não proferem as palavras. Mas alguns deles não se aguentam e dizem.

Por sorte, os convidados começam a chegar e começamos a trabalhar, e a noite voa.

Meu estômago estava roncando quando ajeitei os canapés nas bandejas antes da festa. Mas quando todo mundo já foi embora e estamos cuidando da limpeza, meu apetite passou. John diz que podemos nos servir do que sobrou, e sobrou muita coisa. Mas nem o camarão do Golfo marinado enrolado em manjeriço serve para me animar.

Finalmente, pego um táxi e vou para casa, mais de 100 dólares mais rica, imaginando como vou fazer para levantar para ir trabalhar daqui a seis horas, esfregando os pés e os ombros doloridos a caminho de casa.

Quando chego ao meu apartamento, a luzinha de recado da secretária eletrônica está piscando.

Aperto o botão e começo a tirar a roupa enquanto a fita rebobina.

Tenho preguiça demais para abrir todos os botões da túnica estilo indiano. Então só abro o de cima e começo a puxá-la pela cabeça. Fica presa nas orelhas e posso jurar que ouvi a voz abafada de Will dizendo: "Tracey? Tracey?"

Por uma fração de segundo tenho a ideia estúpida de que ele está aqui no apartamento.

Eu sei. Loucura. O que posso dizer? É tarde, e minha taxa de açúcar no sangue está baixa.

Claro, percebo um momento depois, que é uma mensagem gravada dele: deve ter pensado que eu estava filtrando as ligações.

Ele não deve ter achado possível eu não estar em casa à...

— É meia-noite. Onde você está? Certo. Vou tentar ligar de novo outra noite. Espero que esteja tudo bem.

Ouçõ um clique e então a secretária solta dois bipes, e uma voz mecânica sem corpo diz: "Fim das mensagens."

Tento tirar a porcaria da túnica para poder olhar no relógio e ver se não é tarde demais para retornar a ligação.

Mas a túnica está entalada na minha cabeça, e não posso fazer nada quanto ao fato de estar meio surda e cega.

E, de todo modo, percebo, quando tento fazer com que a gola da túnica volte para o pescoço, que não posso retornar a ligação de Will. Não tenho o telefone dele.

Que meleca.

Que bela meleca.

Tento dizer a mim mesma que ele pelo menos ligou, mas não ajuda em nada.

Ele não disse "Estou com saudade", menos ainda alguma outra coisa que servisse para ajudar a anular o mal-estar que tive quando descobri que nenhuma das pessoas que trabalham na Eat Drink Or Be Married sabia da minha existência.

Obviamente, Will não discute sua vida amorosa no trabalho.

E, tudo bem, talvez isso não signifique nada além do fato de que ele é um daqueles caras que não abrem a boca.

Quero dizer, meus irmãos jamais gostaram de conversar sobre o relacionamento deles com ninguém. Quando todo mundo morava na mesma casa, minha mãe sempre perguntava (melhor dizer especulava, porque minha mãe não é mulher de rodeios) e meus irmãos sempre inventavam uma desculpa e caíam fora. Só fomos saber que meu irmão do meio, Joey, tinha namorada quando ele foi pedir dinheiro emprestado para meu irmão mais velho, Danny, para comprar um anel de noivado para ela.

Então, talvez Will não tenha mencionado minha existência para os colegas de trabalho simplesmente porque homens não fazem isto.

Ou talvez ele não tenha mencionado minha existência para os colegas porque deseja que todos achem que ele é solteiro para poder ficar com todo mundo pelas minhas costas. Você deve estar aí pensando que estou me deixando levar pela imaginação.

E, sim, pode muito bem ser o caso. Mas não consigo parar de pensar que pode haver uma parte de mim que escolheu ser cega, e há muito e muito tempo.

Agora que existe uma certa distância entre mim e Will, sou capaz de enxergar nosso relacionamento com mais clareza. Sempre soube que havia problemas. Por exemplo, estou tentando fazer com que ele assuma algum tipo de compromisso há séculos, ao passo que Will parece se contentar em ir levando sem pensar no nosso futuro como casal.

Mas, de repente, os problemas que existiam antes parecem sintomas de algo enorme e penetrante.

Ajeito a túnica nos ombros e lentamente vou abrindo os botões, enquanto reflito sobre o rumo inesperado das coisas.

Talvez Will não seja a pessoa que eu pensava que era.

Talvez ele nunca seja a pessoa que eu preciso que seja.

Talvez exatamente aquilo que me atrai nele (o fato de ser diferente de todas as outras pessoas que conheci em Brookside) seja exatamente

o que o torna inatingível.

Como eu, ele fez o que pôde para deixar para trás sua criação de classe média de cidade pequena. Mas não posso imaginar a possibilidade de ele olhar para trás e sentir saudade, como aconteceu comigo na semana passada. Ele não quer mais saber de nenhuma das armadilhas que acompanham esse tipo de vida.

Talvez entre elas esteja o casamento.

E eu...

Bom, eu quero me casar. Algum dia. E não posso fingir que não quero. Preciso saber que pertencço a alguém e que ele pertence a mim. Que ele nunca vai me abandonar.

Claro que o casamento nem sempre oferece essa garantia.

Basta olhar para Mary Beth e Vinnie.

Mas eu não me casaria com um canalha como Vinnie. Eu só me casaria com alguém que me amasse tanto quanto eu o amasse... alguém em quem eu confiasse tanto quanto ele pudesse confiar em mim.

Como já disse, não sei se algum dia Will poderá ser essa pessoa.

— Mas não posso deixar que você vá embora, Will — murmuro. — Não posso.

Não por enquanto.

Talvez não possa nunca.

E talvez...

Apenas talvez...

Eu esteja errada.

Mas essa possibilidade não me ajuda muito a dormir. Observo quando o relógio marca três, depois quatro, depois cinco horas. Antes que eu me dê conta, o despertador está tocando e minha vontade é ligar para avisar que estou doente, virar para o lado e dormir... até me lembrar que posso precisar usar essa desculpa para visitar Will uma hora dessas.

Consigo fazer o que é preciso para me arrumar e me arrasto para o trabalho.

Estou entrando na *delicatessen* do prédio quando escuto alguém chamando meu nome.

Naturalmente, é Buckley. Ergo os olhos e o vejo com a roupa toda passadinha, bem-arrumado e com o cabelo bem penteado, segurando um copo de papel fumegante e um saquinho de papel pardo. Hoje estou cansada demais para ficar abobada, quanto mais com tesão.

— Que bom encontrar você por aqui — diz ele. Consigo dar um risinho educado.

— Tudo bem com você ? — pergunta ele. Dou um bocejo em resposta.

— Dormiu tarde?

— Dormi. — Não me estendo. Ele que pense o que bem entender.

— Olhe, andei pensando em uma coisa desde que nos vimos ontem.

Oh-oh.

— Mesmo? O que andou pensando?

— Se você me deu o telefone errado de propósito.

— Por que eu faria uma coisa dessas?

— Porque você não queria mais saber de mim.

— Que loucura. Eu estava mesmo querendo que você ligasse, porque foi divertido sair com você — ouço minha voz articular.

— Está de brincadeira.

É perigoso estar assim tão atordoada de cansaço. Antes que eu me dê conta...

— Então, por que a gente não faz alguma coisa? ... já vou dizer algo bem idiota.

Tipo...

— Claro. Quando?

Eu acabei de dizer isso? Ou ainda estou na cama, sonhando?

Infelizmente, não é a segunda alternativa, porque Buckley me entrega um cartão de visitas bem real com o telefone da casa dele bem real e diz:

— Maravilha. Por que não me liga?

— Ligo sim — minto.

Enfio o cartão na bolsa, dou um aceno falsamente simpático e volto para a rua. Isso exige algo mais forte que café de *delicatessen*.

Atravesso a rua e caminho um quarteirão até uma Starbucks, onde peço um *espresso* duplo. Preciso acordar antes que faça algo verdadeiramente assustador.

Enquanto espero minha bebida ao lado do balcão, tiro o cartão de Buckley da bolsa e olho para o pedaço de papel.

Só traz o nome dele, o endereço, o telefone e o *e-mail*. Não tem a ocupação dele, mas traz um desenho pequeno e distinto de uma caneta-tinteiro antiga e um pote de tinta em um canto. Bem adequado para um redator.

Meu *espresso* chega, e eu o levo até o balcão para adicionar leite desnatado e adoçante. Quando jogo o pacotinho azul de Equal no lixo, percebo que continuo segurando o cartão de Buckley na outra mão.

Eu devia simplesmente jogar isto fora também, penso, segurando-o por cima do cesto de lixo. Afinal de contas, nunca vou ligar para ele. E, também, eu deveria eliminar o excesso de coisas que guardo na vida.

Deveria me organizar.

E é por isso que, no momento em que chego ao escritório, incluo o nome e o telefone dele em ordem alfabética no meu Palm Pilot e depois jogo o cartão fora.

Afinal de contas, nunca se sabe quando se vai precisar de um redator.

CAPÍTULO 12

Depois de três semanas e três quilos (mais ou menos para os dois), eu me vejo desembarcando de um ônibus em Buffalo pouco antes da meia-noite. Não é um Jitney para os Hamptons de última geração, com assentos reclináveis e ervas frescas perfumando o ar.

Na verdade, você não quer saber o que perfuma o ar neste ônibus, que está lotado de homens, em sua maior parte com cara, cheiro e comportamento de alguém que acabou de sair da prisão. Você se surpreenderia em saber quantos ex-presidiários pegam o ônibus para Buffalo para passar o feriado de 4 de Julho. Parece ser uma tradição na qual, por algum motivo, eu não tinha reparado até agora.

Três homens diferentes, cada um deles com pelo menos um dente faltando na boca, se oferecem para carregar minha mala quando eu me dirijo para o terminal. Agradeço a todos com muita educação (obrigada, mas não, obrigada). Dois deles se perdem no meio da noite, mas o terceiro me xinga de vaca e me segue por toda a plataforma.

Meu irmão Joey e a mulher dele, Sara, estão à minha espera, como prometeram.

Depois de trocarmos abraços e beijos e de eu dizer se a minha viagem foi tão horrível quanto eles acham que foi (e foi mesmo), vamos para o carro.

— Por que não para de olhar para trás, Trace? — pergunta Joey.

— Por nada. — Na verdade, quero me assegurar de que o aspirante a carregador de bagagem hostil não está mais nos seguindo. Espero que eu não cruze com ele na viagem de volta, na segunda.

— Você emagreceu, Tracey? — pergunta Sara de trás de mim, segurando a porta aberta enquanto eu entro na Blazer de duas portas deles.

— Você conseguiu perceber desse ângulo?

— Com certeza!

Sara é mesmo um amor. Quase basta para fazer com que eu deixe de me sentir ofendida pelo fato de ela ser capaz de comer absolutamente tudo que quer e continuar parecendo um pirulito com cabelo. Minha mãe e Mary Beth vivem dizendo que ela é magra demais. Mas foram elas que me disseram que eu fiquei bonita com o vestido vermelho de saia pregueada e ombreiras que usei na formatura do colégio, então, o que elas sabem?

— Você andou fazendo dieta, ginástica ou os dois? — pergunta Sara.

— Os dois, para falar a verdade. — Conto a ela que caminho por toda Manhattan em qualquer oportunidade que tenho e que sigo a fita de Jane Fonda que Brenda me emprestou. No começo, me senti a maior desajeitada e quis desistir, mas Brenda insistiu que eu tentasse um pouco mais.

Precisei tentar algumas vezes para entender os movimentos, mas agora eu quase estou gostando.

Enquanto percorremos os mais de 60 quilômetros até Brookside, quase só Sara e eu falamos. Como eu já disse,

Joey é do tipo calado, principalmente agora que tem uma mulher por perto, que pode conversar por ele. Sara me conta da casa nova deles, do acampamento que fizeram no Memorial Day e que estão tentando ter um filho.

Ela também me diz que está preocupada com Mary Beth. — Por quê? — Falei com a minha irmã algumas vezes pelo telefone no decorrer das últimas semanas, e ela sempre me pareceu bem.

— Ela contou que foi jantar com Vinnie?

— Não! — Não posso acreditar.

— Ela também não contou para nós, não foi, Joey?

— Não.

— A gente descobriu pelo Al, irmão de Frank, amigo de Joey. Ele viu os dois no Aplebee's com as crianças.

— Com as crianças? — repito. — Então talvez não fosse...

— Era — garante Sara. — Al disse que Mary Beth estava com uma cara toda esperançosa. E a mulher dele, Amy, disse que Vinnie ficava dando em cima da garçonete.

— Na frente das crianças? — Mas eu não duvidaria de nada vindo daquele canalha.

— Foi o que eu quis dizer. Ele não mudou nada, não é verdade, Joey?

— É.

Dou uma olhada em meu irmão, cujo olhar está fixo na estrada, prestando atenção no trânsito esporádico, e fico me perguntando se ele faz alguma ideia do que estamos falando.

— Alguém precisa falar com Mary Beth — diz Sara. — Eu fico dizendo para o seu irmão falar..

Com isso, Joey solta uma gargalhada. Obviamente, está acompanhando o papo.

— Ela é sua irmã, Joe — observa Sara. — Eu não posso falar.. sou só a cunhada. Quem sabe você, Tracey, enquanto estiver por aqui, possa descobrir o que ela está fazendo com Vinnie. Seria horrível se ela cometesse o erro de voltar para ele.

— Ele nunca ia querê-la de volta, mesmo que ela quisesse — digo.

— Nunca se sabe, Tracey. Quando morava com ela, a vida dele era bem fácil. Comida caseira, casa para morar, alguém para cuidar das crianças.. Quando ele pega os meninos para uma visita, tenta largar com a mãe dele.

— Mesmo? Como sabe disso? — Vince Júnior me contou.

— Vince Júnior contou para você que o pai dele tenta largar o Nino e ele com a avó?

— Não com todas as palavras — diz Sara, e Joey solta outra gargalhada.

— Dá um tempo, Joey — diz ela, então retorna para mim: — Seu irmão acha que estou inventando, mas não estou. E, de todo modo, ele ouviu o que Al e Amy falaram de Mary Beth com o Vinnie no Aplebee's.

Amy disse que Mary Beth estava toda reluzente, como se estivessem em um encontro ou qualquer coisa assim.

Consigo ver direitinho minha irmã com aquele olhar de Vinnie no rosto. Ela sempre fica com os olhos vidrados quando está perto dele. Mesmo depois que já estavam casados havia alguns anos. Mesmo depois de ela ter certeza de que ele a estava traindo.

Com esse pensamento, a imagem de Will se abate sobre minha mente.

Não é a mesma coisa em relação a mim e Will.

Não é.

Eu sei que quase me convenci de que ele estava me traindo há algumas semanas. Mas trabalhei mais algumas vezes para Milos desde então, e cheguei à conclusão de que devia estar imaginando coisas. Todo mundo está sendo legal comigo, até Zoe. Ninguém parece agir de maneira suspeita nem me esconder coisas, como fariam se Will estivesse de caso com alguém na Eat Drink Or Be Married.

Will ligou para mim toda semana desde que foi viajar, e até fizemos planos ainda não confirmados para que eu vá visitá-lo mais para o fim de julho. Ele disse que há um boato de que ele pode ser o protagonista de *Domingo no parque com George*, e que eu devo ir lá se isso acontecer.

Cada vez que conversamos, ouço uma tremenda algazarra ao fundo. Mas já estou me acostumando. É quase como falar com alguém que mora em um alojamento estudantil. Tem sempre gente por perto, e alguém sempre precisa usar o telefone. Não existe oportunidade para uma conversa íntima. Basicamente, só dizemos um ao outro o que andamos fazendo.

Will anda envolvido com o teatro musical de manhã até a noite. Conseguiu papéis secundários em mais duas peças: um braço direito de Heródoto em *Jesus Cristo superstar*, e de Laza Wolf, o cara rico que perde Tzeitel para o alfaiate humilde em *Um violonista no telhado*. Fiquei surpresa, porque ele me parece fazer mais o tipo de herói romântico do que outros tipos de personagem. Mas talvez seja só eu que acho isso.

— Como estão mamãe e papai ? — pergunto a Sara e Joey, para poder pensar em outra coisa além de Will ou a relação complicada de minha irmã com o ex dela.

— Está tudo bem — é a resposta tipicamente vaga de Joey.

— Sua mãe precisou aumentar o grau dos óculos e seu pai achou que ia ser demitido da fábrica na semana passada, mas não aconteceu nada até agora — diz Sara. — Ah, e eles compraram um sofá novo para a sala.

— Já estava na hora! — Penso no sofá xadrez marrom e bege de espaldar baixo que está lá há tanto tempo que eu me lembro de ter vomitado em cima dele um dia em que minha professora de jardim de infância me mandou voltar para casa mais cedo.

— É, seu pai não queria comprar por causa da possível demissão, mas o Dannyzinho desenhou por cima do sofá todo com canetinha daquele tipo que não é lavável, e eles realmente não tiveram outra escolha.

Dannyzinho é o meu outro sobrinho, filho do meu irmão Danny e de minha cunhada Michaela. Ele só tem um ano e meio, e estou ansiosa para ver como cresceu desde a Páscoa.

— Seus pais vão ficar tão felizes quando virem que você veio para a festa amanhã! — diz Sara. — Fiquei feliz por você ter decidido fazer essa surpresa.

— É, vai ser divertido.— Estou pensando que é uma pena minha amiga Andréa não vir passar o fim de semana aqui também. Ela está no casamento da prima em Rochester. Quando liguei para ela outro dia, para tentar combinar de nos vermos durante a minha visita, discutimos a possibilidade de ela ir me visitar em Nova York. Mas eu já sei que não vai acontecer. As pessoas de Brookside têm a mesma atitude em relação a Nova York que as pessoas da cidade grande têm em relação aos outros lugares do estado. Não existe nenhum lugar como aquele onde se mora.

Agora estamos em Brookside, pegamos a saída e pagamos o pedágio. Reparo que tudo parece exatamente igual quando percorremos a rua principal com as lanchonetes de sempre e o famoso

Aplebee's. Já saímos do centro comercial minúsculo antes que seja possível dizer K-mart, e agora estamos indo em direção à casa de minha irmã. Vou passar a noite lá para que meus pais tenham uma surpresa amanhã, quando eu aparecer na festa deles.

— Queria que você ficasse comigo e Joey — diz Sara. Ela e o meu irmão moram em cima da garagem dos pais dela, onde estão há três anos, desde que se casaram.

Ela promete:

— Quando mudarmos para nossa casa nova, você vai poder ficar no quarto de hóspedes sempre que quiser, Tracey.

— Seria ótimo — digo, tentando imaginar como seria estar casada e feliz em uma casa com um quarto de hóspedes de verdade. Imagino se algum dia vou saber o que é isso. — Quando é que vocês vão se mudar?

— Fechamos o negócio em agosto, mas vai precisar de muita reforma.

— No Natal deve estar habitável — diz Joey.

— Ah, Joey, fala sério.— Ela dá um tapinha no braço dele.

— O que é? Estou falando sério, Sara.

— Não vamos esperar até o Natal para ir para nossa própria casa.

Não escuto muito enquanto eles discutem.

Fico olhando a paisagem pela janela enquanto atravessamos as ruas silenciosas e bem iluminadas da minha cidade natal. Passamos pela biblioteca de pedra cinzenta, pela escola de tijolinhos vermelhos e pelo trecho de calçada esburacado onde uma vez eu caí da bicicleta e precisei levar pontos no joelho. Fico imaginando se consertaram o concreto ali. Na última vez em que caminhei por aquele quarteirão, quando vim passar o último Dia de Ação de Graças na casa dos meus pais, ainda estava todo esburacado. Tem tanta neve aqui no inverno que a calçada nem é usada de outubro a março.

Brookside não é o tipo de cidade em que a Prefeitura se importa muito com reparos. É uma cidade de operários que já viu fábricas demais fechando as portas. Meu pai e Danny trabalham em uma das

poucas fábricas que sobraram, e sempre existe algum boato de que ela também vai ser engolida por alguma grande corporação que vai resolver transferir as operações para o México ou para a Ásia. Minha mãe é famosa por afirmar que, se meu pai ficar sem emprego, ela pode alimentar a família inteira durante oito semanas com as coisas que guarda na despensa e com os produtos de seu pomar no quintal, dependendo da data da ocorrência.

Penso em algumas das festas que Milos tinha organizado nas últimas semanas: festas nas residências mais elegantes que eu já vi, com comida que custa mais do que minha mãe gasta o ano todo no Tops Market em Brookside.

Até pouco tempo, eu nunca tinha experimentado champanhe Don Perignon e caviar Beluga. Agora que dei um golinho e uma provadinha, não posso dizer que compreendo por que se faz tanto comentário sobre essas coisas.

Principalmente agora, de volta a Brookside, onde minha família inteira ainda vive de macarrão, pão branco e refrigerante. Imagino o que meus pais poderiam fazer com o dinheiro que os clientes de Milos gastam apenas em flores em um único evento.

Mas o engraçado é que algumas das coisas que minha mãe costumava fazer de olhos fechados hoje são consideradas *haute-cuisine*, comida italiana *gourmet*. Folhas de dente-de-leão refogadas, brócolis com alho, até *pasta fagiolo*. Comida de camponês, era como ela chamava.

Encostamos na frente do pequeno cabo onde minha irmã mora. Há luzes acesas, e o jipe verde de Vinnie está na entrada.

— Ele está aqui! — digo, descrente.

— Não, ela está usando o carro dele enquanto o dela está trocando o escapamento — explica Sara. — Devia ter ficado pronto hoje, mas houve algum problema, então ela vai pegar amanhã de manhã.

— Que alívio. — Não estou a fim de ver meu ex-cunhado infiel. — Fico surpresa por ele permitir que ela dirija o Explorer.

— É só para ele não precisar ficar levando as crianças de um lado para o outro enquanto o carro dela está na oficina — diz Sara. — Vince Júnior tem treino de beisebol e os dois têm aula de natação, e sua irmã sempre tem de levar os dois e outras crianças para algum lugar. E não se preocupe com

Vinnie... ele pegou o carro da mãe enquanto Mary Beth usa o dele.

O rosto da minha irmã aparece na janelinha, e então ela abre a porta da frente.

Saio do carro, dou um abraço rápido em Sara e tento arrancar minha mala de Joey, que insiste em levá-la para dentro de casa por mim.

— Tentei ligar para você no trabalho hoje à tarde — diz Mary Beth, conduzindo-me pela sala sempre atulhada de brinquedos. — Mas caiu na secretária eletrônica.

— A empresa fechou ao meio-dia por causa do feriado — digo a ela.

— Que legal.

— É. — Principalmente porque eu não precisei gastar uma desculpa de estar doente nem pedir uma tarde de folga para Jake. — Por que você me ligou?

— Não lembrava se tinha dito que a festa amanhã vai ser formal. Mas tudo bem. Se não trouxe nada, pode pegar alguma coisa minha emprestada. — Ela arregala os olhos para mim. — Ou talvez não. Olhe só para você, Tracey! Emagreceu uma tonelada!

— Não emagreci! — protesto, adorando a situação. — Não foi uma tonelada.

Não por enquanto, pelo menos.

— Quanto?

— Quase seis quilos no total, da última vez que chequei. — Não vá exagerar — avisa ela, falando igualzinho a minha mãe.

Olho para minha irmã ali parada com um conjunto de moletom que não é muito eficiente em esconder a barriga, o quadril e as coxas dela, e sinto pena.

—Pode acreditar, não estou exagerando — garanto a Mary Beth. — Ainda faltam mais uns dez quilos para eu perder.

— Dez! De jeito nenhum!

— Mary Beth...

— Talvez mais dois quilos — diz ela. — Quer beber alguma coisa? Tem refresco.

Refresco. Com certeza não estou mais em Nova York.

— Tem alguma coisa *light*? — pergunto a ela.

— Claro. Quer comer alguma coisa?

— Não, obrigada.

— Você comeu no ônibus?

— Comi — minto, porque não estou a fim de ser alimentada à força. Ela e minha mãe entram em pânico quando ficam sabendo que alguém pulou uma refeição.

Fico observando quando ela sai da sala e me sinto culpada por imaginar se minha bunda já chegou a ser do tamanho da dela. Eu adoro minha irmã. Ela é minha pessoa preferida no mundo.

Mas somos muito diferentes.

Pelo menos, é o que eu sempre disse a mim mesma.

Examino a sala, com sua decoração mista de brinquedos de plástico da Fischer Price e mobília vagabunda da Sears. Sorrio ao ver as fotos de escola mais recentes dos meninos em porta-retratos em uma prateleira perto da televisão. Paro de sorrir ao perceber que o retrato do casamento de minha irmã com Vinnie está exatamente no lugar em que sempre esteve.

— Por que não tirou isso daí, Mary Beth? — pergunto, apontando para a foto quando ela aparece com duas Cocas Light e uma travessa de batatas fritas.

— O quê? A foto do casamento? O que os meninos vão achar se eu tirar daí? Sou eu e o pai deles.

— Os meninos já sabem que vocês estão se divorciando. — Isso é ponto pacífico. Eu estava com ela no último outono quando ela contou. Vince Júnior parece ter entendido, mas não se abalou. Nino nem deu atenção para a novidade.

— Eles sabem que vamos nos divorciar, mas eu não quero que eles achem que eu odeio o pai deles — diz Mary Beth, e se senta no sofá enquanto mastiga uma batatinha.

— Isso é uma loucura. Para começo de conversa, você o odeia, sim... não odeia? — quero saber, quando pego uma expressão fugaz no rosto dela.

— Ele me traiu quando eu estava grávida. Descobri que ele estava com outra quando eu estava em trabalho de parto, Tracey. Como acha que eu me sinto? — responde ela.

— Bom, então dê um fim na foto dele — insisto, atravessando a sala e tirando-a da prateleira. — Agora?

— Pronto. — Entrego o porta-retrato para ela. — Pode jogar fora.

— Mas você nos deu este porta-retrato de presente de casamento.

Ela tem razão. É de prata e tem gravada a data do casamento deles. Comprei na loja Things Remembered, e na época foi uma extravagância. Quando minha mãe viu, disse que eu devia ter comprado o de latão porque o de prata ia escurecer.

Percebo que não escureceu.

E me dou conta de que Mary Beth deve lustrá-lo com regularidade.

Isso me dá enjoo.

— Jogue fora — repito.

— Mas parece tão...

— Eu jogo para você. — Vou até a cozinha batendo os pés e piso com tudo no pedal do cesto de lixo plástico. Quando a tampa se abre, largo o porta-retrato lá dentro. Cai com um barulho molhado em cima da pilha dos restos de espaguete de alguém, misturados com pó de café.

— Pronto. Não se sente melhor? — pergunto a minha irmã quando volto à sala.

— Acho que sim.

Mas não se sente nada. Está com vontade de morrer. Quer o retrato de volta ao lugar dele. Quer Vinnie de volta ao lugar dele.

— Essas batatinhas são de *baixas calorias*? — pergunto, colocando uma na boca.

— Não. São as gordurosas mesmo.

— Ah. — Como aquela única batatinha, sento-me na poltrona na frente do sofá e dou um gole na minha Coca Light. — Então, como vão os meninos?

— Ah, você vai ver os dois logo de manhã. E estou dizendo bem cedo mesmo. — Ela sorri. — Eles estão tão animados por você ficar hospedada aqui, Trace. Pediram para eu dizer que você pode ficar o fim de semana inteiro aqui em casa, mas eu disse a eles que você provavelmente vai para a casa da vovó e do vovô amanhã à noite.

— É, acho que devo ir mesmo — respondo. Meus pais ficariam magoados se eu não fosse.

Mas sei que minha mãe vai me enlouquecer em 24 horas. Vai tentar fazer com que eu me sinta culpada por ter me mudado daqui. Vai agir como se fosse apenas algo temporário, como sempre faz.

— Ouvi dizer que mamãe e papai compraram um sofá novo — digo a Mary Beth.

— É. É pavoroso.

— Eu sei. Eu me lembro de ter vomitado em cima dele, e não fui a única a fazer isso ao longo dos anos.

— Não, estou falando do novo. Tem estampa marrom e bege, com tecido empelotado e almofadas duras. Eu fui escolher com mamãe.

— Está falando sério? — Tenho de rir. — Qual é a dela com os tons terrosos?

Ela também ri. Então, começamos a tirar sarro da mobília dos nossos pais. Depois tiramos sarro dos nossos pais de maneira geral. Eu sei que parece maldade, mas a gente faz tudo isso de um jeito amoroso. E eu percebo como sinto saudade da minha irmã.

Quando Mary Beth me diz que posso dormir na cama de casal junto com ela, em vez de ocupar o sofá da sala, aceito. Eu me sinto em paz acomodada ao lado dela, ouvindo sua respiração uniforme, ciente de que ela me ama e me aceita incondicionalmente.

CAPÍTULO 13

O mesmo vale para meus pais.

Eles me amam incondicionalmente, quero dizer.

Mas quando os vejo na festa no dia seguinte, a primeira coisa que minha mãe diz (depois de ter berrado, me abraçado e chorado, e depois de ter superado o choque inicial de me ver ali) é:

— Onde foi que você arrumou esse vestido? Devia usar coisas assim com mais frequência. Você está linda.

O vestido foi tirado do fundo do guarda-roupa de Mary Beth (tem pelo menos dez anos e está quatro números abaixo das roupas atuais dela). Eu não sairia na rua nem morta com esta coisa a oeste do rio Hudson. O modelo é totalmente datado. Além do mais, é cor-de-rosa. E sem manga. Mas olhe só para a minha mãe com uma coisa azul-turquesa com cinto de corrente dourado. Ela não é exatamente a profissional de moda de Brookside.

Meu pai fica repetindo sem parar que já estava na hora de eu fazer uma visita. Ele diz isso na fila do bufê, durante o brinde com minha mãe e quando estamos dançando uma canção antiga de Frank Sinatra.

Ele diz isso com tanta frequência e para tantos parentes, amigos e vizinhos que, com certeza, todo mundo fica achando que eu nunca mais estive aqui desde que fui para Nova York há mais de um ano. Já sou o assunto da cidade por ter ido embora. Agora posso estar na boca do povo porque, além de ter ido embora, dei as costas para meus pais tão amorosos.

A festa acontece no salão da igreja Mãe Preciosa (o mesmo lugar onde eu tive minhas aulas de catecismo quando criança, onde fomos aos bailinhos da adolescência e onde Mary Beth e Vinnie organizaram a recepção de casamento deles). É engraçado: já estive aqui centenas, talvez milhares de vezes, mas de repente o lugar parece completamente desconhecido.

Não dá para acreditar que eu nunca reparei no fedor da fumaça do bingo de sábado à noite, no piso de linóleo todo riscado, nas cadeiras de metal cinzento de dobrar e nas mesas compridas com toalhas de papel com estampa de sinos de casamento que são tão... bom, cafonas.

Assim como a mesa do bufê, com suas bandejas de alumínio com *rigatoni* e linguixa com pimentão e salada de alface americana verde desbotada, tomates amarelo-alaranjados e molho italiano Seven Seas.

E a decoração: papel crepom franzido pendurado nas vigas e sinos de casamento dobráveis pendurados nos aros da quadra de basquete (nunca tinha reparado que tinha cestas de basquete aqui). Nas mesas há copinhos de papel amassado branco com aquelas drágeas de amêndoa que não têm gosto de nada.

Mas a *pièce de resistance* tem de ser o DJ: Chaz, irmão mais novo do padre Stephan, que usa um terno informal de poliéster bege que não é nada *cool* e retro, mas obviamente *nerd*. Ela já tocou *Celebration* pelo menos três vezes e, cada vez que toca, todo mundo aplaude, e a pista de dança se enche no mesmo instante.

Comparo a cena com os eventos que Milos organiza em Nova York, e me vejo com pena de meus pais e de meus irmãos. Nenhum deles faz a menor ideia de como tudo isto é absurdamente inadequado. Estão se divertindo a valer com tanta dança, comida e interação social.

Não me compreenda mal: eu também estou me divertindo.

Mas não posso deixar de sentir que não pertencço a este lugar.

Não...

É que eu não *quero* pertencer a este lugar.

Tento imaginar o que vai acontecer quando Will e eu ficarmos noivos e minha família tentar planejar nosso casamento. Vão ficar arrasados se eu disser a eles que queremos fazer a cerimônia em Nova York. Vão dizer que o casamento sempre tem de ser na cidade natal da noiva e que, se vão pagar um casamento, é melhor que seja aqui mesmo em Brookside.

Isso é uma razão a mais para eu guardar dinheiro naquele pote de molho Prego, que preciso levar ao banco agora que tenho uma quantia

respeitável (quase 500 dólares) por causa de todos os trabalhos que fiz para Milos nas últimas semanas.

Will e eu vamos ter de economizar e pagar por nosso casamento se quisermos que aconteça em Nova York.

Ou, então, vamos nos ver aqui, no salão da igreja Mãe Preciosa, dançando ao som de Kool and the Gang e fazendo a dança do passarinho (coisa que Chaz impôs aos convidados não uma, mas duas vezes).

Estou sentada em uma cadeira dobrável, bebendo vinho tinto zinfandel em um copo de isopor. Observo Vince Júnior e Nino na pista de dança sacudindo os cotovelos como uma ave antes de se jogarem no chão morrendo de rir. E me pego pensando que talvez a dança do passarinho não seja assim tão ruim.

Mas, então, tento imaginar Will dançando, e não consigo. Ele simplesmente não se encaixaria aqui. E isso não é ruim.

Eu daria a vida por um cigarro. Deus sabe que eu poderia roubar um de alguém. Já que há fumantes a dar com pau, mas eu nunca acendo um na frente dos meus pais. De algum modo, sei que, se eu continuar fumando aos 50 anos, quando eles estiverem com 80, vou continuar fumando escondido.

A dança do passarinho dá lugar à tarantela, que faz muito sucesso com este pessoal. Trata-se de uma dança tradicional italiana que envolve muitas palmas, pulos e braços dados. Alguém se senta ao meu lado. — Oi, Tracey.

Ergo os olhos e vejo Bruce Cardolino. Os pais dele e os meus são amigos há anos. Aliás, o pai de Bruce era amigo de meu pai, e a mãe dele era amiga de minha mãe, e eles marcaram um encontro às escuras entre os dois. Foi assim que eles se conheceram.

Bruce usa calça social cinza (não é calça de terno) e uma camisa preta com aparência de seda e colarinho aberto que revela os pelos do peito dele e uma cruz de ouro. Em outras palavras, ele estaria totalmente em casa no cenário de filmagem de *A família Soprano*.

— Oi, Bruce, como vão as coisas? — Eu sempre gostei dele. Aliás, fui com ele a alguns bailinhos quando éramos adolescentes e nunca consegui ficar com ele. Não nos beijamos nem nada... éramos só amigos. Mas sempre o achei bonitinho, e se não tivesse namorada o tempo todo (ou se ele estivesse pelo menos um pouquinho a fim), eu teria mesmo muito interesse por ele.

Ele continua bonito, com aquele jeitão de italiano. Cabelo preto penteado todo para trás, alto, corpo bacana. Não o vejo há alguns anos: ele foi estudar na Faculdade St. John Fischer, em Rochester, mas ouvi dizer que voltou a Brookside e está trabalhando com o pai.

O sr. Cardolino trabalha com encanamento e aquecimento. Meu pai vive dizendo que ele ganha uma fortuna, e acho que ganha mesmo, para os padrões de Brookside. Ele sempre anda com um Buick novo, a sra. Cardolino tem um casaco de pele e a família toda está sempre coberta de joias de ouro, até mesmo a filha de um ano de Tanya, irmã de Bruce, que tem orelhas furadas e no momento está fazendo a dança do passarinho com meus sobrinhos.

— Continua morando em Nova York? — pergunta Bruce. Quando faço que sim com a cabeça, ele pergunta: — É mesmo? E como é lá?

— É ótimo — digo, sem vontade de me estender. Qualquer coisa que eu diga vai chegar aos ouvidos dos meus pais, então preciso ser muito cuidadosa.

— Já viu o Donald Trump na rua?

— Não, nunca vi.

— E aquele pessoal do *Today Show*? Já viu? — Não, nunca vi.

— Então, você nunca foi ao lugar onde eles gravam o programa e acenou para a câmera? — Não.

— Hmm. Minha namorada vive dizendo que quer fazer isso. Diz que se a gente se casar algum dia, ela quer passar a lua de mel em Nova York só para segurar um cartaz dizendo que somos recém-casados. — Ele solta uma gargalhada do tipo *Vá entender*.

— Quem é sua namorada, Bruce? Alguém que eu conheço?

— Angie Nardone. Você conhece?

— Angie Nardone! Conheço sim, ela é alguns anos mais nova que eu, mas participamos juntas do Key Club.

— É ela só tem 19 anos — diz Bruce em tom de confiança. — Acho que ela é nova demais para falar em casamento.

— É, 19 é jovem.

— Eu vivo dizendo para ela que se ainda estivermos juntos no ano que vem, quando ela for mais velha, veremos.

— É — digo, com cara de legume. — Ela vai estar com 20 anos.

— É, é melhor que 19. Meus pais se casaram com 19 anos, mas as coisas eram diferentes naquela época.

— Eram mesmo. Mas, bom, Tanya casou assim que saiu da escola, e ela e Joey parecem muito felizes — observo. Obviamente, ela não é casada com meu irmão Joey... há incontáveis Joeys em Brookside. Aliás, a maior parte deles está bem aqui, na festa de aniversário de casamento dos meus pais.

A irmã de Bruce, Tanya, e o Joey dela têm pelo menos cinco filhos, e ela está grávida de novo, mas os dois dançaram todas as músicas lentas que Chaz tocou.

— E, mas isso também é diferente — diz Bruce, inclinando-se para ficar mais perto de mim. — Eles *tiveram* de se casar, lembra?

— Ah, é. — Eu tinha me esquecido disso completamente.

Aqui em Brookside, quando você é solteira e católica apostólica romana e fica grávida, *tem* de se casar. Simplesmente não existe alternativa.

— Então, o que você faz? — pergunta Bruce. — Em Nova York?

— Trabalho em uma agência de publicidade.

— O que você faz lá?

Não vou usar a palavra que começa com "S" de jeito nenhum. Não com Bruce sentado aqui do meu lado com essa cara de impressionado com o simples fato de eu morar em Manhattan.

Respondo de modo vago:

— Faço várias coisas. Agora, por exemplo, estou tentando criar um nome para um produto novo.

— Está brincando! Que tipo de produto?

— É um desodorante novo. É feito para durar a semana toda.

— Que legal. Quais foram os nomes que você inventou? — Meu preferido é *Persist* — digo a ele. — Mas não sei se vão aceitar, então ainda estou pensando.

— Ei, vou dar uma pensada e escrever alguns nomes para você, certo? Adoraria ajudar com algo assim.

— Obrigada, Bruce... — Quero dizer a ele que não precisa se incomodar, mas não sei como falar isso de maneira educada, então digo apenas: — Seria ótimo.

Ele pede o meu endereço, escreve na toalha de papel, rasga o pedaço e coloca no bolso da camisa. Conversamos mais um pouco, na maior parte sobre o ramo dos encanamentos e do aquecimento e sobre pessoas que conhecíamos.

Então *Celebration* toca de novo e Bruce se levanta de um pulo, gritando:

— Uh-hu! Quer dançar, Tracey?

Esse *bit* não tão antigo assim? Nem que minha vida dependesse disso. Mas respondo, com educação:

— Não, obrigada. Mas sinta-se à vontade.

— Vamos lá! Angie não se importaria. Ela teve de trabalhar hoje... Eu contei que ela faz flebotomia no hospital Brookside General?

— Não, acho que não contou. — Ah, vamos dançar.

— Não, tudo bem. Vou ver se meus sobrinhos já comeram bolo — digo a ele, e saio à procura de Vince Júnior e Nino, enquanto Bruce se junta à multidão saltitante na pista de dança.

Encontro os meninos esparramados embaixo de uma mesa, tirando as amêndoas confeitadas de copinhos de papel e fazendo uma

enorme pilha com eles.

— O que vocês estão fazendo? — dou uma espiada e pergunto.

— Esta aqui é a pedreira — responde, Vince Júnior, solene.

Nino assente com a cabeça e apresenta uma escavadeira amarela de metal em miniatura que tira do bolso da calça caqui minúscula da Baby Gap.

— A genti tá bincando de pedeia — ele me informa.

— Legal. Posso brincar? Naturalmente, ficam animadíssimos.

Ficamos todos "bincando de pedeia" durante um tempo, e então pego um pedaço de bolo para cada um deles, e rapidamente comem só a cobertura, e me informam que estão satisfeitos.

Sinto a tentação de comer o resto do bolo, mas parece um tanto babado, então jogo fora os pratos.

Limpo o rosto deles com guardanapos roxos com os nomes dos meus pais escritos em prateado com a data de casamento deles quando Nino grita:

— Oia, meu papai chegou! Sigo o olhar dele.

Sim, ali está Vinnie, na pista de dança, dançando com Mary Beth ao som de *Always and Forever*.

— O que meu pai está fazendo aqui? — pergunta Vince Júnior.

— É exatamente o que eu queria saber — resmungo. Quando os meninos saem correndo para falar com o pai, vou batendo os pés até a mesa onde meu irmão Joey e Sara estão sentados. — Viram quem está aqui? — pergunto.

— Pode acreditar, ele não foi convidado — diz Sara. — Ele disse que só deu uma passada para deixar o carro de Mary Beth e pegar o Explorer dele no estacionamento.

— É, é exatamente o que ele está fazendo — digo, olhando com ódio para Vinnie, que agora equilibra Nino, que não para de dar risadinhas, nos ombros, fingindo que vai derrubá-lo em cima de Vince Júnior, enquanto Mary Beth fica olhando, maravilhada.

— Acho que ele entrou para dar um oi para mamãe e papai e alguém disse para ele ficar e comer um pedaço de bolo — diz Joey.

Estou disposta a apostar que esse alguém é Mary Beth. É difícil ver minha irmã incapaz de tirá-lo da vida dela para sempre.

Bom, ele é o pai dos filhos dela.

Mas será que ela não vê como ele a usa?

— O que eu não entendo — diz Sara — é por que ele faz isso, para começo de conversa. Parece que ele tem uma namorada nova, pelo menos uma, e ele disse para Mary Beth que não a ama mais. Então, por que ele continua enrolando ela?

— Porque o ego dele precisa ser alimentado pela adoração incondicional dela. Ele fica feliz de ver que ela é a fim dele e que, não importa o que ele faça, ela sempre vai estar à disposição. — Estremeço de raiva. — Se ele tiver a coragem de olhar para cá, vou arrastá-lo para fora e expulsá-lo da festa.

Mas Vinnie não olha para o meu lado. Vai embora.

E, depois que ele se vai, Mary Beth murcha.

Quero mais do que tudo enfiar juízo na cabeça dela, mas não tenho nenhuma oportunidade. Fazemos pose para fotografias de família suficientes para encher uma dúzia de álbuns e colocamos o resto do bolo em caixinhas de papelão que trazem impresso os nomes dos meus pais e a data do casamento deles, e temos de entregar uma caixinha para cada convidado que deixa a festa.

Quando só sobrou nossa família, Nino está tendo um ataque de criança que comeu doce demais, gritando e chutando feito um louco, e meu irmão Frankie está ajudando Mary Beth a lutar contra ele e enfiá-lo no carro, junto com Vince Júnior.

Então volto para casa com meus pais, que estão em pânico porque ninguém disse a eles que eu vinha e minha cama não está feita.

— Mãe, não faz mal — digo, enquanto ela corre de um lado para o outro, fechando persianas e enfiando coisas no armário. Parece que agora usam meu quarto como depósito de coisas que não têm nenhum

outro lugar para colocar: suéteres grandalhões, recortes de revista, catálogos e os brinquedos com que os netos brincam quando vêm fazer uma visita.

Digo a mim mesma que não devo me incomodar, afinal, a casa é deles e não moro mais aqui, mas não consigo deixar de me sentir ressentida.

Será que eu achava que eles iam manter meu quarto como um santuário intocado na minha ausência?

E, parece que achava sim.

— Quanto tempo vai ficar? — pergunta minha mãe ao tirar um conjunto de lençóis floridos desbotados da gaveta de cima da minha cômoda, onde eu costumava guardar minhas calcinhas de algodão e meus sutiãs de força industrial e o dinheiro que ganhava trabalhando de babá e, bem no fundo, meus cigarros e um exemplar cheio de orelhas de *A mulher sensual*.

— Vou ficar até segunda — digo a minha mãe.

— Segunda! — Ela para no meio do processo de ajeitar o lençol antigo e encolhido no colchão mole e manchado. — Mas isso é depois de amanhã.

— Eu sei. Preciso trabalhar na terça. — Não pode tirar uns dias de folga? Sacudo a cabeça e ajudo a esticar o lençol.

— Ainda não tenho direito a nenhum dia de folga. Ela parece horrorizada.

— O que você precisa fazer para ganhar folga?

— Nada, mãe. Só preciso trabalhar lá durante seis meses. O que ainda não aconteceu. — Enfio um canto do lençol com elástico embaixo do colchão e a outra ponta solta.

— Bom, eles sabem que a sua família mora a 800 quilômetros de distância? — Ela volta a ajeitar a ponta oposta.

Meu canto solta de novo.

— Mãe, é a política da empresa.

— Que tipo de empresa é essa?

— Eu já disse. É uma agência de publicidade.

— Não. O que eu quis dizer é que tipo de empresa afasta uma moça da família?

Tudo bem. Para mim, chega. Chega dela e da porcaria do lençol. Mas, antes que eu tenha oportunidade de dizer uma palavra, ela prossegue:

— E que tipo de homem vira as costas para uma mulher durante meses a fio para ficar no palco cantando e dançando?

Lá vamos nós.

Ela jamais gostou de Will.

Ninguém na minha família nunca gostou de Will.

Ele tem tantas características que depõem contra ele:

1. Não é de Brookside.

2. Não ficou em Brookside depois que chegou.

3. Tem aparência, maneiras e fala diferentes de qualquer pessoa em Brookside.

4. E me levou embora de Brookside.

Ou, pelo menos, é o que eles acham. Não conseguem imaginar que eu teria ido embora por conta própria.

— Mãe, Will é ator. Atores fazem temporadas de verão. O fato de ele passar o verão todo fora não tem nada a ver comigo ou com nossa relação.

Ela fica em silêncio. Desiste do lençol com elástico e deixa um dos cantos de cima sem enfiar e volta a atenção para o lençol de cima. O queixo dela está em posição de teimosia. Não é bom sinal.

Observo-a. Reparo que tudo nela é arredondado. O cabelo volumoso e escuro, modelado com laquê. Os olhos escuros e grandes delineados com lápis e rimei demais para a ocasião. O rosto dela com aplicação circular de *blush*. Os braços, o corpo, a bunda: tudo nela é elíptico. Já vi fotos dela na juventude, e sempre foi agradavelmente

rechonchuda, mas bonitinha. Fico me perguntando se algum dia vou ficar parecida com ela.

Tento me imaginar na meia-idade. Tento me imaginar na meia-idade, parecida com minha mãe e casada com Will.

Não consigo.

Will, na meia-idade, sem dúvida vai se parecer com um cruzamento de Harrison Ford e Michael Douglas. E um homem com essa aparência não vai estar casado com uma mulher que tem esta aparência.

Afasto o pensamento da cabeça e volto a atenção para o assunto em questão.

— Mãe, como você sabe que o Will viajou? Eu não disse para você.
— *Porque sabia que sua reação seria exatamente essa.*

— Mary Beth me disse. Ela está preocupada com você.

— Mary Beth devia se preocupar com ela mesma. Ela tem problemas suficientes com o Vinnie por perto, enchendo-a de falsas esperanças.

— Eles têm dois filhos e fizeram votos de casamento na igreja, Tracey — retruca minha mãe.

— Mas isso não significa que ela deve aceitá-lo de volta! Minha mãe não diz nada. Só pega uma coberta grossa do armário e começa a esticar por cima da cama.

— Mãe, estamos em julho — digo, fazendo com que pare. — Eu vou assar embaixo dessa coisa.

— A noite faz frio.

— A temperatura não fica abaixo de zero. — Começo a dobrar a coberta de novo.

Ela dá de ombros, como se quisesse mostrar que vai ser minha culpa se eu morrer de frio durante a noite.

— Ele não é adequado para você, Tracey.

— O Will? — Suspiro. — Mãe, como é que você sabe? Você mal o conhece.

— Conheço o suficiente. Ele é inadequado. Não faz você feliz.

— O Vinnie não faz Mary Beth feliz. Por que ela deve ficar com ele?

— Ela é casada e tem filhos. — Para minha mãe, católica ferrenha que é, isso é razão suficiente. — Não cometa o mesmo erro da sua irmã, Tracey. Case com alguém que ama você.

— É o que eu pretendo. Mãe...

Ela se inclina na minha direção e baixa a voz até um sussurro:

— Case com alguém que a ame mais do que você deseja que ame. Case com alguém que a ame mais do que você o ame. Porque ele sempre vai tratar você como uma rainha. Ele sempre vai estar à disposição. E você vai aprender a corresponder ao amor.

Que tipo de conselho é esse?

Oh-oh.

Percebo, olhando no rosto dela, que é um conselho baseado em experiência.

— Então você... não amava o papai quando casou com ele? — pergunto, estupefata.

— Eu o amava. Claro que o amava. Embora ele não enlouquecesse o meu coração como eu achava que ia acontecer. Mas ele era louco por mim. — Ela sacode a cabeça. — Achava que eu era a melhor coisa que podia acontecer na vida dele. Eu era perfeita.

— Ainda é.

Ela sorri e me dá uns tapinhas no peito.

— Agora você entendeu.

Para falar a verdade, não entendi.

Mas deixo que ela fique pensando que me deu algo sobre o que refletir.

O resto da minha visita passa voando. Passamos o domingo na igreja, depois vamos comer um espaguete na casa dos meus avós ao meio-dia, apesar de a temperatura estar em 35 graus e o clima estar tão úmido que o rosto de todo mundo fica suado e vermelho, com o cabelo colado na cabeça. Não é nada bonito. O lado bom é que está quente demais para comer. Isso significa que consigo me ater a minha dieta, o que achei que seria um desafio durante este fim de semana.

No domingo à noite vamos ver a casa nova de Joey e Sara, depois vamos à casa da minha tia Mary para tomar café e comer *pizzelle* feita em casa. Todos nós. A família inteira. Eu nunca tinha reparado nisso a respeito de Brookside: todo mundo anda em bando.

Não tenho nem um minuto para mim mesma até entrar no ônibus de volta a Nova York na segunda-feira à tarde. O dia está úmido e cinzento; é o pior Dia da Independência de que consigo me lembrar em anos. Isso deveria tornar a tarefa de passar o dia inteiro em um ônibus lotado mais fácil, mas não torna, por algum motivo.

Só reparo que é um ônibus local depois que embarquei. Vai demorar 12 horas para chegar a Manhattan, com paradas em cada cidadezinha industrial decadente do estado inteiro.

Utica, Rome... todas têm a mesma aparência. Nada para ver, nenhuma razão para descer do ônibus durante os cinco minutos que paramos em cada uma delas (a não ser para fumar). O que faço, até perceber que é melhor economizar os poucos cigarros que ainda tenho.

Quando fazemos uma parada mais extensa em Albany, percebo que estou a menos de uma hora de distância de Will. Se eu trocasse de ônibus neste terminal, estaria em North Mannfield antes mesmo que este ônibus cobrisse metade da distância daqui a Nova York.

Mas não posso fazer isso.

Não posso simplesmente aparecer no portão de Will (será que a casa do elenco tem portão?) e pedir para falar com ele.

Então, fumo meu antepenúltimo cigarro e volto para o ônibus quando o motorista avisa que está saindo.

Em algum lugar perto de Poughkeepsie, termino de ler *Tom Jones*, de Henry Fielding, que fazia duas semanas que eu estava lendo e me pareceu surpreendentemente divertido. Passo para *Moby Dick*, a única outra leitura que tenho comigo. Quando comprei o livro em Nova York, prometi a mim mesma que, se eu conseguisse acabá-lo, ia poder ler Danielle Steel só para descansar o cérebro.

Fico feliz quando, depois de apenas algumas páginas, fica escuro demais para ler e a luz de leitura do meu assento não funciona. Coloco o livro de lado e fico totalmente feliz de ficar olhando a paisagem pela janela.

Agora que estamos quase na cidade, não há tantos desclassificados no ônibus. Há muitos universitários, senhoras e mães sozinhas com crianças pequenas.

O trânsito fica mais pesado ao nos aproximamos de Nova Jersey.

Quando chegamos à ponte George Washington, estamos no meio de um engarrafamento total. Avançamos aos centímetros pela ponte. Centímetro a centímetro.

Estou começando a me sentir presa.

O ônibus está ficando quente.

O motorista avisa que tem um problema com o ar-condicionado e que precisou diminuir um pouco para que o ônibus não pare de funcionar no meio da ponte.

O suor escorre pela minha cabeça.

O velho do meu lado ronca.

A criancinha atrás de mim não para de chutar meu assento.

Os universitários no fundo do ônibus tocam um *rap* com batida massacrante.

Meu coração começa a bater forte.

Ah, se pelo menos eu pudesse fumar.

Mas não é permitido fumar.

Preciso de uma distração, então tento pensar em outra coisa.

Will.

Mas, quando penso em Will, percebo que o 4 de Julho dele provavelmente está sendo fabuloso. Provavelmente está sob as estrelas, em uma praia à margem do lago, com todos os novos amigos.

O ônibus vai se arrastando pela faixa mais à direita da ponte.

Ouve-se uma explosão.

Dou um berro.

O velho acorda cuspiendo.

A criancinha atrás de mim começa a dar gritos estridentes.

— São só fogos de artifício — fica repetindo a mãe.

Olho pela janela, e ela tem razão.

Há fogos de artifício por cima da cidade.

Mas percebo que me encolho a cada explosão, perguntando a mim mesma se estou imaginando coisas ou se a ponte treme mesmo cada vez que se enxerga um clarão de luz no céu.

Durante uma fração de segundo fico achando que a primeira explosão tinha sido uma bomba. Agora que sei que não passam de fogos de artifício, fico imaginando o que aconteceria se fosse mesmo uma bomba. Como Nova York é um alvo preferencial de terroristas, nunca é demais ficar achando que alguma mente maligna pudesse ter a ideia de mandar a ponte George Washington pelos ares no 4 de Julho.

O ônibus está quase encostando na amurada, e não avançamos nada.

Se uma bomba explodisse neste exato momento, cairíamos direto no rio Hudson.

Iríamos nos afogar.

Iríamos morrer.

Estou suando em profusão, mas é um suor frio e pegajoso, e estou com muita dificuldade para engolir. Fica pior quando penso sobre o assunto; quero dizer, sobre a mecânica de engolir.

Ai, meu Deus.

Minha garganta está se fechando, não consigo respirar e estou presa.

Vou morrer.

Tomo cuidado para não olhar pela janela.

Se eu olhar pela janela e enxergar a amurada e o rio, vou perder as estribeiras.

O ônibus avança mais uma fração de centímetro.

Sinto que está se equilibrando precariamente na beiradinha da ponte.

Olho para os outros passageiros para ver se alguém está percebendo como nossa situação é precária, mas ninguém parece se abalar.

Por outro lado, também não devo parecer abalada.

Até parece que me joguei no corredor e tive um ataque ao estilo de Nino.

Ainda.

Avançamos.

Centímetro por centímetro.

Hora por hora.

O *gran finale* dos fogos de artifício explode no céu em uma confusão estonteante de luzes piscantes, fumaça e barulho.

Aperto as mãos no colo com tanta força que a unha do meu dedo indicador faz sangrar a palma da outra mão. Finalmente, graças a Deus, saímos da ponte. A medida que o ônibus vai abrindo caminho pelas ruas cheias da zona oeste, percebo que vou gradualmente me acalmando.

Quando chegamos à rodoviária Port Authority, meus batimentos cardíacos estão quase de volta ao normal.

Eu tinha planejado pegar o metrô para voltar para casa, mas a ideia de ficar presa em um túnel subterrâneo agora me parece aterrorizante. Preciso de ar. Preciso de um cigarro.

Saio do terminal de ônibus sujo porém climatizado para a sauna pútrida da noite de Manhattan. Minhas mãos tremem quando retiro o último cigarro do maço e levo à boca. Acendo e dou uma tragada profunda. Agora me sinto melhor.

As ruas estão lotadas. Compro mais um maço de cigarros em uma banca de revistas na rua, então vou abrindo caminho em meio à multidão compacta com minha mala pesada no ombro. Estou tentando compreender que diabos aconteceu comigo no ônibus, e não consigo encontrar resposta. Foi como se cada grama de lógica tivesse abandonado por completo minha mente.

Tento chamar um táxi, mas é impossível achar um. Agora não tem como eu entrar em um ônibus municipal ou no metrô.

Não tenho opção além de continuar caminhando, ziguezagueando pela cidade, um ou dois quarteirões para o sul, um ou dois quarteirões para o leste de cada vez, na direção do meu bairro de East Village. Estou na rua 29 com a avenida Park quando um casal desce de um táxi na esquina e o motorista vê o meu sinal.

Cinco minutos e cinco dólares depois estou em casa.

A luz de recado está piscando na secretária eletrônica. Aperto o *play*, imaginando se é uma ligação de Will.

Mas não é.

É de Buckley.

— Oi, Tracey. Como você não me ligou, achei melhor ligar. O Joseph me deu o telefone de Raphael, e ele me deu o seu. Espero que não se importe. Terminei aquele trabalho *freelancer* no seu prédio, e é por isso que não nos esbarramos mais. Estava pensando que a gente podia sair para tomar uns drinques ou qualquer coisa assim. De uma maneira platônica.

Bom, é claro que vai ser platônico, penso, desejando ficar irritada, mas incapaz de expressar alguma reação. O que mais ele poderia

esperar?

— Ligue para mim — é tudo que resta do recado de Buckley.

E foi o único recado que recebi.

Nenhuma ligação do Will.

Bom, mas também o 4 de Julho não é uma das ocasiões em que as pessoas se ligam para trocar cumprimentos. Quero dizer, não é como o Natal, o Ano-novo, o Dia das Mães ou o Dia dos Namorados. Mas, mesmo assim.

Ele podia ter ligado.

Quero dizer...

Buckley ligou.

E estou pensando que talvez eu deva ligar de volta. Por que não? Ele é um cara legal, e seria divertido sair com ele.

Principalmente agora que Kate está ocupada com Billy nos Hamptons: eles começaram a ficar juntos desde aquele fim de semana em que eu estive lá. E provavelmente é por isso que ela não me convidou mais.

Nesse meio tempo, Raphael está a toda com algum bailarino da Tchecoslováquia que conheceu em um bar daqueles em que todo mundo só usa roupa de couro em Jersey City. Brenda está ocupada com os preparativos do casamento, Latisha anda de mau humor por causa da onda de derrotas dos Yankees e Yvonne usa cada momento livre que tem para mostrar a cidade a Thor.

Com tudo isso, onde eu fico?

Acabei de voltar de um fim de semana em Brookside e estou obcecada com a ideia de que terroristas vão explodir uma ponte comigo em cima.

Em um impulso, pego meu Palm Pilot e procuro o telefone de Buckley. Disco antes de ser capaz de me deter. Enquanto toca, fico pensando que devia desligar, e então penso que ele provavelmente não está em casa e, se não estiver, não vou deixar recado, porque, pensando melhor, parece que não é mesmo uma ideia muito boa...

—Alô?

— Buckley?

— Tracey!

Ele parece felicíssimo.

Agora eu estou felicíssima. É legal ser assim tão bem recebida, mesmo que seja só pelo telefone.

— Nossa, você retornou minha ligação. Duvidei seriamente que retornaria.

— Por que não retornaria? Você, hum, pediu para eu ligar. Ele faz uma imitação certeira da minha mãe, a quem, é claro, nunca foi apresentado:

— Se eu mandasse você pular de uma ponte, você também pularia?

Ele não faz ideia de como esse comentário em particular tem relevância, e eu é que não vou dizer a ele; então, também forço uma risada.

Então ele me pergunta sobre o fim de semana do feriado e me conta do dele: foi para a casa da mãe em Long Island para um churrasco em família e passou o dia em Jones Beach. Parece que o dia aqui na parte leste do estado estava lindo e ensolarado.

— Que sorte a sua, passou o dia na praia enquanto eu estava no ônibus — digo.

— Que nada, a praia estava cheia de gente esquisita — diz ele.

— Gente esquisita? Tipo gente de circo?

— Tipo você nunca viu uma reunião em massa de fracassados completos e totais como aquela. — Ele começa a fazer uma descrição hilária das pessoas que também estavam na praia, imitando sotaques e reproduzindo diálogos. Ele me fez rir tanto que estou forçando meus músculos abdominais recém-desenvolvidos.

— Eu não dou tanta risada desde o primeiro filme do Austin Powers. Você devia escrever comédia, Buckley, não textos de orelhas de

livro e folhetos institucionais — digo a ele, quando finalmente consigo recuperar o fôlego.

— Ah, é? Não diga isso até ler meus folhetos institucionais. Você vai morrer de rir.

Dou mais risada.

— Então, quer sair comigo para tomar uns drinques ou o quê? — pergunta ele, do nada.

Antes que eu tenha oportunidade de responder, ele completa, mais uma vez:

— Vai ser platônico.

— Droga! E eu que queria marcar um encontro com você, Buckley.

— Eu *sou* gostosinho — diz ele. — Mas você, minha garotinha, tem um gostosinho só seu.

— Eu sei. — Solto um suspiro exagerado. — Vou tentar ficar com as mãos longe de você.

— Mas como estamos *atrevidos!*

Combinamos de nos encontrar para tomar drinques bem geladinhos com rum em um restaurante perto da casa dele na quarta-feira à noite, depois do trabalho. Ele sugere a hora e o lugar, e fico feliz por não ser algum lugar em que já estive com Will.

E é maravilhoso eu não me sentir mais nem um pouco ameaçada pelo fato de ele ter me beijado. O gelo se quebrou entre nós dois.

Ou talvez seja só o meu gelo, porque o negócio com Buckley, estou começando a perceber, é que ele está sempre completamente relaxado e à vontade. Acho que não é falsidade da parte dele. Nada parece incomodá-lo.

De qualquer jeito, as perspectivas são positivas agora.

Principalmente quando subo na balança antes de vestir o pijama e vejo que perdi mais uns dois quilos desde a última vez que verifiquei.

Estou mesmo fazendo tudo que disse que faria. Estou conseguindo perder peso. Ler os clássicos. Guardar dinheiro.

Até organizei meu apartamento em uma noite na semana passada e joguei fora dois sacos de lixo enormes, cheios de coisas inúteis acumuladas.

Fico parada na frente do espelho, ainda usando o *short* amassado de linho preto e a camiseta preta de manga curta que usei na viagem de ônibus.

Estudo minha nova eu.

Nada mal.

É impressionante como quase dez quilos fazem diferença. Mas, quando se considera que é quase como carregar cinco pacotes de dois quilos de farinha em volta dos quadris, da bunda, das coxas e da barriga, é quase chocante pensar que a diferença não é maior. Não me entenda mal: estou gostando da nova eu.

Ela é visivelmente mais magra que a antiga eu.

Mas continua sendo identificável.

Suspiro, percebendo que, por mais que já tenha avançado, ainda tenho muito trabalho pela frente.

CAPÍTULO 14

Na quarta-feira à noite, estou a caminho do elevador para me encontrar com Buckley depois do trabalho quando Jake me para. Ele passou o dia todo em reuniões com o cliente, e mal nos vimos. Espero que não me peça para ficar mais um pouco, porque liguei para Buckley há cinco minutos e disse que já estava saindo.

— Posso conversar com você sobre uma coisa, Tracey ? — pergunta Jake.

— Claro. — Espero que ele se explique, imaginando do que ele está falando.

— Certo, venha até a minha sala. — Ele começa a andar. Vou atrás, estupefata. Por que não pode falar comigo ali mesmo?

Reparo que ele não fala nada quando o alcanço a caminho da sala dele. Não ajuda o fato de eu não conseguir pensar em nada para dizer. Fico imaginando se aconteceu algum problema, mas não consigo pensar em nada que eu possa ter feito de errado.

Então percebo que, como o assunto que ele quer discutir, obviamente, é particular, deve ser a respeito dos nomes de produto que entreguei a ele há alguns dias.

Ele nunca me deu retorno a respeito da lista. Talvez ele tenha apresentado ao cliente. Talvez tenham escolhido uma das minhas ideias.

— Feche a porta — diz Jake, entrando na sala dele e sentando-se atrás da mesa. — Sente-se.

Fecho a porta. Sento.

— Então, lembra aquele dia, há algumas semanas, quando você comprou aqueles chocolates para o aniversário da minha mãe?

Meu coração se aperta. Acho que não tem nada a ver com o nome do desodorante.

— Lembro...

— Lembra que eu lhe pedi que empacotasse o presente e encaminhasse para o serviço de entrega naquela mesma tarde?

— Lembro...

— Acabei de descobrir que ela nunca recebeu.

— Ela não recebeu?

— Não. E está louca da vida, porque acha que eu me esqueci do aniversário dela.

Fico olhando para ele, sem ter muita certeza do que ele quer que eu diga.

— Mas isso... Quero dizer, não sei como ela pode não ter recebido.

— Eu também não sei. Parece que 100 dólares de chocolate belga desapareceram misteriosamente.

Será que ele está me acusando de ter roubado? Não dá para saber. Mas se está...

— Não estou dizendo que você pegou, Tracey...

Não está?

— Mas estou aqui imaginando se você não esqueceu de deixar no serviço de entrega.

Penso no que aconteceu naquele dia. Com certeza me lembro de ter ido até o serviço de entrega com o chocolate dele. Myron estava lá, e ele pegou o pacote de mim. Fingiu que tinha derrubado, mas pegou pouco antes de encostar no chão. Ele sempre gosta de me irritar e de tirar sarro de mim porque trabalho para Jake.

O negócio é que ninguém do serviço de entrega gosta de Jake. Provavelmente porque ele trata todo mundo do serviço de entrega como se fosse invisível. Ou talvez porque eu ouvi uma vez quando ele estava contando piadas racistas... e é provável que eles também tenham escutado.

Agora me ocorre, pensando bem naquele dia, que Myron pode ter reparado que o sobrenome na etiqueta da encomenda era o mesmo de

Jake.

E isso significa que Myron pode ter percebido que Jake estava usando o serviço de entrega da empresa para enviar encomendas pessoais à família.

Isso seria um absurdo para Myron. Quero dizer, ele ganha uma fração do salário de Jake, e por acaso eu sei que ele ainda precisa pagar pensão alimentícia para uma ex-namorada.

Mas eu é que não vou dizer a Jake que Myron pode ter sabotado o pacote de chocolate dele. Para começar, não tenho provas. E, depois, não posso condenar o cara... mesmo que eu esteja levando a culpa no lugar dele.

— Eu me lembro de ter levado até o serviço de entrega — digo a Jake, porque ele está esperando uma resposta.

— Você entregou na mão de alguém ou só deixou lá?

— Entreguei na mão de uma pessoa. Agora vem a pergunta inevitável.

— Quem era essa pessoa?

— Não faço ideia — minto. — Já faz muito tempo.

— Então, como é que você pode ter certeza que levou até lá? Será que o pacote pode estar perdido na sua mesa ou no seu cubículo?

— Duvido.

— Será que você pode dar uma olhada?

— Claro. — Dou de ombros e olho o relógio. — Amanhã cedo, logo que chegar, eu vou...

— Vá olhar agora — diz Jake, abruptamente, e então completa, em tom mais gentil: — Certo?

O que posso dizer?

— Certo.

Passo os 15 minutos seguintes revirando as pilhas de coisas no meu cubículo, olhando na mesa toda e até no arquivo. Faço isso porque não tenho escolha, Jake fica enfiando a cabeça lá dentro para perguntar:

— Já achou alguma coisa?

Finalmente, volto para a sala dele e informo que não há sinal do pacote.

Ele está uma fera.

Talvez não comigo... mas parece que é isso mesmo. Quase me sinto tentada a dizer a ele que converse com Myron a respeito dos chocolates, mas não digo.

Finalmente, estou a caminho do meu drinque com Buckley.

Atravesso a cidade a pé. É mais uma noite quente e úmida, o calor do dia aprisionado no concreto, irradiando para cima de mim enquanto caminho pela calçada. Saio esbarrando no corpo suado de desconhecidos, meu cabelo colado no pescoço e na testa. Não tenho muita tendência a suar, tirando na cabeça. É vergonhoso. Ao menor sinal de umidade, parece que alguém pegou uma mangueira e deu uma esguichada em mim, do pescoço para cima.

Quando chego ao restaurante, que fica no mesmo quarteirão do restaurante de *sushi* de que Will e eu mais gostamos, percebo que é um lugar comum de Tex-Mex. Oferece drinks *frozen* especiais para a *happy hour*, oferece salgadinhos e *salsa* grátis, com velas votivas brancas e luzinhas de Natal coloridas penduradas por cima do bar. Tem *uma jukebox* e, no momento, está tocando Steely Dan.

O lugar está cheio. Metade das pessoas que se apertam nas proximidades do bar parece estar se preparando para ir ao cinema. Buckley está sentado na outra ponta, onde há menos gente, tomando um drink branco espumante com pedaços de abacaxi e cerejas ao marasquino em um palito. Uma mulher ultrabonita com um *tailleur* de verão vermelho e cabelo encaracolado, preto e *seco*, está sentada na banqueta ao lado dele, bebericando um drink similar.

Aliás, fico pensando que estão juntos até Buckley ter de perguntar de novo qual é o nome dela quando a apresenta para mim.

— Sonja, é isso mesmo — diz ele. — E esta é minha amiga Tracey. Que está atrasada.

— Desculpe. Fiquei presa no trabalho, quando achei que já estava saindo. — Enxugo uma gota de suor que escorre na minha testa e coloco minha bolsa preta enorme no chão, entre as banquetas em que estão sentados, torcendo para que Sonja aproveite a deixa e vá embora.

Ela *não* aproveita a deixa e tira a jaqueta para revelar o *top* preto sórdido que tem escondido por baixo do *tailleur*.

Eu a detesto.

— O que quer beber, Tracey? — pergunta Buckley, desviando o olhar de Sonja, que se estica para ajeitar a jaqueta no espaldar do assento.

— O que vocês estão tomando? — Tiro o cabelo molhado do rosto, desejando que aumentem o ar-condicionado. Está fresco aqui dentro, mas estou precisando de temperaturas árticas. Ou de um secador de cabelos.

— Estamos tomando alguma coisa que o *barman* sugeriu

— diz Buckley, oferecendo o canudinho dele para eu experimentar.

— Não sabemos qual é o nome — diz Sonja com uma risadinha. — Mas é danado de forte.

— Danado de forte — concorda Buckley, então se vira para Sonja e pergunta: — De onde você é? De Boston?

— Como é que você sabe?

— Tenho uma percepção extrassensorial danada de boa

— diz ele, e ela cai na gargalhada, como se aquilo fosse a coisa mais hilária que ela já ouviu na vida.

— É melhor irmos com calma nesses coquetéis — diz ela a Buckley. — Estou ficando tontinha.

Enquanto dou um gole no drinque cheio de rum e com gosto tropical de Buckley, não posso deixar de notar que Sonja está muito ansiosa para transformar a si mesma e Buckley, que acabou de conhecer, em *Nós*. E apesar de eu por acaso ser a metade de outro *Nós* (o *Nós* de Will e Tracey), sinto o ciúme borbulhando dentro de mim.

— Então, vocês acabaram de se conhecer aqui no bar? — pergunto, principalmente para lembrá-los de que são praticamente desconhecidos.

— É. Sonja também está esperando alguém — responde Buckley, erguendo a mão para chamar o *barman*.

— É mesmo? — Presumo que seja o namorado dela. Ou pelo menos alguém com quem marcou um encontro com segundas intenções.

Ela faz que sim com a cabeça e diz, para o caso de Buckley presumir a mesma coisa que eu:

— É minha colega de apartamento. Ela é nova na cidade e sempre fica atrás de mim para sairmos, então finalmente cedi. Acontece que agora é ela quem está atrasada. Eu sabia que daria tempo de ir à academia primeiro.

Claro que ela frequenta a academia.

Vejo a imagem dela, magrinha e suada, fazendo exercício em um *collant* minúsculo. Dou uma olhada no rosto de Buckley e reparo que ele deve estar visualizando a mesma imagem.

Ele nota que estou olhando e salta da banquetta, como se tivesse acabado de perceber alguma coisa.

— Venha, sente aqui, Tracey — oferece.

— Não, tudo bem — digo, na esperança de que ele não acredite e não volte a sentar. Parada aqui em pé, parece que estou segurando vela.

Ele não acredita em mim. E educado o bastante para insistir que eu me sente no lugar dele.

Então, fico imaginando, quando me sento, por que Sonja não se sente como se estivesse segurando vela?

— Há quanto tempo vocês são amigos? — pergunta ela.

Ah. É por isso.

Porque Buckley fez questão de me apresentar como amiga dele. Obviamente, fez isso para que ela soubesse que não sou concorrente.

E não sou mesmo.

Na verdade, pensei que, se ele achasse que existia qualquer chance de acontecer alguma coisa romântica entre mim e ele, eu não estaria aqui, para começo de conversa.

E é por isso que Sonja não devia me irritar cada vez que lança um sorriso aberto e muito branco para Buckley, ou pega no braço dele cada vez que ele conta uma piada engraçada (o que faz com frequência).

Porque, vamos encarar, o cara é engraçado. Estou falando de engraçado no nível de Seinfeld, com um senso de humor super sarcástico e aquela maneira sutil e hilária de fazer observações deturpadas e óbvias a respeito da vida e da natureza humana.

Rir das piadas de Buckley me deixa de tão bom humor que a noite passa sem que eu perceba, e a bebida desce tão fácil que estou começando a considerar Sonja um pouquinho mais tolerável. Quero dizer, basicamente, ela tem o direito de estar a fim de Buckley. Ele é desimpedido. E eu tenho Will.

Além do mais, ocorre a mim que ela não tem como saber que Buckley e eu nos beijamos (não que eu esteja bem certa do que isso tem a ver com qualquer coisa). Mas parece relevante quando começo a sentir os efeitos deste sei-lá-o-quê *frozen*.

Enxuguei meu primeiro drinque, e Buckley e Sonja estão na metade do segundo quando a colega de apartamento de Sonja, Mae, finalmente aparece. Acontece que ela é uma investidora de banco asiática de tirar o fôlego, e eu também teria ciúme dela se não anunciasse, praticamente no mesmo instante em que foi apresentada a mim e a Buckley, que tinha um noivo na Costa Oeste.

— Por que você está aqui se ele está lá? — pergunta Buckley a ela depois de pedir mais dois drinques, um para Mae e outro para mim.

— Porque eu consegui emprego aqui primeiro — responde Mae.— Estamos planejando nos fixar em Nova York. Ele está terminando o doutorado dele, e daí vem para cá.

— Mas só depois do Natal — diz Sonja. — Eu fico dizendo a ela que é louca de passar tantos meses longe dele. Relações de longa distância

nunca dão certo.

Será minha imaginação ou Buckley está olhando diretamente para mim, de propósito?

— Claro que funcionam — digo, de maneira quase áspera, acho, porque Sonja fica olhando para mim como quem não está entendendo nada e Buckley tira sarro de mim, repetindo minhas palavras com um rosnado selvagem enquanto finge agitar garras no ar.

— Buckley! — Mas não consigo deixar de sorrir.

— Não liguem para Tracey — diz ele para as outras. — O namorado dela está fazendo uma viagem de alguns meses. Está na temporada teatral de verão — completa com um sussurro, sacudindo a cabeça em um gesto solidário, como se tivesse acabado de me informar que Will foi vítima de algum desastre natural horroroso.

— Sinto muito — diz Sonja, fingindo solicitude. Digo *fingindo* porque não estou convencida de que alguma coisa nela não seja falsa, desde as unhas longas e feitas com perfeição até os peitos empinados e cheios. Parece que voltei a odiá-la.

— Eu não quis tocar em um assunto dolorido, Tracey — diz ela, e só falta me dar tapinhas de consolo no ombro.

— Não é um assunto dolorido.

— Só quis dizer que eu, pessoalmente, nunca tive sorte com relações de longa distância, e nunca conheci ninguém que teve. Mas isso não quer dizer que seja impossível.

— Claro que não é impossível — diz Mae. Dela, eu gosto.

— Confio totalmente no Jay — prossegue Mae. — E ele confia totalmente em mim. Só porque precisamos nos afastar durante um período isso não quer dizer que nossa relação esteja correndo risco.

— Mas vocês estão noivos — observa Sonja. — E, pelo menos, ele não é ator... Ah, Tracey, desculpe, lá vou eu de novo. Eu só quis dizer, pelo que ouvi falar, que é difícil ter uma relação estável com alguém que trabalha no *show biz*. Afinal de contas, atores têm de beijar outras pessoas, e também costumam viajar muito, não é mesmo?

— Para alguns, é verdade. — Não acredito na encenação de *ops!* dela nem por um segundo. Ela está fazendo de tudo para que eu pareça uma boba aos olhos de Buckley.

Certo, talvez ela não seja assim *tão* maldosa.

Talvez seja o rum que está fazendo com que eu a despreze.

Enquanto vou bebendo meu segundo drinque, que desce com muita facilidade, lembro-me com atraso que estive tão ocupada hoje à tarde que não tive tempo de almoçar. O dia inteiro, só comi cereal integral com uva-passa, leite desnatado e uma banana que engoli pela manhã, antes de sair de casa.

Alguém pede mais uma rodada antes que eu dê o primeiro gole da nova bebida; já percebo que estou falando arrastado.

Mas só um pouco.

E parece que ninguém mais repara.

Sonja, que é gerente de produção em alguma editora obscura, diz a Buckley que pode arrumar para ele algum trabalho de revisão. E Mae está no celular, falando com seu noivo distante, que aparentemente liga para ela toda noite neste mesmo horário.

Penso em como não falei com Will desde antes de ir à casa dos meus pais na semana passada. Cheguei em casa na segunda à noite cedo, achando que ele ia ligar, mas não ligou. Trabalhei na inauguração de uma galeria para Milos ontem à noite, e não tinha nenhum recado na secretária eletrônica quando voltei para casa.

Por que ele não me ligou, droga?

Por que eu não posso demonstrar confiança, como Mae, a respeito da durabilidade da nossa relação a distância?

Minha cabeça está inundada de ideias cheias de álcool a respeito de Will. Confiro meu relógio. São quase dez. Fico imaginando se ele já voltou para a casa do elenco depois da apresentação desta noite. O que aconteceria se eu ligasse para lá?

A pergunta é unicamente retórica, claro, porque eu não tenho um número de telefone para falar com ele.

Mas digamos que eu ligue para o auxílio à lista e consiga o número principal do teatro, e que a pessoa que atender me dê o número do telefone público na casa do elenco.

Digamos que não esteja ocupado, para variar (Will me disse que está *sempre* ocupado, então não adiantava me dar o número), e que alguém atenda e eu mande chamar o "Will.

O que ele vai dizer quando descobrir que sou eu?

Será que vai ficar surpreso?

Caramba, vai sim.

Agradavelmente surpreso?

Claro.

Ou talvez não.

É difícil saber.

Enquanto Mae manda beijos pelo celular e Buckley anota o telefone de Sonja em um guardanapo, eu fico obcecada pelo meu plano.

Preciso ligar para Will. *Preciso.*

Bebo mais um pouco do meu drinque. Este está mais forte. Com menos frutas.

Preciso falar com ele hoje à noite. Agora.

Meu coração bate forte.

Percebo que estou começando a sentir a mesma coisa que senti na outra noite no ônibus e, antes, no meu apartamento.

Desta vez não é tão intenso. Mas estou com medo. O que está acontecendo comigo?

A jukebox toca a todo volume uma canção dos Eagles.

Olho para Buckley.

Ele está absorto por Sonja e com o que ela está dizendo, seja lá o que for.

Mae ri ao celular.

O *barman* despeja rum em um liquidificador.

Será que ele colocou alguma coisa no meu drinque?

Dou mais um gole cauteloso.

Não tem gosto de nada tóxico.

Só está forte.

O drinque de todo mundo saiu da mesma fornada, e ninguém parece estar intoxicado, então sou só eu. É só aquela coisa esquisita acontecendo de novo.

Preciso ligar para Will.

— Já volto — digo aos outros, e pego minha bolsa.

Começo a abrir caminho às cegas na direção do canto mais distante do fundo do restaurante, indo instintivamente na direção do banheiro.

Por favor, permita que haja um telefone público aqui. Por favor.

Há.

Por favor, permita que eu tenha uma moeda de 25 centavos. Moedas. Vou precisar de muitas moedas. Por favor.

Felizmente, não eliminei por completo o que existe em excesso na minha vida. O fundo da minha bolsa está cheio de moedas. Não é à toa que meu ombro está sempre doendo, penso distraída, enquanto separo o punhado de prata e cobre, enfio uma moeda de 25 centavos na abertura e digito os números.

Pesco uma caneta e uma embalagem perdida de chiclete de canela Big Red das profundezas da minha bolsa e rabisco o número da Valley Playhouse.

Então, depois de colocar mais moedas, discar e colocar ainda mais moedas, o telefone começa a tocar no meu ouvido.

Apoiem na parede, contente porque o corredorzinho na frente do banheiro está vazio neste momento. Há uma porta de vaivém que separa a área da *jukebox* a todo volume e as vozes embriagadas do bar.

Estou um caco.

A mão que segura o fone contra minha orelha treme loucamente, e meu coração continua disparado. Sinto que não consigo tomar fôlego.

Não é só a bebida, nem a falta de comida (apesar de eu ter certeza que isso não está ajudando a situação em nada).

É algo mais. Estou aterrorizada.

Será que estou tendo um ataque cardíaco?

Sinto um aperto no peito.

Ai, meu Deus.

Será que já estava lá antes de eu pensar no ataque cardíaco?

Não tenho certeza.

Estou tão concentrada em analisar meus sintomas físicos e a crescente velocidade dos meus batimentos cardíacos que esqueço o que exatamente estou fazendo aqui, até que ouço um clique e uma voz masculina diz:

— Valley Playhouse, Edward na linha.

Chegou a hora de gaguejar.

— Eu... hum, estava aqui pensando... é da... hum, é da Valley Playhouse? — finalmente despejo, como uma inútil. Sou uma idiota completa, mas não posso fazer nada.

— É, é sim. — Edward é paciente.

Incentivada, consigo pedir o telefone da casa do elenco. Em vez de falar logo, Edward diz:

— Percebo. E a senhora está tentando entrar em contato com um dos integrantes do nosso elenco?

Agora, quem é o idiota? Por que outra razão eu estaria pedindo o número?

— É, estou sim — digo a ele, e pergunto por Will.

Como é que minha voz pode parecer tão calma se estou histérica por dentro?

— É alguma emergência? Sim, é uma emergência. Preciso de Will.

Preciso dele desesperadamente.

Estou tendo um ataque cardíaco e preciso falar com ele antes de morrer.

— É sim — respondo à beira da histeria, rezando para que Edward não perceba que estou fingindo a urgência na voz.

— Por favor, aguarde — diz ele prontamente. E eu tento.

Tento de verdade.

Tento aguardar.

Mas estou desmoronando.

Um cigarro vai me ajudar.

Abra a bolsa.

Encontre o maço.

Bom.

Encontre o isqueiro.

Nada de isqueiro.

Droga.

Encontre fósforos.

Acenda o cigarro.

Trague fundo.

Não ajuda.

Meu coração está disparado, e comecei a suar frio. É a única coisa que posso fazer para não largar o telefone e sair correndo daqui.

Sair correndo desta porcaria de corredorzinho, e deste bar lotado, e deste bairro em que fica o apartamento de Will, e desta cidade desconhecida, e desta vida solitária.

Mas não.

Não posso ir embora.

Edward vai me arrumar um telefone para que eu possa falar com Will. E se eu puder simplesmente falar com Will, tudo vai ficar bem.

Dou mais uma tragada.

E se o fumo estiver piorando meu ataque cardíaco?

Parece que não.

Continuo com os mesmos sintomas, mas agora também parece que estou ficando tonta. Por causa dos drinques. O álcool está fazendo efeito.

Será que é só isso? Talvez eu só esteja bêbada.

Não. E o meu coração?

E se for um ataque cardíaco?

E se *não* for um ataque cardíaco?

Então, o que é? Qual é o meu problema?

Duas mulheres passam a caminho do banheiro. Uma delas me olha feio e cochicha alguma coisa para a outra. No começo, não entendo por quê.

Então vejo que estou parada embaixo de um cartaz de proibido fumar.

Ah. E daí? E daí?

Levo o cigarro aos lábios e trago de novo.

Uma provocação bêbada.

Elas não podem me deter.

Então ouço um estalo e a voz de Will, sem fôlego, está na linha.

— Alô ? Alô ? Mãe ? É você ? Êxtase.

É Will.

Confusão. *Mãe?*

— Will, sou eu.

Há uma pausa do outro lado da linha, seguida por um incrédulo:

— Tracey?

— É!

— Achei que era minha... Qual é o problema?

— Eu só queria o telefone. Da casa do elenco. Quero dizer... foi isso que eu pedi ao Edward... ele não precisava ir chamar você.

— Tracey, mas que...? O que você está fazendo? — Outra pausa.

Acho que a pausa é minha. Porque é minha vez, e estou com medo de falar.

— O Edward disse que tinha uma ligação de emergência para mim — diz Will, sucinto. — Eu estava na coxia, entre duas músicas. Daqui a dois minutos tenho de estar de volta ao palco, cantando *We Go Together*.

— *We Go Together* — repito, minha cabeça rodando loucamente. De repente, sou uma concorrente momentânea do *Show do Milhão*. E essa eu conheço. *We Go Together*.

Pronto! Captei.

— Will, você está fazendo *Grease*!

— É, estou fazendo *Grease*. Tracey, você parece chapada. Você está chapada?

— Não!

— Tracey, diga uma coisa... esta é uma ligação de emergência ou não?

— É!

— Qual é o problema?

Isso. O problema é isso. A atitude dele é o problema. O tom dele é impaciente, como se não acreditasse em mim.

Por que diabos ele não acreditaria em mim? Edward acreditou em mim. Edward, um desconhecido completo, acredita em mim, e Will, meu namorado, não acredita.

— Tracey, pelo amor de Deus, preciso voltar ao palco daqui a um minuto. O que está acontecendo? Qual é a emergência?

Ele quer que eu especifique a emergência. Está falando sério ?

— Tracey, fale!

— Por que está falando comigo desse jeito? — choramingo.

— Porque... isso é uma emergência ou você está bêbada? — Não estou bêbada! — berro, bem quando as duas mulheres saem do banheiro.

Droga.

Que confusão.

Eu estou confusa.

Mas não estou bêbada.

Não foi por isso que liguei para ele.

Não é por isso que estou com esses sintomas.

— Então, qual é a emergência? — repete Will.

Ele continua impaciente. Não demonstra nem um pouco de gentileza, nem um pouco de amor.

Continua não sendo a pessoa que eu preciso que ele seja.

— É o meu coração — digo, respirando fundo. Gaguejando, porque dói e eu não consigo respirar tão fundo quanto precisaria e tem alguma coisa errada, droga, e Will não...

— O que tem o seu coração, Tracey?

O que tem o meu coração? Tento me concentrar. Para responder à pergunta.

O que tem o meu coração?

Está doendo.

Está partido. Will está partindo o meu coração. Apóio-me na parede, a cabeça tombada para trás, os olhos fechados. Sinto o corpo mole.

Ele não compreende.

Ele está no telefone, como eu queria. Mas não está ajudando em nada. Isso aqui...

Isso é hostilidade.

Will é hostil.

— Tracey, preciso ir — diz ele, rapidamente. — Preciso voltar ao palco.

— Mas, Will... eu preciso de você.

— Você ligou para cá e disse ao Edward que era uma emergência. Esta era a emergência? Que você precisa de mim?

— Por que está tão bravo comigo? — Agora estou chorando. — Will, pare de falar comigo desse jeito. Você não se importa?

— Eu não me importo com o quê? *Comigo?*

Não.

Não diga isso.

— Você não se importa de eu estar sofrendo?

— Tracey...

— Não, Will, estou falando de sofrimento verdadeiro, físico. Estou muito confusa. Não consigo respirar, e minha cabeça está atrapalhada, e meu coração está batendo rápido demais...

— É porque você andou bebendo. — Não, não é! Pare de dizer isso!

— Você está bêbada, Tracey. Eu sei. Você está falando arrastado. Isso é ridículo. Preciso desligar.

— Não, Will, não...

— Tchau.

— Por favor, Will, não... *Clique.*

Tom de chamada.

Pânico.

Ele foi embora!

Cadê aquele papel de chiclete?

Procure nos bolsos.

Procure na bolsa.

Por favor. Não está aqui. Onde está? Preciso dele. Preciso do número de telefone da Valley Playhouse. Preciso ligar de novo para ele.

Mas a esta altura ele deve estar cantando *We Go Together*.

Ramma lamma ding dong.

Então vou esperar até que termine.

— Com licença...

Ergo os olhos.

Um estranho está parado na minha frente, emoldurado pelo batente da porta que leva ao restaurante. Um homem estranho. Um homem estranho, que parece um borrão, está falando comigo. Por quê?

Ele parece bravo comigo. Ai, Cristo. Ele também? Por quê?

Por que todo mundo está bravo comigo? Lágrimas escorrem pelo meu rosto. — Preciso do papel de chiclete — digo ao homem. — Por favor... pode me ajudar a procurar?

— Não é permitido fumar aqui — diz ele, fazendo um gesto para o cartaz.

— Eu sei, mas meu namorado acabou de desligar o telefone na minha cara e eu não consigo achar o papel de chiclete, e meu coração...

— Por favor, apague — diz ele com firmeza, fazendo um gesto para a ponta na minha mão.

— Mas estou tentando explicar por que...

— Por favor. Esta não é uma área de fumantes.

Quem é esse homem estranho e fora de foco que saiu do lambri para dar bronca em mim?

— Alguém falou para você que eu estava fumando aqui? — pergunto, e percebo que aquelas duas vadias devem ter me dedurado. Eu detesto as duas. E detesto esse homem.

E acho que devia dizer isso a ele. — Acho que é melhor a senhora se retirar — diz ele. — Mas... por quê? Por que eu preciso me retirar? — grito mais alto.

— Eu sou o gerente, e acho que a senhora bebeu demais. Está aqui sozinha?

Não consigo me lembrar.

Esforço-me para pensar no que aconteceu antes do telefonema, mas minha mente está tão desfocada quanto o rosto dele, e agora as coisas estão começando a girar.

— Posso colocar a senhora em um táxi — diz o homem. Agora ele não está sendo maldoso.

Agora eu não o odeio. Solução mais forte.

— Muito obrigada — digo. — Muito obrigada.

— Tudo bem, vamos só... Ah.

Preciso vomitar.

Agora.

A náusea me ataca com tal violência que eu saio correndo para a porta do banheiro. Entro correndo em um reservado e vomito na privada.

Ai, meu Deus.

— Ai, meu Deus — digo, e me pergunto onde Deus está quando precisamos dele.

Eu devia ter ido à igreja, como minha mãe mandou.

Nunca me senti tão triste na vida toda.

Estou com dor.

Acho que estou morrendo.

Eu devia ter ido à igreja.

Agora é tarde demais.

Porque talvez eu já esteja morta.

Porque eu poderia jurar que estava no inferno.

CAPÍTULO 15

— Tracey?

— Tracey...

— Tracey!

— Mmm?

— Tracey, está tudo bem?

Volto a mim devagar, fazendo uma careta por causa da dor de simplesmente ter recobrado a consciência. Minha cabeça está me matando. Minha garganta está me matando. Abro os olhos em um clarão de sol direto. Meus olhos estão me matando. E...

E não tem sol direto no meu apartamento. Fecho os olhos rápido, mas continuam doendo. Onde estou?

— Tracey?

Quem é essa pessoa?

Faço força para abrir os olhos de novo.

Viro para o lado.

E engulo em seco.

— Oi — diz Buckley, olhando de cima para mim. — Tudo bem com você?

Buckley?!

O que ele está fazendo aqui?

Espere...

Este não é o meu apartamento.

O Sol.

Deve ser o apartamento de Buckley.

O que estou fazendo aqui?

— Trouxe você comigo para casa ontem à noite — diz ele, como se tivesse lido minha mente.

Ai, Senhor. A noite passada.

A última coisa de que me lembro é...

Drinques *frozen*.

Muitos drinques *frozen*.

Muitos drinques *frozen* fortes.

Será que eu fui para a cama com Buckley?

Fico completamente mortificada.

Fecho os olhos e viro o rosto para o outro lado. O movimento me deixa enjoada. Tento lutar contra a náusea, mas a onda já está me dando ânsia de vômito. Sento, já quase colocando tudo para fora.

Buckley enfia um balde embaixo da minha cara.

Dou tossidas secas por cima dele.

Vejo que não está vazio.

Alguém já vomitou ali dentro.

Por que Buckley...

Ah.

Esse alguém provavelmente fui eu.

Afundo-me nos travesseiros, de tanta vergonha e exaustão.

Buckley volta a pousar o balde no chão.

— Eu diria que o vômito que existe dentro de você acabou, e já estava na hora.

Estranhamente, não há nada de nojento no comentário. Ele fala de maneira seca, porém gentil. Arrisco um olhar para ele, e seus olhos carregam simpatia quando olham para mim.

— O que aconteceu? — consigo perguntar, em um resmungo.

— Ontem à noite? Você não lembra?

Tento sacudir a cabeça, mas uma dor lancinante toma conta de mim ao menor movimento. Respiro fundo e sinto um cheiro ruim. Sou eu.

Eu sou o cheiro ruim. Eu quero morrer.

— Você bebeu demais. Vomitou no banheiro. A Sonja por acaso foi lá e viu o gerente tentando ajudar você, e ela foi me chamar.

Sonja? Quem diabos é...?

Ah.

Sonja.

— Trouxe você para cá porque achei que não devia ficar sozinha.

Não.

Eu nunca devia ficar sozinha. Nunca.

Sinto um caroço na garganta, e desta vez não é uma tosse seca.

— Obrigada — consigo dizer a Buckley. — Você está sendo muito legal comigo.

— Tudo bem. — O cabelo dele está todo desganhado, e ele está usando camiseta e samba-canção. O tipo de samba-canção que é mais pijama que cueca. Mas, ainda assim...

Vejo que estou deitada em uma cama, e que, obviamente, só tem um quarto neste apartamento, e que esta é a única cama. Na verdade, é um *futon*. Não tem cama separada, nem sofá. Não tem lugar para outra pessoa dormir.

O que significa...

— Sinto muito por ter expulsado você da sua cama — digo a Buckley.

— Não expulsou. Fico confusa.

Então não fico assim tão confusa.

Fico horrorizada.

Ele sorri.

— Eu não conto para ninguém se você não contar — diz ele em um sussurro sorrateiro, inclinando-se na minha direção.

— Ai, meu Deus — digo. — Nós, por acaso...

Ele faz que sim com a cabeça.

— As primeiras vezes não foram muito boas, mas encontramos nosso ritmo.

— Ah... — Sinto lágrimas enchendo meus olhos. Estou mortificada.

— Tracey, relaxe. — O sorriso dele sumiu. Ele se senta ao meu lado. Agora o rosto dele está mesmo muito próximo do meu. — Só estou brincando. Você acha mesmo que eu me aproveitaria de você, no estado em que se encontrava?

— Não aconteceu nada? — *Muito obrigada, meu Deus.*

— Não aconteceu nada. Eu só dormi na cama porque a outra opção era o chão, e ando tendo problemas com baratas... mas acabaram de dedetizar de novo — completa ele, rápido. — E não é que eu seja o maior porco... todos os apartamentos de Nova York têm baratas.

— Eu sei...

— Bom, mas eu tinha prometido a você que não aconteceria nada quando falamos ao telefone na outra noite, não foi? Nosso caso é estritamente platônico. Está lembrada?

— Estou.

É, e acabei de me lembrar de uma outra coisa. Algo que ele disse trouxe a lembrança à tona. *O telefone.*

— Buckley... você sabe se eu liguei para alguém ontem à noite? Antes de eu vomitar no bar?

Ele dá de ombros.

— Ah, não. — As lembranças estão voltando. — Acho que cometi um erro enorme.

— Deixe-me adivinhar. Fez uma ligação bêbada e cheia de choradeira para o seu namorado?

Faço que sim com a cabeça.

— Como é que você...?

— Já tive relacionamentos. Já recebi ligações bêbadas e cheias de choradeira. Também já fiz algumas — reconhece ele, sem nem um pingão de humor na voz. — É um saco.

— Receber a ligação ou fazer?

— Os dois. — Ele é tão sincero, dando tapinhas no meu ombro... — Mas você vai superar, Tracey. E ele também.

— Isso é fácil de dizer. Mas ele está longe. Até parece que a gente vai poder dar jeito hoje. A gente só vai se ver... Só Deus sabe daqui a quanto tempo. Então, não sei como vamos poder superar e seguir em frente com tanta facilidade.

— É só um telefonema, Tracey. Não fique se condenando.

— Vou tentar — digo, porque é o que ele espera de mim.

Mas não foi só um telefonema.

Tinha algo errado comigo.

Além da bebida.

Eu estava tendo algum tipo de... Bom, se não foi um ataque cardíaco, algum outro tipo de ataque.

Não foi a primeira vez. E estou com medo. Com tanto medo que acho que vai acontecer de novo, aqui e agora.

Eu me preparo para sentir o coração batendo forte no peito.

Mas não começa.

— Tudo bem com você? — pergunta Buckley.

— Tudo. — Fecho os olhos e viro para o outro lado. — Simplesmente não consigo acreditar que consegui me fazer de boba desse jeito. Não só com o Will. Com as pessoas do bar... E a Sonja, e a Mae... Graças a Deus que eu nunca mais as verei.

— Não se preocupe com elas. Elas entenderam completamente — diz Buckley. — Na verdade, elas me ajudaram a trazer você para cá depois que saímos de lá. São só dois quarteirões... perto demais para pegar um táxi... então viemos a pé.

— Eu não lembro.

— Não, não teria como. — Ele faz uma pausa. — Nós praticamente tivemos de carregar você.

Meu Deus, cada pequeno detalhe eleva a cena a novas alturas desastrosas. Enfio a cabeça no travesseiro.

— Estou completamente humilhada.

— Não precisa ficar. Sonja e Mae foram muito legais em relação a isso. E Sonja até usou a fivela dela para prender o seu cabelo para não... você sabe.

É, eu sei. Para eu não vomitar em cima dele.

Estico a mão e coloco na cabeça. Encontro uma fivela enorme bem em cima da minha testa, o que significa que Sonja prendeu todo o meu cabelo, até minha franja, para longe do meu rosto.

Como ela pôde fazer isso?

Toda mulher sabe, sem nenhum esforço, que este é o estilo menos benéfico na história do cabelo. A menos que você seja uma criancinha. Ou uma *top model*.

— Foi muito gentil da parte dela — digo a Buckley, que parece concordar plenamente, alheio ao fato de que Sonja, obviamente, sabotou o meu visual.

Aliás, ele me diz que devolverá a fivela a Sonja quando encontrá-la no domingo. Eles marcaram um encontro para patinar no Central Park.

Isso me incomoda porque:

A) Não sei andar de patins. Nunca vou ser capaz de andar de patins, devido às canelas reconhecidamente fracas dos Spadolini.

B) Parece que Buckley descolou um encontro com Sonja enquanto eu estava no meio de uma poça de vômito.

Não me entenda mal. Buckley pode ficar com Sonja se quiser. Pode ficar com quem o coração dele desejar... tirando, é claro, a platônica eu. E não estou interessada em sair com ele. Só estou interessada em consertar minha relação com Will.

Mas isso não significa que eu não me importo com o fato de Buckley agora ter me visto no fundo do poço absoluto, na pior situação possível... cabelo preso, bafo de dragão, vômito e tudo mais.

A situação não podia ser mais mortificante.

Ah, sim, podia sim.

Porque acabou de me ocorrer que preciso ir ao banheiro.

Agora.

O que significa que preciso sair desta cama. O que significa que preciso sair de baixo da cobertura azul-marinho de algodão que Buckley deve ter usado para me cobrir ontem à noite.

E se eu estiver nua aqui embaixo?

Até onde eu sei, ele deve ter tirado minha roupa nojenta ontem à noite. Isso sempre acontece em filmes: o cara diz à garota de ressaca que precisou ajudá-la a tirar as roupas quando ela estava detonada. E ela percebe que ele deve tê-la visto nua.

Nos filmes, isso é sempre alguma coisa emocionante.

Nos filmes, a mulher bêbada não tem pelanca, celulite nem roupa de baixo antiquíssima de algodão, com o elástico esgarçado.

Nos filmes, não tem vômito.

Nos filmes, uma mulher bêbada é fofa, adorável, fofa e vulnerável. Pense em Julia Roberts em *O casamento do meu melhor amigo*.

Certo, talvez não haja tantos filmes *assim*, em que esse tipo de coisa acontece, mas existem alguns.

Pelo menos dois.

Eu sei porque vi um.

Mas, bom, meus amigos, isto aqui *não* é cinema, de jeito nenhum. E vou ter um chique se descobrir que não estou usando nada embaixo desta cobertura.

Ergo a cobertura e dou uma olhada. Que alívio. Ainda estou completamente vestida. Ainda estou completamente vestida com roupas emplastradas de vômito seco. Que amor.

— O banheiro? — pergunto a Buckley, que já está de pé, mostrando onde fica.

Quando atravessamos o apartamento, vou reparando nos detalhes da casa. A estante de livros abarrotada. O pacote aberto de batatinhas Lays Barbecue no balcão da cozinha. As roupas que ele usou ontem à noite em uma pilha sobre uma daquelas cadeiras de madeira e lona estilo diretor que custam baratíssimo na Ikea.

Não há plantas. Não há CDs com músicas de seriados de TV Não há equipamento de ginástica.

O apartamento de Buckley não tem nada a ver com o apartamento de Will.

Buckley não tem nada a ver com Will.

Tento imaginar Will cuidando de mim durante uma bebedeira, mas me arrepio toda só de pensar o que ele ficaria achando.

Buckley não parece nem um pouco abalado.

— Espere um pouquinho — diz ele ao abrir a porta do banheiro para mim.

Apóio-me fraca contra a parede, sentindo-me enjoada.

Alguns segundos depois, ele já está me entregando uma toalha, uma camiseta dobrada de qualquer jeito e um tipo de calça leve de moletom.

— Tome um banho, depois vista estas coisas — aconselha Buckley.
— Vai se sentir melhor. Vou dar uma corrida até a *delicatessen* para comprar *bagels* e café para nós.

— Café — repito, tentando descobrir se a ideia me faz ter vontade de tomar um pouco ou se me deixa mais enjoada. Acho que é um pouco dos dois.

— E *bagels*. Você precisa comer.

— É...mas você pode pedir comeram *cheese* sem gordura?

— Sem gordura. — Buckley revira os olhos. — Por que ter este trabalho? Aquele negócio tem gosto de pó de giz com água.

— Cale a boca. Estou de dieta.

Buckley me olha de cima a baixo em toda minha glória coberta de vômito.

— É, achei que parecia mesmo que você tinha emagrecido. Eu ia dizer isso ontem à noite.

— Mesmo? Você reparou? — É o primeiro toque positivo nesta manhã lúgubre.

— Com certeza. Vá tomar seu banho. Não sei quanto tempo vou demorar. A *delicatessen* geralmente está lotada neste horário no meio da semana.

Meio da semana? Cai a ficha.

— Que horas são, Buckley? Ele confere o relógio.

— Quase oito e meia.

— Ai, meu Deus, preciso estar no trabalho daqui a meia hora. — Apoio a cabeça dolorida no batente da porta. — Como é que eu vou conseguir?

— Ligue e avise que está doente — diz Buckley, com um dar de ombros.

— Não posso — respondo automaticamente.

— Por que não?

— Porque...

Pensando melhor, porque não? Depois do que aconteceu ontem à noite com Jake e o pacote desaparecido, não estou a fim de ir trabalhar hoje de manhã.

— Se você ligar para dizer que está doente, pode ficar aqui até se sentir melhor — diz Buckley. — A gente pode ver TV

Tentador, mas...

— Você não tem de trabalhar, Buckley?

— Tenho de ler um novo livro de *suspense* jurídico e escrever uma resenha, mas só preciso entregar amanhã de manhã. Posso fazer mais

tarde.

Uau.

— Você sabe como tem sorte? — pergunto a ele. — Por que você não tem de ir a um trabalho horroroso e chato em alguma empresa cinco manhãs por semana?

— Porque me recuso a fazer isso — responde ele, como se fosse óbvio e simples. — Por que você faz isso?

— Porque preciso ganhar a vida.

— E a única maneira para isso é ir a um trabalho horroroso e chato em alguma empresa cinco manhãs por semana? Fala sério, Tracey. Estamos em Nova York. A terra das oportunidades. Deve existir alguma outra coisa que você possa fazer. E aquele serviço de bufê para o qual você falou que estava trabalhando?

— O Milos? É, eu fiz alguns serviços para ele. O dinheiro é ótimo.

Lembrete mental: Abrir a poupança antes do fim da semana. O pote de molho Prego está transbordando.

— Por que não faz isso em tempo integral?

— Porque é um trabalho de garçoneiro, Buckley.

— E o que você faz na agência é muito mais interessante?

— Com certeza. — Balanço a cabeça de maneira tão vigorosa que a dor lancinante perfura minha pobre cabeça de ressaca.

— É interessante e, ainda assim, horrível — diz ele, em tom pensativo. — Isso faz muito sentido.

— Buckley, me deixe em paz! — Dou um tapa no braço dele. — Estou detonada demais agora para ser filosófica. Vá lá buscar meu café, e quem sabe então a gente possa conversar.

— Agora ela está me dando ordens — diz ele, e sacode a cabeça. — Certo, estou indo. Só preciso me trocar.

Ele começa a tirar a camiseta.

Fecho a porta bem rapidinho.

Estudo minha imagem no espelho do banheiro de Buckley, que não consigo deixar de comparar com o banheiro impecável, com cheiro de desinfetante Lysol, de Will. A pia de Buckley tem restos de barba feita e espuma seca de sabonete, o assento do sanitário está levantado e tem uma semana de toalhas penduradas no gancho atrás da porta.

Também tem uma pilha de revistas atrás da privada. *Sports Illustrated, The New Yorker, People...* Adorei. Um homem que lê no banheiro e não tenta esconder.

Pessoalmente, sempre leio no banheiro. Will, certa vez, disse que acha isso um hábito nojento, e é por isso que nunca faço na frente dele.

Pego a última edição da *Maxim* da biblioteca pessoal de Buckley. Leio um artigo indecente e fascinante a respeito de como catar mulheres em casamentos e enterros. Escovo os dentes com pasta no dedo. Tomo uma chuveirada.

Quando termino, me enxugo com a toalha e visto as roupas que Buckley me deu.

Ele tem razão. Estou me sentindo melhor.

Quando visto a camiseta bem surrada com o logo desbotado da Abercrombie and Fitch, sinto seu cheiro singular: amaciante de roupas e algum aroma levemente masculino que não é colônia.

Todas as roupas de Will têm um leve cheiro da colônia dele, mas parece que Buckley não usa isso. Até onde posso perceber, ele é daquele tipo de homem sem frescura nenhuma.

Digo a mim mesma que Buckley é o tipo de cara com quem eu devia estar.

Digo a mim mesma que seria muito fácil parar de amar Will e começar a amar Buckley.

Mas a verdade é que não seria.

Não posso me forçar a me apaixonar por Buckley, da mesma maneira que não posso me forçar a parar de amar Will.

Sem aviso, sou tomada por uma onda torrencial de saudade, sinto tanta falta dele que chega a doer no corpo. A dor é pior que qualquer

ressaca; pior do que a sensação de coração batendo forte e apertando no peito da noite passada.

Mais que tudo, quero usar as roupas de Will, no banheiro de Will, no apartamento de Will,

Quero que tudo seja do jeito...

Do jeito que nunca foi,

Percebo com clareza repentina que, desde que Will e eu estamos juntos, as coisas nunca foram estáveis. Will sempre esteve indo a algum lugar.

Ele já tinha ido embora muito antes de fazer as malas para a temporada de verão. Ele nunca esteve presente, da maneira que realmente conta. Sempre se afastava, mesmo quando eu tentava me segurar em alguma parte tangível dele. Desde que Will e eu estamos juntos, nunca estivemos totalmente juntos. Eu sempre fui... ligeiramente solteira.

Sempre foi uma luta, desde o início. Naquele tempo, quando nos conhecemos, a desculpa (dele, e minha) era que ele tinha Helene. A namorada da cidade dele.

Depois disso, sempre havia aulas, e estudo, e provas para fazer. Audições, ensaios e apresentações. Viagens para a casa dos pais em Iowa, viagens para Nova York para encontrar emprego, apartamento.

Poderíamos ter feito essas viagens juntos; eu também ia me mudar para cá. Mas ele veio sozinho. Encontrou emprego sozinho, achou um apartamento onde moraria sozinho.

Nunca esperei ir morar junto com ele logo depois da faculdade.

Mas o negócio é que...

Eu não sei se Will acha que algum dia vamos morar juntos.

Ou será que estou me deixando levar?

Will, afinal de contas, está comigo. Há três anos. Se ele não me quisesse em sua vida, se não me amasse, já teria terminado comigo antes.

Por que ele continuaria me enrolando se não achasse que tínhamos futuro?

Essa pergunta...

Sara perguntando: *Então, por que ele continua enrolando Mary Beth?*

Eu respondendo: *Porque o ego dele precisa ser alimentado pela adoração incondicional dela. Ele fica feliz de ver que ela é a fim dele e que, não importa o que ele faça, ela sempre vai estar à disposição.*

Mas isso não tem nada a ver com Will e comigo.

Isso diz respeito a Mary Beth e Vinnie.

Nós não somos eles.

Eu não me casei cedo demais e me preendi com dois filhos e uma hipoteca. Não estou vivendo em Brookside, mandada embora do meu emprego de professora, apaixonada idiota e perpetuamente por um homem que não me ama mais.

Mary Beth tem bagagem.

Eu não.

Mary Beth tem medo demais para fugir da armadilha.

Eu não.

Eu tive coragem bastante para vir para Nova York e fazer minha vida aqui.

Será que tive mesmo?

Talvez minha vinda para Nova York e o fato de Mary Beth permanecer em Brookside sejam a mesma coisa. A saída mais covarde.

Ela ficou em Brookside para ficar com Vinnie.

Eu vim para Nova York para ficar com Will.

Não. Essa não foi a única razão. Eu queria sair de Brookside muito antes de ele aparecer..

Uma porta bate.

A voz de Buckley chama meu nome.

— Estou aqui — aviso.

Deixo os pensamentos sobre Will de lado.

Só mais tarde (muito mais tarde) eu permito que retornem. Mais tarde, depois de eu ligar para o sistema de recados e deixar uma mensagem avisando a Jake que eu estava passando mal e ficaria em casa, e de passar a manhã toda assistindo a programas péssimos com Buckley e a tarde ensolarada toda caminhando um pouco a esmo pela cidade para chegar ao meu apartamento.

Minhas roupas nojentas de ontem à noite estão enroladas em uma bolinha apertada, enfiadas em uma sacola plástica do supermercado D'Agostino's e enfiadas no fundo da minha enorme bolsa de couro. Eu poderia tê-las jogado fora, mas acontece que acabei de encontrar um *jeans* velho em que eu não cabia mais havia um ano, e não consigo me livrar dele antes que possa aproveitar um pouco mais. É gostoso vestir a calça e sentir o zíper deslizando sem esforço... ver que sobram quase três centímetros no cóis.

Sim, vou caminhando para casa. Apesar de minha cabeça doer e de meu estômago ainda estar levemente revirado, e minhas pernas não estarem exatamente firmes.

Eu poderia ter pego o metrô, ou até um táxi, e com certeza poderia ter caminhado até minha casa em menos de uma hora. Mas fico feliz com a liberdade desta tarde no meio da semana que não preciso passar atrás de uma mesa em um cubículo. Sim, a cidade é suja, cheia de gente, o clima quente e úmido faz com que tudo e todos tenham um cheiro nojento. No entanto, é gloriosa. Estou livre. Demoro-me no caminho em direção ao centro da cidade. Compro o *Post* e me sento nos degraus do prédio palaciano da Biblioteca Pública de Nova York na rua 42 para ler. Paro para tomar um sorvete italiano de um carrinho no Union Square Park e vou tomando enquanto caminho, até ficar tão derretido que preciso jogar o resto em um cesto de lixo de arame abarrotado. Compro duas garrafas de água mineral, uma só para me limpar e outra para beber. Entro e saio de lojas, olhando roupas de verão decotadas e sensuais que nunca poderei usar por não ser magra.

Será que não poderei mesmo?

Se eu continuar a emagrecer...

Se eu continuar a economizar...

Bom, nunca se sabe.

Inspirada, lembro a mim mesma que a primeira coisa que vou fazer ao chegar em casa é colocar no vídeo a fita de ginástica de Jane Fonda. Tenho feito os exercícios religiosamente quase todos os dias. Pode ser pensamento otimista ou apenas minha imaginação, mas parece que minhas coxas estão menos molengas, como se houvesse uma faixa de carne mais firme abaixo dos quadris. E tenho certeza que me sacudo menos e roço menos as coxas quando ando.

Quando chego ao apartamento, a fita de Jane Fonda precisa ficar em segundo plano em relação à secretária eletrônica.

Porque a luz de recado está piscando.

Quando estico a mão para apertar o *play*, desejo que seja um recado de Will.

Mas eu sei, sem dúvida nenhuma, que é Jake, ligando do trabalho. Tenho certeza que ele descobriu que não estou doente coisa nenhuma. Eu não pareci verdadeira no recado que deixei para ele. Ou alguém me viu caminhando pelas ruas e me entregou para o Departamento de Recursos Humanos.

É Jake.

Eu sei que é Jake.

Mas é Will.

— Tracey, desculpe por ter desligado naquela hora. Está tudo bem com você? — Pausa. — Você está aí? — Pausa. — Atenda o telefone se estiver aí. — Pausa. Suspiro. — Certo. Você não está. Aonde você está? É meia-noite. Vou ligar mais tarde.

Com essa mensagem, minhas esperanças aumentam.

Não é muito.

Nada de "Eu te amo", muito menos "Eu te perdoo".

Mas, pelo menos, ele ligou.

E vai ligar de novo.

CAPÍTULO 16

Will não liga na quinta-feira à noite. Will não liga na sexta-feira à noite. Will liga no sábado de manhã, quando estou na porta, pronta para sair.

— Alô? — digo, sem fôlego, agarrando o fone.

— Tracey? Sou eu. Meu coração para. —Will?

— Está com pressa?

— Não...

— Ah. Porque, quando você atendeu, parecia que estava correndo.

— É só que... daqui a alguns minutos, vou sair para o casamento da Brenda.

Silêncio.

Imagino o rosto dele, vazio, tentando se lembrar quem é Brenda.

— Minha amiga do trabalho.

— Ah, certo. Aquele casamento a que você vai levar o Raphael.

— O casamento ao qual eu devia levar o Raphael — digo, estupefata por estarmos envolvidos em uma conversa de tantas amenidades, levando em conta as circunstâncias. — Mas ele me deu o cano. O bailarino tcheco já virou história...

— Hã?

— Eu não falei sobre ele? Ele gostava de S&M, que não é a do Raphael, e, bom, agora ele está saindo com um cara novo, Wade, que o convidou para passar o fim de semana na casa de praia dele em Quogue, e sabe como o Raphael é. Ele tinha se esquecido completamente do casamento, até eu ligar ontem de manhã para lembrá-lo. Pediu muitíssimas desculpas.

— Mas, mesmo assim, deu o cano em você — diz Will. — É a cara do Raphael. Então, você vai ao casamento sozinha?

— Para falar a verdade, não.

— Ah. — Uma pausa. E eu gostei.

Apesar de tudo, sinto prazer em saber que ele está pensando muito. Está tentando se lembrar de algum outro amigo *gay* que eu possa levar. Talvez até esteja com ciúme, imaginando se arrumei algum cara.

— Não vai sozinha? Quem vai com você? — pergunta ele.

— Buckley. É um amigo meu. A gente se conheceu na festa do Raphael. Eu já falei dele para você. Está lembrado?

— Não, mas... — Ele não parece preocupado. Nem com ciúme. — Bom, se você está com pressa...

Dou uma olhada no relógio. Estou com pressa, sim. O casamento começa daqui a uma hora e meia e preciso me encontrar com Buckley e ir até Jersey.

Mas Will finalmente está ao telefone, e não vou deixar que fuja desta vez.

— Tenho um minuto para conversar — digo a ele, levando o telefone até o armário e procurando os sapatos que vou calçar.

— Olhe, Trace, desculpe por ter precisado desligar naquele dia. Mas eu tinha de voltar para o palco...

— Eu compreendo...

— E eu achei que você estava bêbada. Se não estava, peço desculpa.

— Tudo bem.

— Então, você não estava bêbada?

Adoraria dizer a ele que não estava. Mas algo me diz que mentir não vai melhorar a situação. Porque isso aqui não é só sobre aquela noite. É algo maior. E uma coisa enorme.

— Eu tinha bebido um pouco, sim — reconheço, com cuidado, ao mesmo tempo em que acendo um cigarro e procuro um cinzeiro. — Mas

eu liguei para você porque estava com um problema, e precisava de ajuda. Você era a única pessoa a quem eu podia recorrer.

— Que tipo de problema?

— Não sei... foi algum tipo de ataque. Parecia que eu não conseguia respirar...

Ele digere a informação.

— Está tudo bem agora?

— Está.

Afinal de contas, não aconteceu mais, desde aquele dia. Mas tenho medo que aconteça de novo. Não sei o que causou as últimas crises, então não sei o que fazer para evitar que aconteça de novo.

— Foi um ataque de pânico? — pergunta Will.

— Um ataque de pânico? — repito, lentamente. Dou uma tragada no cigarro. Exalo.—Não sei. Talvez.

— Helene costumava ter ataques de pânico. O coração dela disparava e ela ficava achando que ia morrer. Ela tinha um distúrbio de ansiedade.

— O que eu sinto é diferente — digo rapidamente. E é diferente.

Porque eu não tenho distúrbio de ansiedade algum. Se eu tivesse algum distúrbio de ansiedade, eu estaria... Bom, não sei como eu estaria. Mas eu não tenho isso.

— Foi uma coisa física, não mental — digo a Will, enfiando os pés envoltos por uma meia-calça preta fina em um par de sapatos com tira atrás, de salto baixo. — Eu estava sentindo dor. No peito. Eu não conseguia respirar.

— Era isso que acontecia com Helene.

Helene, a ex-namorada maluca e gorda dele, que ele largou.

— Não foi um ataque de pânico — insisto. — De todo modo, o negócio é que eu precisava falar com você, e não tinha como entrar em contato. Eu só queria ligar para o telefone público da casa do elenco para a gente poder conversar.

Caminho até o espelho, carregando meu cigarro e o cinzeiro. Examino meu reflexo enquanto Will diz:

— O Edward disse que era uma ligação de urgência. Achei logo que era a minha mãe. Achei que alguma coisa horrível tinha acontecido.

— Bom, sinto muito.

— Certo. — Ele limpa a garganta. — É só que... todo mundo ficou me perguntando o que tinha acontecido.

Viram quando o Edward me levou, e acharam que tinha sido alguma coisa séria.

Sinto-me envergonhada, arrependida de ter causado tanta comoção.

Mas, ao mesmo tempo, não posso deixar de pensar, olhando meu reflexo no espelho, que estou ótima.

Estou usando um vestido de noite curto e simples, com saia soltinha. Comprei a peça há dois anos, para o casamento do meu primo. Só usei naquela ocasião, e estava apertado demais. Agora, está servindo como deve. Talvez esteja até largo demais no quadril e na barriga.

Está pronta para ouvir? Perdi dez quilos e meio (boa parte dos gramas finais, sem dúvida, devido ao grande festival de vômito da outra noite).

Quando comecei esta dieta, achei que precisava perder de 15 a 20 quilos. Isso significa que faltam menos de cinco quilos para eu alcançar o patamar mais baixo das minhas estimativas.

Gostaria que Will pudesse me ver agora.

— Will, quero lhe fazer uma visita — digo, abruptamente, apagando o cigarro pela metade no cinzeiro.

— Eu sei. Eu quero que você venha.

Não tenho certeza se acredito nele, mas meu coração dá um salto e eu pergunto:

— Quando? — Não sei...

— Posso ir no fim de semana que vem — ofereço.

Por favor, não diga não, Will, porque, se você disser não...

— Acho que pode ser — diz ele, lentamente. — Vamos fazer *Domingo no parque com George*. Estreia na sexta à noite. Eu vou ser o George.

— Will! Você conseguiu seu papel de protagonista! — Fico estupefata por ele não ter me contado até agora. Ele já devia estar sabendo há pelo menos uma semana.

— Consegui meu papel de protagonista — concorda ele. — Foi por isso que não liguei. Ando ocupadíssimo, tentando fazer *Grease* à noite e ensaiando *George* durante o dia.

— Tudo bem. Eu também ando ocupada — digo a ele, pegando o *spray* de cabelo para aplicar mais um pouco. Estou com o cabelo todo preso para cima — em grande parte porque está fazendo mais de 35 graus lá fora com umidade total, e esta é a única maneira de eu não ficar parecida com um rato afogado durante o casamento.

— É — Will está dizendo. — Ouvi dizer que você está fazendo vários trabalhos para o Milos.

Paro com o *spray* Aussie Scrunch no ar, pronto para atacar meu penteado.

— Ouviu? Como é que você soube disso?

— Eu falei com uma pessoa aí de Nova York. — Ah.

Então, ele mantém contato com alguém da Eat Drink Or Be Married.

Isso me incomoda por um milhão de razões, sendo que a principal de todas é que ele, obviamente, não tem ligado para mim tanto quanto pôde. Não se teve tempo de bater papo com outra pessoa.

Certo, talvez eu esteja sendo irracional.

E talvez esteja imaginando coisas de novo...

Mas não consigo me segurar e pergunto:

— Quem?

— Quem... o quê?

— Com quem foi que você falou? Sobre mim — completo tentando ajudar, com cuidado para não deixar que a pressão que cresce dentro de mim transpareça na minha voz.

Afinal de contas, provavelmente é John, ou algum dos outros caras.
Mas não.

— Com Zoe — diz ele, e tenho certeza de que ouvi um tom de relutância em sua voz. — Ela disse que conheceu você.

Zoe.

Zoe, com seu corpo de Pamela Anderson e rosto de Catherine Zeta Jones. Certo.

— É, a gente se viu algumas vezes — digo a Will. — Eu não sabia que você era amigo dela.

— Claro. Sou amigo de muita gente lá.

Uh-hum. Will e Zoe são amigos como Bill e Monica eram amigos.

— Então, você anda ganhando um dinheirinho extra, hein?

— É, o pagamento é ótimo — respondo, com a cabeça em outro lugar.

Will foi para a cama com Zoe.

Eu sei.

Por que outra razão ele ligaria para ela de North Mannfield?

Por que outra razão ele não ligaria para mim com mais frequência?

— Will...

— Você precisa sair, não é mesmo? — pergunta ele. — Tudo bem. Eu tenho de fazer uma prova de roupa. Vamos combinar para o fim de semana que vem. Certo?

— Certo.

— Vou arrumar um lugar para você ficar. Tem algumas pousadas perto do teatro. Os pais da Esme acabaram de vir e ficar em uma delas, e adoraram. Vou perguntar para ela sobre o lugar.

Esme de novo.

Esme.

Zoe.

Detesto as farpas de ciúme que atingem meu intestino, mas não posso fazer nada. Talvez, se Will estivesse aqui, comigo...

Ou talvez, se eu confiasse nele...

Mas não dá.

Por que não? Até parece que eu já o peguei me traindo. Nunca achei indício algum de que ele tenha me traído.

É só uma sensação que não posso ignorar.

— Então, eu ligo na terça ou na quarta para combinar — diz Will.

— Certo. Vou ver se consigo sair na sexta. — Não, venha no sábado.

— Mas... vai ser só uma noite.

— Eu sei, mas sexta é a noite de estreia. Vai ser uma loucura para mim. As noites de estreia sempre são, e, desta vez, eu sou o protagonista. Venha no sábado. Bem cedinho.

O que posso fazer? Discutir? Não.

Não tenho nada a fazer além de concordar.

E desligar o telefone.

Dou mais uma olhada no espelho, quase esperando ver a minha antiga eu: gorda, largada, insegura.

O negócio é que continuo bonita. Mais bonita do que jamais fui, aliás.

Mas não estou nem de longe tão feliz com minha aparência como estava há alguns minutos, graças a Will. Desgraçado.

Meu plano era ir a esse casamento e me divertir com Buckley, que foi surpreendentemente simpático quando o convidei para ir comigo. Só fiz isso porque percebi que não poderia, de jeito nenhum, aparecer lá sozinha depois de já ter confirmado minha presença com

acompanhante. Agora já trabalhei em eventos suficientes para saber que Brenda e Paulie pagariam pelo jantar não consumido de Raphael.

De todo modo, quando o convidei, Buckley disse:

— Claro, parece divertido.

E eu estava ansiosa pela festa.

Até agora.

Só tenho vontade de ficar em casa, de mau humor.

Mas Brenda vai entrar na igreja daqui a pouco mais de uma hora, e preciso me apressar, ou ela nunca vai me perdoar.

Corro até a rodoviária Port Authority, onde Buckley me espera. Demoro um instante para reconhecê-lo, porque está de terno. Por algum motivo, fico surpresa com o traje, mas não devia ter ficado. Afinal de contas, vamos a um casamento. Acho que simplesmente tinha esquecido, no meio de todo o meu desespero em relação a Will.

Mas agora, mando Will, (Zoe e Esme) para bem longe da minha cabeça.

— Você está linda — diz Buckley.

— Você também — digo.

— Mesmo? Porque eu fiquei todo empapado de suor de andar até aqui. Não achei táxi.

— Eu achei, mas não tinha ar-condicionado. O motorista estava empapado de suor.

— Eca. — Ele se inclina na minha direção e cheira o ar. — Não se preocupe, o cheiro dele não pegou em você. Está cheirando a madressilva.

— É mesmo? — Eu *tinha* passado perfume de madressilva. — Não acredito que conhece esse cheiro.

Ele dá de ombros.

— Minha mãe tinha um *spray* de banheiro com cheiro de madressilva.

Ah.

Pegamos o ônibus para atravessar o rio. Tento me concentrar no que Buckley está dizendo enquanto percorremos o túnel Lincoln. Mas começo a pensar no que aconteceu no ônibus que tomei de Brookside no outro dia, e meu coração começa a bater enlouquecido. Parece que Buckley não nota. Está me contando a respeito do casamento da irmã... alguma coisa a respeito de como o cantor da banda teve intoxicação alimentar na noite anterior, de modo que o irmão do cunhado dele precisou substituí-lo, e ele só sabia a letra de três músicas.

O ônibus parece se arrastar pelo túnel, apesar de não haver trânsito. Olho para as paredes azulejadas e vou contando as luzes a medida que passam.

— Tudo bem com você?

Tento respirar fundo, mas não consigo. Meu peito está apertado de novo. — Tracey? Olho para Buckley. Ele está olhando para mim.

— Está tudo bem com você? — ele pergunta de novo.

— Não sei. — Engulo, e a saliva parece ficar presa na minha garganta. Por que não consigo engolir? Tento de novo. Não dá certo. Estou pensando demais sobre isso. Preciso pensar em outra coisa.

Mas não consigo.

— Qual é o problema?

— Não sei — respondo, e posso ouvir uma nota de pânico na minha voz.

Pânico.

— Acho que estou tendo um ataque de pânico — digo a Buckley.

Ele pega minha mão e aperta.

— Tudo bem. Está tudo bem com você.

— Não sei... — Olho para o rosto dele. Olho através da janela, para os azulejos, para as luzes e para os outros carros.

— Está tudo bem, Tracey. Conte para mim o que está pensando.

— Sinto que alguma coisa ruim vai acontecer.

— Como o quê?

— Não sei. Acho que parece que eu... — Olho para ele de novo. O rosto dele é tão gentil, tenho vontade de dizer isso, mas ele vai achar que sou louca.

Eu não sou louca. *Lembrete mental: Parar com isso.* — Você acha que parece que você... o quê?—Buckley me incita com cuidado.

— Morrer — digo com uma vozinha estrangulada. — Acho que parece que eu vou morrer. Eu me sinto como se fosse morrer. Ou algo assim.

— Você não vai morrer.

— Eu sei. — Exalo, trêmula. — Mas não consigo convencer meu cérebro disso. Ele está enlouquecido. — Isso já aconteceu antes?

— Naquela noite. Naquela noite em que liguei para o Will do bar. Quando eu estava com você. — Estou tentando me concentrar no que estamos dizendo, para não entrar em pânico. Se ao menos pudéssemos sair do túnel... — E antes disso também. Algumas vezes.

Não acredito que esse negócio enlouquecedor e humilhante, tipo *Garota, Interrompida* está acontecendo comigo na frente de Buckley.. mas ele parece não se importar nem um pouco.

— O que desencadeia essas sensações? — pergunta ele, sincero.

— Não sei — respondo, sem nem escutar a pergunta dele direito.

Não pense que está dentro de um túnel. Não pense que o túnel vai desabar e a água vai entrar. Não pense em se afogar. Não pense.

O ônibus dá uma pequena guinada.

Eu ofego.

Buckley aperta minha mão.

— Está tudo bem, Tracey — diz ele. — Eu estou com você.

E, dali a pouco, fica tudo bem.

O ônibus sai do túnel.

O pânico cede.

E Buckley está conmigo.

CAPÍTULO 17

— Tracey! Ai, meu Deus, você está parecendo a Cindy

Crawford! — berra Raphael na quarta-feira à tarde quando nos encontramos na esquina da avenida Madison com a rua 48. Vamos almoçar hoje.

— Cale a boca, Raphael — digo por entre os dentes, já que diversos pedreiros que estão almoçando sentados em uma escada ali perto se viram, dão uma olhada e chegam à conclusão de que eu não me pareço nadinha com Cindy Crawford.

— Não, estou falando sério! Adorei seu cabelo para trás desse jeito. O que você fez?

— Suei igual a uma porca para chegar até aqui, então só preendi com uma fivela que estava no meu bolso. — Fivela que por acaso pertence a Sonja. Esqueci de entregar a Buckley para devolver a ela. Ah, bom, o azar é dela. A fivela é bonita.

— Ah, Tracey, pare com isso — diz Raphael, envolvendo meus ombros com o braço. — Você está *três chie*. Adorei a roupa. — Estou com um vestido preto simples de linho que está mesmo caindo muito bem em mim neste verão. No ano passado estava apertado demais no quadril e ficava subindo.

— Você também está *três chie* — digo a Raphael.

— Você acha? Ah, normal — diz ele, abaixando os olhos para examinar a própria roupa. Está usando óculos de sol com lentes cor-de-rosa e uma espécie de colete sem camisa por baixo. Roupa de trabalho, ao estilo Raphael. — Estou totalmente pronto para a coleção de outono, Tracey. Suéteres de cores fortes virão com tudo.

— Mesmo? Para mim, preto sempre é tudo.

— Escreva minhas palavras, Tracey. Você vai começar a usar roupas coloridas um dia desses — diz Raphael.

— Duvido muito. — Pego meu maço de cigarros e coloco um entre os lábios.

— Então, ande logo e me conte tudo — diz Raphael, roubando um cigarro do meu maço e pegando o isqueiro da minha mão. — Como foi o casamento, Tracey?

— Foi ótimo — respondo, enquanto ele acende o meu cigarro e depois o dele. Nós dois tragamos. — Chegamos atrasados e perdemos metade da cerimônia, mas não a melhor parte.

— Os votos! Você chorou, Tracey? — quer saber Raphael quando pulamos uma poça deixada pela tempestade da manhã. Agora o sol saiu, e é mais um dia abafado de verão na cidade, como sempre.

— Chorei — confesso. — Mas só um pouco.

— Eu sempre choro em casamentos. Quando eu tiver a minha cerimônia de compromisso, Tracey, vou me acabar. Provavelmente, vou desabar no chão de tanta emoção.

— Quando você tiver sua cerimônia de compromisso, Raphael, eu é que vou desabar no chão de choque.

— Tracey!

— Raphael, fala sério. Você simplesmente não é homem de um homem só.

— Isso porque ainda não encontrei o homem certo para mim. — Paramos na esquina da Quinta Avenida e esperamos o sinal vermelho se transformar no verde. — Nós vamos mesmo comer *sushi* naquele lugar da rua 46, Tracey?

— Com certeza. — *Sushi* emagrece.

— Que tal a comida na recepção?

— Deliciosa, Raphael. Havia bufês temáticos. Um de *fondue*. Outro de saladas. Um de batatas. Ah, aliás, o Buckley mandou agradecer por você ter me dado o cano, porque ele se divertiu muito.

— Tracey! Eu não dei o cano em você! — Raphael parece horrorizado. — Eu nunca daria o cano em você!

— Claro que não. — Finjo estar uma fera.

— Por favor, não fique brava, Tracey! Eu tinha esquecido completamente o casamento e já tinha dito ao Wade que iria com ele para Quogue e...

— Tudo bem, Raphael. Eu perdoo você. Como foi em Quogue?

— Foi fabuloso, Tracey. Kate e Billy passaram lá para jantar com a gente. Wade cozinhou. Fez um risoto de frutos do mar espetacular. Achei que ele exagerou um pouco no orégano, mas Kate adorou.

— E Billy?

Ele sacode a cabeça.

— Tracey, você o conheceu, não foi? Faço que sim com a cabeça.

— O que achou? — pergunta ele, cheio de malícia.

— Que eu não esperava nada diferente de Kate. Não o conheço muito bem, mas, pelo que vi, ele é superinteligente. Lindo de morrer. E rico que nem...

— Tracey, detesto dizer, mas Wade achou que ele era o maior babaca.

— Mesmo? — Por nunca ter sido apresentada a Wade, é difícil saber se essa bomba tem algum significado ou não. Talvez Wade ache todo mundo babaca.

Chegamos ao restaurante. Todas as mesas estão ocupadas, mas conseguimos achar duas banquetas no balcão.

— O que *você* achou de Billy? — pergunto a Raphael, enquanto limpamos as mãos com as toalhinhas quentes, fumegantes e úmidas que a garçonete traz em uma bandejinha.

— Para ser sincero, Tracey, achei que ele é o maior gostoso.

— Faça-me o favor. Você acha todo mundo o maior gostoso.

— Não acho que ele é gostoso — diz Raphael em um sussurro afetado por trás da mão, fazendo um gesto na direção do executivo rechonchudo e com a barba por fazer que suga sopa de missô no assento à direita dele.

— Isso é inédito. — Coloco minha toalhinha quente na bandeja e pego o cardápio.

— Falando de gostoso, Tracey, Buckley saiu do armário no sábado à noite?

— Não!

— Ah. — Raphael parece decepcionado enquanto examina a lista dos pratos *à la carte*.

— Raphael, Buckley não pode *sair* do armário porque não está *dentro*, porque ele não é *gay*.

Raphael dá de ombros de modo enlouquecedor.

— Pode acreditar, Raphael. Ele é hetero.

— Como é que você sabe? Dormiu com ele?

— Com certeza.

Raphael deixa o cardápio cair no chão. O sugador de sopa rechonchudo pega para ele. Raphael agradece com uma risadinha meiga, então cochicha para mim:

— Sabe, até que ele tem alguma coisa atraente... em um sentido meio rude, machão.

— Raphael, você fumou *crack*?

Ele retoma o assunto em pauta, obviamente embasbacado ao perguntar:

— Você dormiu com o Buckley?

— Dormi. — Faço que sim com a cabeça em movimentos vigorosos. — Na mesma cama. Duas vezes.

— Tracey! Por que não me contou?

— Porque não foi nada de mais. Diferentemente de você, Raphael, é possível eu compartilhar a cama com um homem bonito sem fazer sexo.

— Tracey! Eu sou capaz de fazer isso.

— Só se o homem bonito for parente de sangue, Raphael. Ele assente com a cabeça, sem um pingo de vergonha.

— Tracey, não tenho o dia todo... — O que é besteira, porque Raphael é famoso na *She* por seus almoços de três horas. — Então, ande logo e conte tudo. Quando foi que você dormiu com ele?

— A primeira vez foi na semana passada, depois que a gente saiu. Eu bebi demais e acabei dormindo na casa dele.

— Isso parece um pouco mais coeso do que a realidade terrível, fedida, cheia de vômitos e de soluços. — A segunda foi no sábado à noite, depois do casamento. Estava tão quente quando voltamos para cá, e tão tarde... Na minha casa não tem ar-condicionado. Então, quando ele me convidou para passar a noite lá, eu aceitei.

— E não aconteceu nada entre vocês? — Absolutamente nada.

— Tracey, eu insisto na minha teoria — diz Raphael, com sua melhor imitação de Camryn Mannheim. — Ele simplesmente não está pronto para sair do armário.

— Raphael, eu tenho namorado. Foi *por isso* que não aconteceu nada com o Buckley. Somos só amigos. A noite toda foi absolutamente platônica.

E estou dizendo a verdade total e completa...

Tirando uma coisinha.

Teve uma hora em que estávamos dançando no casamento. Em um minuto, estávamos fazendo um passo ensaiado. No minuto seguinte, o DJ colocou uma música lenta.

Era uma música antiga, *I Could Not Ask For More*, de Edwyn McCain. Eu disse a Buckley que adorava e ele agarrou minha mão, puxou-me para seus braços e disse: "Então, vamos dançar".

Todo mundo estava dançando agarradinho... a noiva e o noivo, Yvonne e Thor, Latisha e Anton.

Buckley e eu já tínhamos dançado algumas lentas, mas era um tipo diferente de música. Mais para o *jazz*. Tipo *The Way You Look Tonight* e *Summer Breeze*. Dançamos estas músicas do jeito que eu dancei com

meu pai ou com o tio Cosmo na festa de aniversário de casamento, com pulinhos, voltinhas, o contato corporal limitado ao braço em volta da cintura um do outro, um cotovelo dobrado, mãos entrelaçadas. Aquilo ali foi diferente. Foi romântico.

Buckley meio que me envolveu com os braços e me segurou bem perto dele e dançamos com o corpo bem encostado. Como a gente faz nas festinhas da escola. Ou melhor, como todo mundo fazia quando eu estava na escola. Naquele tempo, quase ninguém me tirava para dançar. O problema de dançar uma música lenta com Buckley . (além do fato de ter ficado, digamos, *óbvio* que ele sente pelo menos uma leve atração por mim) é que, durante alguns minutos, eu quase esqueci que ele não era o meu namorado. E quando a música terminou e eu lembrei, percebi que estava pensando como seria se ele fosse. Porque Buckley é sempre muito legal comigo. E Will...

Bom, às vezes ele não é.

Mas isso é porque Buckley e eu mal nos conhecemos. Will e eu temos um relacionamento, e todos os relacionamentos têm problemas.

Mas, bom, depois da música lenta, o DJ tocou a tarantela. Naturalmente, Brenda e Paulie asseguraram-se de que todo mundo dançasse. Depois disso, Buckley e eu retomamos nossa relação platônica e o clima se estendeu pelo restante da noite.

Ficamos especialmente platônicos na manhã seguinte, quando eu saí da casa dele para voltar para a minha e Buckley foi andar de patins com Sonja.

Pego um dos lápis pequenos do potinho em cima do balcão de vidro para começar a marcar minha seleção na ficha. Escolho *sashimi*, aquelas fatias fininhas de peixe sem arroz. Já perdi quase mais um quilo e estou determinada a perder mais antes de me encontrar com Will no sábado.

— Já contei que vou ver o Will no fim de semana? — pergunto a Raphael depois de termos entregado nosso pedido a um dos sujeitos atrás do balcão.

— Não! Tracey, que maravilha!

— Espero que sim.

— Oh-oh. Qual o problema?

— Nada — respondo rapidinho. — É só que Will anda meio distante desde que foi viajar... e estou preocupada que as coisas não vão ser mais iguais quando a gente voltar a se ver.

Na verdade, minha preocupação é que as coisas *continuem* iguais.

Mas não quero fazer essa confissão a Raphael.

Nem para mim.

Preciso fazer tudo dar certo com Will.

Não estou pronta para deixá-lo.

Eu nunca estarei pronta para deixá-lo. Eu o amo.

Depois do almoço, volto para a agência. Jake deixou um Post-it amarelo com um recado na tela do meu computador, onde se lê: *Fale comigo*.

Entro na sala dele.

— Você voltou — diz ele, erguendo os olhos do bloco de papel amarelo em que está escrevendo. — Voltei.

— Preciso que você não demore mais de uma hora no almoço, Tracey.

Dou uma olhada no relógio. Fiquei fora uma hora e dez minutos.

— Desculpe — digo.

Ele está agindo assim comigo desde o episódio do chocolate na semana passada. Acho que não ajudou nada eu ter faltado e dito que estava doente logo no dia seguinte. Aliás, quando voltei na sexta-feira, ele passou quase a manhã inteira mal falando comigo.

Acho que não acreditou na minha história de intoxicação alimentar por causa de alguns mariscos estragados. Para mim, pareceu uma desculpa bem viável. As pessoas passam mal depois de comer frutos do mar o tempo todo.

Agora, Jake diz:

— Preciso que faça uma coisa para mim.

— Certo.

— Preciso que vá até a loja Orvis e pegue uma encomenda que eu fiz. Acabaram de me ligar para dizer que chegou.

Certo.

Mais um pedido pessoal.

Latisha e Yvonne vivem dizendo que eu devia parar de fazer essas coisas para ele. Vão falar pelos cotovelos quando souberem disso. Brenda compreenderia, mas está em Aruba, aproveitando a lua de mel.

— Eu já passei o número do meu cartão de crédito pelo telefone — diz Jake. — Então, está pago. Você só precisa retirar.

Certo.

Ele nem me agradece quando saio pela porta.

No caminho até a Orvis, fumo um cigarro e penso a respeito da minha visita a Will em breve. Ele ainda não me ligou, mas tenho certeza que vai ligar hoje à noite. É melhor ligar. Porque vou trabalhar para Milos amanhã e sexta-feira à noite.

Quando chego à loja e o vendedor me entrega a encomenda de Jake, fico de boca aberta.

É uma enorme vara de pescar.

O tipo de vara de pescar que é impossível carregar pelas ruas de Manhattan sem atrair a atenção total de todos os pedreiros, entregadores de *flyers* e diversas outras formas de vida urbana desprezível e tarada.

A peça enorme e gigantesca que carrego não passa em branco para nenhum deles. Escuto muitos comentários obscenos, barulhos de beijinhos sorridos, levo alguns beliscões na bunda e recebo um pedido de casamento incoerente de um cara com uma viseira de plástico e uma placa tipo sanduíche.

Quando chego ao prédio da agência, estou completamente passada.

Vou em direção à sala de Jake batendo os pés e carregando a vara de pesca.

Yvonne está saindo do cubículo dela. Dá uma olhada em mim e chama Latisha.

— Isso não pode estar acontecendo — diz Latisha, de boca aberta. — Isso não pode estar acontecendo.

— Ah, está acontecendo sim — digo, e sigo em frente.

— Mulher, você precisa colocá-lo no lugar dele. — E o que eu vou fazer.

— Vai pedir demissão?—pergunta Yvonne. — Pedir demissão? — Paro de caminhar. — Não!

— Muito bem — diz Latisha.—Só diga a ele que não vai mais fazer esse tipo de coisa. Diga a ele que vai contar tudo para o Recursos Humanos se ele não se endireitar.

— Vou dizer sim — prometo, mas já perdi um pouco do gás. Eu estava tão brava que, na verdade, não tinha pensado sobre o que realmente faria a respeito da questão.

— Vá lá — diz Yvonne, e me dá um empurrãozinho na direção da sala de Jake.

Começo a caminhar de novo, cheia de determinação. Elas têm razão. Eu preciso me posicionar. Jake está se aproveitando demais de mim.

Estou pronta para dizer tudo na cara dele (de maneira profissional, é claro).

Mas, quando chego à sala dele, está trancada.

No meu cubículo, encontro um bilhete dele dizendo que foi a uma reunião na empresa do cliente e que só volta ao escritório amanhã. O bilhete diz que é para eu trancar a vara de pescar no armário do almoxarifado.

Minha vontade é deixar aquilo lá mesmo para que Myron e companhia façam o que bem entenderem com ela.

Mas acontece que não sou capaz de fazer isso.

Tranco a vara no armário do almoxarifado.

E saio da agência às cinco em ponto.

E vou caminhando para casa bem rapidinho.

Quando chego lá, estou empapada de suor. Tiro o vestido e jogo na pilha de coisas para mandar para a lavanderia. Visto *short* e camiseta.

Coloco uma batata pequena no micro-ondas. Então, eu a corto no meio, coloco um resto de brócolis no vapor e uma fatia de queijo sem gordura. Jogo molho por cima da coisa toda. Se eu colocar bastante sal, o gosto não fica tão ruim assim.

Enquanto como, leio um capítulo de *As viagens de Gulliver*.

Então vou até o guarda-roupa e experimento roupas, tentando encontrar algumas combinações decentes para usar no fim de semana. Não acho nada. Metade das minhas roupas agora está muito larga (não que eu esteja reclamando), e as coisas que servem parecem muito datadas.

Conto o dinheiro no meu pote de molho Prego. Ainda não o levei ao banco, mas vou levar. Esta semana. Com certeza.

Já economizei quase 1.400 paus até agora.

Não vai fazer mal se eu pegar um pouco para uma ou duas roupas novas. Eu mereço.

Conto 200 dólares e enfio na carteira. Amanhã, vou fazer compras na hora do almoço. Talvez eu vá à French Connection.

Hmm.

Separo mais 200 paus.

Então, inspirada pela ideia de roupas novas, coloco a fita de ginástica no vídeo. Agora que já conheço os passos tão bem, nem preciso fazer muito esforço. É até divertido... quando estou a fim.

E nesta noite eu estou a fim.

O telefone toca justo quando estou terminando o relaxamento.

Pulo para atender, certa de que é Will.

— Ei, o que está rolando?

— Buckley!

Olho para o relógio. Pode ser que Will tente me ligar. Mas posso conversar alguns segundos com Buckley. Não tenho chamada em espera, mas Will vai tentar ligar de novo se estiver ocupado.

Claro que vai.

E, de todo modo, quais são as chances de ele escolher este exato minuto para ligar, se eu estou em casa a noite inteira esperando a ligação dele?

— A gente não se fala desde sábado — diz Buckley. — Estive trabalhando a semana toda. Ainda estou, aliás. Mas quis ligar só para dar um oi.

— Que bom que você ligou.

Conversamos a respeito do serviço *freelancer* dele, que de algum modo desemboca em um debate a respeito de Jimmy Stewart estar morto ou não. Buckley jura que não está, e eu tenho certeza que está.

— Eu sei que ele morreu há alguns anos, Buckley.

— Acho que não. Foi Donna Reed. Fizeram umas reportagens especiais sobre *A felicidade não se compra* e tudo.

— Bom, também fizeram a mesma coisa quando Jimmy Stewart morreu.

— Não pode ser, Trace, acabei de vê-lo em algum *talk show*.

— Eu também. No Jay Leno, certo? — Acho que foi no David Letterman.

— Tanto faz. Foi uma reprise. Estou dizendo, ele morreu.

— Vou descobrir — diz Buckley. — Juro por Deus que vou provar que você está errada.

— O que vai fazer para provar? Aparecer na porta da minha casa com o Jimmy Stewart?

— Você está me zoando, hein? Aliás, é exatamente o que eu vou fazer.

— E quem vai ajudar você a desenterrar o cara?

Nós dois damos gargalhadas histéricas, imaginando a cena toda como algo tirado de *Um morto muito louco*. Estamos rindo tanto que nós dois soltamos aquelas gargalhadas com barulho de ronco, o que torna tudo ainda mais engraçado.

Mas acho que você precisaria estar aqui para entender.

O negócio é que eu me divirto tanto falando com Buckley que me esqueço totalmente de Will.

Então lembro.

Então paro de rir.

— Sabe do que mais? — digo a Buckley. — Preciso ir. Estou esperando um telefonema...

— De quem? Do Will? — pergunta ele.

Fico surpresa por Buckley se lembrar do nome dele.

— É, vou lá visitá-lo neste fim de semana.

— Ei, que legal. Parece então que tudo deu certo, hum, apesar de...

— Apesar de eu ter me feito de idiota naquela noite que liguei para ele? Ainda não sei. Quero dizer, parece que ele me perdoou, mas não tenho certeza se ele entendeu o que aconteceu. — Não tenho certeza se *eu* entendi o que estava se passando. Preciso mudar de assunto.— E você? Como foi o seu encontro com a Sonja no domingo?

— Foi tão divertido que saímos de novo na terça. Mesmo? Achei que ele estava trabalhando demais. — Aonde vocês foram?

— Fomos jantar, e depois a uma palestra no Learning Annex sobre meditação. Eu era o único homem lá. Não sei se isso fez com que eu me sentisse como o Sean Connery ou como Just Jack.

— Achei que você estava lotado de trabalho — sinto a compulsão de perguntar, só para fazer um teste.

Pelo menos, minha intenção era que parecesse uma brincadeira.

Mas, por alguma razão, a frase sai meio raivosa.

— Ei, não dá para viver só fazendo revisão — diz Buckley, despreocupado. — Bem, acho que é melhor desligar. Eu sei que o Will...

— E, ele deve estar tentando ligar. Então, o que você vai fazer no fim de semana? Vai sair com a Sonja de novo? — pergunto, como quem não quer nada.

— Não. Este é o fim de semana de ela ir à praia. Ela tem uma casa alugada dividida em Westhampton.

Claro que tem.

— Então, olhe, divirta-se com o Will — diz Buckley, com sinceridade.

— Vou me divertir.

— Como é que você vai para lá?

— Que opção eu tenho?

— Vai dirigindo sua BMW nova?

— Na verdade, está na oficina. Então, eu vou de ônibus. Uma pausa.

Eu sei o que ele está pensando.

— Trace, vai dar tudo certo — diz ele baixinho.

— Espero que sim.

— Olhe, se você tiver outro ataque de pânico, pense de verdade em se consultar com alguém.

— Me consultar com alguém? Você quer dizer, tipo um psiquiatra?

— Um terapeuta. Eu posso ajudar. Tenho o nome de uma pessoa que me ajudou muito quando meu pai morreu...

— Não tenho como ir até Long Island para consultar um psiquiatra — respondo, mas só porque preciso dizer algo.

— O consultório dela é aqui. Na avenida Park com a rua 29.

—Ah.

— Pense sobre o assunto, Tracey.

— Tudo bem, vou pensar — respondo rapidamente. Não que eu esteja envergonhada, porque, estranhamente, não estou. Se fosse com qualquer outra pessoa, eu estaria. Mas tem alguma coisa em Buckley que derruba todas as minhas defesas. Eu sempre fui eu mesma com ele desde o início, sem me preocupar com o que ele pensa sobre mim. E não só porque não estou interessada em ficar com ele, mas porque me sinto mais à vontade com ele do que com qualquer outro amigo, como Kate, e Raphael, e todo mundo da agência.

Buckley e eu simplesmente nos demos bem de cara.

E apesar de só nos conhecermos há algumas semanas, dá para saber que ele vai ser um bom amigo de verdade: alguém em quem posso confiar.

— Desligue — diz ele. — O Will deve estar ligando, e a linha está ocupada.

— Como é que você sabe que eu não tenho chamada em espera ou correio de voz?

— Porque já deu ocupado algumas vezes para mim quando tentei ligar para você — responde ele, despreocupado. — Divirta-se no fim de semana, Tracey. E, olhe....

— Sim?

— Ligue, se precisar. A cobrar.

— Que loucura! Eu nunca ligaria para ninguém a cobrar, a menos que fosse emergência.

— Então, se você tiver alguma emergência, ligue para mim.

— Buckley, vai ficar tudo bem comigo.

— Eu sei, mas se não ficar, eu vou estar aqui, redigindo a orelha da capa do mais novo capítulo daquela série do papagaio detetive. Pode acreditar, nenhuma interrupção será indesejável.

— Certo. Desligo.

Durante um momento bobo fico segurando o telefone sem fio na mão, olhando para ele, cheia de expectativa.

Ele não se dá conta e não toca.

Também não toca quando o coloco no gancho e finjo interesse por um informe especial na televisão sobre um avião que caiu no Japão.

Na verdade, só toca quando eu já estou quase caindo no sono, assistindo a Conan O'Brien.

— Ligação a cobrar de Will McCraw — diz uma voz robótica.

E, por uma fração de segundo, sinto vontade de não aceitar.

Mas é claro que aceito.

— Trace? Acordei você? — pergunta a voz de Will, sem tom nenhum de desculpa.

— Claro que não. Eu sempre fico acordada até pelo menos lh30 no meio da semana. Ajuda a me refrescar.

Pelo menos ele tem a gentileza de dizer:

— Desculpe. — Mas sem muita intenção. Tem muito barulho ao fundo.

Mais barulho que o normal das conversas e risadinhas da casa do elenco. Aliás, acho que estou ouvindo uma banda tocando ao vivo.

— Onde você está? — pergunto.

— Em um bar — responde ele. — A prova das roupas de hoje foi um horror, e todo mundo precisou relaxar um pouco. Eu me esqueci completamente de que precisava ligar para você.

Normalmente, eu o perdoaria. Mas talvez eu esteja de tanto mau humor porque estava dormindo. Talvez não esteja adorando a imagem de Will relaxando em um bar com uma banda ao vivo. Ou talvez esteja na hora de parar de perdoá-lo.

Sei lá. Ouço a mim mesma dizer:

— Que maravilha. Valeu mesmo.

— Do que é que você está falando?

— Simplesmente não consigo acreditar que você se esqueceu de ligar para mim se sabe que combinamos de eu ir para aí no fim de

semana.

— Ainda faltam dois dias para o fim de semana.

— E você sabe que eu vou trabalhar para o Milos nas próximas duas noites. Que só vou chegar em casa bem tarde.

— Então, qual é o problema? Eu simplesmente teria de ligar bem tarde.

— Obviamente, isso não é problema para você. — Detesto o jeito como isso soa, mas não posso evitar. Estou uma fera.

— Por que você está reclamando tanto?

Não respondo. Porque não tenho o que responder.

— Olhe, talvez seja melhor a gente deixar para lá — diz ele.

Pontada de pânico.

— Deixar o quê para lá?

— Sua viagem até aqui neste fim de semana. Ah. Graças a Deus.

Não que eu queira deixar a visita para lá, mas achei que ele estava falando de tudo. De nós.

— Não estou precisando disso agora. Estou sob muita pressão por causa dessa peça. Tem muita coisa acontecendo na minha cabeça e não estou precisando...

A voz dele define.

Penso em cutucá-lo para que termine a última frase.

Mas, na verdade, não quero escutar o resto.

— Desculpe, Will — esforço-me para dizer.

Porque eu não posso não ir até lá neste fim de semana. Se eu não me encontrar com ele neste fim de semana... Bom, eu preciso vê-lo. Nada mais, nada menos.

— Eu só estou exausta, e tomei um susto quando o telefone tocou a esta hora. Eu não quis ser desagradável.

Ele diz:

— Tudo bem. Mas não de cara.

Ele faz uma pausa de alguns segundos, e passo esses segundos esperando uma frase de rejeição.

Ele me diz que fez uma reserva na pousada onde os pais de Esme se hospedaram. Diz que não fica longe da casa do elenco. Também diz que custa quase 200 dólares por noite.

— Tem algum problema? — pergunta ele.

E eu percebo que vou ter de pagar pelo quarto.

Bom, o que eu esperava?

Ele não está ganhando muito dinheiro com a temporada de teatro no verão. Muito menos do que ganha em Nova York, trabalhando para Milos.

E agora eu estou trabalhando para Milos, então tenho dinheiro extra.

Compreendo a lógica dele.

Mas uma parte de mim gostaria que ele me dissesse para não me preocupar com o preço do quarto, porque ele vai pagar.

Ou que, no mínimo, vai dividir comigo.

Mas ele não diz isto.

Ele diz: "Tem algum problema?"

E eu respondo:

— Claro que não. Estou louca para ver você.

CAPÍTULO 18

Quando o ônibus para em North Mannfield, Will está à minha espera exatamente onde disse que estaria: em um banco na frente da pequena lanchonete que faz as vezes de rodoviária.

Naturalmente, está fantástico.

Por outro lado, eu também também.

Uso um vestidinho novo, curto e que emagrece. Preto, é claro. Experimentei em outras cores mais alegres, mas ainda não estou pronta para isso. Preto emagrece. E apesar de eu estar mais magra do que era (perdi mais quase um quilo nos últimos dois dias, graças a quase ter me matado de fome pela expectativa da viagem), ainda não estou tão magra quanto gostaria de estar. Não estou tão magra quanto Esme.

Como é que eu sei, se nunca a vi?

Pode acreditar. Eu sei.

Eu sei da mesma maneira que sei que é com ela que devo me preocupar. Não é o fato de Will ter mencionado o nome dela mais de uma ou duas vezes de passagem. Mas alguma coisa na maneira como ele mencionou o nome dela (ou talvez seja só o nome dela em si, *Esme*) ativou meu radar de namorada. Com certeza, vou ficar de olho nela.

Eu me esforço para me jogar nos braços de Will quando desço do ônibus.

— Ei, cadê o resto de você? — pergunta ele, me olhando de cima a baixo.

Eu sei que devia me sentir lisonjeada. Ele reparou na nova eu.

Mas é a maneira como ele diz.

Cadê o resto de você?

Eu sei que é um elogio, mas é levemente insultuoso à minha eu de antes do verão, que está à espreita, mais próxima do que eu desejo admitir. E me sinto como se a estivesse traindo quando sorrio e digo:

— Suei e deixei lá na cidade. Só Deus sabe que eu estava precisando diminuir a bagagem.

— Você está ótima, de verdade — diz ele, e agora está sendo simpático, e nem me encolho quando me abraça. Normalmente, a única coisa em que consigo pensar é que ele está apalpando as bolsas de gordura que se formam em volta das alças do meu sutiã. Mas, desta vez, permito a mim mesma saborear os braços dele em volta de mim.

O cheiro de Will é tão intenso que afundo a cabeça no pescoço dele e inspiro fundo, com vontade de guardar aroma de Will suficiente no meu nariz para levar um pouco comigo de volta a Nova York.

Ele ri.

— O que está fazendo?

— Estou cheirando você — respondo. — Sua colônia sempre tem um cheiro tão bom. E agora você também está com um cheiro diferente... tipo creme de coco ou algo assim.

— Protetor solar — diz ele.

Aí eu percebo que ele está bronzeado.

Will nunca toma sol. Diz que faz a pele enrugar, que vai deixá-lo com cara de velho antes do tempo e que assim não poderá ser escalado para papéis jovens.

— Você está bronzeado, Will — informo.

— Não é de verdade — diz ele, com um sorriso. — Na verdade, estou coberto de bloqueador FPS 45. Mas uma das garotas usa um autobronzeador, e ela tem passado em mim para eu ficar com um pouco de cor.

Um autobronzeador? Ela tem passado nele?

Imagino uma garota desconhecida passando creme em Will: não mulher, mas garota, como ele mesmo colocou de maneira tão meiga.

Will pega minha mala, que joguei no chão sem cerimônia nenhuma quando pulei em cima dele.

Reparo que o ar está bem menos úmido que em Nova York, e bem fresquinho. Eu poderia me acostumar com isto.

— Como foi a viagem? — pergunta Will, indo na minha frente pela rua.

Bom, eu tive um ataque de pânico mais ou menos na altura de Albany. Mas, tirando isso...

— Tudo bem — respondo, despreocupada. — Deu para ler bastante.

Agora estamos caminhando. Através de uma cidade que não é assim tão pitoresca. Na verdade, é meio decadente. Tirando a lanchonete, tem uma lavanderia *self-service*, uma delegacia de polícia/correio, uma loja de conveniência/posto de gasolina, um bar chamado Drop Right Inn e um monte de casas velhas. Não antigas daquele tipo charmoso, que parecem casinhas de contos de fadas em estilo vitoriano. Só... velhas. Com persianas quebradas. Sem portão. Com degraus desnivelados.

— Então, o que você está lendo? — Will quer saber. — *As viagens de Gulliver* — anuncio.

Espero.

O quê, você deve estar querendo saber.

Como assim? Que o queixo dele caia de surpresa.

Ele ri.

—*As viagens de Gulliver* — Meu Deus, por quê?

— Porque estou aproveitando o verão para ler livros que já devia ter lido há muito tempo. Sabe como é. Os clássicos.

Em outras palavras, este é o verão mais chato da minha vida, enquanto você está aqui descansando com mulheres passando creme na sua barriga.

Ai, caramba. Por que não menti e disse a ele que estava lendo algum *bestseller*? Ou, melhor ainda, que não tenho tido tempo de ler?

—Que maravilha, Trace—diz ele. — Fico feliz por você ter encontrado uma maneira de passar o tempo.

Fico feliz por você ter encontrado uma maneira de passar o tempo?!

Fico feliz por você ter encontrado uma maneira de passar o tempo?

Esse é o tipo de coisa que se diz para alguma aposentada que perdeu o marido há pouco tempo.

— Ando ocupadíssima, se quer saber — informo a ele. — O trabalho está uma loucura.

— E mesmo? O que anda fazendo? — pergunta ele, demonstrando certo interesse.

Ele é ator, está lembrada?

Mas, já que ele perguntou, macacos me mordam se eu não responder.

Naturalmente, deixo de fora a parte a respeito dos chocolates de aniversário surrupiados e da aventura com a vara de pescar.

Quando deixamos o decepcionante bairro comercial de North Mannfield e passamos por uma região cheia de árvores com um lago, conto a Will sobre a tarefa de dar nome ao desodorante, fazendo parecer que o futuro da McMurray-White depende dos meus esforços.

— Até agora, apresentei algumas possibilidades de que o meu chefe gostou de verdade — digo.

— E mesmo? Sabe qual seria um bom nome para um produto desses? — pergunta ele.

Naturalmente, eu interrompo minha linha de raciocínio, prestes a dizer os nomes em que pensei e pergunto:

— Qual?

— *Maintain* — diz ele, com um movimento cheio de significado com a cabeça, como se tivesse revelado com certeza absoluta o nome do vencedor da última edição de *Survivor*.

— *Maintain* — repito, tentando parecer impressionada. — Uau, essa é boa, Will. Vou me lembrar no caso de *Persist* não funcionar.

Na verdade, até que não é um nome ruim para o produto.

Maintain.

Prossigo na descrição de como ando ocupada com meu trabalho em uma agência de publicidade glamourosa, e o serviço para Milos. Não me demoro muito neste tema, por medo que ele toque no nome de Zoe. Em vez disso, falo das minhas viagens de fim de semana os Hamptons, a Brookside e a Jersey, para o casamento.

— Como foi a festa? — pergunta Will. — Você se divertiu com o... como é mesmo o nome dele?

— Buckley.

Buckley, que se lembra do nome de Will. Buckley, que disse que eu podia ligara cobrar.

— É, nós nos divertimos, sim — digo a Will. — Isso me lembra uma coisa: Jimmy Stewart morreu?

— Morreu — responde ele.

Reparo que ele não pergunta o que me fez lembrar disso. Imagino se está prestando alguma atenção à conversa. Ou em mim.

E, de repente, tenho vontade de contar como eu e Buckley ficamos falando a respeito de Jimmy Stewart. Quero que ele saiba como estamos próximos. Quero que ele sinta ciúme, droga.

— Tem certeza que ele morreu? — pergunto a Will.

— Jimmy Stewart? Tenho sim, ele morreu há alguns anos.

— Ah. Porque...

— Chegamos — interrompe Will, depois de fazermos uma curva.

E lá está. A Valley Playhouse. Há uma placa de madeira recém-pintada na frente de um grupo de edifícios recuados em relação à rua.

Não sei o que eu estava esperando. Talvez uma estrutura rebuscada de madeira, com telhadinho de ardósia ou até mesmo um lugar em estilo *déco* da década de 1930 com uma marquise.

Definitivamente, não um retângulo de blocos de cimento rodeado por barracões pré-fabricados e mais um outro prédio adorável, também feito de blocos de cimento, assemelhado a um alojamento.

Eu deveria me sentir feliz por isto aqui não ser um paraíso interiorano cheio de charme do qual Will pode sentir saudade no futuro.

Mas o que eu penso é...

Ele deixou Nova York... ele *me* deixou... por *isto* aqui? Em vez de uma marquise, há uma espécie de quadro de avisos envidraçado no gramado na frente do teatro... daquele tipo que se vê na frente de escolas ou de igrejas. Nele, está escrito: "Em carta: *Domingo no arque com George.*"

— Parece que alguém roubou umas letras — digo a Will.

— Hã?

— No quadro. Faltam um z e um p.

— Ah,é — resmunga ele, rabugento, e passa minha mala para o outro ombro.

Sinto necessidade de pedir desculpa por estar tão pesada.

Will sente necessidade de resmungar de novo. — Aqui parece bem tranquilo — digo, ao nos aproximarmos da casa do elenco.

— É sempre assim no sábado. É o único dia de folga que temos. Todo mundo está por aí fazendo o que tem de fazer, lavando roupa, essas coisas.

— Não me diga que você vai ter de usar cuecas sujas durante uma semana porque eu estou aqui — brinco.

— Não, tem uma pessoa que vai lavar minhas roupas para mim.

— Tem um serviço de lavanderia por aqui? — Acho que a cidade não é tão tosca como eu tinha pensado. Eu não sabia que era possível pagar alguém para lavar suas roupas até me mudar para Nova York.

— Não, não é um serviço de lavanderia. Uma amiga do elenco disse que não se importaria de lavar as minhas coisas junto com as dela.

— Que boa amiga. — Imagino as cuecas de Will rodopiando alegremente em uma secadora quente com as calcinhas de renda de alguém... Talvez as calcinhas de renda da srta. Deixa Que Eu Passo Autobronzeador Em Você.

— Aquele é o teatro — diz Will, apontando para a construção de blocos de concreto que não é o galpão e que não parece um alojamento. — E ali é a casa do elenco.

Passamos por alguns canteiros de flores e subimos alguns degraus. A porta se abre em uma sala parecida com um *lobby* sem muita iluminação, que eu chamaria de *bali* de entrada se o lugar fosse mais aconchegante. Ali está o famoso telefone público e, ao lado dele, um quadro de avisos com várias mensagens pregadas.

— Este é o quadro de avisos — ressalta Will. Caramba, ainda bem que ele me disse, porque achei que era um bebedouro.

— Os integrantes do elenco deixam avisos uns para os outros aí — completa ele, sem necessidade alguma. — Como recados telefônicos e coisas assim.

Faço que sim com a cabeça.

Demora um segundo para eu absorver aquilo. Quando absorvo, já estamos na sala de recreação ao lado do *lobby*, e duas garotas com pouquíssima roupa erguem os olhos do sofá, onde estão fazendo os pés uma da outra.

— Oi, pessoal — diz Will.

As duas são flexíveis e usam *tops* de alcinha que revelam a barriga côncava e *shorts* do tamanho de calcinhas de biquínis. Estão bronzeadas, com uma cor rosada e cheias de sardinhas que não têm como ser falsas. Parece que eu sou a única fantasma branquela do lugar.

Lembrete mental: Conseguir um convite para a casa de praia de Kate. Cobrir-se de óleo e tomar sol até ficar dourada.

— Ei, Wills — diz a que tem cabelo preto liso e o nariz vermelho de sol, descascando um pouco.

Wills? Tenho de sorrir depois dessa. Da última vez que conferi, ele não era herdeiro do trono da Inglaterra.

O fato de o meu namorado ter adquirido um apelido real ridículo aqui não é tudo sobre o que eu preciso refletir.

Will disse que o quadro de avisos é onde deixam recados telefônicos um para o outro. O que significa que o telefone recebe chamadas.

Partindo do princípio que os privilégios telefônicos de Will não foram revogados antes de ele chegar, ele me enganou. Poderia muito bem receber telefonemas, o tempo todo. Simplesmente não queria receber.

Estou fumegando.

Mesmo assim, sinto-me orgulhosa em informar que consigo dar um oi cheio de confiança e alegria quando Wills me apresenta às princesas do pedicure (o nome delas me escapa, mas reparei bem que nenhuma das duas é Esme).

— Esta aqui é a Tracey — informa Wills às duas.

Ele não completa com as palavras esperadas (pelo menos por mim) "minha namorada". Isso me deixa ainda mais chateada. Será que algum dia ele já falou de mim para alguém? Ou será que aqui é igual à *Eat Drink Or Be Married*, onde os colegas dele me tratam como se eu de repente tivesse me materializado de dentro de uma caverna qualquer para fazer a minha afirmação ridícula de que Will-tem-uma-namorada?

Perguntam para mim:

— Como estão as coisas em Nova York?

O que me acalma um pouco, porque pelo menos elas sabem de onde eu vim.

— Quentes — respondo.

— Aposto que sim. Não acredito que eu já fui trouxa de passar o verão lá— diz a garota que tem unhas azul-elétrico, em oposição aos pés vermelho-sangue da amiga.

— Ah, não é assim *tão* ruim — proclama a única trouxa do lugar, especificamente eu.

— Só sei que, no verão passado, em Nova York, eu estava usando sandália quando choveu, pisei em uma poça e, antes de me dar conta, já estava no hospital com alguma infecção nojenta por causa de uma bactéria — declara a Vermelho-sangue com um delicado dar de ombros.

Will dá um tapinha no ombro nu e dourado pelo sol dela e diz... Não "Onde estavam as suas galochas, mocinha?" mas:

— Não parece nada divertido. Ela assente.

— Foi um saco.

— Como eu disse, passar o verão na cidade é um saco — diz Azul-elétrico com uma risada.

— É, só trouxa mesmo para ficar lá — falo. Todo mundo olha para mim.

Ops, acho que saiu com mais sarcasmo do que era minha intenção. Eu queria mesmo que saísse em tom sarcástico, mas agora que chamei a atenção para mim, percebo que não estou começando com o pé direito (e sem pedicure, devo acrescentar) com as amigas de Will, então simplesmente dou de ombros, como se fosse piada, e prossigo, para livrar minha cara:

— Podem acreditar, no próximo verão, vou estar bem longe. Então, Will, quero conhecer o resto deste lugar.

Em outras palavras, ir para bem longe dessas duas que olham para mim como se estivessem imaginando por que Will simplesmente não me largou na lanchonete/rodoviária para começo de conversa.

Passamos para o grande refeitório, que consiste em diversas mesas redondas de metal com tampo marrom de madeira falsa. No fundo fica uma cozinha. Tem um *nerd* magrelo lá dentro, preparando alguma coisa no fogão. Se eu não estiver enganada, ele está fervendo meias. Parece que não tem lavanderia nas instalações.

— Está fazendo sopa de repolho de novo, Theodore? — pergunta Will.

— Ah, cale a boca, Will — diz Theodore, com um floreio tão exagerado que no mesmo instante percebo que ele não está disputando as atenções da bela Esme com Will... como se o nome dele, o brinco dourado e a camiseta de um *show* de Barbra Streisand já não fossem prova suficiente.

— Esta é minha namorada, Tracey — diz Will a Theodore, que larga a escumadeira para apertar minha mão com a mão mole e diz que é um prazer me conhecer.

Digo a ele que também é um prazer conhecê-lo.

Repare que Will utiliza a temida palavra com N quando me apresenta a um homem (estou usando o termo de maneira genérica, mas mesmo assim...) e evitou-a ao me apresentar às tentações gêmeas na sala ao lado.

Quando deixamos a cozinha, ele me informa com um murmúrio que Theodore tem um distúrbio alimentar e vive de comer a dieta da sopa de repolho, o que deixa a casa do elenco empestada.

Naturalmente, rabugento que é, Will não suporta fedor algum (nem mesmo os imaginários).

Lembrete mental: Não mencionar o consumo anterior de sopa de repolho.

Retornando ao fato de Will utilizar a palavra com N: enquanto vamos percorrendo a casa do elenco, entrando e saindo dos quartos com cara de alojamento no andar de cima, faço a contagem. Seria bom se pelo menos ele me apresentasse como namorada para todos os caras, mas não é o que acontece. Ele só usou o rótulo mais uma vez, além de Theodore, e foi com um outro colega de casa que, obviamente, está mais interessado em Will do que em mim. Quando encontramos dois outros caras (ambos aparentemente heterossexuais) e três outras garotas que estão por lá, ele simplesmente diz que sou a Tracey.

Todo mundo é educado.

Digo a mim mesma que estou procurando pelo em casca de ovo.

Mas, quando descemos as escadas para voltar para o térreo, não consigo me segurar e pergunto:

— Por que eu não conheci a Esme?

E juro que não é minha imaginação quando percebo que Will meio que engole em seco antes de repetir, todo inocente:

— Esme?

— E, você falou tanto dela. Achei que íamos nos conhecer.

Para falar a verdade, ele não falou praticamente nada.

Mas as duas pintoras de unhas dos pés da sala de recreação estão entrando no *lobby* e, quando obviamente ouvem minha pergunta, trocam olhares.

E isso é o bastante para confirmar o que eu já desconfiava. Will está dando umas voltas com Esme.

— Ela está na cidade, na lavanderia — responde Will.

— Ah, é ela que está lavando as suas roupas? — consigo perguntar no meio da nuvem de histeria rodopiante que ameaça tomar conta de mim a qualquer segundo.

— Como foi que você adivinhou? — pergunta ele, com animação forçada.

— Estou fazendo um curso avançado de habilidades de dedução no Learning Annex — retruco.

— E mesmo? Minha colega de apartamento fez esse curso — anuncia a Vermelho-sangue.

Lanço um olhar irado para ela. Ela não repara. Está trocando mais um olhar comprido e cheio de segundas intenções com a amiga. Fico com vontade de classificá-las de lésbicas, se não tivesse interceptado o olhar e percebido que diz, com clareza: *E melhor a gente dar no pé antes que Tracey, obviamente iludida, faça um escândalo porque Esme está lavando as cuecas de Will.*

As duas somem.

Will diz que vai pegar o carro de alguém emprestado para me levar até a pousada.

Pega uma chave que está pendurada no quadro de avisos em cima de um bilhete que diz, simplesmente: *Wills*.

Wills. Que história é essa? Está começando a me irritar.. principalmente porque parece não irritá-lo.

Eu nunca ousaria chamá-lo de Wills.

Certa vez, quando tínhamos começado a sair, eu o chamei de Willy, de brincadeira. Ele ficou muito chateado.

Achei que estava brincando de ficar bravo, mas estava bravo de verdade. Mais ou menos como estou agora, por causa do telefone e do apelido e, ah, sim, de Esme.

E até parece que vou deixá-la sair da minha cabeça por um segundo que seja. Não. Tenho uma missão.

Lembrete mental: Buscar e destruir Esme, com urgência. Ele me leva, junto com minha bagagem, para o estacionamento atrás da casa do elenco. Lá, entramos em um carro verde compacto todo batido. Eu não sou boa com carros, então não faço a menor ideia do modelo e da marca, mas posso afirmar com bastante certeza que não é nem um Mercedes nem uma BMW Também posso afirmar com bastante certeza que pertence a um homem, ou a uma porca nojenta, o que significa que, apesar de ela ter intimidade suficiente com Will para emprestar-lhe o carro, não é ameaça alguma ao nosso relacionamento.

Ele franze o nariz e dá uma limpadinha no banco do motorista antes de entrar, procura um guardanapo no porta-luvas para poder tirar uma espécie de mancha na parte interna do para-brisa. O banco de trás, pequeno, está coberto de roupas, roteiros, maços de cigarros vazios e restos *de fast-food*. Um isqueiro Bic encontra-se convenientemente jogado aos meus pés, e há um cinzeiro adorável no painel, transbordando de pontas de cigarro e cinzas. E isso significa que eu não me sinto culpada de acender um. Não até Will olhar para mim e pedir: — Será que você pode, por favor, não fumar aqui, Trace?

— Aqui? — repito. — Fala sério, Will, isto aqui é praticamente um Cigarromóvel.

— Minha garganta — diz ele, com delicadeza. — Tenho de me apresentar hoje à noite.

— Ah, desculpe. — Apago o cigarro, resmungando por dentro. Então, pergunto: — Como foi a estreia ontem? Eu tinha me esquecido completamente de perguntar.

— Foi tudo bem — diz ele. — Quero parar para comprar o jornal local a caminho da pousada para dar uma olhada nas críticas. Já deve estar na banca.

Ele parece conhecer bem o caminho por aqui, reparo, enquanto manobra a lata de lixo verde sobre rodas por estradinhas cheias de curvas e praticamente desprovidas de placas. O lago aparece a toda hora, e ele vai apontando diversas atrações locais que se encontram em suas margens.

Detesto o fato de este lugar ser tão conhecido para ele e tão estranho para mim. Ele tem uma vida inteira sem mim. Ele mora aqui, eu, não.

A ideia de que em pouco mais de um mês ele estará de volta a Nova York já não é mais reconfortante. Não agora que eu sei que preciso confrontar o que ele está fazendo neste tempo em que estamos separados, seja lá o que for... e, possivelmente, o que ele andou fazendo enquanto ainda estávamos juntos.

Paramos em uma espécie de lojinha caseira, o primeiro lugar que vejo que é verdadeiramente imponente.

Compro três maços de cigarro, um Iced Tea Snapple de groselha *diet* e a última edição da revista *People* para ler enquanto Will estiver se preparando para a apresentação, mais tarde. A esta altura, já viajei bastante em *Gulliver*.

Will compra um jornal chamado *Lakeside Ledger* e começa a virar as páginas assim que chegamos ao carro. Encontra o que procura quando eu abro meu Snapple e dou um golão. Percebo que estou com fome.

— A gente vai parar em algum lugar para almoçar? — pergunto, imaginando que deve haver algum lugar com uma boa salada por aqui.

Aqui é o interior. Verduras frescas. Alface da horta de casa. Tomates bem vermelhinhos, maduros de tanto sol.

Meu estômago ronca com ferocidade, incentivado pelo Snapple.

Batatas fritas engorduradas com toneladas de sal, vinagre e *ketchup*. Um *cheese-bacon-búrguer* duplo. Um *milkshake* de chocolate...

— Will? — insisto, fraca de tanta fome.

— Shhh! — Ele está ocupado, lendo a crítica.

Se vamos ficar aqui sentados sem andar, então vou dar uma saída para fumar um cigarro e acalmar minha fome. Saio do carro e acendo o cigarro.

Fico lá parada, apoiada no carro, naquele estacionamento de pedrinhas, olhando para a paisagem de mato e para os tipos turísticos que vêm e vão, e mais uma vez começo a pensar nas traições de Will. Imagino-o aqui no interior, ao luar, perto do lago, com outra pessoa.

Então percebo que fumei todo o cigarro e Will continua sentado em silêncio no carro.

— A crítica deve ser comprida pra caramba — digo, e apago o cigarro no chão ao mesmo tempo em que coloco a cabeça para dentro da janela aberta.

Will parece péssimo.

A página que contém a crítica está amassada e jogada atrás do banco dele.

Obviamente, não foi muito elogiosa. —Tudo bem com você? — pergunto. Ele dá de ombros.

— O que diz?

— Leia você mesma. — Ele só olha para a frente. Entro no carro e pego o jornal em uma pilha de guardanapos sujos de *ketchup* e lenços manchados de batom.

Will McCraw no papel de George é uma adição decente ao elenco do Valley Theater, mas traz pouca energia para o papel desafiador.

Ah, não é para menos que ele está aborrecido. Continuo lendo, já com a mente buscando palavras de conforto.

Sua performance sem brilho não conseguiu nem começar a capturar o enigma melancólico que toma conta de seu personagem, um artista cheio de paixão. Sua voz fina e incapaz com frequência parecia carecer do alcance necessário. No entanto, a estonteante Esme Spencer foi perfeitamente escalada para fazer a divertida Dot, que é louca por George, obcecado pelo trabalho, e precisa resolver se é hora de Seguir em Frente no número musical mais emocionante da peça. Por mérito próprio, Spencer conseguiu criar fagulhas românticas convincentes em seus momentos no palco com a total falta de graça de McCraw.

Parece que alguém acabou de jogar um secador de cabelo na minha banheira.

A estonteante Esme Spencer.

Então, ela contracena com ele.

Então, as fagulhas românticas dela no palco foram convincentes.

Não faça isso.

Uma vozinha de cautela fala dentro de mim, bem no fundo.

Ela é tão eficiente quanto aplaca *de Apenas para Hóspedes* do banheiro do hotel Grand Hyatt na rua 42 com a Lex. Viro-me para Will.

Will agora passa pelo enigma melancólico que é seu personagem, um artista apaixonado.

Os braços dele estão cruzados por cima do peito, o maxilar rígido, e ele olha com raiva pelo para-brisa que continua sujo.

Em outras palavras, provavelmente este não é o melhor momento para falar do nosso relacionamento. Mas eu não posso mais esperar.

Isso está crescendo dentro de mim ao longo das últimas horas, desde que cheguei.

Não, ao longo dos últimos dias, desde que ele me ligou a cobrar do bar.

Não, ao longo das últimas semanas, desde que ele partiu.

Ah , que diabo, está crescendo desde que nos conhecemos.

Respiro fundo e finalmente permito que tudo saia, mas não sem ter a fineza obrigatória de começar de um modo bastante educado, por consideração.

— Will, sinto muito pela péssima crítica. Mas é só uma crítica, e o que é que ela sabe? O negócio é que eu ando pensando e percebi que preciso lhe fazer uma pergunta, e preciso que me responda com honestidade.

Ele não mexe nem um músculo. Imagino se está ao menos escutando. Eu me apresso:

— É que ando com uma sensação, e talvez seja completamente infundada. Quero dizer, talvez seja só eu... só a minha insegurança e a minha imaginação... mas eu preciso saber: Will, você já me traiu?

Agora *ele está* se encolhendo todo. Não só está se encolhendo, como também se vira para mim, cheio de ódio:

— O *quê?* Você está me perguntando isso *agora*? Minha própria raiva sobe à tona das profundezas. Minha voz anteriormente controlada se transforma em um berro estridente.

— Bom, e quando é que eu devo perguntar? Faz um mês que você viajou. E você nunca liga, então eu não posso perguntar pelo telefone.

— Eu nunca *ligo*?

— De vez em quando, no meio da noite. Acha que isso basta? Will, você não está sendo justo...

— *Eu* não estou sendo justo? — Ele dá uma risada amarga. — Você, com toda a certeza, está comemorando o Dia de Chutar o Will Quando Ele Está Para Baixo, e *eu* é que não estou sendo justo?

— Eu sei que este não é o melhor momento... e eu disse que sentia muito pela porcaria da crítica. Mas, Will, isso é importante.

— Tracey, neste momento, na minha vida, nada é tão importante quanto isso. Nada.

— Inclusive eu — digo sem emoção alguma, minhas entranhas se contorcendo.

Ele não diz nada, apenas ergue o queixo um pouco e fica olhando com ódio nos meus olhos.

— Pode me levar para a pousada — despejo, já sentindo as lágrimas escorrerem.

Ele dá a partida no carro.

Mas não me leva para a pousada.

Soluçando no meu assento, com o rosto virado às cegas para a janela aberta, só percebo onde estamos quando ele encosta com uma freada brusca na frente do lugar.

A rodoviária.

Viro-me e olho para ele, incrédula.

—Vá embora — diz ele, revoltado.

— Você quer que eu vá embora... ?

— Parece que sim, não é mesmo?

— Will...

Mas não há mais nada a dizer. Mais nada a fazer. Nada além de ir embora.

CAPÍTULO 19

Quando o ônibus chega a Nova York, está chovendo. Trovões, relâmpagos, uma tempestade torrencial completa.

Desço nas profundezas da rodoviária Port Authority e encontro as plataformas de metro úmidas e malcheirosas cheias de passageiros ensopados e os alto-falantes despejando mensagens com uma voz metálica indecifrável.

Em vez de levar meu corpo soluçante e minha bagagem superdimensionada para dentro de um vagão fétido e lotado de gente, subo para a rua em movimentos robóticos.

Mesmo agora, mal noto o clima ao percorrer o primeiro quarteirão depois de sair da Port Authority.

Minha mente grita estridente consigo mesma, estalando de *muitos talvez, quem sabe e por acaso*, rodopiando em descrença, encharcada com uma tristeza insuportável.

Mas, quando chego à esquina da rua 42 com a Sétima Avenida, percebo que esta não é uma daquelas noites de verão boas para um passeio.

A realidade apocalíptica: sarjetas que mais parecem córregos, o vapor se erguendo do asfalto que passou o dia todo assando, a cacofonia do trânsito bloqueando as ruas semi-alagadas.

Estive caminhando às cegas, carregando minha mala, fumando um cigarro encharcado que finalmente foi apagado pelo dilúvio que vem lá de cima.

A chuva que ensopa meu cabelo e minhas roupas se mistura com as lágrimas que escorrem no meu rosto há três horas. Minha cabeça dói quase tanto quanto o fundo dos meus olhos, e minhas bochechas parecem estar em carne viva.

Paro na esquina e deixo a mala pesada cair aos meus pés, em uma poça urbana morna, nojenta e poluída que envolve meus pés em

sandalinhas de verão e salpica minhas canelas.

Pronto.

Ceguei ao fim da linha.

Não posso avançar mais que isso.

Não ligo para o que vai acontecer comigo agora. Se um táxi amarelo desgovernado deslizar por cima da água e me acertar, vai ser uma bênção.

Porque Will me mandou para casa.

Porque Will me odeia.

Porque não tem como a nossa relação se salvar depois disso.

E o negócio é que...

Tem duas coisas.

A primeira é que isso era inevitável.

A segunda é que eu ainda o quero.

Eu o quero tanto que, por um minuto insano, me parece lógico voltar à Port Authority, pegar o próximo ônibus para o norte e tentar resolver as coisas com ele.

Enxugo meus olhos molhados com as costas da mão, como estou fazendo há horas, e por acaso abaixo o olhar e vejo as manchas de lápis e rímel preto que sujaram meu pulso.

Certo.

Obviamente, a esta altura, estou parecendo o Marilyn Manson. Em algum lugar no meio da minha tristeza e histeria compreendo que retornar a North Mannfield para reconquistar o amor de Will provavelmente não é boa ideia neste momento. Aliás, pode ser uma má ideia.

O que eu preciso agora é de outro cigarro.

Outro cigarro, e uma bebida bem forte.

Outro cigarro, uma bebida bem forte e um abrigo.

Outro cigarro, uma bebida bem forte, um abrigo e um ombro para chorar.

Outro cigarro, uma bebida bem forte, um abrigo, um ombro para chorar e...

Cinco anéis de ouro, como diz aquela música de Natal. Não.

Isso não é engraçado, mesmo que seja de um ponto de vista amargo, sombrio e irônico. Mas...

Cinco anéis de ouro?

Oh-ob.

Um anel de ouro?

E, já basta.

E as chances de eu receber um anel de ouro (algum dia) de Will estão próximas de zero.

Certo, não existem.

Mas você já sabia, Tracey. Você sempre soube.

Vamos lá, Tracey..

Você não sabia?

Volto a caminhar.

Em direção ao norte. De volta à rodoviária.

Porque talvez não seja o fim.

Talvez seja uma encruzilhada.

E isso significa que há um caminho a escolher..

E eu escolhi meu caminho.

Talvez o que eu esteja precisando agora...

Além de um cigarro, uma bebida bem forte, um abrigo, um ombro para chorar e um anel de ouro...

É de Buckley O'Hanlon.

Mesmo que Kate ou Raphael estejam disponíveis neste fim de semana (o que é improvável, agora que Billy e "Wade estão em cena), eu

não estou no clima para um papo do tipo *Eu te disse* ou *Você vai ficar melhor sem ele* ou *Et, mas esse seu rímel não era à prova d'água?*

Buckley vai me reconfortar sem fazer muitas perguntas nem oferecer conselhos. Diferentemente de Kate, ele não vai falar a maior parte do tempo. Ele vai ouvir daquele jeito calado e masculino dele... habilidade que falta em Raphael, apesar de seu sexo.

Buckley vai me deixar fumar, beber, chorar e, no final, eu vou me sentir melhor, e ele não vai se importar.

De algum modo eu sei de tudo isso, por instinto, apesar de ele ser meu amigo há menos de um mês e meu conhecido há apenas um pouco mais de tempo que isso.

Quando chego ao prédio de Buckley, me ocorre que talvez eu devesse ter ligado primeiro.

Aperto a campainha ao lado do nome dele e espero.

A voz de Buckley se faz ouvir no interfone que mal funciona e parece uma única sílaba indecifrável.

Será que ele está mal-humorado? Ou será que é apenas o interfone distorcendo seu humor? Hesito tempo suficiente para me dar conta de que já passei faz tempo da idade de tocar campainhas e sair correndo. Digo:

— Sou eu, Tracey.

A porta abre com um zumbido.

Atravesso o vestíbulo acanhado e com pouca iluminação e subo os três lances de escada. O patamar do segundo andar fede a verduras crucíferas. Parece que alguém sob este teto está seguindo a dieta da sopa de repolho. Em um prédio como o de Will, os cheiros da cozinha raramente passam para os outros apartamentos. Mas o prédio de Buckley é só um tantinho mais glamouroso que o meu, e eu sempre sei qual é o jantar dos meus vizinhos quando passo pela porta deles.

Quando chego ao andar de Buckley, ele está com a cabeça para fora da porta, no corredor, à minha espera.

Ele parece amarfanhado, com um *short* genérico demais para ser descrito, uma camiseta e a barba por fazer.

— Tracey! O que você está fazendo aqui? É outro ataque de pânico?

Sacudo a cabeça. É estranho, mas não estou tendo outro ataque de pânico. Nem tive um no ônibus de volta para cá. Afasto a ideia da minha mente antes que um ataque de pânico tardio se abata sobre mim.

— Está tudo bem com você? — pergunta Buckley. — Meu Deus, olhe só para você. Parece que caiu no East River.

Alcanço a porta do apartamento dele, abro a boca para contar o que aconteceu, mas, em vez disso, me jogo em seus braços aos prantos.

Cinco minutos depois já estou no sofá dele, após ter despejado toda a história sórdida. Estou enfiada embaixo de um cobertor, segurando um Jack Daniel's com gelo em uma das mãos e um cigarro recém-acendido na outra.

— Eu sabia que, se eu viesse aqui, você ia me ajudar — fungo. — Eu não sabia o que fazer.

— Fico feliz por você ter vindo — diz Buckley, e se senta ao meu lado com a garrafa de cerveja que aparentemente estava bebendo antes de eu me materializar ali. — Achei que algo assim poderia acontecer.

— Achou?

Ele faz que sim com a cabeça.

— Por quê? — Trêmula, inalo um pouco de fumo calmante. — Você nem conhece o Will — digo, tomando cuidado para não soltar a fumaça no rosto de Buckley.

— Já ouvi você falar muito dele... além do mais, pode culpar o *show biz*. Essas coisas nunca duram. Olhe para o Bruce e a Demi, o Alec e a Kim, o Tom e a Nicole...

— É, mas o Will não é ator de cinema! — reclamo. — É só uma porra de uma temporada de verão. Isso não precisava ter acontecido! Ah, por falar nisso, o Jimmy Stewart morreu *mesmo*.

Buckley nem pisca um olho frente à informação. Nem pergunta do que é que estou falando. O legal de Buckley é que ele sempre parece entender tudo.

Eu me desmancho em mais uma onda de lágrimas.

Buckley dá tapinhas nas minhas costas e faz sons de *Pronto, pronto*.

Sinto-me profundamente reconfortada.

Até que o telefone toca.

Até que ele atende e percebo que está falando com Sonja. Ele leva o telefone para um canto distante e tenta abaixar a voz, mas eu escuto o suficiente para saber que ele está no processo de desmarcar um encontro com ela. Sou egoísta (e talvez sinta ciúme), e por isso não o impeço.

Quando ele desliga o telefone, pergunto, toda inocente:

— Quem era?

— Sonja.

— Ela está na praia? — pergunto esperançosa, achando que talvez eu tenha me enganado.

— Não, acabou voltando para casa mais cedo por causa do tempo. Parece que amanhã também vai chover o dia inteiro.

— Então, você marcou alguma coisa com ela hoje à noite?

— A gente tinha marcado, mas eu cancelei. Não faz mal. Nós só íamos ao cinema.

— Para ver que filme? — *Medo ponto com*.

— Ah! — Eu me recuso a ficar mal por causa disso. De acordo com a crítica, estou fazendo um favor a ele. Mesmo assim ofereço, mas de maneira não muito convincente: — Pode ir com ela. Vou ficar bem.

— A gente remarcou para amanhã — diz ele com um dar de ombros. — O tempo hoje está ruim demais para sair caminhando pela chuva. Além do mais, eu não abandonaria você quando precisa de mim.

— Não?

— De jeito nenhum. Sou um cara legal.

— Você é um cara legal — digo a ele. — Achei que o Will era um cara legal, mas...

Mas, pensando bem, será que algum dia eu achei mesmo que o Will era um cara legal? Ele sempre foi ensimesmado e distante, e nunca quis se comprometer.

— Eu sei que provavelmente vamos ter de terminar — digo a Buckley, tirando mais um lenço de papel da caixa que ele colocou ao meu lado, com tanta consideração, no *futon*. — Quero dizer, isso já estava rolando há um tempo. Por que tem de ser tão torturante? Por que eu me sinto como se estivesse em estado de choque?

— Porque, mesmo quando é inevitável, dói. Mas é um tipo de dor que faz bem para a gente. Meio parecido com fazer ginástica. É preciso sentir dor antes de ver os músculos se fortalecendo.

Lanço um olhar cheio de dúvidas para ele. Ele dá de ombros.

— O negócio é o seguinte: você pode estar sentindo uma agonia agora, e vai sentir por um tempo, mas, no longo prazo, isso vai ser a melhor coisa que aconteceu a você, Tracey.

Não digo nada.

Estou pensando que ele está errado. — Algum dia, você vai se sentir grata por Will ter dado o fora. Vai ter vontade de agradecer a ele.

— Por me dar o fora.

— Por dar o fora.

— Não quero ofender, Buckley, mas se isso é o melhor que você pode fazer, é um saco. Só estou dizendo para o caso de você ficar achando que fez com que eu me sentisse melhor ou qualquer coisa do tipo.

— Tracey, estou falando sério. — Ele coloca o rosto bem pertinho do meu e me olha bem nos olhos. — Você vai superar tudo isso. Vai ficar tudo bem. Isso é para o seu bem.

— Isso é para o meu bem? — Agarro uma almofada e enfio na cara dele. — Eu vim aqui porque achei que você era o único amigo que ia

ficar quieto e me deixar chorar.

— Então vou ficar quieto e deixar você chorar — diz ele, e coloca a almofada atrás da cabeça, recosta e pega o controle remoto. — Mas você não se importa se a gente assistir à TV enquanto você chora, não é? Porque passei o dia inteiro na frente do computador escrevendo, e agora estou a fim de assistir a algum lixo que não me faça pensar.

Enroladinha ao lado dele no sofá, continuo chorando enquanto ele assiste a *BattleBots*.

Mas a certa altura as lágrimas cessam.

A certa altura, começo a rir das piadas de Buckley. E, enquanto o Jack Daniel's vai armando um fogaquinho gostoso na minha barriga, eu me pego pensando como seria se Buckley fosse meu namorado.

— Está se sentindo melhor? — pergunta ele, quando olha para mim durante um comercial de cerveja.

Faço que sim com a cabeça e consulto o relógio.

— Um pouco. Acho que é melhor eu ir andando.

— Você não precisa ir embora, Tracey. Pode dormir aqui, se quiser.
— Não, tudo bem.

— Pode ficar — diz ele de novo.

— Se eu ficar, é melhor você me dar um buraquinho no seu porta-escova de dente — digo a ele.

— Bom, tenho quatro livres, então não vai ser problema.

— E a Sonja? — eu me vejo perguntando. Ele ergue uma sobrancelha.

— O que tem a Sonja? *Lembrete mental: Cale a boca.*

Mas o Jack Daniel's faz com que eu pergunte:

— Ela é sua nova namorada agora, Buckley? Buckley dá de ombros.

— Agora, não. Pelo menos, não por enquanto.

Maravilha.

Aqui está Buckley, tentando reconhecer possibilidades namoratícias depois de sair duas vezes com alguém, em oposição a Will, que se recusa a utilizar o termo depois de três anos comigo.

— Que ótimo, Buckley — murmuro.

— Que ela não é minha namorada? — pergunta ele, com cara de surpresa.

— Hmm? Não, não foi isso que eu quis dizer. Eu só estava pensando como é legal você ter encontrado alguém depois de um rompimento difícil.

— É o que eu estava tentando lhe dizer, Tracey — diz Buckley. — Esse negócio de terminar com Will é bom.

— Mas nós não terminamos exatamente — observo. — Ele só me disse para ir embora, e eu fui.

— Então, ainda acha que vocês dois têm um relacionamento? — pergunta ele.

—Até que o rompimento seja oficial. — O que provavelmente vai ser, assim que eu chegar em casa e checar a secretária eletrônica.

E é por isso que eu provavelmente devo passar a noite na casa de Buckley, como ele disse.

E melhor que ficar sozinha.

Qualquer coisa é melhor que ficar sozinha.

Pelo menos, eu sempre acreditei nisso.

Mas estou começando a questionar a afirmação.

CAPÍTULO 20

Semanas se passam.

Eis o que aconteceu:

Julho se transformou em agosto.

O clima foi ficando mais quente e mais úmido a cada dia que passava.

A cidade foi ficando mais cheia, mais pútrida e mais insuportável a cada dia que passava.

Kate arrumou alguém para dividir o apartamento. É Billy. Os dois estão loucamente apaixonados.

Raphael arrumou alguém para dividir o apartamento. É Wade. Eles também estão loucamente apaixonados.

Buckley está saindo com Sonja regularmente. Se estão loucamente apaixonados, não quero saber, e ele não admitiu que está.

Brenda retornou da lua de mel toda reluzente.

Latisha, toda reluzente, conheceu um carteiro que é pai solteiro e adora os Yankees tanto quanto ela, e finalmente mandou Anton passear.

Yvonne, toda reluzente, está pensando em se casar com Thor para que ele possa obter um *green card*.

A desencaminhada da Mary Beth e o vagabundo maldoso do Vinnie estão fazendo terapia de casal, falando a respeito de uma reconciliação.

Quanto a mim...

Perdi mais uns cinco quilos.

Não estou com ânimo para fazer compras, mas adquiri um *jeans* tamanho 40. Só um. Só porque posso.

Quando o tempo esfriar, vou usar a calça nova. Vou usar com a camisa enfiada para dentro. Só porque posso.

Continuo lendo *As viagens de Gulliver*.

Luto contra os ataques de pânico, mas eles ainda me assombram.

Mas, com frequência, repito a Buckley que não preciso ligar para a ex-terapeuta dele.

Abro uma poupança e faço depósitos regulares, graças ao trabalho constante com Milos.

Faço serviços pessoais a dar com pau para Jake, que me informa no final de agosto que o novo desodorante (aquele que dura a semana inteira) vai se chamar *All Week Long*.

All Week Long.

É.

Esse é o nome que inventaram.

Essa notícia é quase a gota d'água, mas curiosamente eu consigo continuar funcionando.

Funciono apesar do fato de que, aparentemente, *O Rompimento Que Nunca Foi...*

É.

Digo isso porque Will não ligou.

Nenhuma vez.

Entre todos os roteiros que imaginei, este é o mais improvável... e, talvez, o menos aceitável, apesar de nenhum deles ser agradável.

Mas isso...

Esse silêncio...

E torturante.

E não tem nada que eu possa fazer.

Nada.

Além de esperar.

Esperar.

Esperar.

CAPÍTULO 21

Faz 35 graus na terça-feira à noite, na primeira segunda-feira de setembro. A cidade ainda está no meio de uma onda de calor que não abranda há semanas. Eu mataria para ter em casa um ar-condicionado de janela. Até tirei um pouco de dinheiro da poupança na semana passada para comprar um, só que descobri que está em falta. Não tem para vender em loja nenhuma.

Agora, depois de um jantar sem graça de brócolis no vapor com imitação de *cheddar* sem gordura derretido, estou sentada no sofá na frente do ventilador inútil, encharcada de suor e comendo a sobremesa (um iogurte de limão sem gordura que não é assim tão "delicioso" quanto o rótulo promete).

Também estou tentando ler *As viagens de Gulliver* enquanto assisto a um daqueles programas de TV cafonas de fofoca, que está entregando mais um daqueles maridos de Hollywood que traem a mulher e que me faz pensar em Will.

Por outro lado, ultimamente, tudo me faz pensar em Will.

O telefone toca.

Tudo me faz pensar em Will ultimamente, à exceção de um telefone que toca.

Isso porque, a esta altura, já faz muito tempo que deixei de pensar que pode ser ele.

Coloco a TV no mudo e marco a página de *Gulliver*, imaginando se algum dia vou conseguir passar desses liliputianos desgraçados e ver se o enredo vai engrenar.

Pego o fone e aperto o *talk*.

— Alô? — Tiro uma gota de suor que escorre pela lateral do nariz.

Uma pausa do outro lado da linha.

O que significa que é mais uma daquelas ligações eletrônicas de *telemarketing*.

Meu humor já sombrio fica ainda mais sombrio.

Mas a voz que vem do outro lado da linha não pertence a um computador.

Pertence a Will.

E a única coisa que a voz diz é o meu nome. De um jeito meio incerto.

A única coisa que respondo é o nome dele. De um jeito meio incrédulo.

Agora é a vez dele de novo.

—Sinto muito por não ter ligado — diz ele, sem emoção alguma.

Estou falando sério.

Ele não diz mais nada.

Depois de três anos juntos e um verão separados...

Depois de um encontro fugaz que terminou com ele me mandando entrar em um ônibus e voltar para o lugar de onde eu tinha vindo, ou sei lá o que foi que ele disse...

Depois de se recusar a dar o esperado telefonema de acompanhamento para pelo menos me dar o fora oficial... Essa é única coisa que ele diz. Sem emoção alguma. — Você sente muito por não ter ligado? — repito.

— Precisamos conversar. Será que ele está falando sério?

Quero falar um monte para ele, mas ele não me dá oportunidade.

— Voltei ontem à noite. Será que pode vir à minha casa para a gente conversar? — ele quer saber.

—Agora?

— Não. Amanhã.

— Preciso trabalhar — digo em um tom insuportável, reservado para atores ensimesmados que não reconhecem que os simples mortais

precisam trabalhar das nove às cinco (e que abandonam a namorada enquanto estão longe, na temporada de verão).

— Amanhã à noite, então? — pergunta Will. *Não.*

Amanhã à noite, não.

Nunca.

Nós terminamos.

E isso que eu devia dizer.

Mas eis o que eu de fato digo:

— Tudo bem.

— Pode vir às sete?

— Tudo bem. — Que droga. Lá vou eu de novo.

— Certo. — Will solta a respiração, e percebo que pode ser que ele estivesse com a respiração presa durante todo o tempo em que conversamos.

Isso deveria ser reconfortante, mas não é, porque eu também estava segurando a respiração. Durante todo o tempo em que conversamos...

E desde que saí de North Mannfield, há quase seis semanas.

— A gente se vê. — Desligo. Solto a respiração. Acendo um cigarro, trêmula.

Disco o telefone de Buckley.

— O que foi agora? — pergunta ele, quando fica sabendo que sou eu. Terminamos nosso ritual noturno de telefonema há cerca de meia hora.

— O Will ligou — digo com a voz rouca.

— O Will ligou?

— Ele quer que eu vá falar com ele amanhã à noite.

— Você mandou o cara passear?

— Mandei. Pausa.

— Mandou nada, não foi? — diz Buckley, de cara.

— Não.

— O que você disse?

— Eu disse que estarei lá às sete.

— Tracey...

— Eu vou dar o fora nele, Buckley. Quero fazer isso na cara dele.

— Tracey...

— O quê? Você acha que eu é que vou levar o fora, não é?

— Não. Acho que ele pode tentar convencer você a voltar para ele.

— Ah, faça-me o favor. — Solto uma risada incrédula, amarga.

Mas, por dentro, no buraco frio e partido do meu coração ferido, alguma coisa flutua. Esperança. Buckley acha que existe esperança.

— Se ele tentar convencê-la a lhe dar mais uma chance, Tracey, seja forte. Diga o quanto ele magoou você.

— Não se preocupe, vou dizer.

— Não se entregue.

— Pode confiar, não vou me entregar.

Mas *eu* não confio em mim. Se Will implorar para que eu volte para ele... bom, não dá para saber o que eu vou dizer nem fazer.

E se ele disser que vai mudar?

— Se ele disser que vai mudar, não acredite — aconselha Buckley, o telepata.

— Não vou acreditar.

— Porque ninguém é capaz de mudar.

— Certo.

Mas será que está?

Certo, quero dizer. Será que é verdade que ninguém é capaz de mudar?

Olhe só para mim. Eu mudei. Eu emagreci. Eu guardei dinheiro. Joguei fora o que estava demais. Li os clássicos.

Mas, apesar de tudo isso, percebo que continuo sendo a mesma pessoa por dentro. Continuo insegura e com medo.

Mas de que diabos tenho medo?

De ficar sozinha.

É disso que eu tenho medo.

— Tracey?

— Pois não?

— Você ficou quieta. Só queria ver se você ainda estava aí.

— Continuo aqui.

— Está pensando em voltar para o Will, não é?

— Não! — respondo, como se ele tivesse sugerido que eu estava pensando em tomar um elevador até o mirante do Empire State Building e pular por cima da grade.

— Quero que você venha direto para cá quando sair do apartamento do Will amanhã à noite, Tracey — diz Buckley.

— Porquê?

— Porque quero que me olhe nos olhos e diga que deu o fora nele. Que acabou de uma vez. Se você souber que vai ter de prestar contas para mim imediatamente depois do ocorrido, não vai cair na dele.

É o que ele pensa. Sempre que estou com Will, é difícil pensar nas consequências.

— Certo, eu passo aí — digo, para aplacar Buckley. — A que horas vai falar com o Will?

— Às sete.

— Então, vou estar esperando às sete e meia.

— Buckley! Sete e meia? Fala sério.

— Quanto tempo demora para dar o fora em alguém e caminhar dois quarteirões?

— Vou para a sua casa na hora que for.

— Muito bem. Estarei esperando. Você vai conseguir, Tracey.

E provavelmente vou conseguir mesmo.

Por Buckley.

Por mim.

Seria mais fácil se existisse algum tipo de garantia de que eu arrumaria outra pessoa se desse o pé na bunda de Will. De que não vou ficar sozinha o resto da vida. De que vou conhecer um cara fabuloso, casar, ter filhos e viver feliz para sempre.

Se eu soubesse tudo que estava à minha espera...

Então eu poderia dar o pé na bunda de Will.

— Um dia você vai agradecer por isso, Tracey — diz Buckley.

— Eu já me sinto grata, Buckley. Você é mesmo um ótimo amigo.

— Não grata a mim. Grata ao Will. Por ser um babaca e abrir mão de você.

Foi o que ele tinha dito antes. Que o fato de Will destruir nosso relacionamento vai acabar sendo a melhor coisa que já me aconteceu na vida.

Gostaria de poder acreditar nisso.

— Preciso desligar — digo a Buckley. — Preciso do meu sono de beleza, já que vou encontrar o Will amanhã.

— Tracey — diz ele, em tom de advertência.

— Só para mostrar a ele o que está perdendo — prometo.

— Pessoas como Will nunca sabem o que estão perdendo — diz Buckley. — Não no momento em que estão perdendo. Às vezes, nunca.

— Que droga.

— É — diz Buckley. — Mas pense bem, Tracey. O mundo está cheio de gente que não é como o Will. E se você estiver livre, mais cedo ou mais tarde vai encontrar uma dessas pessoas.

— Você jura? — Juro.

— Porque eu não quero ficar sozinha.

— Não vai ficar. Não para sempre.

Isso não é tão reconfortante quanto deveria ser. Porque eu não quero ficar sozinha nem por um tempo.

Talvez, penso de maneira irracional, quando Will e eu terminarmos amanhã, Buckley e eu nos apaixonamos.

Afinal de contas, não há como saber.

E é por isso que vou à casa de Will amanhã à noite com a cabeça aberta. Vou ouvir o que ele tem a dizer. E, se eu não gostar, dou o fora nele.

E se eu gostar...

Bom, é como eu disse.

Não dá para saber.

CAPÍTULO 22

No dia seguinte, no meu horário de almoço, vou à Bloomingdales e compro tudo novo para hoje à noite.

Um *collant* justinho de cetim e seda com fundilho que fica fechado. Um vestidinho leve preto (um gasto exagerado, mesmo com 50% de desconto, mas faz com que eu pareça ainda mais magra do que estou, e isso não tem preço). Sandálias pretas com fecho atrás e saltinho, o que significa que minhas pernas parecem mais compridas e mais finas.

Sim, comprei tudo preto.

O que você esperava? Preto emagrece.

E verdade que já não dependo tanto dessa cor quanto antes.

Mas eu nem parei na frente do mostruário de suéteres agarradinhos em cores berrantes que estão em todo lugar, como Raphael tinha previsto.

Ainda está quente demais para começar a pensar em suéteres.

Além do mais, ainda não estou pronta para usar cores de verdade. Ainda não.

De volta à agência, passo a tarde preparando cartazes para a nova apresentação comercial que Jake fará amanhã em Chicago. O voo dele sai hoje às seis da tarde do aeroporto de La Guardiã, o que significa que não vou ficar presa no escritório até mais tarde, o que tem acontecido cada vez com mais frequência.

Pouco depois das cinco, Latisha enfia a cabeça no meu cubículo.

— Estou indo embora, Tracey — diz ela. — Boa sorte hoje à noite.

— Obrigada. Vou precisar.

— Seja forte.

— Vou ser.

Brenda aparece atrás dela, de tênis com o *tailleur*, carregando sua bolsa superdimensionada e um *walkman*.

— Também estou caindo fora — diz ela. — Eu disse ao Paulie que ia fazer massa recheada para ele hoje à noite.

Massa recheada. Meu Deus. Quanto tempo faz?

Meu estômago ronca. Eu pulei o almoço hoje. O café da manhã também. Quero parecer o mais magra possível naquele vestidinho justo.

— Lembre-se, Tracey — diz Brenda. — Se ele tentar passar uma conversa em você e convencê-la a ficar com ele, lembre-se de como ele magoou você.

—Vou lembrar—prometo solenemente.

Ouçõ um jorro de Binaca, e então o coque cor de groselha de Yvonne aparece por cima da divisória entre o cubículo dela e o meu.

— Faça o que quiser — diz ela com voz rouca. — Mas tenha certeza de dar o fora naquele canalha.

— Pode deixar. Olho para as três.

— É sério, garotas — digo, ao perceber que nenhuma delas confia em mim para fazer o que é certo. — Podem deixar. Eu vou dar o fora nele.

—Bom, não é fácil — diz Latisha.—O Antone eu já estávamos totalmente acabados quando eu o mandei passear, e mesmo assim foi difícil ser firme quando ele implorou para aceitá-lo de volta.

—Bom, eu não vou permitir que isso aconteça—garanto a ela, e desligo meu computador. —Amanhã, quando eu entrar aqui, serei uma mulher livre.

— O que vai fazer até a hora de ir para a casa do Will? — pergunta Brenda e confere o relógio.

— Vou até o banheiro ficar linda, o que mais? —Abro a gaveta de baixo da minha mesa e mostro a maquiagem e o modelador de cabelo que guardei ali de manhã.

As três me desejam boa sorte, me dão abraços e vão embora.

Vou para o banheiro com minha frasqueira de maquiagem, meu modelador de cabelo e as sacolas com minhas roupas novas.

Quase uma hora depois, retorno ao meu cubículo, ciente de que nunca na vida estive mais bonita do que neste momento. Independentemente do que vou enfrentar, pelo menos...

— Tracey? Que bom. Eu sabia que você ainda não tinha ido embora. Vi sua bolsa no gancho atrás da porta.

— Jake? — Viro-me e o vejo parado ali, com expressão impaciente. — Achei que você já estaria no aeroporto.

— Eu troquei meu voo. Só vou amanhã de manhã. — Passa a mão no cabelo eriçado, um sinal claro de que o dia dele não está nada bom. — Temos trabalho a fazer.

Meu estômago dá um salto.

— Temos?

— Precisamos refazer a apresentação inteira. A equipe de criação resolveu usar outra abordagem.

— Agora?

Ele faz que sim com a cabeça em movimentos rápidos e joga um monte de papel de um bloco amarelo tamanho ofício na minha mesa.

— Aqui está a primeira parte da apresentação. Comece a digitar.

Comece a digitar.

Não é só o jeito como ele fala.

Não, é mais que isso.

É o fato de ele me obrigar a digitar tudo, quando ele é totalmente capaz de fazê-lo. Nenhuma das outras assistentes administrativas digita tanto quanto eu. Os chefes delas têm computadores próprios para fazer os próprios documentos.

Mas não Jake.

— O que está fazendo? — pergunta Jake.

— Estou pensando sobre uma coisa. — Não me seguro. — Bom, não há tempo para isso. Vai ser uma longa noite.

Ande logo.

A multa.

A vara de pescar.

Monique.

Os chocolates.

— Por que porra você está aí parada? — rosna ele. Agora chega.

— Não posso ficar — digo a ele.

— Como assim, não pode ficar?

—Tenho um compromisso hoje à noite. Não posso ficar até mais tarde.

— Bom, você não tem escolha. Preciso que digite isso.

— Não, não precisa, Jake. Você sabe digitar.

— Digitar não é o meu trabalho, Tracey. É o seu.

— Não é mais — jogo na cara dele. — Peço demissão.

— Demissão?

Nem me dou ao trabalho de responder. Simplesmente vou saindo, carregando as minhas coisas.

Na rua abafada, eu me misturo às hordas de pessoas saindo do trabalho e indo para casa.

E agora?

Acabei de pedir demissão.

O que eu estava pensando?

Quem se importa?

Sinto-me estranhamente afoita.

Estranhamente livre.

Mais tarde eu me preocupo.

Neste momento, tenho quase uma hora antes do meu encontro com Will.

Se eu for a pé, vou me transformar em uma confusão cansada e suada antes de chegar ao apartamento dele.

Calculo que vai demorar uma eternidade até eu achar um táxi, mas tenho tempo para matar.

Como tenho sorte, consigo um táxi imediatamente.

Ele me deixa a um quarteirão do prédio de Will cinco minutos depois.

E agora?

Eu poderia ir até o apartamento com ar-condicionado de Buckley e ficar lá com ele até chegar a hora.

Ou poderia me enfiar no pequeno *pub* com ar-condicionado do outro lado da rua, beber alguma coisa e fumar um pouco para acalmar meus nervos.

Escolho a segunda opção.

Os cigarros e a taça de *pinot grigio* de fato acalmam meus nervos. Ao nadar no meu estômago vazio, o vinho também faz com que eu me sinta um pouco ousada.

Dois caras bonitinhos de terno me paqueram.

Querem me oferecer mais um copo de vinho, mas tenho a presença de espírito de recusar. Digo a mim mesma que, depois que eu der o fora em Will, vou ter muitas oportunidades para aceitar copos de vinho grátis de executivos bonitinhos.

Digo a mim mesma que preciso acreditar nisso.

E acredito. Quase.

Talvez eu não fique sozinha para sempre, resolvo, quando saio do bar e começo a caminhar na direção da casa de Will, bem no horário. Acendo outro cigarro ao me lembrar que não terei permissão para fumar quando chegar lá.

Estou com meu vestidinho preto curto, meus sapatos de saltinho pretos e meus óculos escuros pretos. Vários homens viram a cabeça para olhar para mim quando eu passo. Para que eu me sinta ainda mais segura, dois pedreiros em uma obra na esquina me dão aquele olhar lascivo que demonstra que estou bem mesmo.

Resolvo que quando Will colocar os olhos na nova eu a bola vai estar no meu campo.

Se eu quiser dar o fora nele, eu posso. Mas se eu quiser ficar com ele... Bom, Buckley vai me matar. Assim como meus outros amigos. Mas talvez eu não precise ficar com ele para sempre. Talvez fique com ele só por um tempo. Ou só por esta noite.

Porque o negócio é que eu quero que ele me olhe como esses desconhecidos tarados da rua olham para mim. Depois de três anos de nunca achar que sou bonita o bastante para Will, quero ver tesão nos olhos dele. Quero que ele me veja com este vestidinho. Quero que ele tire o vestidinho e me veja de *collant*. Quero que ele tire o *collant* e me veja. Por inteiro. Eu menos as coxas, o quadril e a barriga volumosa, menos a celulite, os peitos caídos e a bunda molenga. E, que diabo, vou confessar.

Depois de três meses sem ninguém, eu pura e simplesmente quero *Will*.

No prédio dele, respiro fundo, para me purificar.

Então, entro despreocupada na recepção.

— Sim? Posso ajudar? — James, o porteiro, não me reconhece.

Isso é lisonjeiro, até que digo meu nome e percebo que ele continua sem me reconhecer. Lembro que ele nunca se deu ao trabalho de aprender meu nome antes. Acho que eu era invisível para ele.

James liga para o apartamento de Will, anuncia meu nome, recebe a permissão de Will e diz que é para eu subir.

Entro no elevador espelhado conhecido e aperto o botão do andar de Will. Dou uma olhada no meu reflexo, sem me importar com o fato de provavelmente haver câmeras de segurança filmando cada espinha que eu tenho. Estou bonita mesmo.

Will não espera por mim de porta aberta, olhando para o corredor, como Buckley sempre faz.

Bato à porta de Will e meu coração dispara no peito. Sinto-me enjoada. Estou com os nervos em frangalhos. O vinho não adiantou nada. Só me deixou com a maior vontade de fazer xixi.

Apesar de Will saber, por meio de James, que estou subindo, demora um bom tempo para abrir a porta.

Não fico surpresa. E também não me permito tomar isso como algum tipo de sinal.

Quando a porta se abre, Will está lindo. Bronzeado, em forma, saudável, com reflexos de sol no cabelo castanho. Está usando *short* caqui e uma camisa polo amarelo-creme, enfiada para dentro.

Mas eu também estou linda, lembro a mim mesma.

Ele me examina. E repara. Bom, como é que não ia reparar?

— Você emagreceu — comenta.

— É. — Quase 20 quilos. — Você está bem.

Bem.

Não bonita.

Nem mesmo ótima.

Fico uma fera com ele de novo.

— Entre. — Ele segura a porta aberta. Não trocamos abraços.

Passo encostando muito de leve nele.

Isso dói.

Eu esperava que fosse dolorido, mas talvez tenha subestimado a *graduação* da dor.

É uma agonia pura o fato de eu estar aqui, neste apartamento tão conhecido, e saber que pode ser a última vez que coloco os pés aqui. A última vez que vou vê-lo.

— Fiz uns drinques para nós — diz Will.

— Fez?

Talvez eu esteja errada.

Talvez ele esteja planejando uma noite romântica.

Ele faz que sim com a cabeça.

— Gim-tônica. Você gosta de gim-tônica, certo?

— Gosto.

Ele vai até a cozinha, pega dois copos do balcão e me entrega um. Tomo um gole imediatamente. Então coloco na mesinha de centro.

— Preciso usar o banheiro. — Você sabe onde fica.

Sei. Eu sei onde fica tudo aqui. E está tudo do jeito como ele deixou. Nerissa não tomou conta do apartamento. Não mudou as coisas de lugar. Não dificultou a volta dele, de modo que ele não tivesse vontade de se mudar.

De se mudar para morar comigo.

Não que isso agora seja uma possibilidade, ainda que remota, depois de tudo.

Mas, mesmo assim...

Vou ao banheiro.

Lavo as mãos.

Examino meu rosto no espelho.

Lembro a mim mesma que preciso ser forte.

Lembro a mim mesma que vim aqui dar o fora em Will.

Lembro a mim mesma que prometi a todo mundo dar o fora em "Will.

Então, lembro a mim mesma que, se por acaso eu for para a cama com ele antes de dar o fora nele, é problema meu. Ninguém precisa saber.

A verdade é que eu sinto uma atração louca por Will, apesar de tudo.

E não posso deixar de pensar que talvez esteja errada a respeito dele. Talvez ele não tenha me traído. Talvez o problema fosse eu, por ser

uma namorada insegura. Talvez eu fique vendo coisas que não existem no nosso relacionamento (e na relação que Will tem com outras mulheres). Talvez eu o tenha acusado falsamente.

Quanto mais penso sobre o assunto, mais sentido faz.

Também faz sentido ele pedir uma segunda chance, e eu deveria dá-la a ele.

Saio do banheiro.

Retomo meu drinque.

— Sente — diz Will, no sofá. Dá um tapinha na almofada ao lado. Não muito perto, percebo.

Sento.

Não muito perto.

Damos golinhos nos drinques.

— Sinto muito.

Devido às circunstâncias, seria de se pensar que Will teria dito isso.

Mas quem pensasse isso estaria tristemente equivocado.

Eu nunca deixo de surpreender a mim mesma.

Porque fui eu quem falou.

Eu disse a Will: "Sinto muito."

Will olha para mim.

Seria de se esperar que ele ficasse surpreso com meu pedido de desculpas.

Seria até de se esperar que ele respondesse com outro pedido de desculpas próprio.

Mais dois erros lamentáveis.

Will não diz nada. Só espera que eu prossiga.

Naturalmente, eu prossigo. Porque não consigo suportar o silêncio. Porque eu quero que ele saiba que estou lhe dando o benefício da dúvida.

— Nunca tive a intenção de tocar naquele assunto quando fui visitar você, Will — digo a ele, entre goles do drinque.

— Você escolheu o momento errado, Trace — concorda ele.

— Eu não devia ter falado nada depois daquela crítica terrível... Ah, como foi a peça? — Eu me lembro de perguntar.

— Foi tudo bem. — A expressão no rosto dele denota que não deseja falar sobre o assunto.

— É só que você passou o verão todo tão difícil de contatar, e eu comecei a ter umas ideias loucas. Comecei a achar que você não estava sendo fiel a mim.

Will não diz nada.

Ele escuta.

Então, é claro, continuo falando.

E bebendo.

Bebo porque estou nervosa, e porque estou com sede, e porque não posso fumar, maldita Nerissa.

— Eu comecei a me convencer de todo tipo de coisa — digo a Will.
— Tive certeza que você tinha um caso com a Zoe do Eat Drink Or Be Married.

Will não diz nada. Acho isso um mau sinal.

— Então, quando ouvi você falar da Esme... e quando li a crítica dizendo como o romance de vocês era convincente no palco...

— Eu sou ator — diz Will, tristonho. — Ela é atriz. Você devia ser mais esperta do que ficar com ciúme do que acontece entre mim e outra mulher no palco, Tracey.

— Eu sei. E sinto muito. Mas é que eu... Mas estou observando Will.

E tem alguma coisa nos olhos dele.

Alguma coisa que me faz perguntar, só para ter certeza:

— Então, você e Esme, nunca...? Ele não responde.

E é aí que eu sei.

Não era imaginação minha.

Nada, nunca, foi imaginação minha.

—Você foi para a cama com Esme? — pergunto com voz trêmula.

Ele faz que sim com a cabeça.

Isso não pode estar acontecendo.

Eu sempre soube de tudo e, mesmo assim, não sabia de nada. Não de verdade.

— Mas só depois que você foi lá me visitar — diz Wills rápido, na defensiva. — Antes disso, eu estava tentando ficar longe dela, até eu poder contar para você...

— Até você poder contar para mim? — interrompo, sentindo-me enlouquecida, surpresa por soar coerente. — Quer dizer que você me convidou para ir lá para me dizer que queria sair com outras pessoas?

— Eu não podia fazer isso pelo telefone. — Ele soa triste e nobre.

Fico sem palavras de tanto choque e desgosto.

— Mas depois que você foi embora... eu fiquei chateado, Tracey. Fiquei magoado. Não dava para acreditar que você tinha me tratado daquele jeito. Achei que nós dois sabíamos, àquela altura, que tinha terminado.

— Você nem me ligou — digo, agora chorando.

— Eu sei. E sinto muito. Eu não sabia o que dizer. Não queria falar com você por telefone.

— Então está falando agora. Pessoalmente. Ele dá de ombros.

Não posso permitir que isso aconteça.

Não posso deixar que ele me dê o fora.

Estou histérica. De algum modo, a situação escapou ao meu controle.

Eu é que tenho de dar o fora nele. Mas só depois de irmos para a cama. Porque esta é a minha oportunidade de fazer com que ele veja a nova eu. Talvez isso faça com que ele mude de ideia.

E se não mudar...

Bom, pode ser minha última oportunidade de transar. Com qualquer pessoa. Para sempre.

— Will, não faça isso — ouço minha voz dizer.

— Eu preciso fazer, Tracey. Esme e eu... bom, nós temos mais em comum.

— Esme? Vocês continuam juntos?

Ele faz que sim com a cabeça.

— Ela está em Nova York?

Ele faz que sim com a cabeça de novo.

— Ela trabalha para um serviço de bufe entre os trabalhos de atriz... para um muito maior que o do Milos. Que atende a mais festas de celebridades. Vai ser ótimo para fazer contatos. Esme vai me arrumar trabalho lá.

Incrível. Além de me dar o fora, ele também vai dar o fora em Milos.

Como é que ele pode ser assim? Qual é o problema dele?

Qual é o *meu* problema?

Qual é o problema de Milos?

Por que nós não bastamos para Will?

Ele estica a mão para pegar no meu braço, mas eu me afasto.

— Esme foi a única que você... Ele hesita.

Ai, meu Deus. A dor é dilacerante.

— Zoe também? — pergunto.

— Só uma vez — confessa ele. — Mas não significou nada.

Não como Esme.

— Só uma vez com Zoe—digo, agora soluçando abertamente. — Você foi ver *Queda acidental* com ela?

— O que isso tem a ver com qualquer coisa?

— Foi ou não foi? — pergunto, em um berro estridente. Ele dá de ombros.

— Não me aborrece, Will — urro. Então, pergunto: — Quem mais? Com quem mais você andou?

— Não faça isso, Tracey.

— Com quem mais?

— Não importa, Tracey. Você e eu éramos errados um para o outro. Você sempre quis mais do que eu pude dar. Você nunca me viu como sou de verdade. Você queria alguém que amasse você, casasse com você e ficasse do seu lado. Eu não podia lhe dar isso.

— Eu nunca pedi nada disso!

— Ah, pediu sim. Cada vez que você olhava para mim, eu sabia o que você estava pensando. Eu não aguentava mais a pressão, Tracey. Não era justo comigo. E também não era justo com você.

— Eu odeio você! — A histeria deixa minha voz dura e fere minha garganta quando forço as palavras a atravessarem o carço dolorido. — Você me usou!

— Eu nunca usei você.

— Usou sim. Eu alimentei seu ego durante todo esse tempo. Você me mantinha por perto porque eu era tão louca por você quanto você é por si mesmo.

Ai, meu Deus. Eu sou Mary Beth.

Como é que não pude enxergar isso até agora? Eu sou Mary Beth, sem a casa, o acordo de separação e as crianças.

Pelo menos ela tem essas coisas.

Eu não tenho nada.

Will vai me deixar sem nada.

— Tracey, não faça isso — diz ele, cansado. — Isto é inútil. Vou colocar você em um táxi e...

— Não, não vai, não — digo, pousando o copo vazio na mesa.

Eu vou sair daqui caminhando com a cabeça erguida.

Eu vou sair daqui sozinha.

E, diabos, vou ficar muito bem sozinha.

Porque não preciso dele.

Eu me levanto.

Dou um passo.

Só um passo.

E daí o mundo vira um redemoinho e escurece.

CAPÍTULO 23

Está frio.

Por que está tão frio?

Tateio às cegas em busca de um cobertor e encontro em algum lugar próximo aos meus pés.

Enrolada embaixo da coberta, abro os olhos.

E de manhã.

A claridade do sol entra pela janela do meu apartamento, junto com uma brisa fresca que balançaria as cortinas se eu as tivesse. Mas não tenho.

Porque este apartamento é apenas temporário.

Dou uma olhada no relógio.

É quase meio-dia.

Que dia é hoje? Quinta?

E o trabalho?

O dia de ontem me volta em um vagalhão.

Eu larguei meu emprego.

Espero o arrependimento.

Não existe nenhum.

Só compreendo que estou livre.

Livre...

Will.

A noite passada se abate sobre mim como um *serial killer* escondido no armário, mais uma vez, em um filme de terror ruim.

Lembro-me de ter acordado, tonta, no chão, com Will pairando por cima de mim com um olhar preocupado no rosto.

— Você desmaiou — ele me informou.

Eu desmaiei.

Será que foi o efeito do álcool no estômago vazio?

Ou será que foi o puro horror de tudo que aconteceu?

Ainda não sei.

—Tudo bem com você? — perguntou Will, preocupado.

Eu disse que estava tudo bem.

Mas não estava.

Não naquele momento.

Não quando ele me levou pelo braço até a recepção do prédio, passando por James, curioso, que chamou um táxi para nós.

Will foi até meu apartamento comigo.

Ele fez questão de ir.

Então demos o nosso adeus derradeiro com o taxímetro correndo.

— Mantenha contato — disse Will.

Eu não respondi.

Então.

Será que estou bem?

Dou uma olhada no meu apartamento.

Não tem cortinas.

Devia ter cortinas.

As viagens de Gulliver escapa da parte de cima da minha bolsa, que está bem ao lado da porta, no lugar em que a larguei.

Minhas roupas novas estão em uma pilha ao lado do *futon*.

O telefone está fora do gancho (eu tirei ontem à noite porque não queria encarar Buckley).

Vou ligar para ele mais tarde, resolvo ao sair da cama.

Tremo.

Tomo consciência de que a onda de calor foi interrompida.

Olho para baixo. Tem gente andando na rua. Tem trânsito. A vida continua como sempre, embaixo da minha janela.

A vida vai continuar como sempre, daqui para a frente.

Independentemente de tudo.

Sem Will.

Vou ficar sozinha.

Meu coração começa a bater forte.

Um ataque de pânico vem se aproximando.

Ai, meu Deus.

Mas, desta vez, eu sei o que fazer.

Espero.

Espero que passe.

Ando de um lado para o outro no apartamento e fumo cigarros, e lembro a mim mesma que não vou morrer. E quando o ataque de pânico termina, procuro meu Palm Pilot dentro da bolsa. Lá, encontro o número de telefone da terapeuta de Buckley.

Antes que possa mudar de ideia, disco.

— Alô? Fui indicada por um ex-paciente, Buckley O'Hanlon — digo à recepcionista. — Gostaria de marcar uma consulta.

Espero que ela me pergunte qual é o problema.

Fico imaginando o que vou dizer a ela.

Mas ela não pergunta qual é o problema.

Ela diz que houve um cancelamento na manhã do dia seguinte, e pergunta se eu quero o horário.

Digo a ela que quero.

Desligo o telefone.

Sinto-me melhor.

Melhor o suficiente para tomar uma chuveirada.

O telefone toca quando estou saindo do banho.

Filtro a ligação, por medo de que seja Will.

Mas não é.

— Tracey? Você está viva? Esperei você a noite inteira ontem. Quando tentei ligar para a sua casa, só dava ocupado. Ligue para mim. Estou preocupado com você.

Vou ligar para Buckley.

Mais tarde.

O telefone toca de novo e estou entrando, trêmula, no meu *jeans* novo tamanho 40 e em um suéter preto que estava justo no inverno do ano passado. Agora está grande demais. Enorme. Preciso de roupas novas.

Filtro a ligação de novo, por medo de que seja Will.

Mas não é.

— Tracey? Sou eu, Brenda. Estou na agência. Você pediu mesmo demissão ontem à noite? Por favor, ligue para mim. Estou preocupada com você.

Vou ligar para Brenda. E vou ligar para Milos. Mais tarde.

Vou contar todos os podres do meu pedido de demissão para Brenda.

Vou dizer a Milos que estou disponível sete dias por semana, 24 quatro horas por dia, para serviços de garçõnete de agora em diante. Posso não querer passar o resto da vida servindo canapés no casamento dos outros, mas é uma maneira de ganhar a vida. E talvez algum dia eu abra meu próprio serviço de bufê. Ou algum outro negócio. Quem sabe? Neste momento, só quero pagar o aluguel e as contas. Ah, e as roupas novas de que vou precisar. Isso me lembra uma coisa: preciso ir a um lugar. Pego minha bolsa e me dirijo para a porta, deixando o telefone que com certeza vai tocar de novo, e de novo, com ligações de pessoas que não são Will. Na rua, o sol brilha forte. Será que estou bem?

Coloco meus óculos escuros. Uma brisa fria faz as folhas da árvore solitária da rua farfalharem. Olho para cima, meio esperando que as

folhas tenham mudado de cor da noite para o dia. Mas a copa não está tingida de tons estonteantes de vermelho, laranja e dourado. Mas vai ficar. Será que estou bem? Desço o quarteirão.

Vejo-me parada na frente de uma lojinha de roupas. Na vitrine, os manequins usam suéteres caros, justos e de cores fortes. O mais novo visual do outono, disse Raphael.

Entro na loja.

Cinco minutos depois, saio.

Estou usando um suéter caro, justo e de cor forte.

E vermelho. Estou usando vermelho.

Carrego mais dois suéteres na sacola de compras na minha mão. Um é amarelo. O outro, cor de laranja.

Quero ir para casa e ligar para Raphael. Quero contar a ele sobre os suéteres.

E sobre Will

Quero ligar para Buckley também.

Mas tenho mais uma parada a fazer antes que possa ir para casa.

Vou até a loja grande de móveis que vi em junho. As faixas de inauguração já se foram há muito tempo, mas a cama grande de carvalho continua na vitrine; os lençóis floridos de verão foram substituídos por peças de flanela.

Penso sobre o fato de que não tenho emprego.

Penso sobre o fato de que não tenho Will.

Penso sobre o fato de que não tenho cama.

Só tenho um futon.

E uma poupança.

Será que eu estou bem?

Entro na loja.

Quando saio, 15 minutos depois, continuo sem emprego.

Continuo sem Will.

Não tenho mais poupança.

Mas tenho cama.

Uma cama grande de carvalho.

Vão entregar no sábado.

Estou bem.

Mesmo.

Estou bem.

As sacolas de compras estão pesando, e a bolsa preta de couro pesa no ombro. Troco o peso de lado. Caminho. Continuo bem.

Na esquina, de impulso, tiro *As viagens de Gulliver da bolsa*.

Deposito o livro na lata de lixo transbordante ao meu lado.

Agora nunca vou saber como termina, penso com certo otimismo ao atravessar a rua. Eu sempre preciso saber como os livros terminam. Geralmente, passo para o último capítulo para descobrir. Mas talvez, desta vez, para variar, eu não precise saber. Talvez eu simplesmente aprenda a viver com o *suspense*.

FIM

Agradecimentos

Este livro não existiria se não fosse por meus velhos e novos amigos na Silhouette, cujo incentivo e entusiasmo fizeram do processo de escrever e publicar um prazer. Com gratidão especial a todos que tiveram participação, principalmente Joan, Karen, Cristine, Margaret e Tara! Também gostaria de agradecer de coração a minha agente na Silhouette, Laura Blake Peterson, por seu apoio constante. E, é claro, preciso agradecer com carinho a todas as fabulosas garotas urbanas que cruzaram meu caminho durante meu próprio período ligeiramente solteira, sempre presentes para compartilhar *margaritas*, cigarros, pistas de danças e táxis de madrugada para o subúrbio. Agradeço a todas vocês, onde quer que estejam!!!

Créditos arquivo doc:

Ni

Michelle

Comunidades

Traduções e Digitalizações

<http://www.orkut.com.br/Community.aspx?cmm=20985974>

Ebooks de A a Z

<http://www.orkut.com.br/Community.aspx?cmm=47749604>

Versão ePub: AZ